Professor Eug. Werneck

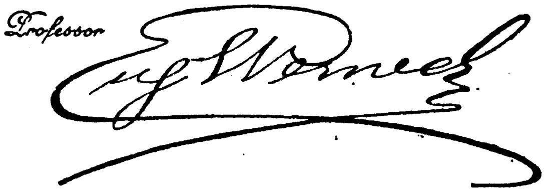
Antologia Brasileira

SELETA EM PROSA E VERSO
DE ESCRITORES NACIONAES

Edição atualizada

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

ANTOLOGIA BRASILEIRA



ANTOLOGIA BRASILEIRA

COLETÂNEA EM PROSA E VERSO

DE

ESCRITORES NACIONAIS

APROVADA E MANDADA ADOTAR NAS ESCOLAS DO DISTRITO FEDERAL,
APROVADA PELOS CONSELHOS SUPERIORES DE INSTRUÇÃO DOS ESTADOS DO RIO DE JANEIRO, MINAS, PARÁ, PARANÁ E SANTA CATARINA;
ADOTADA NA ESCOLA NORMAL DE BELO HORIZONTE, NO COLÉGIO N. S. DE SION (PETRÓPOLIS) E EM OUTROS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DA CAPITAL FEDERAL E DOS ESTADOS.

22.ª EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO
292, Rua Libero Badaró

BELO HORIZONTE
Rua Rio de Janeiro, 655

1942

Índice analítico

PRIMEIRA PARTE

PROSA

SEGUNDA PARTE

POESIA

II. Lírica

III. Cânticos — Hinos

IV. Elégias

V. Odes — Poesia Patriótica

VI. Poesia descritiva — Narrações

Índice alfabético dos autores

Pareceres

Sôbre o livro *Antologia Brasileira* — organizado pelo Sr. Professor Eugênio Werneck, assim se pronunciou a comissão nomeada para examiná-lo, pelo Sr. Dr. Manoel Cícero Peregrino da Silva, Diretor Geral da Instrução Pública Municipal:

"Encarregado de dar parecer acerca do valor da *Antologia Brasileira*, obra de autoria do Professor Eugênio Werneck, que requereu a sua aprovação e adoção nas escolas primárias e na Escola Normal e institutos profissionaes, desempenho-me ora dêsse dever. Tenho como livro excelente a *Antologia Brasileira*, cuidadosamente melhorada em edições 'sucessivas, das quais a que se acha sob a minha vista é já a sexta. Não há no gênero trabalho que exceda em método e cópia de assuntos variados e atraentes, além de primar pelas seguintes razões, sôbre a maior parte das coletâneas, florilégios e seletas que se encontram em nosso mercado de livros: *a*) A *Antologia Brasileira* contém exclusivamente excertos de escritores brasileiros, o que acóde a uma das mais importante faces do problema educativo desde a escola primária a nacionalização do ensino pela assídua leitura dos fatos, tradições, usos, costumes e tendências pátrias; *b*) Presidiu à escolha dos passos literários o mais apurado gôsto estético, extreme de esclusivismos de escola como de exagerações pinturescas; *c*) Os assuntos dos diversos trechos nunca frizam as raias da aridez abstrata nem são vestidos ambiciosamente de estílo rebuscado ou arcaico, defeito que as noveis e ainda pouco vigorosas inteligências certo repeliriam por incompatíveis com a sua índole e tendências concretas; *d*) Aos diversos excertos precede notícia literária, resumidíssima embora escrupulosa, da vida e obras dos autores, ao que acresce quasi constantemente o respectivo retrato; dessa arte se

unem, se associam cedo, no espírito das crianças ou dos jovens, o escritor e sua produção literária, consórcio de que vai surgindo insensivelmente no educando a admiração e culto respeitoso dos homens que se têm esforçado pelo engrandecimento e progresso da Pátria, pela conquista da felicidade moral da Nação.

Por tais e paralelas razões que não seriam pertinentes nêste breve e sucinto parecer, opino favoravelmente à aprovação e adoção da *Antologia Brasileira*, para uso nas escolas primárias (curso complementar), nos institutos profissionais, e até na Escola Normal, para o primeiro ano do curso.

Salvo melhor juizo. Rio, 8 de Abril de 1937. — Dr. *Alfredo Gomes*, Professor de português e literatura da Escola Normal."

"A *Antologia Brasileira*, coletânea em prosa e em verso de autores nacionais, é um livro já consagrado pelos mestres e penso que está nas condições de ser aprovado e adotado não só no curso complementar de nossas escolas primárias, mas também como livro de leitura e análise no primeiro ano na Escola Normal do Distrito Federal.

E' êste o meu parecer, salvo melhor juízo ou mais bem orientada crítica.

Rio, 26 de Março de 1917. — Dr. *Sérvulo José de Siqueira Lima.*"

"Louvo-me nos pareceres dos Srs. Drs. Alfredo Gomes Sérvulo de Lima.

Rio, 10 de Abril de 1917. — *Maria Clara C. de M. Lopes.*"

A vista de tais pareceres a obra foi aprovada e mandada adotar.

Opiniões valiosas

"O seu trabalho está feito com muito critério e escrúpulo. E' o melhor, no seu gênero, que conheço em português. Presidiu à escôlha dos excertos fino gôsto literário. Encerram grande cópia de informações as notícias biográficas e bibliográficas.

Dou-lhe sinceros parabens, e o concito a ir preparando outro livro, mas êsse de produções originais suas."

AFONSO CELSO.

"O Sr. Eugênio Werneck, professor no Estado do Rio, publicou uma "ANTOLOGIA BRASILEIRA". As seletas de autores nacionais e portugueses não são raras. Raras, porém, são as que prestam. Entendem muitos que a questão é apenas de paciência, tesoura e goma-arábica: paciência para colecionar livros de escritores diversos; tésoura para cortar-lhes uns pedaços aquí e alí, e goma para colá-los em folhas de papel, que, reunidas, devem dar uma seleta. O difícil é encontrar nelas critério e bom gôsto na escolha. Na Antologia do Sr. Werneck há estas duas raras e preciosas qualidades." (*J. Santos.*)

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

"ANTOLOGIA BRASILEIRA" — coletânea de autores nacionais, etc. De todos os livros dêste gênero, publicados no Brasil, é, talvez, êste o mais opulento e completo. Cada trecho de prosa ou poesia vem acompanhado de uma rápida biográfia de respecctivo autor."

ARTUR AZEVEDO.
Eloy, o Heroi.

ANTOLOGIA BRASILEIRA — Excelentemente escolhida.

JOÃO RIBEIRO.

PRIMEIRA PARTE
PROSA

I. DESCRIÇÕES E NARRAÇÕES

JOSÉ DE ALENCAR

CEARA' — 1-V-1829
† RIO DE JANEIRO — 13-XII-1877

José Martiniano de Alencar, o mais fecundo talvez e, sem contestação, o mais brasileiro dos escritores nacionais, notabilizou-se principalmente como romancista, mas foi também dramaturgo e comediógrafo, orador parlamentar, jornalista político, crítico e jurisconsulto.

Pelo seu estilo primoroso — original e inconfundível, pelo seu brasileirismo de assunto e de fórma, pelo seu nativismo, que o levou a trabalhar pela formação do dialéto brasileiro, Alencar tem um lugar de superior destaque na história da literatura brasileira.

Como político, saiu deputado geral pelo Ceará em quatro legislaturas e chegou a ministro de Estado, ocupando a pasta da justiça no gabinete de 16 de Julho de 1868.

Bibliografia — *O Guaraní* (1857), romance brasileiro; *Cinco minutos* e *A viuvinha* (1860), *As minas de prata* e *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *Iracema* (1865), *O Gaúcho* e *A pata da gazela* (1870), *O tronco do ipê* e *Guerra dos mascates* (1871), *Sonhos d'ouro* (1872), *Alfarrábios* (*O garatuja*, *O ermitão da Glória*, *A alma de Lázaro*) (1873), *Ubirajára*, *Til* e *Senhora* (1875), *O sertanejo* (1876), todos romances, novelas e crônicas, além de numerosas peças de teatro, panfletos políticos, etc.

1. A Inundação

Tudo era água e céu.

A inundação tinha coberto as margens do rio até onde a vista podia alcançar; as grandes massas d'água que o temporal, durante uma noite inteira, vertera sôbre as cabeceiras dos confluentes do Paraíba, desceram das serranias, e, de torrente em torrente, haviam formado essa tromba gigantesca que se abatera sôbre a várzea.

A tempestade continuava ainda ao longo de toda a cordilheira, que aparecia coberta por um nevoeiro escuro: mas o céu, azul e límpido, sorria mirando-se no espêlho das águas.

A inundação crescia sempre; o leito do rio elevava-se gradualmente; as árvores pequenas desapareciam e a folhagem dos soberbos jacarandás sobrenadava já, como grandes moitas de arbustos.

A cúpula da palmeira em que se achavam Perí e Cecília parecia uma ilha de verdura, banhando-se nas águas da corrente; as palmas que se abriam formavam no centro um berço mimoso, onde os dois amigos, estreitando-se, pediam ao céu para ambos uma só morte, pois uma só era sua vida.

Cecília esperava o seu último momento com a sublime resignação evangélica, que só dá a religião do Cristo; morria feliz; Perí tinha confundido as suas almas na derradeira prece que expirara de seus lábios.

— Podemos morrer, meu amigo! disse ela com uma expressão sublime.

Perí estremeceu, ainda nessa hora suprema seu espírito revoltava-se contra aquela idéia e não podia conceber que a vida de sua senhora tivesse de perecer como a de um simples mortal.

— Não! exclamou êle. Tu não podes morrer. — A menina sorriu docemente.

— Olha! disse ela com a sua voz maviosa, a água sobe, sobe...

— Que importa! Perí vencerá a água, como venceu todos os teus inimigos.

— Se fosse um inimigo, tu o vencerias, Perí. Mas é Deus... E' o seu poder infinito.

— Tu não sabes? disse o índio, como inspirado pelo seu amor ardente; o Senhor do céu manda às vezes àqueles a quem ama um bom pensamento.

E o índio ergueu os olhos com uma expressão inefável de reconhecimento.

Falou com um tom solene:

"Foi longe, bem longe dos tempos de agora. Ás águas caíram e começaram a cobrir toda a terra. Os homens subiram ao alto dos montes; um só ficou na várzea com sua espôsa.

"Era Tamandaré; forte entre os fortes; sábio mais que todos.

"O Senhor falava-lhe de noite; e de dia êle ensinava aos filhos da tríbu o que aprendia do céu.

"Quando todos subiram aos montes, êle disse:

— "Ficai comigo; fazei como eu e deixai que venha a água".

"Os outros não o escutaram e foram para o alto; e deixaram êle só na várzea com sua companheira, que não o abandonou.

"Tamandaré tomou sua mulher nos braços e subiu com ela ao olho da palmeira; aí esperou que a água viesse e passasse; a palmeira dava frutos que os alimentavam.

"A água veio, subiu e cresceu; o sol mergulhou e surgiu uma, duas e três vezes. A terra desapareceu, a árvore desapareceu, a montanha desapareceu.

"A água tocou ao céu, e o Senhor mandou então que parasse. O sol olhando, só viu céu e água e, entre a água e o céu, a palmeira, que boiava, levando Tamandaré e sua companheira.

"A corrente cavou a terra; cavando a terra, arrancou a palmeira; arrancando a palmeira, subiu com ela: subiu acima do vale, acima da árvore, acima da montanha.

"Todos morreram; a água tocou o céu três sóis com três noites; depois baixou, baixou, até que descobriu a terra.

"Quando veio o dia. Tamandaré viu que a palmeira estava plantada no meio da várzea, e ouviu a avezinha do céu, o guanumbí, que batia as asas.

"Desceu com sua companheira e povoou a terra".

TxU

Perí tinha falado com o tom inspirado que dão as crenças profundas, com o entusiasmo das almas ricas de poesia e sentimento.

Cecília o ouvia sorrindo e bebia uma a uma as suas palavras, como se fossem as partículas do ar que respirava; perecia-lhe que a alma do seu amigo, essa alma nobre e bela, se desprendia do seu corpo em cada uma das frases solenes e vinha embeber-se no seu coração, que se abria para recebê-la.

A água, subindo, molhou as pontas das largas folhas da palmeira e uma gôta, resvalando pelo leque, foi embeber-se na alva cambraia das roupas de Cecília.

A menina, por um movimento instintivo de terror, conchegou-se ao seu amigo; e nesse momento supremo, em que a inundação abria a fauce enorme, para tragá-los, murmurou docemente:

— Meu Deus!... Perí!...

Então passou-se sôbre êsse vasto deserto d'água e céu uma cêna estupenda, heróica, sobrehumana, um espetáculo grandioso, uma sublime loucura.

Perí, alucinado, suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pêlos ramos das árvores já cobertas de água, e com um esfôrço desesperado, cingindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o até às raízes.

Três vezes os seus músculos de aço, estorcendo-se, inclinaram a haste robusta; e três vezes o seu corpo vergou, cedendo à retração violenta da árvore, que voltava ao lugar que a natureza lhe havia marcado. Luta terrível, espantosa, louca, esvairada: luta da vida contra a matéria; luta do homem contra a terra; luta da fôrça contra a imobilidade.

Houve um momento de repouso, em que o homem, concentrando todo o seu poder, estorceu-se de novo contra a árvore: o ímpeto foi terrível, e pareceu que o corpo ia despedaçar-se nessa distensão horrível. Ambos, árvore e homem, embalançaram-se no seio das águas; a haste oscilou; as raizes desprenderam-se da terra, já minada profundamente pela torrente. A cúpula da palmeira, embalançando-se graciosamente, resvalou pela flôr d'água, como um ninho de garças ou alguma ilha flutuante, formada pelas vegetações aquáticas.

Perí estava de novo sentado junto de sua senhora quasi inanimada; e, tomando-a nos braços, disse-lhe com um acento de ventura suprema:

— Tu viverás!...

Cecília abriu os olhos e, vendo seu amigo junto dela, ouvindo ainda as suas palavras, sentiu o enlêvo que deve ser o gôzo da vida eterna.

— Sim?... murmurou ela; viveremos!... lá no céu, no seio de Deus, junto daqueles que amamos.... O anjo espanejava-se para remontar o berço.

— Sôbre aquele azul que tu vês, continuou ela, Deus mora no seu trono, rodeado dos que o adoram. Nós iremos lá, Perí! Tu viveras com tua irmã, sempre!...

Ela embebeu os olhos nos olhos do seu amigo, e lânguida reclinou a loura fronte.

O hálito ardente de Perí bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e límpidos sorrisos; os lábios abriram-se como as asas purpúreas de um beijo soltando o vôo.

E a palmeira, arrastada pela corrente impetuosa, fugia...

E sumiu-se no horizonte.

"*O Guarani*" — 2.ª edição — B. L. Garnier.

---

2. Morte de Iracema

O cristão moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram, sentada à porta da cabana, Iracema com o filho no regaço e o cão a brincar. Seu coração o arrojou de um ímpeto, e a alma lhe estalou nos lábios:

Iracema!...

A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esfôrço grande pôde erguer o filho nos

braços e apresentá-lo ao pai, que olhava estático em seu amor.

— Recebe o filho de teu sangue. Era tempo: meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe!

Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu como a jetíca, si lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dôr tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nele, como o perfume na flôr caída do manacá.

Iracema não se ergueu mais da rêde onde a pousaram os aflitos braços de Martim. O terno esposo, em quem o amôr renascêra com o júbilo paterno, a cercou de carícias, que encheram sua alma de alegria, mas não a puderam tornar à vida; o estame de sua flôr se rompera.

— Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é a tua voz que fala entre os seus cabelos.

O doce lábio emudeceu para sempre; o último lampêjo despediu-se dos olhos baços.

Potí amparou o irmão na grande dôr. Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura; é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratã, quando o cupim lhe broca o âmago.

O camocim que recebeu o corpo de Iracema, embebido de resinas odoríferas, foi enterrado ao pé do coqueiro, à borda do rio. Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa.

A jandáia, pousada no olho da palmeira, repetia tristemente:

Iracema!

Desde então os guerreiros pitiguaras que passavam perto da cabana abandonada e ouviam ressoar a voz plangente da ave amiga, afastavam-se, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandáia.

E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.

Iracema — 4.ª edição — B. L. Garnier — 1891.

3. A palavra

A palavra, êsse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou ao animal, é a mais sublime expressão da natureza: ela revela o poder do Criador e reflete toda a grandeza de sua obra divina.

Incorpórea como o espírito que a anima, rápida como a eletricidade, brilhante como a luz, colorida como o prisma solar, comunica-se ao nosso pensamento, apodera-se dêle instantaneamente, e o esclarece com os raios da inteligência que leva no seu seio.

Mensageira indivisível da idéia, iris celeste do nosso espírito, ela agita as suas asas douradas, murmura ao nosso ouvido docemente, brinca ligeira e travessa na imaginação, embala-nos em sonhos fagueiros, ou nas suaves recordações do passado.

Reveste todas as formas, reproduz todas as variações e *nuances* do pensamento, percorre todas as notas dessa gama sublime do coração humano, desde o sorriso até à lágrima, desde o suspiro até o soluço, desde o gemido até o grito rouco e agonizante.

Às vezes é o buril do estatuário, que recorta as formas graciosas de uma criação poética, ou de uma cópia fiel da natureza: aos retoques deste cinzel delicado a idéia se anima, toma um corpo e modela-se como o bronze ou como a cêra.

Outras vezes é o pincel inspirado do pintor, que faz surgir de repente ao nosso espírito, como de uma téla branca e intacta, um quadro magnífico, desenhado com essa correção de linhas e êsse brilho de colorido que caracterizam os mestres.

Muitas vezes é a nota do hino, que ressôa docemente, que vibra no ar, e vai perder-se além no espaço, ou vem afagar-nos brandamente o ouvido, como o eco de uma música em distância...

A ciência tem nela um escalpelo, com que faz a autópsia do êrro; descarna-o dos sofismas que o ocultam e o mostra claramente àqueles que, iludidos por falsas aparências, julgam ver nele a verdade.

O sentimento faz dela a chave dourada que abre o coração às suas emoções do prazer, como o raio do sol, que desata o botão de uma rosa cheia de viço e fragrância.

A justiça deu-a á inocência como a sua arma de defesa, arma poderosa e irresistível, que tantas vezes tem suspendido o cutelo do algoz e quebrado as pesadas cadeias de ferro de uma masmorra.

Para o tribuno é uma alavanca gigantesca, com que desloca as imensas móles do povo e atira-as de encontro às colunas do edifício social, que estremece, vacila e se abate ao pêso dessas massas impelidas por um poder quasi sobrehumano.

Eis o que é a palavra, meu amigo: simples e delicada flor do sentimento, nota palpitante do coração, ela pode elevar-se até o fastígio da grandeza humana, e impor leis ao mundo do alto dêsse trono, que tem por degrau o coração e por cúpula a inteligência.

Assim, pois, todo o homem, orador, escritor, ou poeta, todo homem que usa da palavra, não como um meio de comunicação às suas idéias, mas como um instrumento de trabalho; todo aquele que fala ou escreve, não por uma necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social; todo aquele que faz da linguagem, não um prazer, mas uma bela e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a fôrça e os recursos dêsse elemento de sua atividade.

A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência, ela exprime o pensamento com toda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de todas as graças, e de todas as formas necessárias para fascinar o espírito.

O mestre, o magistrado, o padre, o historiador, no exercício do seu respeitável sacerdócio da inteligência, da justiça, da religião e da humanidade, deverá fazer da palavra uma ciência; mas o poeta e o orador devem ser artistas, e estudar no vocabulário humano todos os seus segredos mais íntimos, como o músico que estuda as mais ligeiras ibrações das cordas de seus instrumentos, como o pintor que estuda todos os efeitos da luz nos claros-escuros.

Carta sôbre a Confederação dos Tamoios.

4. A Tijuca

Aquí tudo é puro e são. O corpo banha-se em águas cristalinas, como o espírito na limpidez deste céu azul.

Respira-se à larga, não somente os ares finos que vigoram o sôpro da vida, porém aquele hálito celeste do Criador, que bafejou o mundo recém-nascido.

Só nos ermos em que não caíram ainda as fézes da civilização, a terra conserva essa divindade do berço.

Elevando-se a estas eminências, o homem aproximase de Deus.

A Tijuca é um escabelo entre o pântano e a nuvem. entre a terra e o céu. O coração que sóbe por êste genuflexório, para se prostrar aos pés do Onipotente, conta três degraus: em cada um deles, uma contrição.

No alto da Boa-Vista, quando se descortina longe, serpejando pela várzea, a grande cidade réptil, onde as paixões rastejam, a alma, que se havia atrofiado nesse fóco de materialismo, sente-se homem.

Embaixo era uma ambição; em cima, uma contemplação.

Transposto êste primeiro estádio, além, para as bandas da Gávea, há um lugar que chamam Vista Chinesa. Êste nome lembra naturalmente um sonho oriental, pintado em papel de arroz. E' uma tela sublime, uma decoração magnífica dêste inimitável cenário fluminense. Dir-se-ia que Deus entregou a algum de seus arcanjos o pincel de Apeles, e mandou-lhe enchér aquele pano de horizonte.

Então, o homem sente-se religioso.

Finalmente, chega-se ao Pico da Tijuca, o ponto culminante da serra, que fica do lado oposto.

Daí os olhos deslumbrados vêem a terra como uma vasta ilha a submergir-se entre os dois oceanos, o oceano do mar e o oceano do éter. Parece que estes dois infinitos, o abísmo e o céu, abrem-se para absorver um ao outro.

E no meio dessas imensidades, um átomo, mas um átomo rei de tanta magnitude. Aí, o ímpio é cristão e adora o Deus verdadeiro.

Quando a alma desce destas alturas e volve ao pó da civilização, leva consigo uns pensamentos sublimes, que do mais baixo remontam à sua nascença, pela mesma lei que faz ao nivel primitivo a água derivada do topo da serra.

Obras de Castro Alves — Garnier.

---

5. O jôgo das argolinhas

Seguiu-se o jôgo das argolinhas.

Tinham passado um torçal de sêda, que prendendo-se ao teto agudo das tendas, dividia ao meio a estacada; no centro, presos por fio de retroz, pendiam vinte anéis de ouro, que balouçavam com o sôpro da aragem; os raios do sol no ocaso, tremulando sobre as argolinhas, ainda as tornavam mais vacilantes ao olhar.

As duas alas de cavaleiros, empunhando lanças muito mais longas e maneiras que as de combate, alinharam-se em suas primeiras posições, uma à direita, outra à esquerda; ao som da música deviam partir ambas à rédea sôlta, e dando meia volta à teia, unirem-se na entrada da liça, afim de correrem direito a argolinha contra o pavilhão do governador.

Assim tinham os cavaleiros de passar sucessivamente dois a dois, um da ala azul, outro da ala escarlate; afastando-se depois, circulariam de novo a teia, continuando sem interrupção o jôgo, que só terminaria tirado o último anel.

De todos os jogos era talvez o mais apreciado dos mancebos gentís e namorados; porque, além do preço de ligeireza e agilidade, tinham o direito de oferecer as argolinhas que enfiassem com a ponta da lança a qualquer das damas presentes, que em retribuição da galanteria os prendavam com dixes e mimos.

A música tocou uma marcha rápida; a cavalhada partiu.

rxU

Os primeiros cavaleiros eram Cristóvão de Avila e Fernando de Ataíde, par a par; seguiam-se logo Estácio e D. José de Aguilar; vinha após o resto dos campeões.

Cristóvão enfiou a primeira argolinha e passou; mas, em vez de oferecê-la, guardou como já tinha feito com o bracelete que recebera em prêço; Fernando de Ataíde e D. José nem roçaram os anéis, Estácio atirou a lança por cima do cordel, e foi apanhá-la no ar muitos passos além.

— E' altivo aquele mancebo! — disse o governador. Como lhe negaram o primeiro preço, desdenha os mais.

— E no seu caso, o senhor governador não faria o mesmo? replicou Inezita.

— Talvez! respondeu o fidalgo sorrindo.

A corrida continuara; só restava uma argolinha; as outras tinham sido tiradas, muitas por Cristóvão, algumas por D. José e outros cavalheiros; Fernando não conseguira enfiar uma só.

Estácio estava satisfeito e contente, como si tivera ganho todos os prêmios; para êle, a grande recompensa não eram, nem as jóias dadas pelos juizes, nem os aplausos do povo; era a humilhação de seu rival diante de Inezita; essa, tinha-a já conseguido de uma maneira estrondosa.

Restava, porêm, uma argolinha; Cristóvão falhou-a, e Fernando, que moderara o galope do cavalo, ia com a lança direito enfiá-la; percebendo isto, o sangue afluiu ao coração de Estácio; pareceu-lhe que via já o cavaleiro oferecendo o anel a Inezita e recebendo em troca uma prenda.

O moço fincou as esporas nos flanços no nobre corcel, que saltou, e, alongando-se como um flecha, devorou o espaço.

No momento em que Ataíde ia tocar a argolinha, o cavaleiro passou envôlto em uma nuvem de poeira. Foi como uma águia que voasse, arrebatando a presa no bico adunco.

A celeuma do povo saudou êsse admirável esfôrço de agilidade.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

RIO DE JANEIRO — 17-XI-1830
† MACAE' (E. do Rio) — 28-XI-1861

O dr. Manuel Antônio de Almeida, de quem Araripe Júnior diz que "é o romancista de costumes talvez de mais talento que tem nascido entre nós", publicou, entre outros, o romance "Memórias de um sargento de milícias" e colaborou em diversos jornais.

---

6. Entrada para a escola

E' mister agora passar em silêncio sôbre alguns anos da vida do nosso memorando, para não cansar o leitor, repetindo a história de mil travessuras de menino, no gênero das que já se conhecem; foram diabruras de todo o tamanho, que exasperaram a vizinha, desgostaram a comadre, mas que não alteraram em cousa alguma a amizade do barbeiro pelo afilhado, cada vez esta aumentava se era possível, tornava-se mais cega. Com êle cresciam as esperanças do belo futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e tanto mais que durante êsse tempo fizera êste *alguns* progressos: lia soletrando sofrivelmente e, por inaudito triunfo da paciência do compadre, aprendera a ajudar a missa. A primeira vez em que êle conseguiu praticar com decência e exatidão semelhante ato, o padrinho exultou, foi um dia de orgulho e de prazer; era o primeiro passo no caminho para que êle o destinava.

— E dizem que não tem jeito para padre! — pensou consigo — ora! acertei o alvo, dei-lhe com a balda, êle nasceu mesmo para aquilo, há de ser um clérigo de truz. Vou tratar de metê-lo na escola e depois... toca.

Com efeito, foi cuidar nisso e falar ao mestre para receber o pequeno; morava êste em uma casa da rua

Vala, pequena e escura. Foi o barbeiro recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho, sujos já pelo seu uso, uma mesa pequena, que pertencia ao mestre, e outra maior, onde escreviam os discípulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros; nas paredes e no teto havia penduradas uma porção enorme de gaiolas de todos os tamanhos e feitios, dentro das quais pulavam e cantavam passarinhos de diversas qualidades: era a paixão predileta do pedagogo.

Era êste um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões a latinista e dava bolos nos discípulos por *dá cá aquela palha*. Por isso era um dos mais acreditados da cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou escabriado à vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era em um sábado, os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quasi todos de jaquetas ou *robissões* de lila, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro ou papelão pendurada por um cordel a tiracolo; chegaram os dois exatamente na hora da tabuada cantada. Era uma espécie de ladainha de números, que se usava então nos colégios, cantada todos os sábados em uma espécie de canto-chão monótono e insuportável, mas de que os meninos gostavam muito. As vozes dos meninos junto ao canto dos passarinhos faziam uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado àquilo, escutava impassível, com uma enorme palmatória na mão, e o menor êrro que algum discípulo cometia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava, cantando, o êrro cometido e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orquestra, ensinando a marcar o compasso. O compadre expôs, no meio do ruído, o objeto de sua visita e apresentou o pequeno ao mestre.

— Tem muito boa memória: soletra já alguma cousa, não lhe há de dar muito trabalho, disse com orgulho.

— E se mo quiser dar, tenho aqui o remédio: *Santa férula!* Disse o mestre brandindo a palmatória. O compadre sorriu-se, querendo dar a entender que tinha percebido o latim.

— É verdade; faz santas até as féras, disse traduzindo. O mestre sorriu-se da tradução.

— Mas espero que não há de ser necessária, acrescentou o compadre.

O menino percebeu o que tudo isto queria dizer, e mostrou não gostar muito.

— Segunda-feira cá vem e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre, despedindo-se. Procurou pelo menino e já o viu na porta da rua prestes a sair, pois que alí não se julgava muito bem.

— Então, menino, sai sem tomar a bênção ao mestre? O menino voltou constrangido, tomou de longe a bênção e saíram então.

Memórias de um sargento de Milícias.

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

ITABORAÍ (E. do Rio) — 24-VI-1820
† RIO DE JANEIRO — 11-IV-1882

Nenhum escritor influiu mais no seu tempo e conseguiu se popularizar tanto. O aparecimento de *A Moreninha* foi mesmo um acontecimento literário.

Macedo formou-se em medicina em 1844.

Lecionou História do Brasil no Colégio Pedro II, pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Bibliografia — *A moreninha* (1844), *O moço louro* (1845), *Os dois amores* (1848), *Rosa* (1849), *Vicentina* (1853), *O Forasteiro* (1855), *A carteira de meu tio* (1859), *Romances da semana* (1861), *O culto do dever* (1865), *Memórias do sobrinho de meu tio* (1867-68), *Mazelas da atualidade* (1867), *A luneta mágica, As vitimas algozes, O rio do Quarto* e *Nina* (1869), *As mulheres de mantilha* (1870), *A namoradeira* (1870), *Um noivo a duas noivas* (1871), *Os quatro pontos cardeais* e *A misteriosa* (1872), e *A baronesa de Amor* (1876), todos romances. Publicou ainda inúmeras crônicas, peças para teatro, discursos acadêmcios e políticos, estudos históricos, folhetins e artigos de jornais e revistas.

7. Berço pátrio

Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu país, imaginou que as aves e os animais alí nascidos, si por acaso longe se achavam, quando sentiam aproximar-se a hora da sua morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar à sombra das árvores do bosque imenso, onde tinham nascido.

O amor da pátria não pode ser explicado por mais bela e delicada imagem. Coração sem amor é um campo árido, quasi sempre ou sempre cheio de espinhos e sem uma única flor que nele se abra e o amenize. Haveria sómente um homem em quem palpitasse coração tão sêco, tão enregelado e sem vida de sentimento: o homem que não amasse o lugar do seu nascimento.

Depois dos pais, que recebem o nosso primeiro grito, o sólo pátrio recebe os nossos primeiros passos: é um duplo receber que é duplo dar. As idéias grandes e generosas dilatam o horizonte da pátria; a religião, a língua, os costumes, as leis, o govêrno, as aspirações fazem de uma nação uma grande família e de um país imenso a pátria de cada membro dessa família.

Mas, deixem-me dizer assim, a grande não póde fazer olvidar a pequena pátria; dessa árvore majestosa, que se chama nação, o país, não há quem não sinta que a raiz é a família e o berço pátrio. Há nesse santo amôr uma escala ascendente, que vai do lar doméstico à paróquia, da paróquia ao município, do município à província, da província ao império: ama-se o todo, porque se ama cada uma de suas partes.

Com efeito, é impossível negar que em suas naturais e suavíssimas predileções, o coração distingue sempre entre todos os distritos, cidades e diversos pontos do país, o torrão limitado do berço pátrio; pobre ou mesquinho, esquecido ou decadente, agreste ou devastado, e sempre amado por nós e sempre grato para nós.

8. O Café

No entanto, começava a declinar a tarde; uma voz reuniu todas as senhoras em um só ponto; servia-se o café num belo caramanchão; mas, como fôsse êle pouco espaçoso para conter tão numerosa sociedade, aí só se abrigaram as senhoras, enquanto os homens se conservavam da parte de fóra. Escravas decentemente vestidas ofereciam chávenas de café fóra do caramanchão; e, apesar disso, D. Carolina se dirigiu com uma para Fabrício, que praticava com Augusto.

— Eu quero fazer as pazes, Sr. Fabrício; vejo que deve estar muito agastado comigo, e venho trazer-lhe uma chávena de café temperado pela minha mão. Fabrício recuou um passo e colocou-se à ilharga de Augusto: êle desconfiava das tenções da menina; sua primeira idéia foi esta: o café não tem açucar. Então começou entre os dois um duelo de cerimônias, que durou alguns instantes; finalmente, o homem teve de ceder à mulher.

Fabrício ia receber a chávena, quando esta estremeceu no pires... D. Carolina, temendo que sôbre ela se entornasse o café, recuou um pouco. Fabrício, também: o café derramou-se inopinadamente. Fabrício recuou ainda mais com vivacidade; mas, encontrando a raiz de um chorão, que sombreava o caramanchão, perdeu o equilíbrio e caíu redondamente na relva.

Uma gargalhada geral aplaudiu o sucesso.

— Fabrício espichou-se completamente! exclamou Filipe.

O pobre estudante ergueu-se com ligeireza, mas na verdade, corrido do que acabava de sobrevir-lhe: as risadas continuavam, as terríveis consolações o atormentavam; todas as senhoras tinham saído do caramanchão e riam-se, por sua vez, desapiedadamente. Fabrício muito daria para se livrar de apuros em que se achava, quando de repente soltou também a sua risada e exclamou:

— Vivam as calças de Augusto!

Todos olharam. Com efeito, Fabrício tinha encontrado um companheiro na desgraça: Augusto estava de

calças brancas, e a maior porção de café entornado havia caído nelas.

Continuaram as risadas, redobraram os motejos. Duas eram as vítimas.

A moreninha.

TEIXEIRA E SOUZA

CABO FRIO (E. do Rio) — 28-III-1812
† RIO DE JANEIRO — 1-XII-1861

Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa deixou páginas de incontestável valor, em que descreve lugares, cenas e costumes ou retrata tipos de outros tempos.

Bibliografia — Publicou *Cantos Líricos, O filho do pescador, Tardes de um pintor, As fatalidades de dois jovens,* etc. Também foi poeta, mas medíocre.

---

9. O Campo dos Ciganos

Esta cidade chamada Rio de Janeiro, assentada sôbre a aba ocidental da baía de Niterói, hoje tão populosa, tão comercial, tão vasta, e que, como um empório da América Meridional, ameaça de, dentro em pouco, ser um colosso americano, crescendo sem descontinuar, a olhos vistos, há um século que nem a sombra do que é hoje, então era. O bairro da Misericórdia, como então se chamava, era o principal da cidade; e daí até à Prainha, e das praias de D. Manuel, do Peixe e de Braz de Pina, hoje dos Mineiros, até um tanto acima da rua da Vala, é o que era a principal parte da cidade; tudo mais eram casas salteadas aquí e alí; edifícios que começavam a aparecer e uma nascente cidade, que principiava a sair do nada, estendendo-se por entre as gargantas das colinas,

aproveitando algumas pequenas elevações, já entre um, já entre outro pântano de águas lamacentas e paludosas, de que todo o terreno estava coberto, e de cerrado mangue, cujos fugitivos restos ainda hoje vemos bordando o Aterrado da cidade nova.

A bela praça, chamada hoje da Constituição, era naquele tempo o Campo dos Ciganos, e não passava de um pequeno campo irregular, pantanoso, cheio de árvores, onde algumas pequenas e rasteiras casas rareavam, flanqueando o campo, que mais tarde deveria ser uma formosa e bela praça espaçosa.

Daí seguia-se por um lado, e a sair ao grande campo, que hoje chamamos da Aclamação, a rua dos Ciganos, que outra cousa não era além de uma larga estrada entre algumas pequenas casas, cujas janelas eram guarnecidas de esteiras ou rótulas de taquara, em vez das vidraças de hoje e das venezianas; e essas pequenas e irregulares palhoças pareciam mais capoeiras de aves, que habitações humanas.

Tanto o Campo dos Ciganos como a rua, não tinham estes nomes porque fossem dados arbitrariamente, não, que nesse bairro nascente da cidade e coberto de toda a sorte de imundícies, é onde se haviam estabelecido uma multidão de ciganos, dados a toda a sorte de vícios e de maus costumes; e à proporção que a educação e a civilização avançavam pela cidade dentro, estes ciganos recuavam e se iam embrenhando, como se fôssem antípodas da civilização e bons costumes. Ainda hoje os vemos habitando a beira do Aterrado, ladeira do Saco, etc.

Ora, como êste bairro da cidade era o menos frequentado e o mais deserto, principalmente de noite, era também ali onde se homisiavam soldados desertores, marinheiros que abandonavam a marinha real, escravos fugidos a seus senhores, os evadidos de prisões, degredados que haviam acabado seu degrêdo e, enfim, toda a sorte de bandidos, que se uniam com os gitanos para roubarem, matarem, etc.

(*As tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuita* — Rio de Janeiro. 1847).

BERNARDO GUIMARÃES

OURO PRETO (Minas) — 15-VIII-1827
† OURO PRETO (Minas) — 9-III-1884

Bernardo José da Silva Guimarães, poeta e romancista, é um escritor genuinamente brasileiro. As suas melhores composições poéticas são as peças líricas; nos seus romances, todos de assuntos nacionais, as páginas que mais encantam são justamente aquelas que retratam as paisagens locais e descrevem a vida e os costumes da terra, e da gente sertaneja.
Bibliografia — Publicou *Cantos da solidão, Poesias, O Ermitão de Muquem, Lendas e Romances,* etc.

---

10. A Taba do cacique

A taba do velho cacique Oriçanga, mais vasta e mais sólida que todas as outras, com sua porta guarnecida de flechas e lanças enfeitadas de vistosos penachos, com o teto de palmas de bagussú tingidas de óca e uruçú, mirava-se galhardamente na corrente do Tocantins, e elevava-se entre as outras cabanas como a garça, rainha dos lagos, entre um bando de pequenas aves. A noite se aproximava. Sentado à porta da taba sôbre a pele enorme de uma onça negra, Oriçanga esperava com impaciência que lhe trouxessem vivo ou morto o audacioso estrangeiro, que assim ousava resistir a seus guerreiros, indignado de que tantos combatentes gastassem tanto tempo e achassem tamanha dificuldade em matar ou prender um só homem. Em pé junto dêle, como tímida corça junto ao leão deitado, a gentil Guaraciaba tinha também os olhos fitos com ansiosa curiosidade nas canôas que da outra margem vinham ligeiramente singrando.

Dentro em poucos minutos o corpo de Gonçalo inanimado e banhado em sangue, conduzido em uma rêde com todas as suas armas, foi pôsto aos pés do velho cacique. Inimá e seus companheiros precediam o cadáver, sol-

tando clamores de feroz alegria. O cacique, porém, os recebeu com o semblante torvado e ouviu com impaciência a narração que lhe fez Inimá do combate e da desesperada resistência do estrangeiro e dos estragos que fez em sua gente. Depois, abanando a cabeça com ar descontente e gesto merencório, exclamou:

— Ah! Inimá! Inimá! Já não pareces o filho do valente e invencível Iaboré! Quem diria que não ousaste ir sózinho arrostar a sanha do estrangeiro e que deixaste morrer teus companheiros como uma vara de caitetús às garras da onça esfaimada!... Mancebos fracos e degenerados de hoje, sois incapazes de encurvar o arco de vossos antepassados! Em outros tempos, quando a idade não tinha ainda branqueado estes cabelos, nem quebrado estes pulsos, eu só ou qualquer de meus valentes, teria esmagado êste mancebo com a mesma facilidade com que espedaço êste cachimbo. — E esmagou entre os dedos o canudo pelo qual aspirava a fumaça da pituma.

A êste gesto, a estas duras palavras, bagas de suor frio escorreram pela testa do joven guerreiro, que, batendo os dentes como um queixada enfurecido, com voz convulsa e abafada respondeu:

— Oriçanga! Oriçanga! não profiras tais palavras! A cólera te cega, velho cacique, e torna-te injusto. Não penses que êsse estrangeiro que acabamos de garrotear era um inimigo vulgar! Não, era um enviado de Anhangá, e estou certo que com êle combatiam contra nós os manitós das trevas, ocultos entre os ramos da floresta. Se lá te acharas, se presenciasses êsse estranho combate e visses por que modo sobrenatural o maldito emboaba se furtava aos nossos golpes, por certo não nos julgarias com tão injusto rigor. Mas seja como queres; ao que parece, êsse temerário estrangeiro não está morto ainda e é bem possível que ainda volte à vida; de propósito sopeei a fôrça do meu pulso ao vibrar-lhe o último golpe. Procurem chamá-lo à vida, curem-se as suas feridas e quando de todo tiver recobrado suas fôrças, que venha medir suas armas comigo. Se aos primeiros botes eu não calcar-lhe o peito debaixo do meu joelho e não escachar-lhe o crânio com um golpe deste tacape, possam os meus olhos nunca mais se encontrar com os da formosa Guaraciaba.

— Seja como dizes, replicou Oriçanga; seja o estrangeiro recolhido a um dos aposentos da minha taba; os pagés pensem suas feridas e ministrem-lhe todos os cuidados que reclama seu estado, e vejam se lhe restituem a vida. Si êle recuperar os sentidos e viver, Inimá, será um sacrifício de excelentes auspícios para o dia em que receberes por esposa em tua taba a gentil Guaraciaba.

Ditas estas palavras, como descia a noite, o velho cacique levantou-se e, a passos lentos, recolheu-se para o interior da cabana.

O Ermitão de Muquem.

VISCONDE DE TAUNAY

RIO DE JANEIRO — 22-II-1843
† RIO DE JANEIRO — 25-I-1899

O Visconde de Taunay (Alfredo d'Escragnolle Taunay) engenheiro militar e oficial do exército (fez a campanha do Paraguai), professor, político (deputado geral, presidente de província e senador), romancista, historiador, compositor musical: nas variadas e diversas manifestações do seu belo talento, mostrou aptidões especiais. A nota primordial, a face principal da sua obra é o seu *brasileirismo*, não só na escolha dos assuntos e nas descrições e nas paisagens que pintou, como até na linguagem e na maneira de escrever: caracteristicamente brasileiro no sentimento e na expressão.

Pertenceu à Academia Brasileira, da qual foi um dos fundadores, — cadeira Francisco Otaviano. Usava o pseudônimo *Silvio Dinarte*.

Bibliografia — Publicou *Mocidade de Trajano, La retraite de Laguna, Inocência, Ceus e Terras do Brasil, Ouro sôbre azul*, etc.

11. Aspectos do sertão

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquele

solo, fertilizado aliás por um sem número de límpidos e borbulhantes regatos, cujos contingentes são outros tantos tributários do rio Paraná e do seu contravertente, o Paraguai.

Essa areia sôlta e um tanto grossa tem côr uniforme, que reverbera com intensidade os raios do sol, quando nela batem de chapa.

Em alguns pontos é tão fôfa e movediça, que os animais das tropas viageiras arquejam de cansaço, ao vencerem aquele terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canela.

Frequentes são também os desvios, que da estrada partem de um e outro lado e proporcionam na mata adjacente trilha mais firme, por ser menos pisada.

Si parece sempre igual o aspecto do caminho, em compensação mui variadas se mostram as paisagens em tôrno.

Ora é a perspectiva dos cerrados, não dêsses cerrados de árvores raquíticas, enfezadas e retorcidas de São Paulo e Minas Gerais, mas de garbosos e elevados madeiros que, se bem não tomem todo o corpo de que são capazes à beira das águas correntes ou regados pela linfa dos córregos, contudo ensombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram na casca lisa a fôrça da seiva que os alimenta; ora são campos a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridente e mimosa grama, toda salpicada de silvestres flôres; ora sucessões de luxuriantes capões, tão regulares e simétricos em sua disposição, que surpreendem e enfeitiçam os olhos; ora, enfim, charnecas meio apaúladas, meio sêcas, onde nasce o altivo burití e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso.

Nesses campos tão diversos pelo matiz das côres, o capim crescido e ressicado pelo ardor do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incêndio que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado, ateia com uma faúlha do seu isqueiro.

Minando à surda na touceira, queda a vívida centelha. Corra daí a instantes qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula, como que a contemplar medrosa e vacilante os espaços imensos que se abrem diante dela. Soprem então as auras com mais fôrça, e de mil pontos a um tempo arrebentam

sôfregas labaredas que se enroscam umas nas outras, de súbito se dividem, se deslisam, lambem vastas superfícies, despedem ao céu rolos de negrejante fumo e vôam, roncando pelos matagais de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio, que não possam transpôr, caso não as tanja para além o vento, ajudando com o valente fôlego a obra de destruição.

Acalmado aquele ímpeto por falta de alimento, fica tudo debaixo de espessa camada de cinzas. O fogo, detido em pontos, aquí, alí, a consumir com mais lentidão algum estôrvo, vai aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como sinal da avassaladora passagem o alvacento lençol, que lhe foi seguindo os velozes passos.

Através da atmosfera enublada mal póde então coar a luz do sol. A incineração é completa, o calor intenso, e nos ares revoltos volitam palhinhas carboretadas, detritos, argueiros, e grânulos de carvão, que redemoinham, sobem, descem e se emaranham nos sorvedouros e adelgaçadas trombas, caprichosamente formadas pelas aragens, ao embaterem umas de encontro às outras.

Por toda a parte melancolia; de todos os lados tétricas perspectivas.

E' cair, porém, daí a dias copiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aqueles sombrios recantos a traçar às pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo num trabalho íntimo de espantosa atividade. Transborda a vida.

Não há ponto em que não brote o capim, em que não desabrochem rebentões com o olhar sôfrego de quem espreita azada ocasião para buscar a liberdade, despedaçando as prisões de penosa clausura.

Aquela instantânea ressurreição nada, nada pode pôr peias. Basta uma noite, para que formosa alfombra verde, verde-claro, verde gaio, assetinado, cubra todas as tristezas de há pouco. Aprimoram-se depois os esforços; rompem as flores do campo, que desabotoam às carícias da brisa as delicadas corolas e lhe entregam as primícias dos seus cândidos perfumes.

Si falham essas chuvas vivificadoras, então, por muitos e muitos meses aí ficam aquelas campinas, devastadas pelo fogo, lugubremente iluminadas por averme-

lhados clarões, sem uma sombra, um sorriso, uma esperança de vida, com todas as suas opulências e verdejantes pimpolhos ocultos, como que raladas de dôr e mudo desespêro por não poderem ostentar as riquezas e galas encerradas no ubertoso seio.

Nessas aflitas paragens, não mais se ouve o piar da esquiva perdiz, tão frequente antes do incêndio. Só de vez em quando ecôa o arrastado guincho de algum gavião, que paira lá em cima ou bordeja ao achegar-se à terra, afim de agarrar um ou outro réptil chamuscado do fogo que lavrou.

Inocência — Laemmert & C. Rio, 1896.

MACHADO DE ASSIZ

RIO DE JANEIRO — 21-IV-1839
† RIO DE JANEIRO — 21-IX-1909

Joaquim Maria Machado de Assiz, o mestre consagrado, é o escritor distinto, único no seu gênero em língua portuguesa, figura eminente das letras brasileiras, cuja obra perdurará pelo pensamento, pela expressão literária, pela excelência do estílo e língua. Tendo começado a vida como tipógrafo, "filho das próprias obras, Machado de Assiz não deve o que é, nem o nome que tem, sinão ao trabalho e a uma contínua preocupação de cultura literária" — escreveu Araripe Junior ("Revista Brasileira", n. 1, de 1 de Janeiro de 1895); e acrescentou: "O autor do *Quincas Borba* foi sucessivamente crítico, poeta arcáico, poeta romantico, romancista de salão e contista; por último afirmou-se escritor humorista de primeira ordem".

Machado de Assiz foi um dos fundadores da Academia Brasileira, da qual foi o primeiro presidente: ocupou a cadeira José de Alencar.

Bibliografia — Publicou *Crisálidas, Poesias Completas, A mão e a luva, Helena, Memórias póstumas de Braz Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro,* etc.

---

12. Fim do banquete

Era à sobremesa; ninguém já pensava em comer.

No intervalo das glosas, corria um borborinho alegre, um palavrear de estômagos satisfeitos; os olhos moles e húmidos, ou vivos e cálidos, espreguiçavam-se ou saltitavam de uma ponta à outra da mesa, atulhada de dôces e frutas, aqui o ananaz em fatias, ali o melão em talhadas, as compoteiras de cristal deixando ver o doce de côco, finamente ralado, amarelo como uma gema, — ou então o melado escuro e grosso, não longe do queijo e do cará. De quando em quando um riso jovial, amplo, desabotoado, um riso de família, vinha quebrar a gravidade política do banquete. No meio do interêsse grande e comum, agitavam-se também os pequenos e particulares. As moças falavam das modinhas que haviam de cantar ao cravo e do minuete e do solo inglês; nem faltava matrona que prometesse bailar um oitavado de compasso, só para mostrar como folgara nos seus bons tempos de criança. Um sujeito, ao pé de mim, dava a outro notícia recente dos negros novos, que estavam a vir, segundo cartas que recebera de Loanda, uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que...

Trazia-as justamente na algibeira, mas não as podia ler naquela ocasião. O que afiançava é que podíamos contar, só nessa viagem, uns cento e vinte negros pelo menos.

— Trás... trás... trás... fazia o Vilaça, batendo com as mãos uma na outra. O rumor cessava de súbito, como um estacado de orquestra, e todos os olhos se voltavam para o glosador. Quem ficava longe aconcheava a mão atrás da orelha para não perder palavra; a mór parte, antes mesmo da glosa, tinha já um meio riso de aplauso, trivial e cândido.

Quanto a mim, lá estava, solitário e deslumbrado, a namorar certa compota da minha paixão. No fim de cada glosa ficava muito contente, esperando que fôsse a última, mas não era, e a sobremesa continuava intacta. Ninguém se lembra de dar a primeira voz. Meu pai, à cabeceira,

saboreava a goles extensos a alegria dos convivas, mirava-se todo nos carões alegres, nos pratos, nas flôres, deliciava-se com a familiaridade travada entre os mais distantes espíritos, influxo de um bom jantar. Eu via isso, porque arrastava os olhos da compota para êle, e dêle para a compota, como a pedir-lhe que ma servisse; mas fazia-o em vão. Êle não via nada; via-se a si mesmo. E as glosas sucediam-se, como bátegas d'água, obrigandome a recolher o desejo e o pedido.

Pacientei quanto pude; e não pude muito. Pedí em voz baixa o doce; enfim bradei, berrei, batí com os pés. Meu pai, que seria capaz de me dar o sol, si eu lho exigisse, chamou um escravo para me servir o doce; mas era tarde.

A tia Emerenciana arrancara-me da cadeira e entregara-me a uma escrava, não obstante os meus gritos e repelões.

***Memórias Póstumas de Bras Cubas.* — Garnier, editor.**

13. "Quincas Borba"

— Quincas Borba! exclamou, abrindo-lhe a porta.

O cão atirou-se fóra. Que alegria! que entusiasmo! que saltos em volta do amo! chega a lamber-lhe a mão de contente, mas Rubião dá-lhe um tabefe que lhe dói; êle recúa um pouco, triste, com a cauda entre as pernas; depois o senhor dá um estalinho com os dedos, e ei-lo que volta novamente com a mesma alegria.

— Sossega! sossega!

"Quincas Borba" vai atrás dêle pelo jardim fóra, contorna a casa, ora andando, ora aos saltos. Saboreia a liberdade, mas não perde o amo de vista.

Aquí fareja, alí pára a coçar uma orelha, acolá cata uma pulga na barriga, mas de um salto galga o espaço e o tempo perdido, e cose-se outra vez com os calcanhares do senhor. Parece-lhe que Rubião não pensa em outra

cousa, que anda agora de um lado para o outro unicamente para fazê-lo andar também e recuperar o tempo em que esteve retido. Quando Rubião estaca, êle olha para cima, à espera; naturalmente, cuida dêle; é algum projeto saírem juntos, ou cousa assim agradável. Não lhe lembra nunca a possibilidade de um pontapé ou de um tabefe.

Tem o sentimento da confiança, e muito curta a memória das pancadas. Ao contrário, os afagos ficam-lhe impressos e fixos, por mais distraídos que sejam. Gosta de ser amado. Contenta-se de crêr que o é.

A vida alí não é completamente boa, nem completamente má. Há um moleque que o lava todos os dias em água fria, usança do diabo, a que êle se não acostuma. Jean, o cozinheiro, gosta do cão; o criado espanhol não gosta nada. Rubião passa muitas horas fóra de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, que assista ao almôço e ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Brinca às vezes com êle: fá-lo pular. Si chegam visitas de alguma cerimônia, manda-o levar para dentro ou para baixo, e, resistindo êle sempre, o espanhol toma-o a princípio com muita delicadeza, mas vinga-se daí a pouco, arrastando-o por uma orelha ou por uma perna, atira-o ao longe e fecha-lhe todas as comunicações com a casa.

— *Perro del infierno!*

Machucado, separado do amigo, Quincas Borba vai então deitar-se a um canto, e fica alí muito tempo, calado; agita-se um pouco, até que acha posição definitiva, e cerra os olhos. Não dorme, recolhe as idéias, combina, relembra; a figura vaga do finado amigo passa-lhe acaso ao longe, muito ao longe, aos pedaços, depois mistura-se à do amigo atual, e parecem ambas uma só pessoa; depois outras idéias.

Mas já são muitas idéias, — são idéias demais; em todo caso são idéias de cachorro, poeira de idéias — menos ainda que poeira, explicará o leitor. Mas a verdade é que êste olho que se abre de quando em quando para fixar o espaço, tão expressivamente, parece traduzir alguma cousa que brilha lá dentro, lá muito ao fundo de outra cousa que não sei como diga, para exprimir uma parte canina, que não é a cauda nem as orelhas. Pobre língua humana!

Afinal adormece. Então as imagens da vida brincam nele, em sonho, vagas, recentes, farrapo daquí, remendo dalí. Quando acorda, esqueceu o mal; tem em si uma expressão, que não digo seja melancolia, para não agravar o leitor. Diz-se de uma paisagem que é melancólica, mas não se diz igual cousa de um cão. A razão não pode ser outra sinão que a melancolia da paisagem está em nós mesmos, enquanto que atribuí-la ao cão é deixá-la fora de nós. Seja o que fôr, é alguma cousa que não a alegria de há pouco; mas venha um assobio do cozinheiro, ou um gesto do senhor, e lá vai tudo embora, os olhos brilham, o prazer arregaça-lhe o focinho e as pernas voam que parecem asas.

Quincas Borba — Garnier, editor.

JOAQUIM NABUCO

PERNAMBUCO — 19-VIII-1849
† WASHINGTON — 17-I-1910

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araujo é uma das nossas glórias mais puras e de que mais legitimamente nos ufanamos. Pensador e filósofo, poeta, historiador, tribuno, notabilizou-se como ardoroso parlamentar e jornalista, servindo-se da imprensa e da tribuna em pról da abolição da escravidão, de que foi um dos mais valentes propagandistas. Nos últimos anos dedicou-se Nabuco às letras, produzindo obras verdadeiramente notáveis, sob todos os pontos de vista. Nabuco foi deputado geral, tendo entrado para a Câmara em 1879. Na qualidade de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário, defendeu os nossos direitos na célebre questão de limites com a Guiana inglesa, de que foi árbitro o rei da Itália. Quando morreu era Nabuco Embaixador da República nos Estados Unidos; antes havia representado o Brasil em Londres. Nabuco foi do Instituto Histórico e da Academia Brasileira, de que era um dos fundadores e o secretário geral — cadeira Maciel Monteiro.

Bibliografia — Publicou: *O Gigante da Polônia, Camões e os Lusíadas, O abolicionismo, Um estadista do império, Minha formação*, etc.

14. Os Escravos

Tornei a visitar doze anos depois a capelinha de São Mateus, onde minha madrinha, D. Ana Rosa Falcão de Carvalho, jaz na parede ao lado do altar, e pela pequena sacristia abandonada penetrei no cercado onde eram enterrados os escravos... Cruzes, que talvez não existam mais, sôbre montes de pedras escondidas pelas ortigas, era tudo que restava da opulenta *fábrica*, como se chamava o quadro da escravatura... Em baixo, na planície, brilhavam, como outróra, as manchas verdes dos grandes canaviais, mas a usina agora fumegava e assobiava com um vapor agudo, anunciando uma vida nova. A almanjarra desaparecêra no passado. O trabalho livre tinha tomado o lugar, em grande parte, do trabalho escravo. O engenho apresentava do lado do "pôrto" o aspecto de uma colônia; da casa velha não ficara vestígio... O sacrifício dos pobres negros, que haviam incorporado as suas vidas ao futuro daquela propriedade, não existia mais talvez sinão na minha lembrança... Debaixo de meus pés estava tudo o que restava dêles, defronte dos *columbaria*, onde dormiam na estreita capela aqueles que êles haviam amado e livremente servido. Sòzinho alí, invoquei todas as minhas reminiscências, chamei-os a muitos pelos nomes, aspirei no ar carregado de aromas agrestes, que entretem a vegetação sôbre suas covas, o sôpro que lhes dilatava o coração e lhes inspirava a sua alegria perpétua. Foi assim que o ploblema moral da escravidão se desenhou pela primeira vez aos meus olhos em sua nitidez perfeita e com sua solução obrigatória. Não só êsses escravos não se tinham queixado de sua senhora, como a tinham até o fim abençoado... A gratidão estava do lado de quem dava. Eles morreram acreditando-se os devedores... Seu carinho não teria deixado germinar a mais leve suspeita de que o senhor pudesse ter uma obrigação para com êles, que lhe pertenciam.

Deus conservara alí o coração do escravo, como o do animal fiel, longe do contacto com tudo, que o pudesse revoltar contra a sua dedicação. Este perdão espontâneo

da dívida do senhor pelos escravos figurou-se-me a anistia para os países, que cresceram pela escravidão, o meio de escaparem a um dos piores taliões da história... Oh! os santos pretos! seriam êles os intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue, mas abençoaram com seu amor!

Eram essas as idéias que me vinham entre aqueles túmulos, para mim, todos êles, sagrados, e então alí mesmo, aos vinte anos, formei a resolução de votar a minha vida, se assim me fosse dado, ao serviço da raça generosa entre todas, que a desigualdade de sua condição enternecia, em vez de azedar, e que por sua doçura no sofrimento emprestava até mesmo à opressão de que era vítima um reflexo de bondade...

Minha Formação.

CARLOS DE LAET

RIO DE JANEIRO — 8-X-1847
† RIO DE JANEIRO — 7-12-1927

O Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet, bacharel em letras pelo Colegio Pedro II e engenheiro geógrafo pela Escola Politécnica, foi professor de Português naquele colégio. O notável publicista sustentou porfiada polêmica com Camilo Castelo Branco a propósito de questões de Português.

De Carlos de Laet, podemos dizer o que disse o mestre a respeito de Antônio Feliciano de Castilho: "E' profundamente versado nos arcanos melódicos da nossa língua".

Pertenceu à Academia Brasileira de Letras: cadeira Porto Alegre.

Publicou: *Em Minas, Minha História Sagrada, Antologia Nacional,* etc., além de valiosos estudos de filologia e de crítica literária, páginas de polêmica. religião, humorismo, etc., em excelente português castiço.

---

15. A Matriz de S. José d'El-Rei

E' uma bela igreja a matriz — e com muda eloqüência reconta ao viajor a história da antiga prosperidade de S. José d'El-Rei.

Em 1711 tinha esta localidade a denominação de Arraial Velho de S. Antônio do Rio das Mortes. Data de 19 de Janeiro de 1718 a elevação do povoado a vila e a criação de seu município, sendo então governador o conde de Assumar. A freguesia da cidade foi criada em 16 de Fevereiro de 1724.

Os terrenos, descobertos por João Afonso de Serqueira, bem depressa foram reconhecidos como auríferos. Em dez anos, que tantos vão da descoberta ao têrmo da junta do Govêrno que criou o município, o povoado medrou extraordinariamente, graças ao atrativo que sôbre a imaginação dos povos sempre exerceu o vil metal.

Nessa época S. José era a cabeça de todas as suas cercanias; e S. João d'El-Rei, então Arraial do Rio das Mortes, prestava obediência à vizinha, tendo a sua primeira igreja como simples capela filial da paróquia de Santo Antônio, que depois foi a matriz da vila de S. José.

Exhaustas as bétas auríferas, S. José entrou a decair e tanto que pelo art. 1.º da lei provincial n. 360, de 1848. chegou a ser suprimido o município. aliás pouco depois restaurado por outra lei provincial (n. 452, de 1849). Em 7 de Outubro de 1860 (lei n. 1.092) assumiu S. José a categoria de cidade, que conserva.

As amplas dimensões do templo dão a medida do número de fiéis que era destinado a conter; diz-se que outrora aí foram celebrados ofícios a que concorreram cincoenta sacerdotes.

Na fachada não se nos ostentaram os primores esculturais que tivemos ocasião de admirar no Carmo e em S. Francisco, de S. João d'El-Rei; porém a ornamentação interna luta em riqueza com a dos primeiros templos do Brasil.

Toda a formosa obra de talha manteve a douradura de 1739, que foi quando se concluiu a obra da igreja: e diz-se que só nos dourados se gastaram então vinte e

oito contos de réis, quantia enormíssima considerados os tempos.

O órgão, pôsto à esquerda e separado do côro ou tribuna da música, é belíssimo, e talvez o primeiro de Minas.

Na capela-mór ha duas pinturas laterais dignas de nota: uma, representando as bôdas de Caná e a outra a última Ceia do Senhor.

Em prataria, — tocheiros, lâmpadas, castiçais e relicários — existirão quarenta e oito arrobas de metal precioso.

Nem eram estas as únicas riquezas do célebre templo. Em outros objétos, só a arte, e não juntamente com a matéria, faria o enlêvo do observador.

Havia na Igreja uma soberba coleção de móveis, ao gôsto da época, magnificamente lavrados. Foram vendidos e dispersos, e por aí além se acham em mãos que talvez nem lhes conheçam a valia!

Em Minas — Cunha & Irmão, editores.

JOSÉ VERÍSSIMO

PARA' — 8-IV-1857
† RIO DE JANEIRO — 2-XI-1916

Novelista, historiador da nossa literatura e crítico conciêncioso. José Veríssimo foi um estudioso e um sabedor das coisas brasileiras. Educador — dirigiu a Instrução Publica do Pará, foi diretor do Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II, e da Escóla Normal do Rio de Janeiro, onde lecionou História Universal. Também militou na imprensa: escreveu no "Jornal do Comércio" e em outras folhas do Rio de Janeiro e do Pará. Fundou e dirigiu (1895) a terceira "Revista Brasileira", cujos serviços às letras pátrias são inestimáveis.

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro dêsde 16-IX-1887 e à Academia Brasileira de Letras dêsde a sua fundação: cadeira João Francisco Lisbôa.

Publicou: *Primeiras Páginas, Cenas da vida amazônica, A Educação nacional, A pesca na Amazônia, História da Literatura Brasileira*, etc.

---

16. O tapuio e a sucurijú

Com a habilidade de tapuio, José seguia avante, fazendo singrar a piroga em verdadeiros ziguezagues por entre aqueles troncos, sem tocar em nenhum.

Deixara o remo no fundo da canoa, e pegando ora num cipó, ora numa rama que descia mais abaixo, ora num tronco, puxava daquí, empurrava d'acolá, quasi deitando-se às vezes para livrar a cabeça.

De súbito, uma cousa que dir-se-ia um daqueles cipós mais grossos por alí pendidos, e no qual a beira da montaria acabava de tocar, desenroscou-se de sôbre um tronco apodrecido de uma velha árvore derribada pela ação das águas, e silvou no ar na direção do índio. Era uma sucurijú enorme. José, que só a vira no ato do bóte, apenas teve tempo de fincar a mão num tronco mais perto e empurrar a canoa para trás.

Êste impulso fê-lo perder o equilíbrio e caíu sentado no banco da pôpa.

Fôra bem dado o bóte da cobra; êle sentiu passar-lhe o corpo quasi rente à face. Mal, porém, lançara os olhos na direção em que ela seguira como que voando, viu-a assanhada, o pescoço engorgitado, a língua bífida fóra das fauces, fitá-lo ameaçadora, já de cauda firmada sôbre o dorso de outro pau caído pronta para novo ataque. José pegou no remo, afim de safar-se mais depressa. A cobra, vendo-o tomar aquele pau, sentiu talvez uma ameaça, e, mais irada ainda atirou a toda a fôrça o bóte, sibilando no ar. Quando o atirou, porém, já a canoa ia impelida pelo remo, de sorte que apenas lhe apanhou a borda com a bôca, donde logo firmada lançara a cauda na direção do tapúio, colhendo-lhe o braço esquerdo e o remo, com os quais fôra êle ao seu encontro. Então levantou a cabeça e harpoou furiosa, a bôca rasgada, o próprio pescoço de José, que metendo a mão direita em defesa da cara, conseguiu segurar-lhe logo abaixo da cabeça o corpo escorregadio, que se debatia furiosamente por desprender-se dos seus dedos possantes, aos quais o perigo multiplicava as fôrças, dando-lhes um vigor de rijas tenazes. Ele sentia, porém, que a cobra mudava de tática e que lar-

gando-lhe o braço esquerdo, a cauda ia enroscar-lhe ao pescoço os seus aneis de ferro e estrangulá-lo sem custo. Rápido como o pensamento, mal pressentira afrouxar-se o laço com que ela prendia-lhe aquele braço, fez um heróico e supremo esfôrço, e conseguindo trazer-lhe a cabeça hedionda até em baixo, ao fundo da canoa, calcou-lhe em cima o pé rijamente.

Era tempo, que a cauda da cobra caira-lhe no pescoço mergulhando a extremidade sob o sovaco esquerdo, donde logo ela o retirou para melhor apertar o nó. Antes que o fizesse, porém, a compressão da cabeça fazia-a perder a fôrça e José ainda pudera tirar de sob o banco a sua faca curta de pescador, com a qual lha decepou de um golpe. Aquele primeiro anel feito desprendeu-se, o tronco rolou inerte para a água e a cabeça ficou palpitando, com a língua fora, no fundo da canoa.

Terminado êste incidente, José seguiu tranquilamente a sua derrota através dos embaraços do igapó, que todos salvou com admirável perícia. Chegando ao cabo, saltou em terra, puxou a canoa por sôbre a areia escura da margem e tomando de dentro a cabeça da sucurijú, jogou-a por sôbre a mata o mais longe que pôde.

Era uma precaução, para que o tronco da cobra se não viesse juntar à cabeça e se refizesse, como êle o acreditava ingenuamente. Isto feito, tomou da faca e embrenhou-se na densa floresta, calcando fortemente o espêsso tapete de folhas e gravetos secos, que estalavam com som crú sob os seus pés de índio.

***Cenas da Vida Amazônica* — Laemmert & Cia.**

INGLÊS DE SOUZA

PARA' — OBIDOS — 28-XII-1858
† DISTRITO FEDERAL — 6-9-1918

O Dr. Herculano Marcos Inglês de Souza, jurisconsulto e professor de Direito, como escritor de ficção, no romance e no conto, tem colocação definitiva e distinta na história literária do

Brasil; deram-lhe o seu romance *O Missionário* e os *Contos Amazônicos,* duas obras em que a língua e o estílo são ótimos.

Era da Academia Brasileira de Letras, cadeira Manuel Antonio de Almeida.

Publicou ainda: *História de um pescador, O Coronel Sangrado* e diversas obras de direito.

---

17. O caboclo do Amazonas

E' naturalmente melancólica a gente da beira do rio. Face a face toda a vida com a natureza grandiosa e solene, mas monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma num apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto.

O caboclo não ri, sorrí apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago, em que se lêem os devaneios íntimos, nascidos da sujeição da inteligência ao mundo objetivo, e dêle assoberbada.

Os seus pensamentos não se manifestam em palavras, por lhes faltar, a êsses pobres tapúias, a expressão comunicativa, atrofiada pelo silêncio forçado da solidão.

Haveis de ter encontrado, beirando o rio, em viagens pelos sítios, o dono da casa sentado no terreiro, a olhar fixamente para as águas da correnteza, para um bem-te-vi que canta na laranjeira, para as nuvens brancas do céu, levando horas e horas esquecido de tudo. imóvel e mudo, numa espécie de êxtasi. Em que pensará o pobre tapuia? No encanto misterioso da mãe d'água, cuja sedutora voz lhe parece estar ouvindo no murmúrio da corrente? No curupira, que vagabundeia nas matas, fatal e esquivo, com o olhar ardente cheio de promessas e de ameaças? No diabólico sacipêrê, cujo assobio sardônico dá ao corpo o calafrio das sezões? Em que pensa? Na vida? E' talvez um sonho, talvez nada. E' uma contemplação pura.

Dessa melancolia contínua dão mostra principalmente as mulheres, por causa da vida que levam. Os homens sempre andam, vêem uma ou outra vez gente e coisas novas. As mulheres passam toda a vida no sítio, no mais

completo isolamento. Assim, a tapuia Rosa, que de nada se podia queixar, com a vida material segura, suprema ambição do caboclo, foi sempre dada à tristeza; a fronte alta e calma, os olhos pequenos e negros e a bôca séria tinha uma expressão de melancolia que impressionava à primeira vista. Teria a natureza estampado naquele rosto o pressentimento de futuras desgraças, ou a mesquinhez da alma humana, ante a majestade do rio e da floresta a predispunha a não oferecer resistência aos embates da adversidade? Era a saudade do espôso morto, ou o receio vago dos fracos diante do arcanos do futuro?

Contos Amazônicos — Laemmert & Cia. 1893.

AMERICO WERNECK

ESTADO DO RIO — BEMPOSTA — 19-III-1855

Escritor imaginoso e fluente, como Alencar, *o grande mestre ,o seu guia literário* (êle o declara algures), Américo Werneck é exímio pintor de quadros, cenas e típos da roça.
Publicou: *Graciema, Jucury, Morena, Arte de educar os filhos, Lucrécia, A heroína da Inconfidência,* etc.

---

18. A derribada

A mata era imponente. Erguiam-se na grota uma sucupira de trinta palmos de circunferência; mais abaixo, uma gameleira, menos gigante, quasi emparelhava a sua rama à rama do colosso.

Os mais possantes africanos, cujos braços de ferro manejavam o machado como um brinco de criança, desfilavam junto à majestosa árvore, à semelhança de formigas.

Um a um, paravam para medí-la de alto a baixo, mas nenhum teve a coragem de derribá-la. A todos a sucupira olhava com despreso, farfalhando orgulhosamente sôbre a sólida base. Primeiro passou um cabinda, parou embas-

bacado, e foi-se moscando, receioso de lhe ser confiada a empreitada.

— Cruz! Hoje é hoje! com êsse pau ninguém pode. Tem serviço para uma semana.

Passou depois um cassange, o qual, arqueando-se de flanco, à guisa de bodoque, parou assombrado a mirar-lhe a copa.

— Huá! maravilha do mundo! Vou-me embora: não sou pimpão para êsse bicho, não.

Em seguida passou um inhambane, que, tropeçando na grossa raiz, escarrapachou em regra, de braços abertos e focinho no chão. Ergueu-se o derribador e, cuspindo terra, desceu a biboca no meio de pragas e exclamações cômicas.

— Uê-ê-ê-ê! Já está mostrando o que ha de ser. Puah! Judeu do inferno!

Afinal, aproximou-se um moçambique que, arrimando-se ao cabo do machado, alí ficou estatelado, de pernas abertas, a grunhir uma lenga-lenga indecifrável.

Nessa ocasião despontou Fernando no aceiro superior e vibrou a vista, dominando o serviço de um golpe. Ele era o derribador mais famoso daquele sertão, que nesse tempo os contava de mão cheia.

Não havia pontaria mais certeira. Quando êle lançava o olhar calculista aos galhos de uma árvore, estivesse esta no prumo, marcava a direção de sua queda e não errava o tiro.

Quando o fazendeiro soltou do largo peito o berro que enchia o vale e despertava o eito, a floresta tremeu de mêdo até à raiz. Acabava de chegar o raio que devia fulminá-la.

Ao avistar na grota a gigantesca sucupira, em pé, atirando aos derribadores o formidável desafio, que ninguém ousava aceitar, o fazendeiro ficou contente, era com êsses colossos altaneiros que êle gostava de se entender. Censurou energicamente os escravos por haverem fugido covardemente da árvore, desceu a grota e gritou por Chico Congo.

Acudiu um africano hercúleo. Era o seu braço direito: não havia em todo o Brasil machado mais valente, nem mais vigoroso tapir. O fazendeiro escolheu mais dois

derribadores para contrapeso ao negro e distribuiu-os em tôrno da sucupira. Ao Congo sózinho coube a tarefa de entalhar a barriga do pau até o âmago; mas a-pesar-de árdua a tarefa, andassem ligeiros os seus malungos, pois não tardaria em deixá-los atrás.

Fernando marcou a pontaria para a forquilha da gameleira e ordenou que não cortassem esta. Conforme seus cálculos, o pêso da sucupira, aliado ao choque, seria bastante para deitar abaixo sua grossa vizinha, de fibra menos rija; os dois colossos, unidos no abraço da morte caindo juntos sôbre a floresta, arrazariam a grota até à várzea.

Ponderou o Congo que, se a gameleira resistisse, como seria certo, a sucupira enganchada na sua forquilha, formaria um perigoso mundéu. Os seus companheiros apoiavam êste parecer, achando prudente entalhar a gameleira, embora se consumisse mais tempo. O lavrador, confiado no seu plano temerário, persistiu; então o trabalho começou.

O Congo, fincando um pé atrás, arremessou o machado, que foi encravar-se no rijo lombo do gigante. O aço cantou e o cabo solto brandiu, como a cauda da jararaca retraida para bote. O negro cuspiu entre as mãos, esfregou as palmas uma na outra e arrancou a arma terrivel. Os golpes sucederam-se. A cada golpe, voava um estilhaço de pau, zunindo. Os outros derribadores porfiavam em imitar o Congo, mas faltava-lhes a fôrça e destreza de pulso. Também o africano gostava de provocá-los, alardeando seu vigor. Sempre que o seu machado tinia no cerne, êle bradava aos parceiros, em tom de chacota:

— Acocha, malungo!

— Hoje quebro-te a prôa, respondia o mais encafifado.

— Vamos ver.

E os seus golpes redobravam, ecoando além; e os cavacos zuniam no espaço, como a bala do arcabuz.

Passava do meio dia, quando a sucupira deu o primeiro gemido.

Os derribadores soltaram uma interjeição uníssona de entusiasmo; o eito em côro respondeu com outra Mas faltava muito para o colosso cair.

O Congo malhava sempre, enquanto os parceiros fatigados deixavam, às vezes, pender os braços frouxa-

mente. Mas também, recomeçavam logo. A cada vai-vem do machado, entoava o Congo uma breve cantiga, a que respondiam os parceiros em côro, quando vibravam os golpes simultâneos:

— Acocha, malungo.
— Batecum gererê.
— Acocha com fôrça.
— Batecum gererê.
— O gavião é quem governa.
— Batecum gererê.

Essas frases e outras acompanhadas de estribilho marcavam o compasso regular dos machados. O fazendeiro dirigia o serviço com o olhar vigilante no gavião da árvore, donde dependia a certeza da pontaria. Ora mandava cortar mais à direita, ora mais à esquerda, conforme a necessidade.

A atenção do eito convergia para êsse ponto; não se falava noutra coisa; sustentavam alguns que a gameleira não cairia; apostavam outros que ela não resistiria ao choque. Só pai Bento não falava... Trazia os olhos arregalados no espaço, como se estivesse vendo uma visão sinistra.

Às onze horas pararam para tomar a refeição.

Pai Bento não comeu.

O trabalho recomeçou com mais entusiasmo. Enfim, às duas horas da tarde, o colosso vegetal estalou no âmago e os três algozes soltaram o grito de aviso:

— Foge, gente!

Então os trabalhadores que andavam por alí perto. escafederam-se à pressa.

A sucupira estava equilibrada sôbre a aresta de um prisma. Apenas os derribadores disseminados pela floresta puseram-se longe do perigo, o Congo atirou mais alguns golpes. De repente rangeram as fibras do tronco, e a cabeça enorme do rei daqueles vales, descrevendo um arco de círculo sôbre um raio de cento e vinte palmos, e acompanhado pelo côro selvagem dos derribadores, abateu-se na forquilha da gameleira, desgrenhada a coma e estremecendo o deserto com seu rugido de moribundo.

Graciema, Capitulo XLIII.

ALUÍZIO AZEVEDO

MARANHÃO — 14-IV-1858
† BUENO AIRES, República Argentina, 31-I-1913

Romancista de merecida nomeada, Aluízio Azevedo foi o iniciador, no Brasil, do naturalismo, o representante aquí de mais talento e mais fecundo da escola.

Na obra do nosso romancista sobressaem as paisagens e as descrições, que primam pela verdade, relêvo e colorido.

Desde muito moço, dedicouse à imprensa, tendo redigido, ainda no Maranhão, os jornais "Pensador" e "Pacotilha"; Aluízio foi tudo: professor, empregado público, guarda-livros, retratista, caricaturista (trabalhou no "Mequetrefe" e na "Comédia Popular"): chegou mesmo, num momento crítico da vida, a ser gerente de hotel...

Aluízio Azevedo foi da Academia Brasileira, cadeira Basílio da Gama.

Bibliografia — Deixou *Uma lágrima de mulher, O cortiço, O Mulato,* etc., além de várias peças de teatro de parceria quasi sempre com seu irmão Artur.

---

19. A Pedreira

Meio-dia em ponto. O sol estava a pino; tudo reverberava à luz irreconciliável de Dezembro, num dia sem nuvens. A pedreira, em que ela batia de chapa em cima, cegava, olhada de frente. Era preciso martirizar a vista para descobrir as nuances da pedra; nada mais que uma grande mancha branca e luminosa, terminando pela parte de baixo no chão coberto de cascalho miúdo, que ao longe produzia o efeito de um betume cinzento, e pela parte de cima, na espessura compacta do arvoredo, onde se não distinguiam outros tons mais do que nódoas negras, bem negras, sôbre o verde escuro.

À proporção que os dois se aproximavam da imponente pedreira, o terreno ia-se tornando mais e mais cascalhudo; os sapatos enfarinhavam-se de poeira clara.

Mais adiante, por aí e por alí, havia muitas carroças, algumas em movimento, puxadas a burro e cheias de calhaus partidos; outras já prontas para seguir, à espera do animal, e outras, enfim, com os braços para o ar, como se acabassem de ser despejadas naquele instante Homens labutavam.

À esquerda, por cima de um vestígio do rio, que parecia ter sido bebido de um trago por aquele sol sedento, havia uma ponte de tábuas, onde três pequenos, quasi nús, conversavam assentados, sem fazer sombra, iluminados a prumo pelo sol de meio-dia. Para adiante, na mesma direção, corria um vasto telheiro, velho e sujo, firmado sôbre colunas de pedra tosca; aí muitos portugueses trabalhavam de canteiro, ao barulho metálico do picão, que feria o granito. Logo em seguida surgia uma oficina de ferreiro, toda atravancada de destroços e objetos quebrados, entre os quais avultavam rodas de carros; em volta da bigorna, dois homens, de corpo nú, banhados de suor e alumiados de vermêlho como dois diabos, martelavam cadenciosamente sôbre um pedaço de ferro em brasa; e alí mesmo, perto dêles, a forja escancarava uma goela infernal, donde saíam pequenas línguas de fogo, irrequietas e gulosas.

João Romão parou à entrada da oficina e gritou para um dos ferreiros.

— O' Bruno, não se esqueça do varal da lanterna do portão!

Os dois homens suspenderam por um instante o trabalho.

— Já lá fui ver, respondeu o Bruno. Não vale a pena consertá-lo; está todo comido de ferrugem! Faz-se-lhe um novo, que é melhor!

— Pois veja lá isso, que a lanterna está a cair!

E o vendeiro seguiu adiante com o outro, enquanto atrás recomeçava o martelar sôbre a bigorna.

Em seguida via-se uma miserável estrebaria, cheia de capim sêco e excremento de bêstas, com lugar para meia dúzia de animais. Estava deserta, mas, no vivo fartum exalado de lá, sentia-se que fôra habitada ainda aquela noite. Havia depois um depósito de madeiras, servindo ao mesmo tempo de oficina de carpinteiro, tendo à porta

troncos de árvores, alguns já serrados, muitas tábuas empilhadas, restos de cavernas e mastros de navio.

Daí à pedreira restavam apenas uns cincoenta passos, e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moida que sujava como a cal.

Aquí, alí, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona, ou de folhas de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro, afeiçoavam lajedos à ponta de picão; mais adiante, faziam paralelepípedos a escôpro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas e o martelar da forja, e o côro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo. e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprêzo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando, sem um gemido, que lhe abrissem as entranhas de granito.

O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Decomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas, que mesquinhamente lhe escorriam pela ciclópica nudez, com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando sôbre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

***O Cortiço* — Garnier, editor.**

FERREIRA DE ARAUJO

RIO DE JANEIRO, 25-III-1846
† RIO DE JANEIRO, 21-VIII-1900

O mestre do jornalismo brasileiro, que assim tem sido chamado, fundador e redator da "Gazeta de Notícias", escrevia Ferreira de Araújo as *Coisas Políticas*, admiráveis crônicas sôbre a vida política do país, artigos de primeira coluna, doutrinadores e graves, e, na folha do mesmo dia, colunas adiante, publicava os *Macaquinhos no sótão*, de *Zé Telha*, ou as *Balas de Estalos*, de *Lulú Senior*, chistosos artiguetes humorísticos de crítica inofensiva e alegre...

De Ferreira de Araújo disse Quintino Bocaiuva, num momento célebre, "que o diretor da "Gazeta de Notícias" reunia em si os três espíritos dominantes do jornalismo francês: *Emile Girardin, Armand Carré* e *Jules Janin*".

Publicou: *Cousas Políticas, Balas de estalo, Macaquinhos no sótão, A baroneza,* etc.,

---

20. O coração humano

E' um teatro em que se representam todas as cenas. das mais trágicas às mais burlescas. É um manequim a que se acomodam todas as máscaras, a do tirano e a do hipócrita. E' um instrumento em que todas as cordas vibram, e que nem sempre anda afinado. Umas vezes, restrito e quieto como o altar em que só pode estar um santo, outras vezes amplo e bulhento como uma hospedaria em que entram caras novas todos os dias.

E nada lhe altera a natureza. Puro e sereno como o céu sem nuvens, negro e sombrio como uma noite de tempestade, é sempre o mesmo coração humano.

Fala uma língua que em todas as nações se entende, mas de que ninguém póde fixar as regras. Aninha todas as virtudes e todos os vícios, tendo uma moral sua, que o leva com igual impulso, pelo bem ou pelo mal, para o fim almejado: a satisfação do *eu*.

Aquilo mesmo que se combinou chamar abnegação, sacrifício, é o egoismo depurado, a quinta essência do gôzo, que consiste em sofrer, para ter o prazer de evitar o sofrimento àquele a quem o coração se dedica.

Eu creio que no coração humano ha um germe de tudo o que ha de bom e mau na natureza: o suco de todas as plantas, as que nutrem e as que matam; um pouco de todos os animais indistintamente, leões, e cordeiros, o pelicano e o abutre, os que voam e os que se arrastam; as mariposas, que morrem na luz, e os micróbios, que nascem na podridão.

Como estranhar que êle seja sublime e covarde, adorável e repugnante, heroicamente grande ou microscopicamente mesquinho?

DOMINGOS OLÍMPIO

CEARA' — SOBRAL — 18-IX-1850
† RIO DE JANEIRO — 6-X-1906

O Dr. Domingos Olímpio Braga Cavalcanti formou-se em direito no Recife, em 1873.

Intemerato jornalista e escritor político, auspiciosamente fez Domingos Olímpio a sua estréia no romance; o seu *Luzia Homem* foi uma consagração. E, efetivamente, foi um escritor de merecimento.

Bibliografia — Além do romance citado, deixou prontos: *O Negro* (romance), *Domitília* (comédia), *História da Missão Especial de Washington*, etc.

---

21. Cenas da sêca

Na construção da cadeia havia trabalho para todos. Os mais fracos, debilitados pela idade ou pelo sofrimento, carregavam areia e água; aqueles que não suportavam

mais a fadiga de andar, amoleciam cipós para amarradio de andaimes, outros menos escarvados amassavam cal; os moços ainda robustos, homens de rija têmpera, superiores ás inclemências, sóbrios e valentes, reluziam de suor britando pedra, guindando material aos pedreiros, ou conduzindo às costas, de longe, das matas do sopé da serra, grossos madeiros enfeitados de palmas virentes, de ramos de pereiro de um verde fresco e brilhante, em festivo contraste com o sítio ressequido e desolado. E davam conta da tarefa, suave ou rude, uns gemendo, outros cantando alacres, numa expansão de alívio, de esperança renascida, velhas canções, piedosas trovas inolvidáveis, ou contemplando com tristeza nostálgica, o céu impassível, sempre límpido e azul, deslumbrante de luz.

Esse concêrto esdrúxulo de vozes humanas em cânticos e queixumes, de rugidos da matéria transformando-se aos dentes dos instrumentos, aos golpes dos martelos, de brados de comando dos mestres e feitores, essa melopéia do trabalho amargurado ou feliz, era, às vezes, interrompida por estrídulos assobios, alaridos de gritos, gargalhadas rasgadas e as vaias de meninos, que se esganiçavam: era uma velha alquebrada, que deixara cair a trouxa de areia; um cabra alto, de hirsuta cabeleira marrafenta e lambusada de cal que escorregara, ao galgar uma desconjuntada e vacilante escada, e lançava olhares ferozes à turba que o chasqueava; era a carreira constante das moças e meninas, para as quais o trabalho era um brinquedo; eram gritos de dôr de um machucado, rodeado pela multidão curiosa e compassiva, ou os gemidos de algum infeliz, tombando prostrado de fadiga, pedindo pelo amor de Deus, no estertor da hora extrema, não o deixassem morrer sem confissão, sem luz, como um bicho.

Cercava o edifício em construção um exótico arraial de latadas, de choupanas, de ranchos improvisados, onde trabalhavam carpinteiros falqueando longas vigas de pau-d'arco, frechais de frei Jorge e Gonçalo-Alves, ou serrando e aplainando cheirosas tábuas de cédro. Marcando a subida do morro, se alinhavam em rua tortuosa pequenas barracas feitas de costaneiras, casca e sarrafos, as quais serviam de abrigo às costureiras, fazendo, dos sacos de víveres, roupa para os esmolambados, envoltos em

nojentos trapos, que lhes mal disfarçava o pudor e a horrenda magreza esquálida.

De outras barracas subia ao ar, em novelos espessos ou espirais azuladas, o fumo de lareiras, onde, sôbre toscas trempes de pedra, ferviam, roncando aos borbotões, grandes panelas de ferro, repletas de comida.

Ao cair da tarde, quando cálida neblina irradiava da terra abrasada, esbatia o recorte das montanhas ao longe, e adelgaçava o colorido da paisagem em tons pardacentos e confusos, o sino da Matriz, com um colossal lamento, troava a Ave-Maria. Cessava o rumor e o mestre da obra batia com o pesado martelo o prego em solene cadência, anunciando o têrmo do trabalho.

A multidão de operários, depois de silenciosa e contrita prece, se agrupava em tôrno dos feitores; e, respondido o ponto, desfilava, depositando em determinado sítio a ferramenta e vasilhame. Fatigada, suarenta, dispersava-se dividindo-se em grupos, seguindo várias direções em busca de pousada, ou desdobrando-se na curva dos caminhos, nas forquilhas das encruzilhadas, até se sumir como sombras desgarradas, imersas na caligem da noite iminente.

Luzia Homem.

GARCIA REDONDO

RIO DE JANEIRO — 7-I-1854
† S. PAULO — 6-X-1919

Jornalista, prosador, o Dr. Manuel Ferreira Garcia Redondo há de figurar nas letras brasileiras como novelista, que o foi e dos melhores que temos tido, pela língua e pelo estilo; e o seu nome ficará como um dos nossos mais estimáveis escritores de ficção.

Foi da Academia Brasileira de Letras, cadeira Julio Ribeiro.

Bibliografia — Publicou, entre muitas outras: *Arminhos, Carícias, Botânica amorosa, Salada de frutas,* etc.

---

22. Plantas carnívoras

— Mas, afinal, que vem a ser uma planta carnívora?

— E' um ser quasi como tu ou eu, porque, como nós, alimenta-se de carne. Chamá-la-ias animal, si êste vegetal caminhasse. No entanto a locomoção falta a alguns animais, tais como os polipos e a esponja, que têm a aparência de um vegetal e, como êle, são destituidos da locomoção. E sendo assim a planta carnívora, aparentemente é mais animal do que vegetal, porque tem o movimento parcial das folhas, que falta absolutamente à esponja e ao coral.

De resto, a planta carnívora é, como diz Darwin, uma planta que se fixa ao solo pelas raizes e se alimenta pelas folhas.

— Tem então estômago a planta carnívora?

— Mais do que isso: tem o suco gástrico; a planta digere com qualquer de nós as substâncias azotadas, e, como qualquer de nós, assimila o que digere.

— Assombroso!...

— Tu já viste, minha linda curiosa, que as plantas têm coração e alma para amar, nervos para sentír, raciocínio ou instinto para gozar, e vais agora ver que elas também possuem vísceras para digerir.

Entre a grande variedade de plantas carnívoras que existem, as mais curiosas são a *Drosera rotundifolia*, a *Dionaea muscipula* e o *Nepenthes*.

A primeira é uma planta da flora européia, de pequeno porte, que vive de preferência nos lugares húmidos, e cujas folhas têm a forma aproximada a uma colher, cuja concha, quasi chata, é coberta de pêlos, ou filamentos, que se vão alargando do centro da concha para as bordas.

Cada um dêsses filamentos possúe na extremidade uma glândula que produz uma secreção viscosa e brilhante.

Assim armada de pêlos, a folha da *drosera* tem o aspecto de uma cabeça chata coberta de cerdas viscosas

Vamos a ver agora como a planta opera para alimentar-se.

Imagina que uma mosca descuidosa pousa na folha da *drosera*. Como os pêlos do centro são os mais curtos e estão sempre cobertos de visgo, o inseto que pousa entre êles sente logo dificuldade em mover-se, porque o visgo o retém pelas pernas e pelas asas ao limbo da folha.

Mas, para que êle absolutamente não possa escapar-se dessa armadilha, os pêlos dos lados da folha, mal o inseto pousa entre os pêlos centrais, começam a curvar-se lentamente para o lado do animal, e dentro de alguns minutos cobre-o com uma rêde de tentáculos, que o não deixam mais sair. Fica assim aprisionado o inseto e, dêsse momento em diante, começa a planta a operar no sentido de o matar e de o digerir. Dêsse trabalho se incumbem os próprios pêlos que excretam o líquido viscoso, o qual representa o papel do nosso suco gástrico, destinado a dissolver ou digerir as substâncias azotadas.

Assim atacado por êsse líquido em extremo viscoso, o pobre inseto morre entre as garras da *drosera*, e é por ela assimilado como um manjar precioso.

— Mas é a descrição do polvo, a que tu acabas de fazer!

— Precisamente, minha adorada amiga; a *drosera rotundifolia* é a *pieuvre*, que enlaçou o pobre Gilliat entre os rochedos do Oceano.

Botânica Amorosa.

AFONSO CELSO

ESTADO DE MINAS — OURO PRETO — 31-III-1860
† RIO DE JANEIRO — 11-VI-1938

O Dr. Afonso Celso, Conde de Afonso Celso, filho do Visconde de Ouro Preto, é uma das figuras mais simpáticas das nossas letras, poeta e prosador: lírico de delicada e límpida inspiração, romancista e novelista e ainda consumado orador. Fer-

voroso católico, o Santo Padre o agraciou com o título de Conde, e é oficial da Legião de Honra da França.

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde 2-XII-1892, perteceu também à Academia Brasileira de Letras e à Academia de Ciências de Lisbôa.

De sua vasta bibliografia destacam-se: *Prelúdios, Devaneios, Camões, Minha filha, O Imperador no exilio, Porque me ufano do meu país, Aventuras de Manuel João,* etc.

---

23. S. João d'El-Rei

Pitoresca localidade, S. João d'El-Rei! Tiradentes, há um século, reservava-a para capital do estado livre que sonhara fundar. Como nas grandes metrópoles européias, corta-a um rio pelo meio. Risonho e atraente o aspecto geral. Outrora opulento empório de mineração. Cidade de verão das mais procuradas hoje em dia, — delicioso clima, casando o confôrto de um centro civilizado à salutar simpleza campezina.

População genuinamente mineira: lhana, afável, independente.

Magníficas igrejas dominam-lhe as eminências.

S. João goza da justa celebridade de ser talvez o ponto do Brasil onde mais solene pompa revestem as cerimônias da liturgia cristã. Música religiosa. não ouvi ainda tão impressionadora como alí.

Num dos templos, mostra-se imagem devida, no dizer da crônica, ao celebre *Aleijadinho*, vulto lendário de Minas, artista inculto e genial, cuja tradição bizarra vive na imaginação popular, em curiosos traços sobrenaturais. Contam que, depois de levar anos estudando o mecanismo das asas dos pássaros, fabricou um aparelho com o qual conseguiu voar. A-pesar-da deformidade física de que lhe resultou o apelido, artista insigne era-o, sem dúvida: escultor e arquiteto. Produções realmente notáveis atestam o seu valor. Contratava a confecção de figuras de santos, sua especialidade; encerrava-se semanas inteiras num aposento, sem instrumentos visíveis de trabalho e recusando tomar alimentação. Sumia-se um belo dia misteriosamente deixando a obra acabada, quasi sempre um primor.

Em virtude de prescrição médica, saíamos quotidianamente, minha espôsa e eu, perambulando sem rumo. Recordávamos essas tocantes legendas e admirávamos a incomparável natureza, respirando o ar diáfano e puro. Subíamos a ladeira de um morro que sobranceia a povoa-entrada, esquecíamos as horas, observando as casas, — manchas brancas orladas de verde, — os campos ondulados e, serpejando ao longe, o rio das Mortes, assim sinistramente denominado, por causa de obscuras guerras nos tempos coloniais.

Seguíamos outras ocasiões pela rua larga, à margem do rio. Eleva-se aí a cadeia. Em monótona inação penduram-se os condenados às grades, metendo a cabeça por entre os varões. Distraem-se a ver os transeuntes. Caras sinistras e lívidas — grenhas imundas. Causavam-nos pena e vago terror. Em certas horas suscitavam-nos admiração.

Custava-nos a crer houvesse no mundo crimes e criminosos!

Minha filha (1893).

RAUL POMPÉIA

ANGRA DOS REIS, ESTADO DO RIO — 12-IV-1863
† RIO DE JANEIRO — 25-XII-1895

Extraordinária organização de artista, temperamento nervoso e impressionável, talento fulgurante, logo à publicação do seu primeiro livro, Raul Pompéia grangeou a reputação de grande escritor, distinto pela sua arte superior, original sob todos os aspectos.

Formou-se em direito no Recife, tendo feito uma parte do curso em S. Paulo: aí, estudante, ao lado dos abolicionistas, chefiados por Luiz Gama, trabalhou pela abolição do cativeiro.

Era exímio desenhista e pintor e cultivou ainda a escultura.

Raul Pompéia suicidou-se num dia de Natal, varando o peito com um tiro de revolver.

Bibliografia — Publicou: *O Ateneu, Uma tragédia no Amazonas, Canções sem metro,* etc.

---

24. Festa escolar

Em frente, um gramal vastíssimo. Rodeava-o uma ala de galhardetes, contentes no espaço, com o pitoresco dos tons enérgicos cantando vivo sôbre a harmoniosa surdina do verde das montanhas.

Por todos os lados apinhava-se o povo. Voltando-me, divisei, ao longo do muro, duas linhas de estrado com cadeiras quasi exclusivamente ocupadas por senhoras, fulgindo os vestuários em violenta confusão de colorido. Algumas protegiam o olhar com a mão enluvada, com o leque, à altura da fronte, contra a rutilação do dia, num bloco de nuvens que crescia do céu.

Acima do estrado, balouçavam docemente e sussurravam bosquetes de bambú, projetando franjas longuíssimas de sombra pelo campo de relva.

Algumas damas empunhavam binóculos. Na direção dos binóculos distinguia-se um movimento alvejante. Eram os rapazes. "Aí vêm! disse-me meu pai; vão desfilar por diante da princesa".

A princesa imperial, Regente nessa época, achava-se à direita em gracioso palanque de sarrafos.

Momentos depois adiantavam-se por mim os alunos do "Ateneu". Cêrca de trezentos; produziam-me a impressão do inumerável.

Todos de branco, apertados em larga cinta vermelha, com alças de ferro sôbre os quadris e na cabeça um pequeno gorro cingido por um cadarço de pontas livres. Ao ombro esquerdo traziam laços distintivos das turmas.

Passaram a toque de clarim, sopesando os petrechos diversos dos exercícios. Primeira turma, os *haltéres;* segunda, as *massas;* terceira, as *barras.*

Fechavam a marcha, desarmados, os que figurariam simplesmente nos exercícios gerais.

Depois de longa volta, a quatro de fundo, dispuseram-se em pelotões, invadiram o gramal, e, cadenciados pelo rítmo da banda de colegas, que os esperava no meio do campo, com a certeza de amestrada disciplina, produziram as manobras perfeitas de um exército sob o

comando do mais raro instrutor. Diante das fileiras, Bataillard, o professor de ginástica, exultava, envergando a altivez do seu sucesso na extremada elegância do talhe, multiplicando por milagroso desdobramento o compêndio inteiro da capacidade profissional, exibida em galeria por uma série infinita de atitudes.

A admiração hesitava a decidir-se pela formosura masculina e rija da plástica de músculos a estalar o brim do uniforme, que êle trajava, branco como os alunos, ou pela nervosa celeridade dos movimentos, efeito elétrico de lanterna mágica, respeitando-se na variedade prodigiosa a unidade da correção suprema. Ao peito tilintavam-lhe as agulhetas do comando, apensas de cordões vermelhos em trança. Êle dava as ordens fortemente, com uma vibração penetrante de corneta, que dominava à distância, e sorria à docilidade mecânica dos rapazes. Como oficiais subalternos, auxiliavam-no os chefes de turma, postados devidamente com os pelotões, sacudindo à manga distintivos de fita verde e canutilho.

Acabadas as evoluções apresentaram-se os exercícios. Músculos do braço, músculos do tronco, tendões dos jarretes, a teoria toda do *corpore sano* foi praticada valentemente, alí, precisamente, com a simultaneidade exata das extensas máquinas. Houve após o assalto aos aparelhos. Os aparelhos alinhavam-se a uma banda do campo, a começar do palanque da Regente. Não posso dar idéia do deslumbramento que me ficou desta parte.

Uma desordem de contorsões, deslocadas e atrevidas; uma vertigem de volteios à barra fixa, temeridades acrobáticas ao trapézio, às perchas, às cordas, às escadas; pirâmides humanas sôbre as paralelas, deformando-se para os lados em curvas de braços e ostentações vigorosas de tórax; fórmas de estatuária viva, trêmulas de esfôrço, deixando adivinhar de longe o estalido dos ossos desarticulados; posturas de transfiguração sôbre invisivel apôio; aquí e alí uma cabecinha loura, cabelos em desordem cacheados à testa, um rosto injetado pela inversão do corpo, lábios entre-abertos ofegando, olhos semicerrados para escapar à areia dos sapatos, costas de suor, colando a blusa em pasta, gôrros sem dono que caíam do alto e juncavam a terra; movimento, entusiasmo por toda

a parte e a soalheira, branca nos úniformes, queimando os últimos fogos da glória diurna sôbre aquele triunfo espetaculoso da saúde, da fôrça, da mocidade.

O professor Bataillard, enrubecido de agitação, rouco de comandar, chorava de prazer. Abraçava os rapazes indistintamente.

Duas bandas militares revezavam-se ativamente, comunicando a animação à massa dos espectadores. O coração pulava-me no peito com um alvorôço novo, que me arrastava para o meio dos alunos, numa leva ardente de fraternidade. Eu batia palmas; gritos escapavam-me, de que me arrependia quando alguém me olhava.

Deram fim à festa os saltos, os páreos de carreira, as lutas romanas e a distribuição dos prêmios de ginástica, que a mão egrégia da Sereníssima Princesa e a pouco menos do Espôso Augusto alfinetavam sôbre os peitos vencedores. Foi de ver-se os jovens atletas aos pares aferrados, empuxando-se, constringindo-se, rodopiando, rolando na relva com gritos satisfeitos e arquejos de arrancada; os corredores, alguns em rigor, respiração medida, beiços unidos, punhos cerrados contra o corpo, passo miudo e vertiginoso; outros, irregulares, bracejantes, prodigalizando pernadas, rasgando o ar a pontapés, numa precipitação desengonçada de avestruz, chegando esbofados, com placas de poeira na cara, ao poste da vitória.

O Ateneu — **Francisco Alves & Comp. — 1906.**

OLAVO BILAC

RIO DE JANEIRO — 16-XII-1865
† RIO DE JANEIRO — 28-XII-1918

Olavo dos Guimarães Bilac cursou as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e de Direito de São Paulo, as quais abandonou, para se entregar inteiramente às letras, a que votou toda uma existência de poeta e artista. Como poeta, Bilac forma com Raimundo Corrêa e Alberto de Oliveira a grande trindade par-

nasiana. Grande poeta, não só pelo vigor da inspiração e pela espontaneidade do estro como ainda pela correção da forma impecável, pela fôrça, colorido e brilho de expressão. Bilac, que teve em grande estima a formosa língua em que escreveu não foi menos cuidadoso e correto na prosa. Notável orador.

Foi da Academia Brasileira, cadeira Gonçalves Dias.

Bibliografia — *Poesias*: *Panóplias, Via Látea* e *Sarças de fogo* (1888) — *Crônicas e novelas* (1894) — *Sagres*, poemeto (1898) — *Poesias*, edição definitva, contendo, além das partes da edição de 1888, mais: *Alma inquieta, As viagens* e *O caçador de esmeraldas* (1902) — *Crítica e fantasia* (1904) — *Poesias infantís* (1904) — *Conferências literárias* (1906) — *Ironia e Piedade* (1916) — *Tarde*, livro póstumo. Em colaboração com M. Bonfim: *Livro de Composição* e *Livro de Leitura* (1899) *Através do Brasil* (1913); com Coelho Neto: *Contos Pátrios* e *Teatro infantil* (1905) — *Pátria Brasileira* (1911); com Guimarães Passos: *Tratado de versificação* (1905) — Melhorou, aumentando-o, o Dicionário de rimas de Guimarães Passos: traduziu: *Juca e Chico*, livro para crianças.

25. Entre Ruínas

Sôbre os rosais silvestres, abertos em flôres, nas faixas de ouro dos últimos raios do sol, dansa o vôo leve das abelhas, e apenas o seu sussurro povôa a solidão destes sítios ermos.

As gameleiras — as amigas de todas as ruínas — estão quietas e mudas, sem uma só palpitação de folha, com a ramaria dura, irrompendo dos escombros desta rua fantástica e deserta, como uma rua de sonho, cujo calçamento antigo, de grandes lájeas avermelhadas, quasi desaparece sob um tapete espêsso de mato curto.

Estamos entre as ruínas da rua da Água Doce, em Ouro-Preto, artéria principal da vida de há duas centenas de anos, longa avenida que sobe em declive suave desde o centro do bairro do Padre Faria, até perto das Águas Férreas, de onde já se avista a estrada de Mariana.

De todas as ruínas, entre as quais a minha extravagância andou por sete meses de solidão passeando, é esta a mais triste e, ao mesmo tempo, a mais bela.

Nos outros pontos em que se amontoam destroços de habitações, as massas de pedra aparecem de espaço, a espaço, deixando ver que entre as casas havia quintais, pastos, roças, campos incultos. Mas aquí a construção é compacta e cerrada; os alicerces de uma casa encostam-se aos alicerces da outra, as paredes tocam-se, e, com quasi uma hora de marcha, segue-se por uma verdadeira rua central de cidade, como a rua do Ouvidor. A diferença é que, desta rua do Ouvidor dos bandeirantes, sòmente as paredes das casas subsistem.

O mato cobre as calçadas de banda a banda. E se alguma coisa, além do sussurro das abelhas, que vôam sôbre os rosais silvestres, quebra o silêncio profundo, que pesa sôbre estes lugares, é o rumor surdo dos nossos passos abafados pelas ervas que pisamos.

Vamos, dois curiosos, sem falar, de ouvido aberto à voz misteriosa das coisas mortas, que só em sonho se ouve, caminhando de vagar, com um recolhimento piedoso na alma, como se estivéssemos seguindo a alameda de um cemitério.

Crítica e Fantasia — A. M. Pereira, ed. — Lisbôa.

26. A gruta de pedra

Às nove horas, munidos de archotes, entrámos na formosa Gruta de Pedra, uma maravilha natural. Dentro da gruta, um frio fino e cortante. Grandes salões, de cujo teto escuro pendem colossais candelabros de pedra, sucedem-se, unidos por galerias mudas, de chão húmido e escorregadio.

De quando em quando, o caminho sobe. E o visitante, surpreso, chega a uma nova sala, a um segundo andar da espantosa gruta. À luz do archote, que vascila e desmaia, resvalando pelas paredes rugosas, de anfracto

em anfracto, de furna em furna, aparecem e desaparecem, como por encanto, abismos negros, vultos formidandos de penedos acastelados uns sôbre os outros.

Às vezes, de uma eminência, o olhar mergulha pelos corredores vagamente alumiados, e percebe ao longe, caída de uma fenda da rocha sôbre um chão que brilha dubiamente, a luz do dia, incerta, azulada, fantástica.

E, prestando atenção, num silêncio absoluto, ouve-se o tique-taque das gotas de água pingando sôbre as lajes. filtradas pelas estalactites, continuando o trabalho secular da formação daquelas assombrosas colunas de pedra. Nos pontos raros em que a abóbada se rasga, deixando aparecer um palmo de céu azul, a claridade põe no sólo húmido uma nódoa de côr indefinivel. Há um sítio, de que irrompe, em plena treva, em pleno subterâneo, um tronco de árvore secular. Há quantas centenas de anos terá alí caído abandonada e triste, a semente que foi o berço daquele colosso? Sem ar, sem luz, o pequenino rebento cresceu talvez uma polegada de déz em dez anos.

Subiu a custo, como uma cobra, pelas paredes da immensa caverna.

Engrossou, desenvolveu-se, cresceu.

E, já tronco, prosseguiu a sua viagem desesperada e heróica para a luz, para aquele céu, que adivinhava lá em cima...

Hoje, é curioso seguir êsse percurso: o tronco vai de pedra em pedra, confundindo-se com a rocha, subindo sempre, acompanhando aquí uma anfractuosidade, galgando alí uma cavidade, até que emerge da treva por um buraco aberto no teto da gruta, e abre-se, e expande-se e pompeia, e triunfa, e irradia, e canta em plena luz, alastrando pelo ar a sua gloriosa copa verde, onde garganteiam pássaros, onde vivem ninhos, e de onde pendem os grandes reposteiros fulvos das *barbas de velho*, como mantos régios...

Crítica e Fantasia — A. M. Pereira, ed. — Lisbôa.

COELHO NETO

MARANHÃO — 21-II-1865
† RIO DE JANEIRO — 28-XI-1934

Artista da palavra, Henrique Coelho Neto, romancista e novelista, é um escritor de vigorosa imaginação, cultor da língua, exprimindo-se com elegância, graça e originalidade: o seu vocabulário é rico e copioso, o seu dizer — correto; o seu estilo — límpido, cristalino e colorido.

Professor, Coelho Neto lecionou na Escola de Belas Artes, no Ginásio de Campinas e no Colegio Pedro II; dirigiu a Escola Dramática.

Foi da Academia Brasileira de Letras — cadeira Alvares de Azevedo.

Bibliografia — Suas obras principais são: *Rapsódias* (contos), *A Capital Federal, Miragem, Inverno em flor, A Conquista, Tormenta* (romances), *Baladilhas, Fruto proibido, Bilhetes postais* (contos), *Romanceiro, Sertão* (novelas), *Compêndio da literatura brasileira,* crônicas, peças de teatro, livros escolares primários de colaboração com Bilac e Manuel Bonfim, etc.

---

27. A mata virgem

Cravei as esporas no meu cavalo e, em pouco, alcançava a orla da mata.

Era a grande, a inexplorada selva primitiva, a venerável floresta das eras bárbaras, templo augusto das tríbus.

A alma forte, a alma selvagem e ingênua da raça banida parecia errar, peregrina, pelos meandros obscuros, fazendo com que a selva contasse a sua tradição gloriosa. A princípio, com uma leve aragem, era um sussuro de mistérios como o canto profético do pagé, e crescia: era já o côro guerreiro da tríbu, cantado, nos tempos cruentos da peleja, antes da marcha heróica contra a taba inimiga; mas um vento forte passava, debatiam-se os galhos convulsivamente e o estridor subia grande, ressoante, épico, como o de um encontro válido de bravos, ao estrupidar enfurecido das tangapemas brandidas, ao silvo agudo das flechas, através da algazarra, enquanto as inúbias, sopradas com fúria, espalhavam, uivando soturnamente, de palmar em palmar, o vozeirão tremendo do combate.

Selva augusta! de velhos troncos intactos, jámais feridos pelo gume dos ferros. Galhos caíam, encanecidos de musgos, folhas acumulavam-se no sólo macio e fôfo, amarelecidas, encarquilhadas, sob a proteção da imensa abóbada dos ramos, sempre verdes, e a vida continuava num renovamento perene, a podridão fecundava a primavera; a folha, que se convertia em lama, ressurgia em seiva; um flúido vital corria ininterrompidamente, rejuvenescendo a floresta.

Brotavam flôres em árvores centenárias e, pelos troncos vetustos, quasi apodrecidos, renovos apontavam de folhas tenras, já abotoando; lianas cruzavam-se em cordoalhas grossas duma árvore a outra, filandras caíam em chuva douro franjando garridamente os galhos, e parasitas em flor arrecamavam jequitibás severos. À tona de uma lagoa, coalhada de mururú, insetos voavam em lúcido bando subindo e descendo por um raio de sol, como por uma teia lúcida, e nimbos de luz fulguravam n'água dormente, como nelumbos de ouro. Aves penserosas, tristonhas, num pé só, miravam a lagôa imóvel; nos altos ramos araçarís chocarreiros taralhavam, e, de quando em quando, num vôo pesado, uma arara atravessava o labirinto da folhagem com um grito agudo, que repercutia.

Longo e de enlêvo foi todo o tempo da travessia; vinha caindo suavemente o crepúsculo, quando surgí em um campo de samambaias e de bertiogas, onde havia ruínas.

Sertão — Tip. — Leuzinger — 1897.

VIRGÍLIO VÁRZEA

S. CATARINA — CANAVIEIRAS — 6-I-1865

Poeta e novelista, Virgílio Várzea tem não vulgares qualidades de narrador; como pintor de marinhas e cenas de paisagens da sua terra ninguém se lhe avantaja. Língua e estilo. bons.

Virgílio Várzea foi professor e inspetor de ensino no Distrito Federal.

Bibliografia — Publicou: *Traços azues, Trapos e fantasias*. contos de colaboração com Cruz e Souza, *Mares e Campos, Contos de amôr, Os argonautas*, etc.

28. Manhã na roça

E' pleno inverno.

Aquí e além, galos acordam cantando à aproximação do dia. Uma tênue mancha de claridade argêntea recorta em laca a linha ondulada das colinas verdes. Pouco a pouco, uma poeira de ocre transparente, que se esbate para o alto, cobre todo o horizonte e o sol aponta, deslumbradoramente, como uma gema de ouro flamante. Vapores diáfanos diluem-se lentamente, em meio dos listrões vivos que purpureiam o Nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa; e eleva-se da floresta uma orquestração triunfal.

Despertam de súbito ao alagamento tépido da luz, as culturas adormecidas.

Abrem-se as casas.

Pelos terreiros, húmidos da serenada da noite, homens de cócoras, em camisa, de cangirão na mão, brancos de frio, ordenham as grossas têtas das pacientes e mugidoras vacas, que criam amarradas aos finos paus das parreiras, e que, expelindo fumaça no ar frígido, ruminam ainda restos de grama numa mansidão ingênua de animal digno.

Mulheres de chale pela cabeça chamam as galinhas, com um ruído sêco de beiço tremido, fazendo *brúrrr* e sacudindo-lhes mãos cheias de minho e pirão esfarelado.

Um carro atopetado de raizes de mandioca, arrancadas de fresco, empoeiradas de areia, compridas, tortas, com o aspecto e a côr exquisita das plantas que se avolumam e vegetalizam enterradas, chia monotonamente, em direitura ao engenho, solavancado pela aspereza do caminho, chilreante e aromatizado por florações vigorosas e germinativas, pelas emanações do gado e pelo cheiro acre das laranjas vermelhas, que caem de maturidade.

Cantigas rústicas, amorosas, de uma sinceridade ingênua, com toadas prolongadas e vibrantes, misturam-se à alacridade do campo.

E pela compridão majestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado das reses.

Mares e Campos — **Cunha & Irmão, editores.**

XAVIER MARQUES

E. DA BAÍA — ILHA DE ITAPARICA — 8-XII-1861

Francisco Xavier Ferreira Marques, romancista e poeta, é um formoso talento, servido por notável cultura literária: o que acentuadamente carateriza o escritor baiano é o seu estilo original e próprio, e a correção, pureza e elegância de sua língua.

O jornalista, não desmerece do romancista.

E' da Academia Brasileira de Letras — Cadeira Manuel de Almeida.

Bibliografia — *Temas e Variações* versos; *Uma família baiana,* romance; *Insulares,* versos; *Pindorama, O sargento Pedro, Vida de Castro Alves, A arte de escrever, Ensaio histórico sobre a Independência,* etc.

---

29. O combate

Ao amanhecer, a esquadra do general Madeira, superior a quarenta vasos, apareceu disposta em duas linhas: uma se estendia de Amoreiras até o *Convento;* a outra, na contra-costa, partia do *Contrato* e prolongava-se até o Mocambo. Formavam assim um ângulo, cujo vértice era a fortaleza de S. Lourenço.

Os barcos da flotilha, conchegados com a terra, sumiam-se como exíguas tartarugas num círculo de cachalotes e baleias.

Estranho e misterioso silêncio reinava nas praias quasi desertas, apenas transitadas por algum raro oficial que passava a cavalo, fugazmente, à ourela do mar, ou pelas sombras dos galeirões e andorinhas que, papeando, caíam como balas da atmosfera cheia de luz, estremecida pela brisa fresca do norte.

Junto às baterias do litoral, pequenas turmas de voluntários se conservavam retraídas, como em tocaia.

Rumores abafados saíam detrás do mato marginal, das estacadas de coqueiros, dos mangues, das trincheiras e dos fundos dos valos.

Mas a praia continuava silenciosa.

Ouvia-se o murmúrio discreto das pequenas ondas no cascalho e o flabelar dos coqueiros, cujas palmas verdes, de um frescor insidioso, chamavam os inimigos como mãos de gigantes. Fóra desses acenos nenhuma vida se acusava.

Dir-se-ia a costa de um rochedo só habitado por aves do oceano.

A custo quem a observasse de largo, descobriria sôbre as terras cegas de algumas quebradas, entre as moitas e os barrancos dos outeiros, um ou outro vulto incerto que depressa desaparecia.

O golfo brilhava em todo o seu vasto âmbito, com reflexos móveis de espêlhos.

Com o sol pouco acima do horizonte, Barros Galvão saíu do quartel de Amoreiras, montou em seu cavalo russo crinalvo e desceu à bateria. Ao contato do ar ainda fresco, tinha as mãos e o rosto coloridos de púrpura; a farda de miliciano azul ferrete, agaloada de prata, apertava-lhe o peito amplo. Deu um lance d'olhos à barraca onde se escondia o paiol; repetiu algumas ordens, olhou para a linha dos vasos inimigos e passava às trincheiras, quando uma barca e um lanchão, destacando-se da esquadra, se aproximaram a reconhecer os pontos.

A barca passou a defrontar os muros da fortaleza. Daí partiu o primeiro tiro. Um novelão de fumaça bailou no ar, espargiu-se, apagou-se. A esquadra não respondeu.

As lanchas recolheram-se à linha, e a espectativa durou uma eternidade.

Só uma hora depois decidiu-se o inimigo a atacar.

De varredouras entumecidas, a esquadra pôs-se em marcha evitando a *corôa* de noroeste que o refluxo começava a descobrir, como a oferecer uma ponte aos atacantes.

Pedro, perfilado na bateria, viu o capitão descer ao friso d'água, e repentinamente subir, a articular palavras curtas e rápidas. Depois nada mais ouviu, nada mais viu, senão rochedos que andavam, fortalezas embandeiradas que se moviam para a Ponta frágil, asas brancas de enormes rapineiros a voar pesadamente sôbre as ondas. — Seria êle uma presa que também voaria, mas nas suas

garras, para a morte?... E o pontal resistiria acaso ao choque daqueles penedos de ferro que não tardariam chover? Iria reproduzir-se o velho cataclismo de que tanto falava o pai André?... Brigues, escunas, barcas, fragatas e corvetas, corriam em bordos lentos por entre o fulgor azul do espaço.

— Romaria tremenda!... E pelo espírito do sargento Pedro atravessaram as imagens dolorosas do velho pescador, de Mercês, da Manuela, de tantos mais que talvez nem chegariam a ver o seu cadáver mutilado entre os restos sangrentos da hecatombe.... Caíu num sonho horrível, de que só despertou ao ribombar estupendo dos tiros.

A artilharia de bordo começava a entoar o mais terrível canto de guerra que jamais ouviram as praias e colinas da ilha e jamais repetiram os ecos dos seus boqueirões. Do Balaústre à Eminência, do pontal ao Mocambo, o ângulo de fogo soava com frêmitos, lampejos e silvos de ferro. Uma mortalha negra de fumo se estendia pelo céu: rasgava-se aquí, emendava-se acolá.

Barros Galvão proclamou rapidamente:

— Soldados da independência! Meus patrícios! O inimigo quer expulsar-nos desta terra onde nascemos, e apoderar-se dela para trucidar com as nossas próprias armas a Baía e o Brasil independente!

Juremos perante o céu que êle só pisará nestas praias quando não restar mais de pé nem um de nós... Juremos, camaradas, pela nossa honra, que havemos de ser fiéis à divisa do batalhão expedicionário: vencer ou morrer!... Viva o Principe Regente!

Uma procela de aclamações trovoou ao longo da costa.

Então, ao grito da corneta que se fez ouvir na praia, Pedro mandou tocar a trança abrasada no ouvido da sua peça.

Toda a costa reboou numa escala de estampidos, que a bateria da fortaleza de S. Lourenço dominava com as suas dezesseis bôcas.

Os écos se fundiam sôbre os montes, as balas do mar batiam na areia, o fumo nascia em jorros negros, dilatando-se. Na bateria de Pedro já os serventes, por algum tempo mudos de comoção, atinavam com as vozes do ofício. "O soquete!... A trança... Vá...".

A peça juntava o estrondo aos longínquos trovões da esquadra e da flotilha. E pouco a pouco o ronco dos outeiros, que pareciam ter alma e gemer, deixou de abalar o coração do sargento. Não o afligiam mais reminiscências de amôr nem cuidados da vida. Tornava a possuir a força calma do seu ser, indiferente às balas que lhe caíam em tôrno: as mãos negras, o rosto negro de pólvora, o braço em movimentos certos, jogando o soquete como girava o trado no madeiro dos barcos.

Já durava horas o combate e, si não havia mortos em terra, não havia esperança de vitória tão cedo.

No meio dessa luta sem praso, foi a guarnição de Amoreiras surpreendida pelo salto de um cavalo que esbarrou na praia, junto ao capitão Galvão. Era o ajudante do governador da ilha que chegava anunciando o que passava nas praias e águas do oéste.

— A *vóvó* destroçada!... Um brigue encalhado no baixio de Mocambo...

Botas ataca-o.

A espada estremecia no punho de Galvão. A *Vóvó* era uma das maiores barcas de guerra dos lusitanos.

No mar, na fortaleza, ao longo da costa e da contra-costa, as bôcas de fogo continuavam a troar...

O Sargento Pedro — Tipografia Baiana, de C. Melchiades, Baía — 1910.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

PERNAMBUCO — RECIFE — 4-IX-1867
† RIO DE JANEIRO — 1934

Medeiros e Albuquerque (José Joaquim de Campos da Costa de) fez a sua estréia como poeta com os *Pecados;* depois afirmou-se um novelista de fino quilate; e foi ainda jornalista, orador, crônista, ensaista, crítico e pedagogo.

É o autor da poesia do *Hino da Proclamação da República,* cuja música é do malogrado Leopoldo Miguez.

Exerceu o cargo de professor da mitologia na Escola Na-

cional de Belas Artes, tendo ocupado o lugar de Diretor Geral da Instrução pública no Distrito Federal.

Pertenceu à Academia Brasileira, cadeira José Bonifácio, o moço.

Deixou publicados: *O remorso, Pecados, Mãe tapuia, Poesias, Em voz alta, O silêncio é de ouro, Literatura alheia*, etc.

---

30. O filho do inspetor

O Raposinho — como nós lhe chamávamos — era realmente a mais meiga das criaturas. A despeito da primeira prevenção, fez-se amar por todos.

Por todos, não. Havia um grupo de dez ou doze que o detestava: a escória do colégio, os rebeldes, os de mau carater. Um deles principalmente, o 69, a quem nós chamávamos o Fuinha, multiplicava-lhe as picardias, as pilhérias de mau gôsto.

Mas, assombroso de dedicação era o procedimento do velho inspetor.

Adorando o filho, chegava a privar-se de falar com êle a semana inteira, só para não acusarem o menino de ser o espião de seus colegas.

Dava-lhe apenas pela manhã e à noite a sua bênção e acompanhava-a de um beijo; isto mesmo fazia-o bem claramente, à vista de todos.

Quando um fato ocorria, digno de castigo e cujos autores não eram conhecidos, e que o obrigava a punir o grupo dos mais próximos, o Raposo incluía sempre o filho. O velho ficava às vezes com os olhos cheios de lágrimas. A injustiça revoltante era para êle que a praticava concientemente, só para não o acusarem de proteger o pequeno, uma dôr de alma.

Temia perder aquele emprêgo, interromper os estudos do menino. Estava pronto a submeter-se a tudo.

Certa vez, na classe, alguém, no meio do silêncio geral, pisou a cabeça de um fósforo de estalo. O inspetor perguntou quem fôra.

Ninguém se acusou. Insistiu.

Viu-se então o Fuinha, cinicamente, levantar-se e dizer:

— Eu sei quem foi, *seu* inspetor. Foi *seu* Raposinho.

Era a mais evidente das falsidades; o estalo partira da outra banda da sala. Mas o velho teve apenas um momento de hesitação. Voltou para o filho os olhos mansos, os seus tristes olhos de cão batido, e mandou-o de castigo.

Houve em toda a classe um movimento de revolta. O 63, um bom e leal companheiro, que estava ao lado do Raposinho, olhou para o Fuinha como a dizer-lhe "Tu me pagas!" e levantou-se:

— E' mentira. Quem fez o barulho fui eu.

Todos nós compreendemos que êle se estava acusando em falso, indignado pela infâmia do Fuinha. Mas o Raposinho, que já se erguera para o castigo e viu também a generosidade do colega, atalhou logo:

— Não, senhor, fui eu mesmo...

O inspetor ficou perplexo. Logo, porém, o verdadeiro autor confessou sua falta. Como, porém, saber qual dos três que se acusavam fôra, do fato, o responsável? Toda a sala ansiava por ver como se decidiria o caso. O inspetor voltou-se para o filho:

— Só uma pessoa pode ter feito o mal. Deve ter sido o senhor, porque, além de se acusar, foi visto pelo seu colega, que o denunciou.. Vá para o castigo.

Nós tremíamos de raiva — raiva do Fuinha. Minutos depois tocou a sineta do recreio. Descemos, em forma, dois a dois, como um batalhão. Mas assim que chegámos ao páteo, mal o inspetor dera a ordem para debandar ouvia-se um formidável sopapo, que o 63 aplicava na bochecha do Fuinha e todos, com a fúria que estávamos, caímos-lhe em cima aos socos, aos pontapés...

O Diretor, chamado, veio a saber da realidade do fato e, fingindo-se, embora, muito zangado, deu-nos um simulacro de punição.

O Raposo tinha conquistado a estima geral. Fez-se respeitar pela brandura, pela delicadeza com que nos tratava.

Nos colégios, um dos motivos porque os inspetores não infundem respeito aos alunos, é pela sua habitual ignorância: são para os meninos um motivo de troça. Com êle, porém, não sucedia isto. Era para nós um auxiliar, um tira-dúvidas solícito, bondoso, instruido, que

sabia explicar as coisas claramente. Do seu antigo ofício de jornalista, ficara-lhe uma certa elegância de linguagem.

Si havia um que raramente o consultava, era o filho; o velho evitava que o acusassem de preparar as lições do pequeno. Este, porém, inteligente e aplicado, só tinha notas *boas* e *ótimas*.

Todas estas virtudes do Raposo não impediam que nós brincássemos, que lhe déssemos sobejos motivos de aborrecimento: travessuras naturais, que não podíamos reprimir.

Mãe Tapuia — H. Garnier, editor.

EUCLIDES DA CUNHA

ESTADO DO RIO, 20-I-1868
† RIO DE JANEIRO,15-VIII-1909

Euclides da Cunha é um dos maiores vultos das letras brasileiras: num estilo forte e poderoso, o escritor fluminense é, a um tempo, homem de letras e homem de ciências. O seu extraordinário livro *Os Sertões*, "uma das bíblias da moderna literatura brasileira" é obra de um grande pensador, filósofo e sábio.

Foi professor (por concurso) de lógica no Colégio Pedro II.

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Academia Brasileira de Letras — cadeira Castro Alves.

Euclides da Cunha morreu tragicamente, vencido pela bala assassina, vítima do crime mais hediondo...

Bibliografia — *Os Sertões* (*Campanha de Canudos*) (1902) — *Contrastes e Confrontos* (Porto, 1907) — *Perú versus Bolívia* (1907), traduzido em espanhol pelo presidente da Bolívia, o sr. Eliodoro Villazon — *Martin Garcia* (1908), trasladado para o espanhol pelo sr. Augustin Vedia (Buenos Aires) — *Castro Alves e seu tempo* (1908), conferência, em S. Paulo — *À Margem da História* (1909); — além de diversos trabalhos, esparsos por jornais e revistas, e ainda o *Relatório da Comissão Mixta Brasileira-Peruana de Reconhecimento do Alto Purús* (1906) — trabalho em que colaborou o Comissario peruano, Pedro Alejandro Buenano.

---

31. O sertanejo

O Sertanejo é, antes de tudo, um forte.

Não tem o raquitismo exhaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. E' desgracioso, desengonçado, tôrto. Hercules-Quasímodo reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quasi gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente acurvada, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sôbre um dos estribos, descansando sôbre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E, si na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo — cai é o termo — de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sôbre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

E' o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas.

O homem transfigura-se. Impertiga-se estadeando novos relêvos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sôbre os ombros possantes, aclarada pelo olhar dessassombrado e forte; e corrigem-se-lhe prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu achamboado, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento inesperado de fôrça e agilidade extraordinárias.

Este contraste impõe-se à mais leve observação. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja — caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.

É impossível idear-se cavaleiro mais descuidado e deselegante; sem posição, pernas coladas no bôjo da montada, tronco pendido para a frente e oscilando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos. Nesta posição indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quasi transforma o campeão que cavalga na rêde amolecedora em que atravessa dois terços da existência.

Mas si uma rês *alevantada* envereda, esquiva, adiante pela caatinga *garranchenta*, ou si uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momento transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria, e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas.

Vimo-lo neste "steeple-chase" bárbaro.

Não há contê-lo, então, no ímpeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moutas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encalçar o garrote desgarrado, porque *por onde passa o boi, passa o vaqueiro com seu cavalo...*

Colado ao dôrso dêste, confundindo-se com êle, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando, adiante, nas macegas altas; saltando valos e ipueiras; vingando cômoros alçados; rom-

pendo, célere, pelos espinheirais mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos taboleiros...

A sua compleição robusta ostenta-se nesta ocasião, em toda a plenitude.

Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustentando-o nas rédeas improvisadas de caruá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira — estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, tôrso colado no arção, — *escanchado no rasto* do novilho esquivo; aqui curvando-se agilíssimo, sob uma galhada, que lhe roça quasi pela sela; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento, e galgando logo depois, num pulo, o selim; — e galopando sempre, através de todos os obstáculos, sopesando à dextra sem a perder nunca, sem a deixar no emaranhado dos cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encastoada em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios obstáculos à travessia...

Mas, terminada a refrega, restituida ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo caído sôbre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e indolente, oscilando à feição da andadura lenta, com a aparência triste de um inválido fatigado.

(*Os Sertões, Campanha de Canudos* — 2.ª edição — 1903 — Laemmert & Comp.).

AFONSO ARINOS

ESTADO DE MINAS — PARACATU' — 1-V-1868
† BARCELONA — ESPANHA — 19-II-1916

O Dr. Afonso Arimos de Melo Franco era formado pela Faculdade de Ciências Juridicas e Sociais de S. Paulo (1889). Advogou na capital paulista.

Afonso Arinos, cujo formoso livro de contos — *Pelo Sertão* — livro de estréia — foi recebido com os mais francos e me-

recidos aplausos, revelou-se, logo à primeira prova, um escritor feito, narrador simples, elegante e correto.

Afonso Arinos pintava e descrevia com mão de mestre os costumes e as cenas da província, do campo e do sertão, e retratou com pulso firme mais de um tipo de sertanejo.

Foi do Instituto Histórico e da Academia Brasileira, cadeira Visconde do Rio Branco.

Bibliografia — Publicou: *Pelo Sertão, Notas do Dia, Os jagunços, Contratador de diamantes*, etc.

---

32. Os tropeiros

(*Do Assombramento*)

O escampado se enoitecera, e com êle o rancho e a tapéra. O rôlo de cêra, há pouco aceso e pregado ao pé direito do rancho, fazia uma luz fumarenta. Em baixo da tripeça, o fogo estalava ainda. De longe vinham aí morrer as vozes do sapo-cachorro, que latia, lá num brejo afastado, sôbre o qual os vagalumes teciam uma trama de luz vacilante. De cá se ouvia o resfolegar da mulada, pastando espalhada pelo campo. E o cincerro da madrinha, badalando compassadamente aos movimentos do animal, sonorizava aquela grande extensão êrma.

As estrêlas em divina faceirice, furtavam o brilho às miradas dos tropeiros, que, tomados de languor, banzavam, estirados nas caronas, apoiadas as cabeças nos serigotes, com o rosto voltado para o céu.

Um dos tocadores, rapagão do Ceará, pegou a tirar uma cantiga. E, pouco a pouco, todos aqueles homens errantes, filhos dos pontos mais afastados desta grande pátria, sufocados pelas mesmas saudades, unificados no mesmo sentimento de amor à independência, irmanados nas alegrias e nas dores da vida em comum, responderam em côro, cantando o estribilho. A princípio, timidamente, as vozes meio veladas deixaram entre-ouvir os suspiros; mas, animando-se, animando-se, a solidão foi-se enchendo de melodia, foi-se povoando de sons dessa música espontânea e simples, tão bárbara e tão livre de regras, onde a

alma sertaneja soluça ou geme, campeia vitōriosa ou ruge traiçoeira — irmã gêmea das vozes das féras, dos roncos da cachoeira, do murmulho suave do arroio, do gorjeio delicado das aves e do tétrico fragor das tormentas. O idílio ou a luta, o romance ou a tragédia viveram no relêvo extraordinário dêsses versos mutilados, dessa linguagem brutesca da tropeirada.

E, enquanto um dêles, rufando um sapateado, gracejava com os companheiros, lembrando os perigos da noite nesse êrmo — consistório das almas penadas — outro, o Joaquim Pampa, lá das bandas do Sul, interrompendo a narração de suas proezas na campanha, quando corria à cola da bagualada, girando as bolas no punho erguido, fez calar os últimos parceiros, que ainda acompanhavam nas cantilenas o cearense peitudo, gritando-lhes:

— Chê, povo! Tá chegando a hora!

O último estribilho:

Deixa estar o jacaré
Que a lagôa há de secar!

expirou magoado na bôca daqueles poucos amantes resignados, que esperavam um tempo mais feliz, onde os corações duros das morenas ingratas amolecessem para seus namorados fiéis:

Deixa estar o jacaré
Que a lagôa há de secar!

O tropeiro apaixonado, rapazinho esguio, de olhos pretos e fundos, que contemplava absorto a barra do céu, ao cair da tarde, estava entre estes; e, quando emudeceu a voz dos companheiros ao lado, êle concluiu a quadra com estas palavras, ditas em tom de fé profunda, como se evocasse mágoas longo tempo padecidas:

Rio Preto há de dar vau
Té p'ra cachorro passar!

Pelo Sertão — **Laemmert & Comp., editores.**

33. Burití perdido

Velha palmeira solitária, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de magestade e de tristura não exprimes, venerável epónimo dos campos!

No meio da campina verde, de um verde esmaiado e merencório, onde tremeluzem às vezes as florinhas douradas do alecrim do campo, tu te ergues altaneira, levantando ao céu as palmas têsas, — velho guerreiro petrificado em meio da peleja!

Tu me apareces como o poema vivo de uma raça quasi extinta, como a canção dolorosa dos sofrimentos das tríbus, como o hino glorioso de seus feitos, a narração comovida das pugnas contra os homens de além! Porque ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram?

Nem os rapsodistas antigos, nem a lenda cheia de poesia do cantor cego da Ilíada comovem mais do que tú, vegetal ancião, cantor mudo da vida primitiva dos sertões! Atalaia grandioso dos campos e das matas — junto de ti passe tranquilo o touro selvagem e as potrancas ligeiras, que não conhecem o jugo do homem. São teus companheiros, de quando em quando, os patos pretos que arribam ariscos das lagoas longínquas em demanda de outras mais quietas e solitárias, e que dominas, velha palmeira, com tua figura erecta, quêda e magestosa como a de um velho guerreiro petrificado.

As varas de queixadas bravios atravessam o campo e, ao passarem junto de ti, talvez por causa do ladrido do vento em tuas palmas, rodomoinham e rangem os dentes furiosamente, como rufar de tambores de guerra.

O corcel lubuno, pastor da tropilha, à sombra de tua fronde, sacode vaidosamente a cabeça para arrojar fora da testa a crina basta do topete, que lhe encobre a vista; relincha depois, nitre com fôrça apelidando a favorita da tropilha, que morde o capim mimoso da margem da lagôa.

Junto de ti, à noite, quando os outros animais dormem, passa o cangussú em monteria; quando volta, a carne da prêa lhe ensanguenta a fauce e seu andar é mais lento e ondulante.

Talvez passassem junto de ti, há dois séculos, as primeiras bandeiras invasoras; o guerreiro tupí, escravo dos

de Piratininga, parou então extático diante da velha palmeira e relembrou os tempos de sua independência, quando as tribus nômadas vagavam livres por esta terra.

Poeta dos desertos, cantor mudo da natureza virgem dos sertões, evoé! Gerações e gerações passarão, ainda, antes que séque êsse tronco pardo e escamoso.

A terra que te circunda e os campos adjacentes tomaram teu nome, ó epónimo, e o conservarão.

Si algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sóco, velho Burití Perdido.

Então, como os hoplitas atenienses cativos em Siracusa, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores à narração das próprias desgraças nos versos sublimes de Eurípedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a própria destruição, comparando teu direito à vida com a poesia selvagem e dolorida que tu sabes tão bem comunicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primevas, uma alma que tenhas movido ao amor e à poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento às gerações extintas, uma página aberta de um poema que não foi escrito, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra.

Laemmert & Comp. — 1898.

GRAÇA ARANHA

MARANHÃO — 21-VI-1869
† RIO DE JANEIRO — 21-I-1931

Foi em Londres que o Dr. Graça Aranha publicou o seu livro de estréia, o romance *"Chanaan"* — obra de poeta, de pensador e de filósofo. *Este livro,* escreve José Verissimo, *estréia como não me lembra outra em nossa literatura, é a revelação nela de um grande escritor"*.

Um dos fundadores da Academia Brasileira, Graça Aranha ocupou a cadeira Tobias Barreto.

Bibliografia — Suas obras principais são: *Chanaan,* romance; *Malasarte,* peça de teatro; *A Estética da Vida, A Viagem maravilhosa,* etc.

34. Queimada

Começara a queima. O fogo, erguera-se e lambia num anseio satânico os troncos das árvores. Estas estremeciam num delicioso espasmo de dôr. Toda a ramagem da base foi ardendo, e as parasitas, como rastilho de pólvora levavam as chamas à copa, e a fumaça aumentando entupia as verêdas e arremessava para frente o bafo quente do fogo, que lhe seguia no encalço. Muitas árvores estavam contaminadas, ardiam como tochas monstruosas, e, estendendo os braços umas às outras, espalhavam por toda a parte a voragem do incêndio. O vento penetrava pelos claros abertos e esfusiava, atiçando as chamas. Pesados galhos de árvores que caíam, troncos verdes que estalavam, resinas que se derretiam estrepitosas, faziam a música desesperada de uma imensa e aterradora fuzilaria. Os homens olhavam-se atônitos diante do clamor geral das vítimas. Línguas de fogo viperinas procuravam atingí-los. Recuavam, fugindo à perseguição das colunas que marchavam. Pelos cimos da mata se escapavam aves espantadas, remontando às alturas num vôo desesperado, pairando sôbre o fumo. Uma araponga feria o ar com um grito metálico e cruciante. Os ninhos dependurados arderam, e um piar choroso entrou no côro como nota suave e triste. Pelos abertas do mato corriam os animais destocados pelo furor das chamas. Alguns libertavam-se do perigo, outros caíam inertes na fornalha.

Num alvorôço de alegria, os homens viam amarelecer a folhagem verde, que era a carne, e fender-se os troncos firmes, erectos, que eram a ossadura do monstro. Mas o fogo avançava sôbre êles, interrompendo-lhes o prazer. Surpresos, atônitos, repararam que a devastação tétrica lhes ameaçava a vida e era invencível pelo mato a dentro, quasi pelas terras alheias. E feros e duros atiravam-se à enxada para cavar o aceiro. Do lado da praia o trabalho foi fácil; o terreno estava desbastado e limpo. Aí abriram rápido o sulco protetor. Do outro lado, no meio da floresta, nos limites da área do lote, a luta foi tremenda.

A nevrose do pavor centuplicou-lhes as fôrças. Os pigmeus, que se não mediam com as árvores e que, não podendo vencê-las, tinham recorrido ao fogo, agora, sob

o aguilhão da defesa própria, se arrojavam contra os paus com o denodo de gigantes. E afogueados, enegrecidos, cavaram a trincheira pelo rumo, e, si encontravam o embaraço de algum tronco, atacavam-no a machado, com raiva, com ânsia, com febre. O aceiro foi sendo aberto até que o fogo se aproximou; a coluna, como um ser animado, avançava solene, sôfrega por saciar o apetite.

Sôbre a terra queimada na superfície, aquecida até ao seio, continuava a queda dos galhos.

O fogo não tardou a penetrar num pequeno taquaral. Ouviram-se sucessivas e medonhas descargas de um tiroteio, quando a taboca estalava nas chamas. O fumo crescia e subia ao ar rubro, incendiador; os estampidos redobravam, as labaredas esguinchavam, enquanto a fogueira circundava num abraço a moita de bambús. A cem metros de separação, os colonos cavavam sempre. Farto de devorar a carne dura do bambual, o fogo desafogou-se, e célere, e lépido, foi veredeando por um atalho, sorvendo os arbustos, que se erguiam, à margem, até chegar ao aceiro. Já os homens, num esfôrço imenso, se tinham adiantado. As chamas abeiraram-se da vala e, diante do espaço aberto e intransitável, detiveram-se e espalharam-se para a direita e para a esquerda, continuando a sua obra.

Os colonos e trabalhadores semi-mortos voltavam à casa, logo que se reconheceram senhores do perigo, invencíveis sacrificadores da terra.

Chanaan — 2.ª edição — H. Garnier.

35. Os pirilampos

Os primeiros vagalumes começavam no bôjo da mata a correr suas lâmpadas divinas...

No alto, as estrêlas miúdas e sucessivas principiavam também a iluminar... Os pirilampos iam-se multiplicando dentro da floresta, insensivelmente brotavam silenciosos e inumeráveis nos troncos das árvores, como se as raizes se abrissem em pontos luminosos... A desgraçada, abatida por um grande torpor, pouco a pouco

foi vencida pelo sono; e, deitada às plantas da árvore, começou a dormir... Serenavam aquelas primeiras ânsias da Natureza, ao penetrar no mistério da noite.

O que havia de vago, de indistinto, no desenho das cousas, transformava-se em límpida nitidez.

As montanhas acalmavam-se na imobilidade perpétua; as árvores esparsas na várzea perdiam o aspecto de fantásmas desvairados... No ar luminoso tudo retomava a fisionomia impassível. Os pirilampos já não voavam, e miríades e miríades dêles cobriam os troncos das árvores, que faiscavam cravados de diamantes e topázios. Era uma iluminação deslumbrante e gloriosa dentro da mata tropical, e os fogos dos vagalumes espalhavam aí uma claridade verde, sôbre a qual passavam camadas de ondas amarelas, alaranjadas e brandamente azues. As figuras das árvores desenhavam-se envôltas numa fosforecência zodiacal. E os pirilampos se incrustavam nas folhas e aquí, alí e além, mesclados com os pontos escuros, cintilavam esmeraldas, safiras, rubís, ametistas e as mais pedras que guardam parcelas das côres divinas e eternas.

Ao poder dessa luz o mundo era de um silêncio religioso, não se ouvia mais o agouro dos pássaros da morte; o vento que agita e perturba, calara-se... Por toda a parte a benfazeja tranquilidade da luz... Maria foi cercada pelos pirilampos que vinham cobrir o pé da árvore em que adormecera. A sua imobilidade era absoluta, e assim ela recebeu num halo dourado a cercadura triunfal; e, interrompendo a combinação luminosa da mata, a carne da mulher desmaiada, transparente, era como uma opala encravada no seio verde de uma esmeralda. Depois os vagalumes incontáveis cobriram-na, os andrajos desapareceram numa profusão infinita de pedrarias, e a desgraçada, vestida de pirilampos, dormindo imperturbável como tocada de uma morte divina, parecia partir para uma festa fantástica no céu, para um noivado com Deus... E os pirilampos desciam em maior quantidade sôbre ela, como lágrimas das estrêlas. Sôbre a cabeça dourada brilhavam reflexos azulados, violáceos, e daí a pouco braços, mãos, colo, cabelos sumiam-se no montão de fogo inocente. E vagalumes vinham mais e mais, como se a floresta se desmanchasse toda numa pulverização de luz,

caindo sôbre o corpo de Maria até o sepultarem numa tumba mágica.

Um momento, a rapariga inquieta ergueu docemente a cabeça, abriu os olhos, que se deslumbravam. Pirilampos, espantados, faiscavam relampagos de côres... Maria pensou que o sonho a levára ao abismo dourado de uma estrêla, e recaiu adormecida na face iluminada da Terra.

Chanaan — 2.ª edição — H. Garnier.

AFRÂNIO PEIXOTO

BAÍA — LENÇÓIS, 17-XII-1876

Ciêntista — professor e médico, homem de letras — romancista e autor didático, o Dr. Afrânio Peixoto revelou-se com a publicação do seu romance a *A esfinge*, um escritor feito. O seu *"estilo não tem escarpas*, diz Araripe Junior; *é fluido, correntio e cantante"*.

O Dr. Júlio Afrânio Peixoto exerceu o cargo de Diretor Geral da instrução pública do Distrito Federal, tendo antes dirigido a Escola Normal.

Professor das Faculdades de Medicina e Livre de Ciências Juridicas e Sociais.

A Esfinge, o seu formoso romance, abriu-lhe as portas da Academia Brasileira de Letras, onde substituiu Euclides da Cunha, na cadeira Castro Alves.

Bibliografia — *Epilepsia e crise* (1898) — *Rosa mística* (1900) — *Clima e doenças do Brasil* (1907) — *Elementos de medicina legal* (1910) — *A Esfinge*, romance (1911) — *Manual de Tanatoscopia Judiciária* — *Elementos de higiene* (1914) — *Maria Bonita*, romance (1914) — *Elementos de psico-patologia forense* — *Noções de higiene*, de parceria com o Dr. Graça Couto — *Minha terra e minha gente* (1916) — *Parábolas*, etc.

---

36. Saudade

Paulo via e sentia aproximar-se o seu velho lar amigo. Tinha um ar tão sereno e tão doce que ninguém lhe perscrutaria o segrêdo da lenda sinistra... os lugares trágicos recebem sempre do tempo a compensação de

uma velhice pacífica e amável na decadência. Não há ruínas cruéis; as masmorras vazias não são temerosas... tudo o que foi tem no presente um aspecto suave de melancolia, porque aí mora a saudade, a grande alma triste do passado.

Olhava enternecido a alvenaria cinzenta e desnudada daquelas paredes, furadas pela sombra quadrada e profunda das janelas abertas, que se levantava diante dêle, não para o exprobrar do longo abandono, mas, resignada e carinhosa, para o agasalhar e o entreter, na lembrança dos dias alegres e tristes que se foram...

Alegres e tristes... Já a encontraria deserta a velha casa... Já não veria enchê-la a serenidade grave e pensativa do pai, sempre indulgente e bom, sem uma palavra mais alta...

Dêsde muito cedo foram grandes amigos, procurando-se cada dia para longos passeios na sala para lá e para cá, de mãos dadas, conversando como dois homens... Contava-lhe histórias, ensinava-lhe coisas que êle ouvia atento ou interrompia para novas explicações ou contos já conhecidos...

E sempre no fim achava meios de conversar coisas sérias, das quais saía dignificado, porque o pai afirmava que êle era um homem de bem.

Os homens de bem não faziam isto, não faziam aquilo... não brincavam com fogo, não respondiam aos mais velhos, não faziam macriações, não judiavam com os animais, não tiravam nada às escondidas, bebiam os remédios que as mães lhes davam, não mentiam, eram obedientes, tomavam banho frio. E êle fazia ou devia fazer tudo isto, porque era um homem de bem... Algumas coisas lhe desagradavam... Os homens de bem não deviam tomar banho frio... nem remédios ruins. Mas o pai insistia, o pai sabia que era assim... quereria êle, tão pequeno, consertar o mundo?...

Não sabia bem o que seria consertar o mundo, mas, tão pequeno, não queria consertar o mundo.

Êle, pai, não tomava banhos e remédios, sem chorar? Assim eram os homens de bem... E se conformava... prometendo ao menos. A sua pequena vaidade fôra criada assim... e tanto como os conselhos, lhe

agradava o fato mesmo da conversa com o pai, a sós os dois, passeando seriamente como gente grande. Nem os brinquedos, nem as gulodices, nem as histórias, nem os carinhos maternos, nada o distraía, à tardinha, de sua palestra... Achegava-se, esperando o momento, espiando se o pai estava só... Quando se esquecia, êle ousava: Papai, vamos dar o nosso passeio? Era o sinal... Assim, fizera-o homem desde cedo; não era muito que se enternecesse agora, como uma criança, evocando a grande figura amada, boa, simples, amiga e indulgente que se fôra e que não passearia nem conversaria com êle, para convencê-lo de que devia ser um homem de bem...

A Esfinge, — 2.ª edição — Francisco Alves & Comp., 1911.

HUMBERTO DE CAMPOS

MURITIBA — MARANHÃO — 25-X-1886
† RIO DE JANEIRO — 5-XII-1934

"Escrevo a história da minha vida, não porque se trate de mim; mas porque ela constitue uma lição de coragem aos tímidos, de audácia aos pobres, de esperança aos desenganados, e, dessa maneira, um roteiro útil à mocidade que a manuseie". Foi com estas palavras que Humberto de Campos apresentou suas "Memórias". Com efeito, pobre, caixeiro a princípio e depois tipógrafo, cedo começou a escrever na imprensa do Norte e veio para o Rio de Janeiro em 1912, onde se tornou em breve o escritor mais lido do seu tempo. Para isto dispunha de naturalidade, clareza e graça. Também consagrou-se como crítico. Foi deputado federal pelo seu Estado e membro da Academia Brasileira de Letras, cadeira de Joaquim Manuel de Macedo.

Bibliografia — *Poesias* (1ª e 2ª Séries), *Memórias* (auto-biografia), *À sombra das tamareiras, Lagartas e Libélulas, Crítica* (1ª, 2ª e 3ª Séries), etc.

---

37. A primeira escola

A primeira coisa que de algum modo me atemorizou neste mundo antes dos sete anos, não foi, assim, nem a Morte, com seu mistério, nem minha Mãe, com seu chicote, nem o Anti-Cristo, com o seu uivo apavorante: foi um homem terrível e estranho, cuja figura passeia, ainda hoje, sinistramente, nos sombrios subterrâneos da minha memória.

Próximo à nossa casa havia uma escola primária, cujo professor tinha sido muito amigo de meu pai. Chamava-se Agostinho Simões. Era um homem alto, forte, moreno, de grandes e trágicos bigodes negros. Completando a gravidade do aspecto, usava, por sofrimentos da vista, óculos pretos. Falecido meu pai, e continuando eu a progredir no meu curso livre de vadiação, resolveu minha mãe prender-me na gaiola do professor Agostinho, para beliscar a alpista graúda do alfabeto. E, um dia, tendo eu seis anos e meses, fui conduzido à escola como um cabrito que se leva ao matadouro.

A impressão que tive dessa primeira casa de ensino em que entrei, foi, positivamente, a mais ingrata revelação da minha infância. Era uma sala escura, pavimentada de barro batido. Colocados uns atrás dos outros, e todos na mesma direção, os bancos estreitos, sem encôsto nem apoio para os pés. Neles, os alunos, gente humilde e amedrontada. E, diante dêstes, em uma pequena mesa colocada sôbre um estrado, o Sr. Agostinho Simões. Dominando a mesa do Sr. Agostinho, a palmatória, a indispensável "Santa Luzia", terror das mãos infantís.

Entregue ao professor, êste me designou uma ponta de banco. Sentei-me. A pessoa que me conduzira regressou, deixando-me abandonado nas mãos do carrasco. E este, como se estivesse esquecido de mim, iniciou a aula. De minuto a minuto um grito estrondava. Urro de onça em curral de bezerros. A bigodeira do professor Agostinho, os seus óculos pretos, a sua cara fechada, as rugas

da sua testa, e aqueles roncos que pareciam de trovão entre montanhas, acompanhados, não raro, pelo estalar da palmatória nas mãos sujas daqueles pobres filhos de pescadores, acabaram por aterrorizar-me. Duas horas depois de ter chegado, eu não podia mais. De vez em quando olhava para a porta de saída, num desejo angustioso de liberdade. Em um ramo de ateira, que se via da minha ponta de banco, dois passarinhos brincavam, perseguindo-se. Até que, em determinado momento, marquei o rumo, e abalei na carreira, porta afora, como um foguete orientado em sentido horizontal. Vinha de tal modo, que entrei em casa pela porta da rua, atravessei três ou quatro peças, passei pela cozinha e fui parar por não poder ir mais longe, no fundo do segundo quintal.

Ao fim de alguns minutos, aparecia, porém, a pequena distância, o vulto de minha mãe, com um pedaço de corda na mão.

— Já! Volte para a escola! Vai ou apanha!

Preferí apanhar; não fui. À tarde, o Sr. Agostinho Simões surgia em nossa casa, rindo à vontade do susto que me pregara, por encomenda de minha mãe. Abraçou-me; fez-me agrados ligeiros, disse-me palavras alegres e amigas. Mas a figura que eu guardei na lembrança, foi a do homem de fisionomia trágica e de voz tonitroante, que parecia desafiar o mundo, com os seus óculos, com os seus bigodes e com a sua palmatória.

(*Memórias* — Primeira Parte).

---

38. Um general que não chegou a soldado

Com a conciência da minha culpa, eu procurei, naturalmente, todos os modos de não aumentar os desgostos de minha mãe. Contribuía, talvez, para êsse esforço, a gratidão que lhe devia pela maneira corajosa por que me defendera, amparando-me, protegendo-me, quasi me absolvendo, na hora em que todos me condenavam. Ela

estava, provavelmente, convencida de que eu não era inocente. Mas, eu era seu filho. E quem me levantaria da lama a que me havia arrojado, si ela se não pusesse abnegadamente entre mim e o mundo, afrontando as iras dêle, guardando com o seu próprio corpo o adolescente culpado, mas que era sangue do seu sangue, carne da sua carne.

Compreendí que devia pagar com a correção da minha conduta aquele excesso de dedicação maternal. Pela manhã, após o café, e de regresso da "feira", aonde voltára a fazer as compras domésticas, sentava-me à máquina de fabricar meias, e punha-me a trabalhar. Fazia meias de senhora, de homens e de crianças. Fazia as primeiras "fechadas" ou "abertas", à moda do tempo ou ao gôsto da freguesa. Fazía-as de ponto frouxo, ou apertado, conforme a grossura da perna. Fazía-as graduando o tamanho do pé, imprimindo cento e dez voltas ao cilíndro quando a encomendá vinha da coroa ou dos Tucuns e sessenta e cinco, apenas, quando procedia de alguma casa aristocrática da rua Grande. E a minha tarefa subia, não raro, a cinco pares diários, os quais minha mãe ia "fechando" à mão, isto é, serzindo no ponto terminal, no bico do pé, e passando a ferro, para a venda ou entrega no dia seguinte. Senhoras da Paraíba, então jovens, hoje matronas, tiveram, ha trinta e três anos, a perna moça e morena comprimida por meias de dois fios, ou de um só, fabricadas por esta mão que devia, mais tarde, escrever livros alegres ou tristes, legislar para o seu país, e segurar, enluvada, por benignidade do Destino, o punho de ouro de um espadim acadêmico!

Qual seria, entretanto, por essa época, o alvo do meu pensamento? Em que poria, nesse deserto material e moral, a minha esperança? Creio que trabalhava com entusiasmo, e até com sofreguidão, mas sem objetivo. Trabalhava porque o trabalho correspondia a uma necessidade do meu temperamento e constituia um derivativo das energias que acordavam em mim.

Essa foi, aliás, sempre, uma das características da minha personalidade, mesmo quando ela se não havia ainda definido. Em qualquer situação que me encontre, deso-

brígo-me das atribuições que me cabem sem qualquer idéia das consequências. Vóu, sempre, para diante, de olhos fechados. Si tivesse nascido no século XV e me houvessem confiado uma frota, eu teria descoberto a América sem o menor pensamento na glória do feito. Posto o leme em determinada direção, viajo até descobrir um Novo-Mundo ou rebentar num rochedo a proa de minha caravela. Navego mais pelo gôsto de navegar do que pela idéia de saber o que existe no fim da viagem.

Certa vez, porém, uma senhora que alimentava paixão pela farda, reminiscência de um cadete do Ceará que lhe ficara no pensamento, abriu diante dos meus olhos espantados o futuro que me aguardava, e que se tornaria realidade si eu seguisse a carreira militar. Com uma vivacidade atordoante, descreveu-me, ela, o meu destino vitorioso e seguro, a minha ascenção através dos postos, com o braço enrolado em galões de ouro e o quépi enfeitado de folhas de loureiro, na indumentária oficial dos heróis. Viu-me alferes aos dezenove anos; tenente, aos vinte e dois; e capitão, e major, e tenente-coronel, e coronel, e, finalmente, general.

— General, como Artur Oscar! — lembrou-me, com o pensamento, ainda, na campanha de Canudos.

Foi isso por ocasião de uma visita, em companhia de minha mãe. Era à noite. De regresso, arranjei em caminho, com um antigo alferes aluno desligado da Escola Militar do Ceará, uma álgebra. E chegando em casa, comecei a estudar. A lousa pousada na mesa, a cabeça pousada na mão esquerda, buscava, com simples auxílio do raciocínio, interpretar as regras formuladas literariamente no livro. E já me imaginava embainhado no meu uniforme vistoso, marchando à frente das minhas tropas, quando minha mãe, vendo que se aproximava a madrugada, saíu do seu quarto mansamente. À claridade lúgubre do lampeão de querozene, eu meditava, cabeceando de sono diante do método de Trajano. Minha mãe aproximou-se docemente e pôs a mão, meiga, em minha testa.

— Em que pensa, meu filho?

— Na Escola Militar, mamãe... No princípio do ano que vem vou a Terezina tirar os preparatórios... Depois

sigo para o Rio de Janeiro e me matriculo na Escola Militar.

Minha mãe sorriu com amargura. Beijou-me a cabeça:

— Com que dinheiro, meu filho?

Fechei o livro. E o futuro general brasileiro viu-se, de repente, degradado a reduzido, de novo, à sua condição real, e irremediável, de humilde, pequeno e obscuro fabricante de meias na cidade piauiense de Parnaíba...

II. CONTOS

MACHADO DE ASSIZ

(*Bio-bibliografia à pág.* 24)

39. Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Porque está você com êsse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe porque? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— De certo que sou.

— Mas porque?

— E' bôa! por que coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, sinão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você, imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam, nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas pelo pano adiante, que era a melhor das sêdas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma côr poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou entre os dedos dela, unidinha a êles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pelo agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais do que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caíndo o sol, a costureira dobrou a costura para o dia seguinte, continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama e puxava a um lado.

ou outro, arregaçava daquí ou dalí, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha perguntou-lhe:

— Ora, agora diga-me, quem é que vai ao baile no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dansar com ministros e diplomatas enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tôla. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei essa história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Várias Histórias — 1896 — Laemmert & Comp.

LÚCIO DE MENDONÇA

ESTADO DO RIO — PIRAHI — 10-III-1854
† RIO DE JANEIRO — 23-XI-1909

Poeta e prosador. Jurisconsulto e Magistrado, Lúcio de Drumond Furtado de Mendonça, que escreveu com admirável correção e elegância a língua, possuia como poucos o dom da expressão literária (observa José Verissimo). De fato, êle é um narrador que encanta: lê-lo é sempre um gôzo e um prazer. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira Fagundes Varela.

Bibliografia — Suas principais obras são: *Névoas matutinas, Horas do bom tempo, Murmúrios e Clamores,* etc.

---

40. Um Hóspede

Êle aí está que o diga, o Oliveira, aquele rapagão de bigode louro e olhar azul, que viajou como caixeiro de cobranças, "cometa", e hoje é repórter. Por sinal que foi a última viagem de cobrança que fez, e de tão horrorizado mudou de vida e profissão. Foi êle mesmo quem me referiu o caso. Aquí o dou pelo custo, sem nada de meu.

*
* *

Ao cair de uma tarde chuvosa de Março, chegava o cobrador, extenuado e faminto, a uma vendola à beira de cobrànças, "cometa", e hoje é repórter. Por sinal vai de Alfenas ao Machado, no Sul de Minas.

Junto à venda havia a casa de morada, pequena, tôsca e suja, dum velho casal português, que alí se fixara e vendia os produtos da pequena lavoura, cultivada nas suas terrinhas, e os furtos trazidos à noite pelos escravos da vizinhança.

Pousada, não era costume dar-se ali. Alfenas ficava a uma légua e os donos da casa diziam despachadamente que aquilo não era hospedaria. Mas, com o Oliveira, o caso era especial; trazia já as suas oito léguas bem puxadas e uma fome de carrapato, e depois, com tanta carga d'água, não havia meio de continuar viagem. Pediu pousada e ceia, — pagando eu — acrescentou.

— Ceia, arranja-se-lhe, disse o Zé Manuel, o taverneiro velho; lá a cama é que está mais difícil, que não recebemos hóspedes para dormir.

E com o olhar consultava a mulher, a mulheraça, anafada e pachorrenta, aboborada para dentro do balcão.

— Não, por isso não seja opinou ela; dá-se-lhe o quarto do Jêquim...

— Bem lembrado, concordou o vendeiro; temos ali assim um quarto agora desocupado, que é o de nosso

rapaz, que anda por fóra; lá para o Carmo do Rio Claro; tem cama e colchão, que é o preciso para dormir... Se lhe serve...

— Serve, serve — aceitou logo o Oliveira. E dêemme alguma coisa que se coma; estou morto de fome!

Enquanto se punha a janta, desarreou a bêsta, guardou os arreios no quarto que lhe destinaram, contíguo à saleta da frente e com janela para a estrada; levou o animal ao pasto, um pastinho fechado, muito perto; e voltou para cuidar de si.

Antes, porém, de sentar-se à mesa, onde já fumegava o feijão com couves e a canjiquinha, pediu que lhe trouxessem uma peneira.

— Uma peneira! ora essa!

— E' cá para uma precisão!

Trouxeram-lha, e êle então sacou do bolso das calças um maço de dinheiro em papel, uma bolada de notas húmidas da chuva que apanhara, e estendeu pelo crivo da taquara as cedulas grandes, de duzentos, de cem, de cincoenta mil réis, uma boa meia dúzia de contos. Passou a peneira para a ponta da mesa a que não chegava a toalha, e entrou a servir-se da ceia no prato de louça azul, com a colher de ferro.

Ao levar à bôca uma colherada, surpreendeu à porta da saleta o olhar aceso com que lhe comiam o estendal das notas, a velha portuguesa, que o servia, e o marido que entrava com uma garrafa de vinho.

Tão cubiçoso era o olhar d'ambos, que coou na alma do rapaz um frio de mêdo e um clarão de pressentimento. Logo, alí mesmo, resolveu acautelar-se, arrependido da imprudência de ter mostrado tanto dinheiro.

Acabando de cear, declarou que muito cedo, ao romper o dia, seguia para Alfenas, e por isso deixava paga a hospedagem; deram-lhe a boa-noite, e recolheu, com uma vela de sêbo, ao quarto do Joaquim.

Mal se viu só tratou de ajuntar as notas que espalhara na peneira, tornou a enfiá-las no bolso, e apenas a casa sossegou em silêncio, alí por volta de meia noite, sal-

tou pela janela, com os arreios e a mala à cabeça, foi ao pastinho fechado, selou a bêsta e tocou para a cidade, ao belo clarão da lua que despontava.

*

* *

Nem bem se perdera ao longe o estrupido da bêsta que levava o cobrador, quando novo tropel d'animal soou no terreiro da venda; era outro cavaleiro, que saltou do lombilho àbaixo e em três tempos desarreou o cavalo em que veio e com um chupão dos beiços apinhados tocou-o para o campo.

— Diacho! minha janela aberta! — murmurou consigo. — Melhor! entro sem precisar bater e acordar os velhos a esta hora.

E, agarrando-se com o braço direito ao peitoril da janela, saltou para dentro, levando na outra mão o lombilho, o baixeiro e o freio, e logo tornou a fechar a janela, que o frio não era graça.

*

* *

A alta madrugada, quando começava a amiudar o canto dos galos, dois vultos, cautelosos, sorrateiros, surdiram do interior da saleta da frente; um dêles, o mais alto impeliu de manso a porta, apenas cerrada, e penetrou no quarto.

Da cama, ao fundo, ouvia-se a respiração compassada e forte de um bom sono ferrado. Aproximou-se o vulto, guiado pelo resfolegar do que dormia e pela tênue claridade que vinha da saleta, onde o outro vulto, agachado e trêmulo sustentava e velava com a mão encarquilhada um candieiro de azeite.

Súbito, no silêncio da habitação, soaram, soturnas, repetidas, machadadas rápidas, uma, duas, três, muitas, regulares a princípio, depois desatinadas.

— Anda! traze a luz! — estertorou uma voz estrangulada.

Entrou no quarto o outro vulto, a velha gorda, com a candeia acesa.

Apenas a luz bateu na cama, numa horrível massa de roupas e carnes ensanguentadas, dois gritos sufocados misturaram o seu horror:

— O Jêquim!!!

— O filho!! o meu rapaz!!!

*
* *

Fóra, na estrada deserta, voejavam os bacuraus, como almas penadas.

Horas do bom tempo — Laemmert & Comp., Editores — 1901.

ARTUR AZEVEDO

MARANHÃO — 7-VII-1855
† RIO DE JANEIRO — 22-X-1908

Artur Azevedo aos 13 anos entrou para o comércio, carreira que abandonou pela do emprego publico; mas conta-se que, por ter publicado uma sátira contra o presidente da província, foi demitido. Em 1875, achou-se Artur no Rio de Janeiro e, nomeado amanuense, entrou então para a Secretaria da Agricultura. Foi funcionário exemplar.

Comediógrafo e dramaturgo, a reputação de Artur Azevedo como escritor de teatro atravessou o Atlântico: efetivamente, êle é tão estimado em Portugal como aqui. O mais fecundo autor que tem contado o teatro brasileiro em todos os tempos. Novelista e poeta excelente. Humorista. Jornalista.

Foi da Academia Brasileira de Letras, cadeira Martins Pena.

Bibliografia — Deixou muitas obras de que se destacam: *Amor por anexim, A jóia, O badejo, O dote* (teatro), *Carapuças, Sonetos* (poesia), *Contos efêmeros, Contos fóra da moda,* etc.

---

41. Plebiscito

A cena passa-se em 1890.

A família está toda reunida na sala de jantar. O senhor Rodrigues palita os dentes, repimpado numa cadeira

de balanço. Acabou de comer como um abade; dona Bernardina, sua espôsa, está muito entretida a limpar gaiola de um canário belga. Os pequenos são dois, um menino e uma menina. Ela distrai-se a olhar para o canário. Êle, encostado à mesa, os pés cruzados, lê com muita atenção uma das nossas folhas diárias.

De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta:

— Papai, que é *Plebiscito?*

O senhor Rodrigues fecha os olhos imediatamente para fingir que dorme.

O pequeno insiste:

— Papai?

Pausa.

— Papai?

Dona Bernardina intervem:

— O' *seu* Rodrigues, Manduca está *lhe* chamando. Não durma depois do jantar que lhe faz mal.

O senhor Rodrigues não tem remédio sinão abrir os olhos.

— Que é? que desejam vocês?

— Eu queria que papai me dissesse o que é *plebiscito*.

— Ora essa, rapaz! Então tu vais fazer doze anos e não sabes ainda o que é *plesbiscito!*

— Si soubesse não perguntava.

O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina, que continua muito ocupada com a gaiola:

— O' senhora, o pequeno não sabe o que é *plebiscito!*

— Não admira que êle não saiba, porque eu também não sei.

— Que me diz?! pois a senhora não sabe o que é *plebiscito?*

— Nem eu, nem você; aquí em casa ninguém sabe o que é *plebiscito*.

— Ninguém, alto lá! Eu creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante!

— A sua cara não me engana. Você o que é, é muito prosa. Vamos: si sabe diga o que é *plebiscito!* Então? a gente está esperando! Diga!...

— A senhora o que quer é enfezar-me!

— Mas, homem de Deus, para que você não há de confessar que não sabe? Não é nenhuma vergonha ignorar qualquer palavra. Já outro dia foi a mesma cousa, quando Manduca lhe perguntou o que era proletário. Você falou, falou, falou, e o menino ficou sem saber!

— Proletário... — acudiu o senhor Rodrigues, é o cidadão que vive do seu trabalho mal remunerado...

— Sim, agora sabe porque foi ao Dicionário. Mas dou-lhe um doce si me disser o que é *plebiscito*, sem se arredar desta cadeira.

— Que gostinho tem a senhora em tornar-me ridículo na presença destas crianças!

— Oh! ridículo é você mesmo quem se faz. Seria tão simples dizer: Não sei, Manduca, não sei o que é *plebiscito;* vai buscar o Dicionário, meu filho.

O senhor Rodrigues ergue-se de um ímpeto e brada:

— Mas si eu sei...

— Pois, si sabe diga!

— Não digo para não me humilhar diante de meus filhos! Não dou o braço a torcer! Quero conservar a fôrça moral que devo ter nesta casa! vá para o diabo! — E o senhor Rodrigues, exasperadíssimo, nervoso, deixa a sala de jantar e vai para o seu quarto, batendo violentamente a porta. No quarto havia o que êle mais precisava naquela ocasião: algumas gotas de água de flor de laranja e um Dicionário...

*

* *

A menina toma a palavra:

— Coitado de papai! Zangou-se logo depois do jantar! Dizem que é tão perigoso!

— Não fôsse tolo, observa dona Bernardina, e confessasse francamente que não sabia o que é *plebiscito*.

— Pois sim, acode Manduca, muito pesaroso por ter sido o causador involuntário de toda aquela discussão; pois sim, mamãe, chame papai e façam as pazes.

— Sim! sim! façam as pazes! diz a menina num tom meigo e suplicante. Que tolice! duas pessôas que se estimam tanto, zangarem-se por causa de *plebiscito*.

Dona Bernardina dá um beijo na filha e vai bater à porta do quarto.

— *Seu* Rodrigues, venha sentar-se, não vale a pena zangar-se por tão pouco.

O negociante esperava a deixa. A porta abre-se imediatamente. Êle entra, atravessa a casa e vai sentar-se na cadeira de balanço.

— E' bôa! brada o senhor Rodrigues, depois de largo silêncio; é muito bôa! Eu ignorar a significação da palavra *plebiscito!* Eu!

A mulher e os filhos aproximaram-se dêle. O homem continua num tom profundamente dogmático:

— *Plebiscito...*

E olha para todos os lados a ver se há por ali mais alguém que possa aproveitar a lição.

— *Plebiscito* é uma lei romana, percebem? E querem introduzí-la no Brasil! E' mais um estrangeirismo.

D. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

RIO DE JANEIRO — 24-IX-1862
† RIO DE JANEIRO — 30-V-1934

D. Júlia Lopes de Almeida, sem contestação a mais notável escritora brasileira de todos os tempos, é autora de romances e contos que lhe assinalam lugar e posição de destaque na história da literatura brasileira. Júlia Lopes de Almeida produziu páginas, diz Lúcio de Mendonça, que mais de uma vez hão sido comparadas às do mais vigoroso conteur de França, Guy de Maupassant.

D. Júlia foi também oradora justamente aplaudida na tribuna das conferências literárias; escreveu nos jornais e revistas do Rio de Janeiro e de S. Paulo.

Bibliografia — Deixou, entre outras obras: *A família Medeiros, O Livro das Noivas, A Falência, Livro das Donas e Donzelas, Histórias da nossa terra, Eles e Elas, Contos Infantís* (de colaboração com D. Adelina Lopes Vieira), etc.

42. O sino de ouro

Maria Matilde tinha um sonho: fazer construir rente à baía de S. Marcos, na sua linda cidade de S. Luiz do Maranhão, uma torre muito alta, muito alta, encimada por um enorme sino de ouro com os nomes de todos os Estados do Brasil, formados com pedras preciosas. Quando o sino badalasse reboariam na atmosfera as suas sonoridades acompanhadas pelo ritmo das ondas, e quando os astros o iluminassem, rutilaria no espaço esplendidamente.

Mas a velha louca parecia não ter um vintém de seu. Morava num casebre em ruína, vestia-se de trapos imundos, comia só raizes e ervas do mato e bebia água, na concha da mão encarquilhada e ossuda. Não tinha dinheiro para as necessidades da vida, porque, se lhe davam uma esmola, ela corria a escondê-la para — o sino de ouro — e ia iludir a fome com os sobejos atirados pela caridade, ou um rabo de peixe chupado à porta de um pescador. Ninguém o sabia, mas o colchão estava já tão cheio de moedas, que lhe magoava o corpo miserável. a ponto dela preferir estender-se no chão duro, sôbre uma esteira esgarçada.

Lá tinha a sua idéia fixa, e para realizá-la seria preciso uma fortuna! A sua torre de ouro, com um sino cravejado de pedras preciosas, maravilharia o mundo inteiro... Em casa ou na rua a visionária falava só, gesticulando, movendo no ar os dedos nodosos, de unhas grandes.

As crianças fugiam atropeladamente ao ver-lhe de longe o busto esguio; os adultos afastavam-se daquela imundície, e ela passava sem ver ninguém, resmungando: — Quando o sino de ouro fizer: ba-ba-la-ão! ba-ba-la-ão! todo o mundo dirá: — E' o coração do Brasil que está batendo... Que lindo é e como bate bem! E ela ria-se, sacudindo os longos braços magros, a repetir pelas ruas sossegadas: — O coração do Brasil está parado...

quero fazê-lo palpitar com fôrça... Ba-ba-la-ão... Dão! Dão!

Uma noite de chuva e de relâmpagos, Maria Matilde chegou encharcada e tremendo com o frio da febre à sua choça; mas, logo ao entrar, esbarrou com uma pobre rapariga da vizinhança, que se ajoelhou chorando a seus pés.

Qual não foi o seu espanto! si ninguém a procurava nunca... Uns tinham medo da sua morada de louca, supunham-na outros feiticeira, bruxa, o diabo em pessôa!

Ela parou no umbral, estarrecida; a outra exclamou de mãos postas:

— Maria Matilde, tem dó de mim! Minha madrasta, aquela má mulher, expulsou-me de casa e aos meus irmãozinhos, que foram mendigar por essas ruas quasi nús... E' por êles que eu choro. Dá-me um filtro, Maria Matilde, para abrandar o coração de minha madrasta e fazer com que meu pai abra a sua porta aos filhos pequeninos, que são inocentes e estão passando fome, sofrendo frio, com medo do escuro, por essas praias. Si fôr preciso o meu sangue para salvar os anjinhos, toma-o! Abre-me as veias, aquí tens o meu corpo!

E a moça desnudava-se oferecendo os pulsos e o colo suplicemente.

Maria Matilde de olhos arregalados, dobrou-se toda sôbre a linda moça:

— Darás a vida por teus irmãos?

— Darei a vida!

— Jura!

— Juro! aquí me tens, mata-me, si para bem dêles a minha morte fôr precisa.

— Dizem que és feiticeira, mas o que tu és é surda! Não prolongues a agonia de meus irmãos, Maria Matilde! aquí me tens!

A velha considerou a rapariga com espanto; depois rapidamente, correu ao catre, sumiu as mãos trigueiras nos rasgões da enxerga e atirou punhados de moedas, vertiginosamente, para o regaço da moça estupefacta.

— Teus irmãos estão nús? Toma, vai comprar agasalho para êles! Têm fome? Dá-lhes pão... muito pão...

Toma! Toma! Toma! Vai para junto dêles, bôa irmã. Vai com Deus!

A moça aparava aquelas moedas inesperadas num delírio de felicidade; a velha deu-lhe tudo, tudo; depois empurrou-a violentamente pela porta fóra, fechou-se por dentro e desatou a chorar.

Como haveria ela agora de comprar o sino de ouro e construir a sua alta torre rutilante? Teria de recomeçar pelo primeiro vintém... e as costas doíam-lhe tanto... tanto! Ao menos nessa noite poderia dormir sôbre o seu colchão... O que a fazia tremer eram aquelas cobrinhas de gêlo que andavam a passear pela sua espinha... a cabeça estalava-lhe.

Era a febre! Maria Matilde debateu-se toda a santa noite, com os lábios secos, os olhos em fogo, as roupas, ainda alagadas da chuva, unidas aos membros doloridos.

Pela madrugada serenou; e rompia a manhã gloriosa, quando ela ouviu a voz dulcíssima de um anjo dizer-lhe à cabeceira:

— Construiste esta noite a tua torre e por ela subirás ao céu!

Maria Matilde atirou para fóra do catre as pernas finas, aconchegou aos rins os mulambos da saia, aos ombos os farrapos de um chale e correu ansiosa para a praia.

A cidade dormia ainda; só os passarinhos despertavam cantando. No largo mar azul o sol nascente espelhava uma coluna de ouro tão larga e tão longa, que ninguém poderia calcular-lhe as dimensões.

No ar voavam gaivotas até além, às nuvens de ametistas e de rubís, que engrinaldavam no horizonte a torre deslumbrante. Era a pedraria do sino que reluzia! Sumindo nela os olhos felizes e fascinados, Maria Matilde sacudiu os longos braços, gritando vitoriosa, antes de cair redondamente na areia fria:

— *Ba-ba-la-ão! Ba-ba-la-ão!... Dão... Dã... ão!*

Quando a miragem do sol se desfez, já a louca tinha subido pela torre de ouro até ao céu!

DOMÍCIO DA GAMA

ESTADO DO RIO -- MARICA' — 23-X-1863
† RIO DE JANEIRO — 8-XI-1925

Domício da Gama manifestou cedo vocação decidida pelas letras e, observador inteligente e arguto, logo se foi tornando o fino analista, o escritor sóbrio e distinto, que nos deu as *Histórias Curtas,* livro distinto, um livro (escreveu José Veríssimo) que se destaca no monte da nossa novela por qualidades não comuns de concepção e de expressão.

Foi diplomata de grande prestígio e pertenceu à Academia Brasileira de Letras, cadeira Raul Pompéia.

Bibliografia — No meio de suas obras destacam-se: *Contos a meia tinta, Histórias curtas, Atlas de Geografia Física e Política,* etc.

---

43. Maria sem tempo

Era magra, pequena, escura. Tinha a extrema humildade dos que vivem longos anos sob o céu destruidor, sem pensar ao menos em resistir à sorte, com a passividade inerte da folha que o vento rola pelos caminhos. Era assim mirrada e sêca e sombria, como se tivesse perdido a seiva ao ardor dos estios, como se guardasse das noites sem estrêlas o negrume cada vez mais denso. Era louca, porque só tinha uma idéia, e a criatura humana, pode não ter idéias, mas não pode ter só uma. A sua era o angustioso desassossêgo das maternidades malogradas. Perdera um filho e o procurava. Andava pelos caminhos para buscá-lo e só levantava a voz para chamá-lo ansiosamente, carinhosamente :"Luciano! Meu filho!..." E escutava longo tempo por trás das cêrcas, no aceiro dos matos, à entrada dos terreiros das fazendas, nos desertos e nos povoados, onde quer que a levasse a sua dolorosa esperança. Aquela figura miserável, toda feita num gesto

indagador, com a mão abrigando os olhos, à espreita, ou levantando o chale que lhe encobria a cabeça de cabelos hirtos, para ouvir melhor a resposta ideal, aquela encarnação de um desejo sempre iludido enturvava o esplendor do mais radioso meio-dia.

Gente compassiva, donas de casa a quem se apertava o coração ouvindo ecoar pelas estradas o seu reclamo desolador, quiseram retê-la, dar-lhe amparo e agasalho: "Aonde vai sinhá Maria? Fique com a gente, mulher! Por êstes sóis que matam assim ao desabrigo do tempo, o que faz uma criatura de Deus? Descanse uns dias e vá então...." Mas a louca escusava-se resolutamente: "Não tenho tempo, minha senhora, vou ao encontro do meu Luciano, que me disse que havia de voltar. Como não tenho mais casa, preciso de estar no caminho. Não vá êle passar enquanto aquí estou..." E se precipitava para fora, exalando o seu grito: "Luciano! Meu filho Luciano!..." E Maria Sem Tempo não era uma lição, nem um castigo, nem um exemplo. Se alguma cousa ela provava, era que há sofrimentos que nada provam e que nada justificam, que são, pela razão obscura daquilo que tem de ser. A sua miséria nem mesmo era trágica, porque não exclamava, não lutava, não indagava. O céu rigoroso era-lhe como um senhor cruel, que a pobre escrava não entendia e sob cujos golpes encolhia-se apenas. Vivera para ser mãe: sofria disso, como disso outras jubilam.

Quem a encontrava pelos desertos, longe de todo o amparo, às horas tristes do dia, pensava logo com piedade na solidão da sua alma. Mas, se iam falar-lhe, ela não se mostrava agradecida à sociedade que lhe queriam dar; recaía logo no seu silêncio absorto, tão ocupado pelo seu sentimento.

O meu Luciano! dizer estas palavras era para ela o mesmo que sentir-se viva! Dizia-as alto, gritando, clamando, enchendo as grotas e os recantos das florestas com o seu alarido de araponga louca; dizia-as baixinho, suspirando, fundindo o coração num ajoelhamento de prece, na prostração suprema do supremo amor. E às vezes, caminhando horas ao longo da praia, com os cabelos sacudidos pelo vento do largo, vacilando sôbre a areia bran-

ca e infirme que entontece, ela cantava ao mar em fúria a canção monotonamente sublime da sua pena sem fim.

Êles eram dois humildes e mansos e os soberbos e violentos lá de longe fizeram uma guerra para mal dêles, uma guerra de tantos anos durando já, que os cabelos da mulata tiveram tempo de embranquecer. E o seu Luciano sempre por lá, longe da sua velha, que só tinha a êle no mundo e que não pudera opôr-se a que partisse, porque com o poder de homens, que o vieram buscar naquela noite, tinha-se juntado todo o poder celeste, estrondando numa trovoada de arrasar o mundo. Quando chegaram os homens malditos, ela estava com o filho rezando a *Magnificat*, à claridade da vela benta acesa em frente ao registro da advogada contra o raio. A voz dêle tinha uma toada grave e chéia de fervor, que lhe quebrava a ela a friúra do medo no coração. Ai! não era dos ráios e coriscos do céu que a pobre mulata devia recear! Num silêncio entre dois refegões de vento, bateram de repente à porta. Luciano foi abrir e logo um homem entrando, antes de dizer uma palavra, lhe foi deitando a mão. O rapaz deu um pulo, esquivando-se, mas o outro gritou e a casa se encheu de gente armada, soldados, que subjugaram seu filho e o amarraram. Ela conhecia um dos homens, o que tinha entrado primeiro: de joelhos, como tinha ficado diante da santa, arrastou-se aos pés dêle.

— *Seu* capitão, não me tire o meu filho, que não cometeu crime. Tenha piedade de uma pobre mãe...

O capitão, meio embaraçado, sem convicção, resmungou umas frases, falou em defesa de pátria, em honra nacional ofendida, dever de todo brasileiro, e não sei que mais. Mas a mulher não lhe deu ouvidos; viu que lhe tiravam o filho para a matança nos campos do Sul e desatinou de todo, a pedir, a suplicar, de rastos pelo chão, beijando os pés e abrançando pelos joelhos os seus carrascos, sem poder mais chegar ao filho das suas entranhas. O capitão começou a se incomodar com a cena e deu ordem de partir, a-pesar-da tempestade no seu auge. Então, Maria se endireitou arquejante sôbre os joelhos e viu, enquadrado pela porta aberta sôbre a noite negra cortada de relâmpagos, o seu belo rapaz, que sem chapéu, de roupas rôtas, mostrando o peito nú, levantava para ela

as mãos algemadas, num gesto de adeus e lhe dizia com voz trêmula e sentida:

— Não se desconsole, Mãe, que ainda hei de voltar...

Nesse instante, um fuzil cegou-a e o estampido imediato de um trovão derribou-a por terra. Quando tornou a si, estava sozinha, no seio da noite escura. Parece que esta lhe entrou devéras pela mente e lhe apagou as últimas claridades que lá luziam. Ela se desinteressou de tudo o que ocupa as vidas mais humildes, desprendeu-se, por uma inatenção absoluta, dos fatos que podem servir de marca aos dias, perdeu a noção do tempo, perdeu as suas afeições menores, enclausurou-se, absorveu-se no seu único sentimento, transformado em culto, endoideceu.

Histórias Curtas — 1910 — Francisco Alves & Comp.

OLAVO BILAC

(*Bio-bibliografia à pág.* 53)

---

44. O velho rei

Houve, em tempos que já vão longe, um rei poderoso, senhor de muitos povos e de muitas léguas de terras. Ainda que viajasse sem cessar por muitos e muitos anos a fio, não conseguiria êle correr todos os seus domínios. E todos os povos o temiam, porque era conhecida de todo mundo a fama das suas riquezas.

De mês em mês, chegavam ao seu palácio os emissários dos súbditos, trazendo-lhe, com as homenagens dêles, os presentes riquíssimos: marfim e pérolas, ouro e diamantes, sêdas e rebanhos.

E os seus celeiros estavam tão abundantemente providos de grãos, que êle poderia, numa época de fome geral,

abrindo-os a todos os seus vassalos, que não tinham conta, alimentá-los fartamente durante todo um ano.

Esse poder sem limites e essa riqueza sem termo haviam embriagado a alma do velho rei. Já se não supunha homem, mas Deus. Tanta gente via a seus pés, adorando-o, que o seu coração se habituara a desprezar a humanidade, imaginando que ela só fôra feita para o servir e temer. Só se lembrava dos súbditos para os oprimir. Aumentava os impostos e alargava as prisões. E a sua mão direita, que tanta gente podia fazer feliz, distribuindo esmolas e bênçãos, sómente servia para assinar sentenças de morte. Condenava à pena última cem homens sem ler ao menos os seus nomes. E, se os lia, esquecia-os dalí a um minuto, para só pensar na febre de festas e de loucuras, em que empregava as noites e os dias, e em que perdia a saúde e a alma.

E sucediam-se as festas. Do escurecer ao alvorecer, seu palácio, imenso como uma cidade, suntuoso como um templo, resplandescente de luzes como um céu estrelado, ecoava com o barulho das dansas, da música e do tinir dos copos.

Um dia, no esplêndido terraço, em que costumava dormir à sésta, o velho rei tinha diante de si uma lista de acusados. Não sabia nem queria saber quem eram, si eram inocentes ou criminosos, si tinham cometido alguma falta, ou si eram apenas homens ricos, cuja fortuna os seus ministros cobiçavam. E preparava-se para, com indiferença, assinar a lista, quando se deteve a olhar um momento o filho mais moço, que brincava junto dêle. Era um principezinho louro e branco, de olhos azues e inocentes como os de um anjo. Ajoelhado sôbre o mosaico precioso, que ladrilhava o terraço, estava inclinado para um aquário, e divertia-se vendo dentro dêles os peixes dourados que nadavam. O velho rei, com o sorriso que lhe iluminava as barbas, ficou mirando com amor a criança, tão bela e tão casta, filha do seu sangue e da sua alma. E tinha, esquecida na mão a pena fatal, de cujo bico pendia a vida de tantos homens...

De repente, o principezinho teve uma exclamação aflita. O rei viu-o curvar-se mais sôbre o aquário, e meter na água as mãozinhas ansiosás. E a criança veio para

êle, segurando com as pontas dos dedos alguma cousa que se não via, de tão pequena que era.

— Olha, Pai! Salvei-a! ia afogar-se... salveia-a!

O velho rei curvou-se para ver o que o filho trazia na mão. Era uma mosca feia, negra, pequenina, miserável, nojenta. Tinha as asas molhadas e não podia voar. O principezinho colocou-a na palma da mão microscópica, e virou-a para o lado do sol. Daí a pouco a mosca reanimou-se e voou. A criança batia palmas:

— Na fiz bem, Pai? Não é um crime deixar morrer uma criatura qualquer por falta de piedade, Pai? Disseram-me que há homens que se matam uns aos outros... Pai? Como é que se pode ter a maldade de matar um homem? — E o principezinho fixava no velho rei os seus olhos azues e inocentes como os de um anjo.

Nessa tarde o velho rei não assinou nenhuma sentença de morte.

Contos Pátrios — Francisco Alves & Comp.

COELHO NETO

(*Bio-bibliografia à pág.* 57)

45. As formigas

À sombra duma faia, no parque, enquanto o príncipe, que era um menino, corria perseguindo as borboletas, abriu o velho preceptor o seu Virgílio e esqueceu-se de tudo, enlevado na harmonia dos versos admiráveis.

Os melros cantavam nos ramos, as libélulas esvoaçavam nos ares e êle não ouvia as vozes das aves nem dava pelos insetos; se levantava os olhos do livro, era para repetir, com entusiasmo, um hexâmetro sonoro. Saíu,

porém, o príncipe a interrompê-lo com um comentário pueril sôbre as pequeninas formigas, que tanto se afadigavam conduzindo uma folhinha sêca; e disse:

— Deus devia tê-las feito maiores. São tão pequeninas que cem delas não bastam para arrastar aquela folha, que eu levanto da terra e atiro longe com um sôpro. O preceptor, que não perdia ensêjo de educar o seu imperial discípulo, aproveitando as lições e os exemplos da natureza, disse-lhe:

— Lamenta V. A. que sejam tão pequeninas as formigas... Ah! meu príncipe, tudo é pequeno na vida: a união é que faz a grandeza. Que é a eternidade? um conjunto de minutos. Os minutos são as formigas do Tempo. São rápidos, e a rapidez com que passam fá-los parecer pequeninos, mas são êles que, reunidos, formam as horas, as horas fazem os dias, os dias compõem as semanas, as semanas completam os meses, os meses perfazem os anos e os anos, Alteza, são os élos dos séculos.

"Que é um grão de areia? terra; uma gôta d'água? oceano; uma centelha? chama; um grão de trigo? seára; uma formiguinha? fôrça.

"Quem dá atenção à passagem de um minuto? é uma respiração, um olhar, um sorriso, uma lágrima, um gemido; juntai, porém, muitos minutos e tereis a vida.

"Alí vai um rio a correr — as águas passam aceleradas, ninguém as olha.

"Que fazem elas na corrida? regam, refrescam, desalteram, brilham, cantam e lá vão, mais ligeiras que os minutos.

"Quereis saber o valor de um minuto, disso que não sentís, como não avaliais a fôrça da formiga? entrai de mergulho n'água a tende-vos no fundo — todo o vosso organismo, antes que passe um minuto, estará protestando, a pedir o ar que lhe falta. Ora! o ar de um minuto, que é isso? direis: é a vida. Alteza.

"Vedes a formiguinha que vai e vem procurando migalhas na terra: si a encontra e pode carregá-la, leva-a; si é superior à sua própria fôrça, recorre à companheira que passa; outras chegam, ajuntam-se em chusma e ei-las fazendo com facilidade o trabalho que seria impossível a uma só.

"Si a formiga desanimasse, nunca iria provisão ao formigueiro. Assim vós, meu príncipe, pretendeis um conhecimento, ides ao livro que o contém e inclinai-vos sôbre êle. No primeiro instante tudo vos parece obscuro; desanimais, aborrevei-vos. Si lançardes de vós o livro, ficareis sempre em ignorância, mas si persistirdes, apelando para todas as fôrças do vosso engenho, pouco a pouco ireis removendo as dificuldades e chegareis ao caminho franco da certeza.

"Assim é em tudo na vida. O que pretende governar deve ver o trabalho da formiga, porque é um ensinamento. Não póde o príncipe alhanar um embaraço só com o seu juizo, chama a conselho os homens de mais experiência e tino, ouve-os, delibera com êles e juntos facilmente arredam o que, no princípio, parecia inamovível. Tudo é proporcional na vida.

"Deus não fez o insuperável. O "Impossível" é uma expressão inventada pelos fracos. O que é para a formiga um carreto, vôa com o sôpro débil de uma criança; o que é para o homem empecilho, ás águas levam de roldão; onde não pode a fôrça de um braço, supre-a o instrumento e, si ainda o embargo se obstina, então o homem apela para o homem como a formiga reclama a companheira e, conjuntamente, afastam o pesado entrave.

"Si eu vos pudesse levar ao labirinto, que é o reino subterrâneo das formigas, veríeis a perfeita ordem que nele ha, a disciplina que as compõe, a harmonia que as rege; e, si cá fóra pudesse ser aplicada a lei que regula a sociedade dos insetos exemplares, fácil vos seria governar o povo, porque todos os homens dar-se-iam por felizes nos seus postos, não haveria inveja nem ambição, males que tanto malsinam as sociedades.

"Qual é a fôrça da formiguinha? é pouca para um grão de açucar; entretanto, a formiga pode mudar montanhas, si o formigueiro se ajunta em esfôrço solidário.

"Que é uma gota de orvalho? um nada para o calor de um raio do sol, lançai-a ao mar, entrará na vaga, concorrendo para o sossôbro das maiores naus de guerra.

"Quereis ver a fôrça da formiga, procurai-a no formigueiro, que é a união".

Assim falou o preceptor. E, como passasse uma borboleta azul, e o príncipe saisse a persegui-la, abriu de novo o seu Virgílio e continuou, delicadamente, a leitura interrompida.

Fabulário — Porto — 1907 — Livraria Chardron, Lelo & Irmão.

---

46. A flauta e o sabiá

Em rico estojo de veludo, pousado sôbre uma mesa de xarão, jazia uma flauta de prata.

Justamente por cima da mesa, em riquissima gaiola, suspensa do teto, morava um sabiá.

Estando a sala em silêncio e descendo um raio de sol sôbre a gaiola, eis que o sabiá, contente, modula uma volata. Logo a flauta escarninha põe-se a casquinhar no estojo, como a zombar do módulo cantor silvestre.

— De que te rís? indaga o pássaro. E a flauta, em resposta:

— Ora esta! pois tens coragem de lançar tais guinchos diante de mim?

— E tu quem és, ainda que mal pergunte.

— Quem sou? Bem se vê que és um selvagem. Sou a flauta. Meu inventor, Marsias, lutou com Apolo e venceu-o, por isso o deus, despeitado, imolou-o. Lê os clássicos.

—Muito prazer em conhecer... Eu sou um mísero sabiá da mata. Pobre de mim! fui criado por Deus muito antes das invenções. Mas deixemos o que lá foi.

Dize-me: que fazes tu?

— Eu canto.

— O ofício rende pouco. Eu que o diga, que não faço outra coisa. Deixarei, todavia, de cantar — e antes nunca houvesse aberto o bico, porque, talvez, sendo mudo, não me houvessem escravizado — si, ouvindo a tua voz, convencer-me de que és superior a mim. Canta! Que eu aprecie o teu gorjeio e farei como fôr de justiça.

— Que eu cante...?!

— Pois não te parece justo o meu pedido?

— Eu canto para regalo dos reis nos paços, a minha voz acompanha os hinos sagrados nas igrejas. Ao rítmo dos meus delicados trilos bailam as damas, guiam-se as endeixas das serenatas de amor, ao luar. O meu canto é a harmoniosa inspiração dos gênios ou a rapsódia sentimental do povo.

— Pois venha de lá êsse primor. Aquí estou para ouví-lo e para proclamar-te, sem inveja, a rainha do canto.

— Isso agora não é possível.

— Não é possível! porque?

— Não está cá o artista.

— Que artista?

— O meu senhor, de cujos lábios sai o sôpro que transformo em melodia. Sem êle nada posso fazer.

— Ah! e assim...?

— Pois como há de ser?

— Então, minha amiga — modéstia à parte — vivam os sabiás! Vivam os sabiás e todos os pássaros dos bosques, que cantam quando lhes apraz, tirando do próprio peito o alento com que fazem a melodia. Assim, da tua vanglória há muitos que se ufanam. Nada valem si os não socorre o favor de alguém; não se movem si os não amparam, não cantam si lhes não dão sôpro, não sobem si os não empurram. O sabiá vôa e canta — vai à altura porque tem asas, gorjeia porque tem voz. E sucede sempre serem os que vivem do prestígio alheio, os que mais alegam triunfos. Flautas... Flautas... Cantas nos paços e nas catedrais... Pois vem daí a um dueto comigo.

E, ironicamente, a toda a voz, pôs-se a cantar o sabiá e a flauta de prata, no estojo de veludo... moita! Faltava-lhe o sôpro.

Fabulário — Porto — 1907 — Livraria Chardron, Lelo & Irmão.

III. HUMORISMO

FRANÇA JUNIOR

RIO DE JANEIRO — 19-IV-1838
† CALDAS — ESTADO DE MINAS GERAIS — 27-IX-1890

França Junior (Joaquim José da) foi comediógrafo, folhetinista e fino humorista: as suas comédias de costumes, engraçadissimas, ainda hoje sobem à cena com sucesso; como folhetinista, no seu gênero, ainda, entre nós, não foi excedido. Cultivou também a pintura.

Bibliografia — Fizeram sucesso as comédias: *Meia hora de cinismo, Republica modêlo, O defeito de familia, O Carnaval no Rio de Janeiro, Como se fazia um deputado,* etc.

47. Jantares

Um jantar! Quem há por aí que não tenha recebido este amável convite: "Amigo F... Amanhã faço anos; vem comer comigo um perú. Não faltes. Teu do coração — *N...*"

Pois bem, por minha vez digo também ao leitor:

— Venha comer comigo um perú em casa de pessoas que nos são íntimas. Não há necessidade de envergar a casaca. Lá não há pomposo *menú doré sur tranche* ao lado de cada convidado; não se bebe o louro vinho do Reno depois do peixe, e o ponche entre o primeiro serviço e os assados é um mito. E' a burguesia flumi-

nense em todo o seu puritanismo, que ainda não conhece as subtilezas da cozinha francesa e os estilos alambicados da velha Europa.

Venha comigo e verá.

....

Eis-nos na sala do banquete. Ninguém ousa sentarse, porque incontestavelmente há mais convidados que lugares. O dono da casa não pensou siquer nesta hipótese e grita com ar jovial:

— Sentem-se, meus senhores, sentem-se.

Um arrasta a cadeira indeciso, outro executa o mesmo movimento, êste chama uma senhora, aquele vê si há alguma cadeira vaga... E afinal, depois de muitas instâncias, sentam-se quasi todos, conservando-se alguns de pé, por não haver lugares.

O dono da casa salva a situação, dirigindo-se àqueles e dizendo-lhes:

— Nós cá ficamos para a segunda mesa; melhor, porque comeremos mais à vontade.

Felizmente nem eu nem o leitor fazemos parte dêsses assinantes da série B.

Já estamos sentados.

Todas as iguarias estão sôbre a mesa e cada qual mais suculenta.

Dois moleques encadernados em alvos paletós, empunhando cada um viçoso galho de pitangueira, limitamse apenas a enxotar as moscas com a serena imperturbabilidade de estátuas de ferro fundido.

Serve-se a sopa.

O convidado que está à cabeceira vai passando os pratos, que giram de mão em mão, como espécie de jogo de anel.

Agora o leitor há de ter a bondade de servir o peixe, E a sua missão não pára aí.

Há de servir também o perú, o leitão, a torta...

— Tudo quanto está em cima da mesa, enfim?

— Sim, senhor, porque para isto é que foi convidado.

— E o que fazem aquí êsses dois moleques, como Morfeu agitando o seu ramo de dormideiras!

Estão aí só para abanar.

— Mas no fim de contas eu vim para comer e ainda não comí nada!

E o leitor lança as suas vistas para uma torta, disposto a saboreá-la, como um bom gostrônomo que é.

Neste momento um sujeito ergue-se e grita:

— Meus senhores: em pé. Vou fazer uma saúde obrigatória.

— Levantemo-nos todos.

"À saúde do homem eminentemente honrado, do amigo zeloso e dedicado, do pai de família extremoso, desse belo caráter, em suma, que...

Entre este *que*, pronunciado com ênfase gutural, e o que se vai seguir há sempre uma pausa, martírio de todos, inclusive do orador.

— .... não poupando sacrifícios de qualidade alguma, sabe obsequiar os amigos e dar-lhes momentos de inefável prazer. À saúde do recem-nascido, o nosso idolatrado F... (o dono da casa), Ip! Ip! Ip! Húrrah! Húrrah!

— Sr. F...

— Sr. F...

— À mesma Sr. F...

— À razão da mesma.

Sentemo-nos.

— Ora graças a Deus, vamos ver que tal está a torta.

Levanta-se um velho e bate palmas:

— Em pé, meus senhores. Levantemo-nos.

— Eu peço um aditamento. À saúde de sua digna consorte, modêlo de virtude, a Sra. D. N...

— Apoiado!

— Muito bem.

O leitor senta-se com o resto da sociedade, e já não encontra o prato que havia preparado. Dispõe-se a comer o arroz, única iguaria que tem em frente.

Outra saúde, e desta vez cantada:

"Aos amigos
"Um brinde feito;
"Reina a alegria
"Em nosso peito".

E o leitor entra no côro com o estômago vazio. Senta-se. O prato de arroz já desapareceu como a torta.

Estamos à sobremesa. Outro brinde:

— À saúde daqueles, que longe de nós, de nós se lembram.

A dona da casa que é a amabilidade em pessôa, passa-lhe uma compoteira especial, para que prove daquele doce e diga de que é.

Esta adivinhação é um requinte de bom tom nos jantares da boa burguesia.

— E' abóbora, diz êste.

— E' maracujá, grita aquele.

— E' manga.

— Pois não é: é ananás.

— Não vê, é jaca.

— Qual jaca, é carambola.

Ah! Ah! Ah! ninguém adivinhou — é melancia!

As saúdes continuam; e no meio de grande algazarra, arrastando as cadeiras, levantam-se todos.

A segunda mesa é a imagem viva do *pandemonium* de que nos fala o poeta. Os tais assinantes da série B são endiabrados e nunca deixam pedra sôbre pedra.

Agora um conselho ao leitor.

— Dispa o rodaque de riscadinho côr de rosa, ensaie um riso jovial, despeça-se do dono da casa e repita comigo:

— Não há nada como jantar fora!

Folhetins.

URBANO DUARTE

ESTADO DA BAÍA — LENÇÓIS — 31-XII-1855
† RIO DE JANEIRO — 10-II-1902

O major Urbano Duarte cursou a Escola Militar e foi professor da Escola de Tática. Jornalista e publicista, criticou, como França Junior, os costumes, sestros e tipos da sociedade fluminense: o cronista foi um fino observador e contou o que

observou com bastante naturalidade e chiste. E também, como França Junior, foi autor dramático.

Urbano Duarte pertenceu à Academia Brasileira de Letras, cadeira França Junior.

Bibliografia — Suas obras mais conhecidas são: *Humorismos*, *O anjo da vingança* e *O escravocrata*, dois dramas de colaboração com Artur Azevedo, etc.

---

48. O matuto mineiro

Neste mundo há muita gente finória, sagaz e manhosa; porém, não creio que ninguém leve vantagem neste ponto ao compônio dos sertões de Minas. O tabaréu mineiro, com os seus ares simplórios e ingênuos, é uma criatura capaz de *engazopar* até o Fígaro de Beaumarchais.

Êle, porém, é *inimbrulhável*, invencível em finura, e quem se meter a embaí-lo com ardís e ciladas, pode contar com o arrependimento.

Note-se que o matuto de Minas é homem honrado e cumpridor da sua palavra, quando trata com gente que faz o mesmo. Porém, desde que desconfie do *cristão*, ai meu Deus! Quebra o corpo manhosamente e põe-se em guarda, como quem diz aos seus botões: *Então vosmecê está cóidando que eu sou algum pateta?*

O seu semblante nada demonstra; continua a sorrir com ares inocentes pitando o seu cigarro. E a cada léria ou balela que o outro pretende impingir-lhe, o matuto responde com um gesto de hipócrita credulidade:

— *Apois, hein? Ora veja vosmecê!*

Quando se pensa que o roceiro está *cantado*, êle sai-se com uma refinada astúcia, lenta e maduramente combinada, que nos deixa de orelha em pé e queixo caído.

Lembro-me de uma partida que se deu com um caipira lá para as bandas de Paracatú.

Como todo mineiro da gema, êste não era lá muito amigo dos progressos e não gostava da estrada de ferro.

Tendo-se construido uma ferro-via em sua província, o homem torceu-lhe o nariz e protestou jamais embarcar

em semelhante *trapizonga*. E durante muitos anos continuou a viajar no seu burrico, pelas suas estradinhas, fazendo o meio dia para comer à beira d'água o seu *tútú com torresmos*, armando a rêde em dois pés de árvores, *quentando* fogo e contando anedotas do tempo de *quórenta* e dois.

O agente de uma estação férrea procurava seduzí-lo e catequizá-lo, demonstrando-lhe em como a viagem pelo trem era mais rápida, barata e cômoda.

Porém, o matuto não se convencia.

Um dia, contudo, tem urgência de chegar a certa cidade e vê que a cavalo não o poderia fazer. Vai à estação e pergunta quanto custa o bilhete. O agente regozija-se.

— Ora, até que afinal convenceu-se, hein?

— Não, senhor; eu quero saber quanto custa o bilhete para um burro...

— Para um burro?!

— Sim, seu compadre.

O agente consulta a tabela e diz:

— Treze mil e trezentos.

— Então, dê-me um.

Vendido o bilhete, o muar foi metido dentro do vagão próprio, e o dono também entrou, na ocasião em que o comboio se punha em movimento.

— Então — grita — o agente — o senhor não salta?

— Não senhor, eu também vou.

— Como assim? Não comprou bilhete!

O matuto meteu o pé no estribo, montou no animal e gritou muito ancho, quando o carro já saía fóra da estação.

— Eu vou a cavalo!

Humorismos — Imprensa Nacional.

IV. TEATRO

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA

RIO DE JANEIRO, — 8-V-1705
† LISBOA, — 19-X-1739

Antonio José era filho do advogado brasileiro e poeta João Mendes da Silva e de sua mulher Lourença Coutinho; aos 8 anos de idade teve de acompanhar sua família para a metrópole portuguesa, para onde foi então conduzida sua mãe, que, pertencendo à grei dos cristãos-novos, sofreu a acusação de *judaizar*. Concluida a primeira educação de Antonio José, em Lisboa, seguiu êle para Coimbra a estudar Cânones. Estava de volta à capital do reino e advogava já com o pai, quando se viu agarrado e metido nos cárceres da Inquisição (8-VIII-1726): tendo escapado a esta primeira acusação de judaizante, o mesmo não lhe sucedeu quando foi da segunda em que, denunciado por uma escrava, foi êle, recolhido aos calabouços do Rocio (5-X-1737), e, condenado, sofreu pena capital: no Campo da Lã foi decapitado e depois pelo fogo consumido o seu cadáver. 19-X-1739.

Bibliografia — Produziu numerosas *comédias-óperas*, como se chamavam então, destacando-se: *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do grande Sancho Pança, Os encantos de Medéia, Esopaida ou Vida de Esopo, Guerras do Alecrim e Mangerona*, etc.

As *óperas* de Antonio José notabilizaram-se pelo chiste, pela graça, por vezes picante, pelo seu sabor popular e pela *habilidade na invenção do enrêdo*, como se expressa Ferdinando Wolf. *O Judeu* deixou como poeta, belíssimas composições líricas.

49. Visita de médico

D. Lancerote — O que tarda este médico!

Sevadilha — Não pode tardar muito; pois me disse que já vinha.

D. Lancerote — Como estais agora, meu sobrinho?

D. Tiburcio — Depois que arrotei acho-me mais aliviado.

D. Nize — Vaso ruim não quebra (*à parte*).

D. Cloris — Si fôra cousa boa não havia de escapar (*à parte*).

D. Lancerote — Não sabeis quanto folgo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o entêrro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos asseguro que havia de ser luzido; vós o vereis.

D. Tibúrcio — Outro tanto desejo eu fazer a Vossa Mercê (*Saem D. Gil e Semicúpio, vestidos de médicos*).

Semicúpio — *Deo gratias.*

D. Lancerote — Entrem, senhores doutores.

Semicúpio — Qual de Vossas Mercês é aquí o doente?

D. Lancerote — E' êste que aquí está de cama.

Semicúpio — Logo me pareceu pelos sintomas.

D. Tibúrcio — Ai, minha barriga, que morro! Acuda-me, senhor doutor!

Semicúpio — Agora vou a isso; ora diga-me o que lhe dói?

D. Tibúrcio — Tenho na barriga umas dôres mui finas.

Semicúpio — Logo as engrossaremos: e tem o ventre tremido, inchado e pululante?

D. Tibúrcio — Alguma cousa.

Semicúpio — Vossa Mercê é casada ou solteira?

D. Lancerote — Ui, senhor doutor! Digo que meu sobrinho é varão.

Semicúpio — De aço ou de ferro?

D. Lancerote — E' homem; não me entende?

Semicúpio — Ora acabe com isso: eis aquí como por falta de informações morrem os doentes: pois, si eu não especulara isso com miudeza, entendendo que era macho lhe aplicava uns cravos, e si fosse varão, umas li-

mas; e como já sei que é homem, logo veremos o que se lhe há de fazer.

D. LANCEROTE — Eis aquí como eu gosto de ver os médicos assim especulativos.

SEMICÚPIO — Pois o mais é asneira: diga-me mais, ceou demasiadamente a noite passada?

D. TIBÚRCIO — Tanto como a futura, porque, desde que se me acabaram as chouriças que trouxe no alforje, me tem meu tio posto a pão e laranja.

D. LANCEROTE — Aquilo são delírios, senhor doutor.

SEMICÚPIO — Assim deve ser por fôrça, ainda que não queira; pois conforme ao aforismo: *cum barriga dolet, coetera membra dolent.*

D. TIBÚRCIO — Não são delírios, senhor doutor, que eu estou no meu juizo perfeito.

SEMICÚPIO — Peor, pois quem diz que tem juizo não o tem.

D. LANCEROTE — Senhor doutor, o homem está alucinado depois que um fantasma, que saíu duma caixa, o desancou.

D. TIBÚRCIO — Deixemos isso; o caso é que a minha barriga não está bôa.

SEMICÚPIO — Cale-se, que ainda há de ter uma bôa barrigada. Deite a língua fóra.

D. TIBÚRCIO — Ei-la aquí.

SEMICÚPIO — Deite mais.

D. TIBÚRCIO — Não há mais.

SEMICÚPIO — Esta bastará: é forte linguado! Tem muito boa ponta de língua! Vejam Vossas Mercês, senhores doutores.

D. GIL — A língua é de prata.

D. FUAS — Húmida está bastantemente.

SEMICÚPIO — Venha o pulso; está intermitente, lânguido e convulsivo.

D. LANCEROTE — Ah! senhor, que grande médico!

D. NIZE E D. FUAS — Como está tão melancólico! *(para D. Cloris)*.

D. CLORIS — Estará cuidando na receita.

SEMICÚPIO — Ora, senhores, capitulemos a queixa. Êste fidalgo (si é o que é, que isso não pertence à medicina) teve uma colérica procedida de paixões internas,

porque o espírito agitado da representação fantasmal e da investida feminil, retraindo-se o sangue aos vasos linfáticos, deixando exhauridas as matrizes sanguinárias, fez uma revolução no intestino reto; e como a matéria crassa e viscosa que havia de nutrir o suco pancreático, pela sua turgência se achasse destituida de vigor por falta de apetite famélico, degenerou em líquidos; êstes, pela sua virtude acre e mordaz, vilicando e pungindo as túnicas e membranas do ventrículo, exaltaram-se os sais fixos e voláteis por virtude do ácido alcalino...

D. Lancerote — Eu não lhe entendí palavra.

D. Tibúrcio — Eu morro sem saber de que.

Semicúpio — Conhecida a queixa, votem o remédio, que eu, como mais antigo, votarei em último lugar.

D. Gil — Eu sou de parecer que o sangrem.

D. Fuas — Eu, que o purguem.

Semicúpio — Senhores meus, a grande queixa, grande remédio; o mais eficaz é que tome umas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso de baixo para cima.

D. Tibúrcio — Como é isso de bichas nas meninas dos olhos?

Semicúpio — E' um remédio tópico, não se assuste, que não é nada.

Tibúrcio — Vossa Mercê me quer cegar?

Semicúpio — Cale-se aí, quantas meninas tomam bichas e mais não cegam?

D. Lancerote — Calai-vos sobrinho, que êle médico é, e bem o entende.

Tibúrcio — Por vida de D. Tibúrcio, que primeiro há de levar o diabo o médico e a receita do que eu tal consinta.

Semicúpio — Deite-se, deite-se; o homem está maníaco e furioso.

Teatro — **Edição popular, por João Ribeiro — Garnier, editor.**

MARTINS PENA

RIO DE JANEIRO — 5-XI-1815
† LISBOA — 7-XII-1848

Luiz Carlos Martins Pena é o mestre da comédia nacional.

Orfão de pai com um ano e de mãe aos dez, seu avô materno e depois um tio, seus tutores, o destinaram à vida comercial; e assim, feitos os primeiros necessários estudos, matriculou-se Luiz Carlos — era o seu nome de batismo — na aula do comércio (III-1832), cujo curso completou em fins de 1835. Mas a sua inclinação e pendor natural era para as artes e para as letras: cultivou com talento a música e frequentou a Academia de Belas-Artes.

Diz o autor da "História da Literatura Brasileira" que o caráter geral de todas as composições, gênero comédia, de Pena, *é o da classica comédia de costumes, como nos foi transmitida por Menandro, Plauto e Terêncio, passando por Gil Vicente e Antonio José.*

Bibliografia — Suas principais obras são: *O juiz de paz na roça, O Judas em sábado de Aleluia, O irmão das almas, Os três médicos, Os ciúmes de um pedestre, A barriga do meu tio,* etc.

---

50. A família e a festa na roça

CENA XI

Domingos João, Joana, Quitéria, Inacinho e Antônio.

INACINHO (*entrando*) — Quitéria!

QUITÉRIA — Minha mãe! eu morro!... (*Cai sentada na cadeira*).

DOMINGOS JOÃO — Inacinho, corre, vai à casa da Angélica e dize-lhe que venha cá depressa. (*Sai Inacinho correndo*).

(*Domingos João e Antônio andam de um lado para outro sem saberem o que fazer*).

JOANA — Quitéria! Quitéria!... que tens, minha filha?... Responde!... Oh! meu Deus! está desmaiada!... Minha filha morre!... (*chora*).

DOMINGOS JOÃO — O diabo da Angélica não chega.

ANTÔNIO — Sinhá doninha!... Sinhá doninha!... (*para Joana*) Sinha dona, dê-lhe a cheirar êste cartucho de pólvora, talvez faça bem. (*Tira o cartucho de pólvora e o dá a Joana*).

JOANA (*jogando o cartucho no chão*) — O senhor está doido!... Pois minha filha há de cheirar pólvora!...

ANTÔNIO — Está bom, não se *azangue!*... a senhora entende?

JOANA — Minha filha morre! minha filha morre!... Hi! hi! hi! (*chora fortemente*).

DOMINGOS JOÃO — Ora esta! Ora esta!

ANTÔNIO — Não há de ser nada, não há de ser nada!

DOMINGOS JOÃO — (*chega à porta e grita*) :— ó Inacinho!... O' Inacinho!...

INACINHO (*ao longe*) — Lá vou!...

DOMINGOS JOÃO (*Voltando*). — Já aí vem a Angélica.

JOANA — Diga que venha depressa.

CENA XII

Os mesmos, Inacinho e Angélica.

TODOS — Entre, entre, Sra. Angélica.

ANGÉLICA — Então o que é isto?

JOANA — Deu um ataque em Quitéria e está sem fala.

ANGÉLICA — Vamos a ver. (*Chega-se para Quitéria e a examina*). Isto não é nada, são flatos...

JOANA — Flatos!... Pois flatos fazem perder a fala?

ANGÉLICA — Mas a menina não tem só flatos...

DOMINGOS JOÃO — Então o que tem?

ANGÉLICA — Está com quebranto.

JOANA — Lá isso sim...

ANGÉLICA — Mande buscar um ramo d'arruda. (*Sai Inacinho*). Não se assustem, que não há de ser nada. Algum mau olhado que botaram na menina. Verão como a curo em um instante.

CENA XIII

Os mesmos e Inacinho

Angélica — Com efeito, o olhado foi mau.
Joana — Minha filha!... (*chora*).
Inacinho — Si meu pai quer, eu vou chamar o Sr. doutor, filho do capitão-mór, que chegou ontem da cidade.
Domingos João — Sim. Vai depressa, êle não pode estar longe (*Sai, Inacinho*).
Angélica — Quem sabe se a menina não tem o diabo no corpo?...
Joana — Jesús, Maria, José! que diz, senhora! (*benzem-se todos*).
Domingos João — Pois minha filha está endemoninhada?
Angélica — Quer me parecer que sim.
Antônio — Que desgraça!
Angélica — Ou talvez mesmo que esteja com a espinhela caída...
Domingos João — Quanta cousa... quebranto, o diabo no corpo, espinhela caída!

CENA XIV

Os mesmos, Juca e Inacinho.

Juca — Que há de novo?
Joana — Sr. doutor, minha filha está para morrer.
Juca (*chega-se para Quitéria, toma-lhe o pulso*). — Não é nada. Mande vir um copo com água (*sai Joana*).
Juca — Quando digo que não é nada, falto um pouco à verdade, porque sua filha tem uma inflamação de carbonato de potassa.
Domingos João (*Muito espantado*). — Inflamação de que?
Juca — De carbonato de potassa.
Antônio — E isso é perigoso, Sr. doutor?
Juca — Muito, não só para ela, como para a pessoa que com ela casar.
Antônio (*á parte*) — Mau!

CENA XV

Os mesmos e Joana

JOANA — Aquí está a água.

JUCA (*tomando o copo d'água e fingindo que lhe deita alguma cousa dentro*). — Êste remédio vai curá-la imediatamente. (*Quitéria bebe e logo ao primeiro góle abre os olhos*).

DOMINGOS JOÃO — Viva o Sr. licenciado!

QUITÉRIA (*levantando-se*) — Minha mãe!

JOANA — Minha filha, o que tens?

JUCA — Esta menina é preciso ter muito cuidado na sua saúde e eu acho que, si ela casar com um homem que não entenda de medicina, está muito arriscada a sua vida.

DOMINGOS JOÃO — Mas isto é o diabo! Já prometí-a ao senhor (*apontando para Antônio*).

ANTÔNIO — Mas eu...

JUCA — Arrisca assim a vida de sua filha.

DOMINGOS JOÃO — Já dei minha palavra. — (*Juca coça a cabeça*).

QUITÉRIA — Ai! Ai! eu morro! (*cai na cadeira*).

TODOS — Acuda, acuda, Sr. doutor!

JUCA (*chegando-se*) — Agora é outra doença.

DOMINGOS JOÃO — Então o que é agora?

JUCA — E' um eclipse.

DOMINGOS JOÃO — Ai (*Juca esfrega as mãos e passa-as pela testa de Quitéria*).

QUITÉRIA (*abrindo os olhos*) — Já estou melhor.

JUCA — Vê, Sra. D. Joana? si sua filha não tiver sempre quem trate dela, morrerá certamente. Não é assim, Sra. Angélica?

(*Quando diz estas últimas palavras, dá ocultamente a Angélica uma bolsa com dinheiro*).

ANGÉLICA — Sr. doutor, tem razão, a menina morre.

DOMINGOS JOÃO — Então, que havemos de fazer?

JUCA — Si eu não estivesse estudando...

JOANA — O Sr. licenciado bem podia...

JUCA — Si meu pai...

DOMINGOS JOÃO — Tenho uma bôa fazenda e o marido de minha filha fica bem aquinhoado.

JUCA — Si o Sr. Domingos quisesse...

DOMINGOS JOÃO — Explique-se.

JUCA — Conhecendo as bôas qualidades de sua filha e estimando muito sua família, me ofereço...

JOANA (*com presteza*) — E o consentimento de seu pai?

JUCA — Êsse, o terei.

DOMINGOS JOÃO — Mas, a palavra que dei ao Sr. Antônio.

ANTÔNIO — Não se aflija, pois não desejo mais casar com uma mulher que tem eclipses.

JUCA — Visto isto, cede?

ANTÔNIO — De boa vontade.

JOANA — Sr. Domingos João diga ao senhor que sim.

ANGÉLICA — Olhe que sua filha morre.

INACINHO — Meu pai, case-a, com os diabos; o Sr. licenciado é boa pessoa.

DOMINGOS JOÃO — Já que todos o querem, vá feito (*Para Juca*) Minha filha será sua mulher (*Quitéria levanta-se*).

JUCA — Como consente, quisera que se afetuasse o mais breve possível.

DOMINGOS JOÃO — Iremos agora mesmo falar ao vigário e de caminho podemos ver a festa.

JOANA — Diz bem.

DOMINGOS JOÃO — Vão se vestir (*saem as duas*).

JUCA — Quando acabar meus estudos, voltarei para ajudar a meu pai.

DOMINGOS JOÃO — Dê-me um abraço. (*Para Inacinho*). Já agora não irás amanhã para a cidade. Quem havia de dizer que seu Juca seria meu genro?

ANGÉLICA — Deus assim o quís.

DOMINGOS JOÃO — E o quebranto, não?... Dizia esta mulher, Sr. Juca, que minha filha tinha quebranto,

o diabo no corpo, espinhela caída, quando ela não tinha sinão um carbonato de eclipse.

JUCA (*rindo-se sem se poder conter*). — E' verdade!

DOMINGOS JOÃO (*desconfiado*). — De que ri?

JUCA — Da asneira da senhora...

Comédias — H. Garnier, livreiro editor.

FRANÇA JUNIOR

(*Bio-bibliografia à pág.* 109)

51. Como se fazia um deputado

CENA VI

Limoeiro e Chico Bento

LIMOEIRO — Então, que diz do nosso doutor?

CHICO BENTO — Não é de todo desajeitado.

LIMOEIRO — Desajeitado! E' um rapaz de muito talento!

CHICO BENTO — E diga-me cá uma cousa: a respeito de política, quais são as idéias dêle?

LIMOEIRO — Tocou o tenente-coronel justamente no ponto que eu queria ferir.

CHICO BENTO — *Omnibus tulit punctos, qui miscuit util et dolcet* (*).

LIMOEIRO (*gritando*) — Olá de dentro! tragam duas cadeiras. O negócio é importante, devemos discutir com toda a calma.

CHICO BENTO — Estou às suas ordens. (*Entra um negro e põe duas cadeiras em cena*). Tem a palavra o suplicante. (*Sentam-se*).

(*) — Correto: — *omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci.* — N. do coletor.

LIMOEIRO — Tenente-coronel, cartas na mesa e jôgo franco. E' preciso arrumar o rapaz; e não há negócio neste país, como a política. Pela política cheguei a major e a comendador, e o meu amigo a tenente-coronel e a inspetor da instrução pública cá da freguezia.

CHICO BENTO — Pela política, não, porque estava o partido contrário no poder; foi pelos meus merecimentos.

LIMOEIRO — Seja como fôr, o fato é que, a-pesar-de estar o meu partido de cima, o tenente-coronel é e será sempre a primeira influência do lugar. Mas vamos ao caso. Como sabe, tenho algumas patacas, não tanto quanto se diz...

CHICO BENTO — Oxalá que eu tivesse só a metade do que possue o major.

LIMOEIRO — Ouro é o que ouro vale. Si a sorte não o presenteou com uma grande fortuna, tem-lhe dado todavia honras, considerações e amigos. Eu represento o dinheiro; o tenente-coronel, a influência. O meu partido está escangalhado, e é preciso olhar seriamente para o futuro de Henrique antes que a reforma eleitoral nos venha por aí.

CHICO BENTO — Quer então que...

LIMOEIRO — Que o tome sob a sua proteção quanto antes, apresentando-o seu condidato do peito nas próximas eleições.

CHICO BENTO — *Essis modus in rebus* (*).

LIMOEIRO — Deixemo-nos de latinórios. O rapaz é meu herdeiro universal, casa com a sua menina, e assim conciliam-se as cousas da melhor maneira possível.

CHICO BENTO (*com alegria concentrada*). — Confesso ao major que nunca pensei em tal; uma vez, porém, que êsse negócio lhe apraz...

LIMOEIRO — E' um negócio, diz muito bem, porque, no fim das contas, estes casamentos por amor dão sempre em água de barrela. O tenente-coronel compreende... Eu sou liberal... o meu amigo conservador...

CHICO BENTO — Já atinei! Já atinei! quando o partido conservador estiver no poder...

(*) — Correto: — *Est modus in rebus*. N. do coletor.

LIMOEIRO — Temos o govêrno em casa. E quando o partido liberal subir...

CHICO BENTO — Não nos saíu o govêrno de casa.

LIMOEIRO (*batendo na côxa de Chico Bento*) — Maganão!...

CHICO BENTO (*batendo-lhe no ombro*). — Vivório! E si se formar um terceiro partido?... Sim, porque devemos prevenir todas as hipóteses...

LIMOEIRO — Ora, ora... Então o rapaz é algum bôbo? Encaixa-se no terceiro partido, e ainda continuaremos com o govêrno em casa. O tenente coronel já não foi progressista no tempo da Liga?

CHICO BENTO — Nunca. Sempre protestei contra aquele estado de cousas; ajudei o govêrno, é verdade, mas no mesmo caso está também o major, que foi feito comendador naquela ocasião.

LIMOEIRO — E' verdade, não nego; mudei de idéias por altas conveniências sociais. Olhe, meu amigo, si o virar a casaca fôsse crime, as cadeias do Brasil seriam pequenas para conter os inúmeros criminosos que por aí andam.

CHICO BENTO — Vejo que o major é homem de vistas largas.

LIMOEIRO — E eu vejo que o tenente-coronel não fica atrás.

CHICO BENTO — Então, casemos os pequenos...

LIMOEIRO — Casam-se os nossos interesses.

CHICO BENTO — *Et cœtera* e tal...

LIMOEIRO — Pontinhos... (*vendo Henrique*) Aí vem o rapaz, deixe-me só com êle.

CHICO BENTO — *Fiam voluntatis tue* (*). Vou mudar estas botas (*sai*).

CENA VII

Limoeiro e Henrique

HENRIQUE — Como se está bem aquí! Disse um escritor que a vida da roça arredonda a barriga e estreita o

---

(*) — Correto: *Fiat Voluntas tua* — N. do coletor.

cérebro. Que amargo epigrama contra esta natureza grandiosa! Eu sinto-me aquí poeta.

LIMOEIRO — Toma tenência rapaz. Isto de poesia não dá para o prato, e é preciso que te ocupes com alguma cousa séria.

HENRIQUE — Veja, meu tio, como está aquele horizonte; o sol deita-se em brilhantes cochins de ouro e púrpura e a viração, embalsamada pelo perfume das flores, convida a alma aos mais poéticos sonhos de amor.

LIMOEIRO — Está bom, esta bom. Esquece estes sonhos de amor, que no fim de contas, são sempre sonhos, e vamos tratar da realidade. Vira-te para cá. Deixa o sol, que tens muito tempo para ver, e responde-me ao que te vou perguntar.

HENRIQUE — Estou às suas ordens.

LIMOEIRO — Que carreira pretendes seguir?

HENRIQUE — Tenho muitas diante de mim. A magistratura...

LIMOEIRO — Podes limpar as mãos à parede...

HENRIQUE — A advocacia, a diplomacia, a carreira administrativa...

LIMOEIRO — E esqueceste a principal, aquela que pode elevar-te às mais altas posições em um abrir e fechar de olhos.

HENRIQUE — O jornalismo?

LIMOEIRO — A política, rapaz, a política! Olha, para ser juiz municipal, é preciso um ano de prática; para seres juiz de direito, tens que fazer um quatriênio; andarás a correr montes e vales por todo êste Brasil, sujeito aos caprichos de quanto potentado e mandão há por aí, sempre com a séla na barriga! Quando chegares a desembargador, estarás velho, pobre, cheio de achaques, e sem esperança de subir ao Supremo Tribunal de Justiça. Considera agora a política. Para deputado não é preciso ter prática de cousa alguma. Começas logo legislando para o juiz municipal, para o juiz de direito, para o desembargador, para o ministro do Supremo Tribunal de Justica, para mim, que sou quasi teu pai, para o Brasil inteiro, em suma...

HENRIQUE — Mas para isso é preciso...

LIMOEIRO — Não é preciso cousa alguma. Desejo sòmente que me digas quais são as tuas opiniões políticas.

HENRIQUE — Foi cousa em que nunca pensei.

LIMOEIRO — Pois olha, és mais político do que eu pensava. E' preciso, porém, que adotes um partido seja êle qual fôr. Escolhe.

HENRIQUE -- Neste caso serei do partido de meu tio.

LIMOEIRO — E por que não serás corservador?

HENRIQUE — Não se me dá de sê-lo, si fôr de seu agrado.

LIMOEIRO — Bravo! Pois fica sabendo que serás ambas as cousas.

HENRIQUE — Mas isto é uma indignidade!

LIMOEIRO — Indignidade é ser uma coisa só!

V. RETRATOS -- CARACTERES

JOÃO FRANCISCO LISBOA

MARANHÃO — 22-V-1812
† LISBOA — 26-IV-1863

Filho de lavradores, João Francisco Lisboa, nascido em Itapicurú-mirim, teve a sua primeira educação literária muito descurada e só mais tarde, devido aos próprios esforços, pôde fazer estudos proveitosos de humanidades. Na sua província dedicou-se ao jornalismo. Havia sido deputado provincial na primeira legislatura, tendo mais tarde desempenhado o cargo de secretário da Presidência; deu-se também à advocacia. Vindo ao Rio de Janeiro em 1855, foi pelo govêrno imperial incumbido de ir a Portugal coligir documentos relativos à história pátria, o que fazia com o maior zêlo, quando em Lisboa o surpreendeu a morte. Foi do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O brilhante jornalista, reputado um dos nossos mais corretos prosadores, foi conhecedor profundo do vernáculo, que cultivou e estudou com amor

Bibliografia — Suas produções principais foram: *Jornal de Timon* (Maranhão, de 1852 a 1854), *Apontamentos, notícias e observações para servirem à história do Maranhão, Obras completas*, etc.

52. Vieira na escola

Mostrava-se Antônio Vieira assíduo e fervoroso nos estudos, e lidava devéras por avantajar-se aos demais seus condiscípulos; mas conta-se que nos primeiros tempos, a-pesar-da natural vivacidade que desde os mais tenros

anos manifestara, não pudera fazer grandes progressos, pelo não ajudar a memória, rude e pesada, e como toldada de espêssa nuvem. Era o estudante grande devoto de Virgem; e um dia que, ajoelhado ante a sua imagem e cheio do pesar e abatimento que lhe causava aquela natural incapacidade, a implorava em fervorosa oração, para que o ajudasse a vencer semelhante obstáculo, de repente sentiu como um estalo e dôr aguda na cabeça, que lhe pareceu que alí acabaria a vida.

Era a Virgem que sem dúvida escutara e deferia a súplica ardente e generosa; e era o véu espêsso que trazia em tão indigna escuridade aquele juvenil engenho, que num momento se rasgava e desfazia para sempre.

Guiou dalí Vieira para a escola com grande alvorôço, e sentiu-se tão outro do que fôra até então, que logo animosamente pediu para argumentar com os mais sabedores e adiantados. E a todos venceu e desbancou, com estranhável assombro do mestre, que bem conheceu andava naquilo grande novidade. Assim o referem pelo menos as crônicas da ordem; e, si a anedota não é verdadeira, é pelo menos calculada para dar uma côr romanesca e maravilhosa aos primeiros lampejos dêste engenho novel, que mais tarde havia de deslumbrar o mundo pelo seu extraordinário fulgor. Daí por diante nunca mais a memória e as outras faculdades do entendimento mentiram ao seu ardor imenso de aprender; e como lhe batesse no peito um coração generoso e cheio de impulsos e aspirações para as grandes e nobres cousas, já em tão verdes anos cogitava o mancebo nos meios de pôr por obra as suas idéias e desígnios. E, ou fôsse que a sua inteligência e ambição precoce lhe desse a conhecer que nos jesuitas estava concentrado todo o poder da época, e que abraçando o instituto, entrava pela porta mais fácil e azada para quem queria seguir os caminhos que guiam á grandeza humana; ou fosse que os padres, sondando com um só lanço do seu olhar profundo e penetrante tudo quanto o porvir reservava àquela flôr apenas desabrochada, e fiéis às máximas da ordem, empregassem todos os meios para captá-lo e seduzí-lo; o certo é que Vieira fugiu de casa, e recolheu-se ao colégio dos jesuitas, em 1625, tendo pouco mais de quinze anos de idade.

Debalde os pais, que lhe reservavam outros destinos, envidaram todos os esforços pelo dissuadir; Vieira perseverou, despontando nele por êste modo, em ocasião tão solene, e desde a aurora da vida, aquele ferrenho desprêso dos sentimentos mais ternos e suaves, e aquela ambição aspérrima e insaciável que dominaram depois em todo o curso dela.

Passados dous anos completos de noviciado, Vieira professou; e bem que continuasse a fazer progressos maravilhosos nos estudos, com igual aplauso dos mestres e condiscípulos, a glória tranquila e modesta das letras não o tentou assás; e, aspirando incessantemente a cousas mais árduas e lustrosas, fez consigo voto de despender a vida na doutrina e conversão dos escravos africanos e selvagens do Brasil, e êsse intento deu-se para logo ao estudo das línguas de uns e outros. Quando aos vinte e um anos de sua idade, quiseram os padres que Vieira começasse um curso de filosofia, para passar depois aos de teologia, declarou êle o voto que até então guardara secreto. Os superiores lho irritaram, é certo, mas não foi sem repugnância que o futuro missionário, adstrito aos preceitos severos da ordem sôbre a obediência, abriu mão dos projetos que lhe sorriam na mente, para continuar a cultivar as letras, e a aprofundar aqueles conhecimentos que, no entender dos padres, ajustavam melhor com a elevação e brilho do seu talento.

Que poderemos nós dizer que responda aos prodígios operados nas escolas por esta aguiazinha ainda mal emplumada? Aos dezoito anos já Vieira ensinava retórica no colégio de Olinda; e, quer na sua cadeira de professor, quer nos bancos de filosofia e teologia, era sempre o mesmo portentoso mancebo que, antecipando o tempo e o trabalho, mostrava-se com mais aptidão para mestre que para discípulo. Compunha dissertações e tratados sôbre os assuntos mais elevados, comentava os livros mais obscuros e difíceis das sagradas escrituras, e argüía com tanta sutileza, ardor e vivacidade, que era o pasmo de quantos o viam o ouviam.

53. Antônio Vieira prègador

Em 1635, foi Vieira ordenado presbítero, e disse a sua primeira missa.

Apontamos esta circunstância pela sua data para deduzir dela uma observação; e vem a ser que, segundo parece naquela época não era cousa fácil a promoção ao sacerdócio, cujas tremendas obrigações se confiaram a um homem tal como Vieira, só depois de vinte e oito anos de idade e de tantos e tão elevados estudos.

Escreve André de Barros que por estes tempos gastara Vieira cinco anos na conversão dos gentíos do Brasil; e o mesmo Vieira em uma carta escrita em 1695 ao P. Manuel Luiz (é a 144.ª do T. 2.º), diz também que estivera cinco anos em todas as aldeias da Baía, sem todavia particularizar mais circunstância alguma, por onde se possa avaliar a época e importância dos serviços, com que desde então buscava satisfazer a sua vocação.

O que não parece dúvida é que, tanto antes como depois de receber as ordens, já êle prègava nas igrejas da Baía e seus arredores, desdobrando desde então as grandes qualidades oratórias com que depois encheu de admiração Lisboa e Roma. Que dizemos nós? no seu famoso — "Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda" — pregado em 1640, elevou-se o P. Antônio Vieira a um tão alto grau de eloquência, a que raras vezes atingiu depois.

Então contava êle apenas trinta e dois anos, e em todo o viço da mocidade, o seu talento virgem e vigoroso rompeu em vivos lampejos, sobrepujando a falsa ciência, que em idade mais crescida por ventura lhe ofuscava o brilho, e lhe impedia a liberdade dos movimentos.

O patriotismo português, paixão dominante, que sempre ocupou o seu coração, o enchia e abrasava então mais que nunca, não desfalecido ainda, nem pelos gelos da velhice, nem pelas ingratidões e desenganos, que mais tarde tantas vezes encontrou nas côrtes.

As circunstâncias, de resto, eram próprias a excitar todos os seus sentimentos de português, de católico e de membro de uma ordem religiosa. Os holandeses haviam conquistado uma parte considerável do Brasil; o príncipe Maurício de Nassau, com um formidável armamento de terra e mar, tinha vindo tentar em 1638, a tomada da Baía; e, posto que a emprêsa se malograsse, não se fez todavia sentir menos pesada nas devastações que se lhe seguiram. A guerra continuou depois, e o ano de 1640 foi logo nos seus começos assinalado por batalhas encarniçadas e incessantes entre a esquadra holandesa e a luso-hispana, sôb o comando do conde da Torre.

Essas batalhas, cujo resultado foi sempre favorável aos holandeses, pelejaram-se tanto à vista das costas do Brasil, que, pode-se dizer, a população as contemplava das praias.

Sob a impressão dos sentimentos de terror e de esperança que estes grandes acontecimentos excitavam em todos os ânimos, ordenaram-se preces públicas na Baía, e os melhores oradores subiam sucessivamente ao púlpito. No último dia coube ao P. Antônio Vieira a sua vez de pregar. A vida dos oradores está principalmente nos seus discursos; e um grande triunfo oratório é para êles, como para um general o ganho de uma batalha. Não faremos, pois, como os seus outros biófragos que, com culpável omissão, deixaram em completo silêncio, ou apenas assinalaram este notável acontecimento.

Dominado de uma soberba inspiração, e, desdenhando seguir os trilhos usados pela retórica fria e rotineira dos outros pregadores, desde as primeiras palavras afrontou-se o orador com a divindade, com uns meneios e formas tão estranhas, e com uma tal audácia de pensamentos, que faz involuntariamente recordar a passagem de Homero, citada por Longino entre os exemplos de sublime. — *Exurge* (disse êle, começando) *quare obdormis, domine?*

Vida do Padre Antônio Vieira. (Na Europa).

54. Vieira e D. João IV

Para acudir ao Brasil, propôs igualmente o padre a compra de quinze fragatas de trinta peças, que em Amsterdão lhe ofereceram por vinte mil cruzados cada uma, postas em Lisboa aparelhadas de todo o necessário. O alvitre agradou, mas para o pôr por obra eram necessários trezentos mil cruzados, e não os havia à mão. Indicou Vieira um leve imposto sôbre a frota que havia chegado do Brasil naqueles dias, opulentíssima de mais de quarenta mil caixas de açúcar. Mandou-lhe Sua Majestade que pusesse tudo aquilo em um papel *sem lábia*, e passados poucos dias fez-lhe saber que, mandando consultá-lo por seus ministros, responderam êstes *que o negócio estava muito crú*. Mas eis que apenas passam seis meses, e chegam notícias de como Segismundo apertava com a Baía, e fazia grande falta a armada que não comprara nem mandara. Interpelado Vieira por el-rei, acêrca desta dificuldade com as seguintes palavras: — Que vos parece que façamos? — "O negócio, senhor (respondeu êle) é mui fácil. Não disseram a V. M. os ministros que aquele negócio era muito crú? Pois então cozam-no agora".

O cortezão triunfava sem muita caridade dos embaraços dos ministros e ainda do seu próprio rei. Êsses embaraços não pararam aquí. Assentou-se em conselho que era indispensável socorrer a Baía, e para isso se havia mister de trezentos mil cruzados, sem ocorrer todavia a maneira de achá-los. Tornou el-rei a comunicar o caso com o padre, e êste lhe respondeu indignado: "Basta, senhor, que a um rei de Portugal hão de dizer seus ministros que não há meio de haver 300.000 cruzados com que acudir ao Brasil, que é tudo o que hoje temos! Ora, eu com essa roupeta remendada espero em Deus que hoje mesmo hei de dar a V. M. toda esta quantia". — E assim foi, que a obteve imediatamente de empréstimo por intermédio de um negociante, seu amigo e antigo conhecido do Brasil.

55. Vieira preso

(REVOLTA POPULAR DO PARÁ)

Triunfantes os sediciosos do Maranhão, não se deixaram adormecer no seio da vitória; e enviaram prontamente diversos emissários, quer para Belém, afim de promoverem uma sublevação igual à de S. Luiz, quer para Lisboa, a representarem suas queixas e desculparem a sedição. Para esta última missão foi escolhido o famoso Jorge de S. Paio de Carvalho, cidadão ativo e empreendedor, que já de então se lançava nessa carreira fatal das revoluções, por onde, vinte anos mais tarde, devia chegar ao cadafalso.

Divulgados, enfim, no Pará os sucessos do Maranhão, e nem o segrêdo se podia guardar por muito tempo, começou o povo a alvorotar-se. Em vão procuraram o senado e os nobres acalmar o seu furor; as suas mesmas diligências redundaram em prejuizo da paz, si não é que de propósito foram encaminhadas a êsse fim, como suspeitaram os escritores jesuitas. O certo é que, resolvendo o senado convocar os moradores para a eleição de três nobres dos mais qualificados que, com o mesmo senado, provessem à segurança pública, e começando a eleição a 13 de Julho, aconteceu, como dois meses antes se tinha visto em S. Luiz, que do mesmo concurso da multidão derivou o perigo que se pretendia remover. No dia 17, recolhida a corporação do senado, depois da procissão do anjo custódio, rompeu o povo em altos brados, pedindo a nomeação de um juiz, que para logo obteve.

Infatuados com êste primeiro triunfo, guiaram os sediciosos tumultuariamente para o colégio da companhia, invadiram-no de mão armada, e ali prenderam todos os padres que acharam, inclusive Antônio Vieira, e conduziramnos a diversas prisões, no meio de vaias, ameaças e espadas nuas, sendo Vieira recluso na ermida de S. João, separado de todos os mais companheiros. Sem dar inteiro crédito a André de Barros, o qual afirma que os mesmos

padres enfermos e moribundos foram arrastados, e que a Antônio Vieira até se negava o indispensável alimento, é de presumir, contudo, que a multidão vitoriosa se demasiasse em toda a casta de excessos. Antônio Vieira, em particular, foi objeto das maiores afrontas; guardado à vista e incomunicável em uma prisão solitária, a plebe vil e desprezível vinha insultá-lo sem piedade. Êste o chamava hereje, aquele de judeu, tanto que fôra batizado em pé; estoutro, enfim, feiticeiro, que trazia consigo um gênio familiar, com que lograva enganar a todos.

Quando, entre as vaias da gentalha e soldadesca, era conduzido do colégio para a prisão, um dos principais da terra chegou-se a êle, e perguntou-lhe em tom de mofa: *Onde está agora, P. Antônio Vieira, a sua sabedoria e arte, si não sabe livrar-se dêste conflito?*

Fôsse sobranceria ou abatimento, o padre nada lhe respondeu; mas a injúria devia pungí-lo no íntimo d'alma, a êle sempre tão desvanecido da sua imensa superioridade, agora miserável prêsa e baldão de alguns obscuros sediciosos, eterno objeto do seu ódio, para não dizer do seu desprêzo.

Vida do Padre Antonio Vieira. (*No Brasil*).

VASCONCELOS DE DRUMOND

RIO DE JANEIRO — 21-V-1794
† PARIS — 15-I-1865

Jornalista, Antônio de Menezes Vasconcelos de Drumond prestou serviços inestimáveis à causa da Independência da Pátria. Apoiou o gabinete dos Andradas e, quando, dissolvida a Constituinte, José Bonifácio e os irmãos exilados, partiram para a França, 1823, Vasconcelos de Drumond quis ter e teve a mesma sorte. Voltou ao Brasil em 1829 e posteriormente representou o Brasil em vários países da Europa. Publicou diversos trabalhos sôbre as nossas questões diplomáticas e suas *Memórias* de onde foi extraído o trecho abaixo.

56. Inteireza dos Andradas

Acêrca da pobreza de José Bonifácio, que não possuia mais de trinta mil réis, quando foi preso e deportado, contarei uma anedota, que não será lida sem interesse.

Os ministros da regência de D. Pedro reduziram seus ordenados a metade do que eram no tempo de D. João VI. Ficaram em quatro contos e oitocentos mil réis anuais, pagos mensalmente.

José Bonifácio recebeu quatrocentos mil réis em bilhetes do Banco, de um mês do seu ordenado, os meteu no fundo do chapéu, e no teatro lhe roubaram o chapéu e o conteúdo.

O primeiro ministro do Império do Brasil acha-se no dia seguinte sem ter com que mandar comprar o jantar. Não possuia nem um vintém mais, e seu sobrinho Belchior Fernandes Pinheiro foi quem pagou as despesas do dia.

Em conselho José Bonifácio referiu esta ocurrência e a extrema necessidade a que ela o reduziu e a sua família.

O imperador entendeu que o ministro, visto a penúria em que se achava, devia ser indenizado, pagando-se-lhe outro mês de ordenado, e, neste sentido, deu alí suas ordens ao ministro da fazenda.

Martim Francisco não obedeceu. Disse ao imperador que não havia lei que pusesse a cargo do Estado os descuidos dos empregados públicos; que o ano tinha para todos doze meses e não treze para os protegidos; e, finalmente, pedia a sua Majestade que retirasse a sua ordem, porque era exequivel que êle, Martim Francisco, repartisse com seu irmão o seu ordenado e que viveriam ambos com mais parcimônia aquele mês, o que era melhor do que dar ao país o funesto exemplo de se pagar ao ministro duas vezes o ordenado de um só mês.

Êste incidente não foi mais adiante. Martim Francisco repartiu com seu irmão o dinheiro que tinha, e José Bonifácio daí por diante tomou mais cuidado no chapéu e no dinheiro que recebia.

Memórias.

MONSENHOR PINTO DE CAMPOS

PERNAMBUCO — 4-IV-1819
† LISBOA — 5-XII-1887

Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, orador sagrado e parlamentar, foi escritor e conhecedor da língua, que prezava. Militou na política, tendo sido deputado à assembléia provincial de Pernambuco e à geral, eleito em cinco legislaturas.

Membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio da Academia Geral de Ciências de Lisboa e de outras associações literárias e científicas estrangeiras.

Bibliografia — Publicou: *Jerusalém* (1874), *A Igreja e o Estado, Vida do grande cidadão brasileiro Luis Alves de Lima e Silva,* sermões, discursos, etc.

---

57. O Duque de Caxias

Nas mais diversas aplicações da sua inteligência, soube êle permanecer sempre o mesmo. Por mais alto que subisse, em cada degrau da sua esplêndida vida, nunca foi visto vacilar. Soube administrar, combater, governar, tudo em máxima escala, ficando sempre simples e modesto. Distinguiu-o invariavelmente a austera simplicidade de um Cincinato, mas a quem nunca o Estado permitiu voltar do triunfo para a charrua, pois não têm sido dadas férias a tão constante lidar.

Por mais que barafuste a inveja, a história não aceitará que o nome de outro algum dos nossos cidadãos se superponha ao dêste; e ao nosso compatriota passará também o cognome de *Duque de Ferro,* com que outro general foi saudado. Já lhe conheceis as qualidades morais e físicas. Duma sobriedade exemplar, suporta as maiores fadigas, sem demonstrar cansaço. Nunca foi visto desmentir-se-lhe o vigor do ânimo ou a placidez do espírito, nem nos mais críticos momentos, que a responsabilidade de um comando em chefe devia converter em séculos de ansiedade. Sempre achou tempo para Deus, para a pátria, para os amigos, para a humanidade.

Essa estrêla que lhe atribuem, acredita nela, não como os fatalistas, mas sim como predomínio da inteli-

gência sôbre as ações, caso êsse em que a sorte, como diz Vieira, não está nas mãos dos fados, senão nas nossas. Si o acaso venturoso entra por um décimo nos grandes resultados obtidos, nove décimos são devidos ao cálculo, à inteligência, à perspicácia, à prontidão.

Sim, homens destes não deviam morrer. São esteio da pátria, farol seu, sua glória, sua esperança. Si um Caxias, durante meio século tem prestado toda a casta de serviços a este país, na sua separação, no seu organizar-se, na sua pacificação, na sua segurança, interna e externa, quem sabe si d'ora avante, mais que nunca, essa coajuvação possante não virá a ser-nos necessária e urgente? Não se tem a pátria costumado, em todos os seus transes angustiosos, a apontar para êste homem, invocando-o com o brado: *Tu es ille vir?*

Vida do grande cidadão brasileiro, Luiz Alves de Lima e Silva, Barão, Conde, Marquês, Duque de Caxias (Lisboa, 1878).

MACHADO DE ASSIZ

(*Bio-bibliografia à pág.* 24)

---

58. Visconde do Rio Branco

Contrastando com Souza Franco, vinha a figura de Paranhos, alta e forte.

Não é preciso dizê-lo a uma geração que o conheceu e admirou, ainda belo e robusto na velhice. Nem é preciso lembrar que era uma das primeiras vozes do Senado.

Eu trazia de cór as palavras que alguém me confiou haver dito, quando êle era simples estudante da Escola Cantral: "Sr. Paranhos, você ainda há de ser ministro". O estudante respondia modestamente, sorrindo: mas o profeta dos seus destinos tinha apanhado bem o valor e a direção da alma do moço.

Muitas recordações me vieram do Paranhos de então, discursos de ataque, discursos de defesa, mas uma basta:

a justificação do convênio de 20 de Fevereiro. A notícia deste ato entrou no Rio de Janeiro, como as outras dêsse tempo, em que não havia telégrafo. Os sucessos do exterior chegavam-nos às braçadas, por atacado, e uma batalha, uma conspiração, um ato diplomático eram conhecidos com todos os seus pormenores. Por um paquete do Sul, soubemos do convênio da vila União. O pacto foi mal recebido, fez-se uma manifestação de rua, e um grupo de populares, com três ou quatro chefes à frente, foi pedir ao govêrno a demissão do plenipotenciário. Paranhos foi demitido e, aberta a sessão parlamentar, cuidou de produzir a sua defesa.

Tornei a vê-lo aquele dia, e ainda agora me parece vê-lo. Galerias e tribunas estavam cheias de gente, ao salão do Senado foram admitidos muitos homens políticos ou simplesmente curiosos. Era uma hora da tarde quando o presidente deu a palavra ao Senador por Mato-Grosso; começava a discussão do voto de graças. Paranhos costumava falar com moderação e pausa; firmava os dedos, erguia-os para o gesto lento e sóbrio, ou então para chamar os punhos da camisa, e a voz ia saindo meditada e colorida. Naquele dia, porém, a ânsia de produzir a defesa era tal, que as primeiras palavras foram antes bradadas que ditas: "Não a vaidade, Sr. Presidente..." Daí a um instante, a voz tornava ao diapasão habitual, e o discurso continuou como nos outros dias. Eram nove horas da noite, quando êle acabou; estava como no princípio, nenhum sinal de fadiga nêle, nem no auditório, que o aplaudia.

Foi uma das mais fundas impressões que me deixou a eloquência parlamentar. A agitação passara com os sucessos, a defesa estava feita. Anos depois do ataque, esta mesma cidade aclamava o autor da lei de 28 de Setembro de 1871, como uma glória nacional; e ainda depois, quando êle tornou da Europa, foi recebê-lo e conduzí-lo até à casa. Ao clarão de um belo sol, rubro de comoção, levado pelo entusiasmo público, Paranhos seguia as mesmas ruas que, anos antes, voltando do Sul, pisára sózinho e condenado.

Páginas recolhidas. — H. Garnier.

LUIZ GUIMARÃES

RIO DE JANEIRO — 17-II-1845
† LISBOA — 19-V-1897

Prosador e poeta lírico dos mais estimados, tendo vindo do romantismo, Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior foi, desde a publicação dos *Sonetos e Rimas*, um perfeito parnasiano, não só pela expressão poética, como ainda pelo esmêro da forma e correção do verso: como Joséphin Soulary, Luiz Guimarães cinzela os seus sonetos com uma dexteridade maravilhosa.

Pertenceu a várias associações de letras e ciências estrangeiras e foi da Academia Brasileira de Letras, cadeira Pedro Luiz.

Bibliografia — Deixou, entre outros trabalhos: *Corimbos*, *História para gente alegre*, *Filigranas*, *Contos sem pretensão*, *Noturnos*, *Sonetos e Rimas*, *Mont'Alverne*, *A. Carlos Gomes* e outros perfís biográficos, etc.

---

59. Infância de Carlos Gomes

A infância do nosso *maestro* passou como a de Haydn, Berlioz e os outros originais espíritos, que vêm ao mundo, como a guarda avançada da Providência. Voltava da escola e corria a estudar a música; fechava os ouvidos aos gritos dos companheiros foliões, para recolher os murmúrios misteriosos e as santas harmonias, que a mão invisivel do destino pusera no seu coração.

Saiu da escola com onze anos de idade e entregou-se completamente à arte, para a qual impeliam-no os seus desejos e a ambição de seu pai.

Nas festas das igrejas foi onde fez-se distinta reputação de Antônio Carlos, vinte léguas nos arredores. Circunstância notável dessa rara organização musical: até os dezesseis anos possuia a mais clara e vibrante voz de

soprano *sffogato*. Poder-se-ia compará-lo à Patti, no gorjeio e nas volatas caprichosas!

Nas *soirées* familiares reclamavam a esbelta *cantora* com o maior empenho e insistência. Como a graciosa modinha e a ária séria fugiam inspiradas de sua cristalina garganta!

Diziam todos ao velho Gomes que mandasse o filho à Côrte. O Rio de Janeiro é o sonho dos artistas brasileiros. Consideram isto Paris, pouco mais ou menos em miniatura!

O rígido mestre campineiro, por amor ao seu Tonico (tratamento familiar de Carlos Gomes) e pela necessidade que tinha dêle para os seus mistéres profissionais, repelia os conselhos e abafava a idéia de separar-se do filho.

Aos vinte anos Antônio Carlos compunha as marchas para a banda militar e fazia descansar o velho, guiando êle mesmo os músicos que o interpretavam. Ia, como se diz, a veia musical do moço em pleno mar de rosas. Não parava um minuto a sua inspiração indomável. Duas missas da escola paciniana, que êle compôs nesse tempo, tiveram incontestável sucesso artistico.

— Mas mande o Antônio para o Rio! repetiam-lhe os amigos. O velho movia negativamente a cabeça e estava tudo dito.

O instinto, o sentimento, o valor que à verdadeira arte acompanham não o deixavam nunca. À mesa, nos passeios, à cabeceira da cama, as melodias voavam-lhe em tôrno, como enxame invisivel de colibrís e rosas. Êle apoderava-se da pena, abria o papel de música, e compunha, compunha, sem limpar o suor, que molhava-lhe as faces!

Os instrumentos que aprendera enquanto fez parte da banda marcial, lançou-os para longe.

— Sou compositor! gritou como Cesar; e hei de encher mil resmas de papel por fôrça!

O velho Gomes, a-pesar-dos esforços que fez, não conseguiu do filho mais um som da rabeca ou de clarinete. Antônio Carlos concebia um pensamento qualquer e traduzia-o febril nas teclas do piano, companheiro fiel.

A admiração pelos mestres ilustres da Itália avultava em sua alma de dia para dia! Em Campinas encontrava-

se sôbre algum piano uma ou outra ária destacadas dos eloquentes poemas líricos, *Trovador, Norma, Lúcia de Lamemoor, Traviata,* etc. Êle devorava um por um os trechos sublimes com sofreguidão de um faminto insaciavel!

Aconteceu que num belo dia — da data é que eu nem êle nos lembramos hoje! — tinha o *maestrozinho* quinze anos apenas: caiu-lhe nas mãos, por obra do acaso, um exemplar do *spartito* completo do *Trovador*. O nosso herói agarrou com os dez dedos vitoriosos o tesouro inapreciável e às quatro horas, enquanto a família ia admirar os pulos e os pinotes de uma companhia de cavalinhos ambulante, êle, pretextando dôr de dentes ou de cabeça, ficou em casa e voou ao fundo do pomar, com o seu livro do *Trovador* debaixo do braço e, ocultando-se entre as espessas sombras do arvoredo, abriu frenético a grande *partitura* italiana.

O que sentiria aquele espírito distinto, aquele coração especial, perante as idéias mágicas do *maestro*, que se desenrolavam como um sonho oriental, fulgurante e voluptuoso? Desde o ruído metálico dos clarins, que abrem o primeitro ato, até a ultima nota da zíngara, nada escapou ao olhar terrivelmente perscrutador do menino artista! Êle cantava, marcava o compasso com ambas as mãos, sonhava, revivia, suspirava, ambicionava, vitoriava o *maestro*, como si de sua própria inteligência tivesse saído a obra monumental, que palpitava-lhe sôbre os joelhos vacilantes!

A tarde descambava aos poucos; a sombra obscurecia a natureza, um bando de sabiás cantava escondido nas moitas tranquilas. Imaginem que quadro para o pincel de Pedro Américo. A noite surpreendeu-o, embargando-lhe a vista ansiosa. Antônio Carlos de um salto chegou à casa, sentou-se à mesa de trabalho e compôs de um folego só uma marcha sôbre motivos do *Trovador*, de Verdi. A familia voltava do circo e a primeira cousa que viu em casa o velho professor foi o seu querido Antônio, cantarolando a marcha, gesticulando, movendo a cabeça, com as faces pálidas, por onde caíam, baga a baga, um milhão de lágrimas.

— Estás chorando? o que tens? mas o que é isso, menino? Êle mostrou apenas a *partitura* italiana e o

papel em que rabiscara a marcha, redobrando de pranto e rindo-se no meio dos soluços, que o sufocavam!

Santas! oh! santas lágrimas de entusiasmo! Vós fostes o batismo revelador do gênio da *Joana de Flandres*, da *Noite do Castelo* e do *Guaraní!*

Abençoados prantos, mais salutares do que os sorrisos da alma! Felizes os que vos podem derramar um dia!

A. Carlos Gomes. — Perfil biográfico, 1870.

VISCONDE DE TAUNAY

(*Bio-bibliografia à pág.* 21)

O Padre José Maurício

Foi em 1811 e não em 1813, que desembarcou no Rio de Janeiro o famigerado Marcos Portugal, cujo nome, conseguindo tranpôr as ráias da pátria, era com aplauso repetido em toda a Itália e repercutira até na longínqua Rússia, onde foram, de 1793 a 1796, representadas, depois de traduzido o libreto, 3 das suas 40 óperas.

Apenas de chegada, correu Marcos Portugal à quinta da Bôa Vista a beijar as mãos da augusta família e dela teve tal recebimento de agrados e amabilidades, que aos desafetos de José Maurício pareceu irremediavel a sua desgraça, como então se chamava o retraimento do favor dos príncipes.

— Há aquí um homem de côr, disse a princesa D. Carlota para o famoso maestro, que é notável na música.

— Já ouví contar, respondeu Marcos Portugal.

— Mas quero o seu juizo...

— Obedecerei a Vossa Alteza Real... Creio que domingo...

— Não esperarei por domingo. Venha cá amanhã, que mandarei chamar o José Maurício. Traga algum trecho novo para piano... Veja bem que o regente costuma chamá-lo o novo Marcos.

Empalideceu de despeito o autor do *Demofoonte*, inclinou-se e despediu-se.

No dia seguinte, com efeito, encontraram-se à tarde em São Cristovão, os dois artistas, um todo cheio de seus triunfos e glórias, naturalmente arrogante, cercado do imenso prestígio que lhe haviam dado as ovações das platéias de todo mundo civilizado, possuido do seu papel de autoridade incontrastável e árbitro supremo; outro, José Maurício. mulato, pobre, tímido, personalidade totalmente desconhecida fora de limitado círculo, alheio à influição dos grandes centros da Europa, desajudado do exemplo e da audição dos mestres, sem nunca ter saído da colônia e até da cidade natal, entregue às suas próprias inspirações e havendo ganho o pouco que era, a poder de muita vocação natural, aturado estudo e penosas elocubrações, dispondo só de apoucados recursos em todos os sentidos a bem da expansão da sua índole artística.

Dirigiram-se êles para os aposentos particulares da princesa D. Carlota; Marcos Portugal adiante com a compostura de sobranceiro juiz, "tão grande a sua impostura, escrevia pouco tempo depois Santos Marrocos em carta para Lisboa, que os mesmos que o obsequiaram, contra êle se levantam, natural a sua circunspeção, olhos carregados, cortejos de superioridade, enfim aparências ridículas e de charlatão". Atrás seguia José Maurício, todo perturbado, fulo de comoção e tão inquieto, do que lhe ia suceder, que as mãos lhe tremiam, muito embora todo o esfôrço por se dominar.

Já estavam os príncipes sentados numa sala em que se ostentava, não um modesto cravo, mas soberbo piano, de fabricação inglêsa, rodeado de pessoas da côrte especialmente convidadas para aquela inesperada exibição dos méritos do organista da Sé antiga, com exercício também na capela real.

Depois de obtida vênia, desenrolou Marcos Portugal, com calculada solenidade, uma peça de música que tra-

zia, e passou-a a José Maurício, perguntando-lhe si já ouvira falar naquele autor.

Era uma das mais difíceis sonatas de Francisco José Haydn.

Com voz sumida e a gaguejar, respondeu o padre que, há muito, conhecia grande parte do repertório do exímio mestre a quem dedicava culto especial. E com efeito, José Maurício, nas suas palestras sôbre arte, colocava Haydn acima de Haendel, a par de Mozart e só abaixo de Beethoven, que costumava denominar divino.

Mostrou-se Marcos Portugal não pouco admirado.

— Então por cá já sabem disso? — exclamou com enfado. — Na Itália é nome quasi desconhecido.

— Pois sr. José Maurício, — ordenou a princesa D. Carlota, — faça-nos ouvir tão grande novidade.

— Nunca toquei esta sonata, — objetou o padre, — e Vossa Alteza...

— Mas dizem que você tira música, como quem lê letra redonda... Sente-se, sente-se ao piano.

Não havia recuar.

Obedeceu o artista, e, aos primeiros acórdes, fez-se completo silêncio.

Começou a sonata.

A princípio, José Maurício, si não claudicou, pelo menos mostròu tibieza na execução.

A pouco e pouco, porém, foi-lhe voltando a salvadora calma. Concentrou-se, chamou a si toda a sua energia e, reagindo contra o abalo que lhe escurecia a vista e lhe prendia as mãos, foi levando de vencida todas as dificuldades da primorosa obra, já esquecido do local em que se achava e de corpo e alma entregue às maravilhosas deduções harmônicas do insigne alemão, cujas páginas interpretava com expressão e facilidade cada vez mais acentuadas.

Daí a instantes também pertencia êle exclusivamente à grandeza da concepção que ia vivificando por modo todo seu, fazendo, dos seus dedos já firmes e de novo escravos submissos da inteligência e do sentimento, jorrar belezas sem conta, que em todos os ouvintes infundiam pasmo e indizível enleio.

Muitos, voltados para Marcos Portugal, liam na fisionomia do orgulhoso mestre a sucessão das impressões que gradualmente o estavam avassalando, fisionomia no começo fria, desdenhosa, irônica, logo depois, atenta, surpresa, e por fim cheia desse entusiasmo expansivo, que a alma verdadeiramente artística não pode reprimir, nem ocultar e irrompe com fôrça incoercivel na lealdade do seu arrebatamento.

José Maurício, porém, nada via; estava todo com Haydn.

No andante deu tal melancolia ao tema dominante, fez por tal fôrça realçar a fase melódica, que nas composições de Haydn perpassa insistente, como indecisa chama por sôbre torrentes de harmonias encadeadas, arrancou do piano tais vozes, tão plangentes e novas — as lágrimas, de que fala Mozart — que por toda a sala e contra as regras da etiqueta circulou um sentido bravo.

Continha-se, porém, o árbitro de quem tudo dependia; mas quando José Maurício atacou o *presto* final e, sem discrepância de uma nota, com a nitidez de magistral interpretação, destrinçou os motivos que aos quatro e cinco intimamente se travam naquele estilo fugado de pasmosa riqueza e exuberância, Marcos Portugal não teve mais mão em si, pôs-se, talvez mau grádo seu, de pé e, ao morrerem os últimos e vigorosos sons da sonata, precipitou-se para aquele que de repente se constituira seu igual e, no meio de calorosos aplausos dos príncipes e da côrte, apertou-o nos braços com imensa efusão.

— Belíssimo, bradou êle, belíssimo! E's meu irmão na arte; com certeza para mim serás um amigo!

Voto sincero, partido do fundo do coração, mas que se não realizou senão muitos anos depois, separados aqueles dois robustos talentos, dignos da estima e do respeito recíprocos, por baixas intrigas e violentos ódios, de que foi vítima nobre e resignada o glorioso compositor brasileiro.

Revista Brasileira.

CARLOS DE LAET

(*Bio-bibliografia à pág.* 30)

---

61. José de Anchieta

José de Anchieta veio ao mundo, como não ignorais, na cidade de Laguna, antiga capital do arquipélago das Canárias, situada na ilha de Tenerife, onde se eleva o famoso pico de Teyde. Nascido no dia de S. José, aos 19 de Março de 1534, exatamente o ano em que D. João III completava os lineamentos do seu projeto de povoamento do Brasil, segundo o plano das capitanias hereditárias, Anchieta foi recebido pelos Jesuitas, na sua casa de Coimbra, no dia 1 de Maio de 1551. Cousa extraordinária para os nossos tempos!

Os portugueses de então não faziam em religião, a menor diferença entre religiosos nacionais e estrangeiros! O novo filho de S. Inácio foi tão bem recebido como se tivera visto a primeira luz em terras de Portugal; e o provincial Simão Rodrigues não opôs o menor embaraço a que, de mistura com os outros religiosos, viesse o joven Anchieta trabalhar no Brasil, quando para cá foi despachado Duarte da Costa, segundo governador.

Senhores, sei que falo a pessôas assás lidas na história pátria para que julgue necessário, já não direi uma narração desenvolvida, porque esta demandaria longas horas, mas um esbôço siquer dos trabalhos de Anchieta em nosso país.

Êle foi visto onde quer que o exigiam os interesses da religião do nascente Brasil.

Catequizou o selvagem e, pela palavra e com o exemplo, saneou a moralidade dos primeiros habitadores.

Foi o élo de paz, foi o iris da aliança entre o colono ávido, lascivo, deshumano e o selvícola suspeitoso, traiçoeiro e feroz.

Este *frade estrangeiro*, tendo começado o seu serviço de catequese na Baía, passou-se á capitania de São Vi-

cente, onde, a 25 de Janeiro de 1554 se dizia, em uma *paupérrima e estreitissima casinha* a missa comemorativa da conversão de S. Paulo.

Foi êste o berço do colégio, da cidade e da capitania de S. Paulo, depois província, hoje Estado do mesmo nome, e, certamente, uma das regiões mais prósperas do nosso Brasil.

De como aí viviam Anchieta e outros *frades estrangeiros* dão testemunho as memórias coetâneas.

Um casebre feito de páus e barro, coberto de sapé, servia ao mesmo tempo de escola, de enfermaria, de refeitório, de cozinha e de despensa.

Em poucas e singelas palavras, não dirigidas à posteridade, à qual, decerto, jamais imaginou que lograssem chegar, Anchieta nos dá uma idéia de tamanhas penúrias.

"Em tais estreitezas nos achamos em verdade colocados (escreveu êle) que é muitas vezes necessário aos irmãos explicarem a lição de gramática no campo; e como ordinariamente o frio nos incomoda da parte de fóra, e dentro de casa o fumo, preferimos sofrer o incômodo do frio de fóra do que o fumo de dentro".

Que opulência, senhores a dêsses religiosos *estrangeiros*! E como a toleravam? Longe de com tal paupérie anojar-se, dela dizia Anchieta: "Não invejamos os espaçosos aposentos de que em outras partes gozam os nossos irmãos, pois Nosso Senhor Jesús Cristo se colocou em mais estreito lugar, e dignou-se nascer em pobre mangedoura, entre dois brutos animais, e morrer em altissima cruz por nós". (Carta inserta nos "Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro". Vol. 1).

Acrescia à pobreza o excesso de trabalho: "Muitas vezes, contra o missionario, — para acudir a batizar ou confessar um escravo de um português, se andam seis ou sete léguas a pé, e às vezes sem comer..." (Informações e fragmentos históricos do Padre José Anchieta, Rio, 1886, pág. 20).

Não há quem não tenha ouvido falar na confederação dos tamoios, fato importantíssimo da nossa quadra colonial, e do qual fez uma epopéia o gênio de Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaia. Aos franceses que

tentavam estabelecer-se nesta nossa baía de Guanabara, coligaram-se os Tamoios. Conciliados pela habilidade do recente invasor, os indígenas constituiam um perigo formidável para os portugueses.

De uma e de outra parte faziam-se temerosos aprestos.

O sangue humano ia correr a jorros. Ora, foi nestas conjunturas que o *frade estrangeiro* José de Anchieta se ofereceu para desarmar com a palavra o índio ofendido e vingativo.

Southey, o historiador insuspeito, porque era protestante, opina que "de mais perigosa embaixada nunca ninguém se encarregara".

Anchieta parte em um navio do genovês Francisco Adorno. Veleja para Ubatuba que naquele tempo se dizia Iperoig. Quando o barco se aproximava da costa, estava ela coalhada de gènte feroz embravecida... Parecia um *meeting!*

Tomam os índios canôas e dispõem-se a agredir o navio de Anchieta.

O *frade estrangeiro* aparta-se dos seus e apresenta-se sózinho.

Como arma única eleva bem alto o Crucifixo, a imagem do sacrifício resignado, ensinando aos homens todas as resignações no sacrifício.

Diante dêsse homem, tão sereno em sua fraqueza corpórea, hesitam as cóleras mais impetuosas. Consente-se em ouví-lo, o que já era meia vitória para a causa da bôa razão. Ouvem-no. Celebra-se o armistício. Confiado na lealdade daqueles filhos da natureza, o padre deixa-se levar por êles, e entre êles permanece como refém. Tamanha coragem subjuga, conquista a admiração dos bravos; tamanha doçura angaria a afeição dos mais desconfiados.

Celebra-se finalmente o pacto... Estava frustada a maquinação dos novos invasores, estava salva a incipiente America Portuguesa. Para tal fim, em nossos dias ter-se-ia mandado um diplomata, ou, peor ainda, um general com seus soldados — e o sangue houvera corrido.

Então mandou-se um religioso e tudo se pacificou. Confessai senhores, que este *frade estrangeiro* não pouco fez pela causa de Portugal e do Brasil!

Não foi tudo. Quem hoje passa pela praia de Santa Luzia vê um edifício notável, o Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Quais os primórdios da instituição que hoje alí tem o seu principal estabelecimento, nos refere, no seu *Santuario Mariano*, Frei Agostinho de Santa Maria.

São poucas linhas, permití que vo-las cite: — "Pelos anos de 1582 (diz o cronista) se entende, teve princípio a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, ou poucos anos antes; porque neste ano chegou àquele porto uma armada de Castela, de que era general Diogo Flores Baldez.

Com os temporais padeceu esta armada muito, porque lhe adoeceu muita gente.

Achava-se naquela cidade o veneravel Padre José de Anchieta, visitando o colégio que alí teve a companhia, fundado no ano de 1567. E como o venerável Padre José de Anchieta era varão santo, levado da caridade, tomou muito por sua conta a cura e o remédio de todos aqueles enfermos, dando traça como se lhes assinasse uma casa, em que pudessem ser curados todos e assistidos — entendendo muitos que então tivera princípio a Casa da Santa Misericordia, que hoje é nobilissima". (Op. cit., vol. X).

Em Iriritiba, que depois foi Benevente e hoje tem o nome de Anchieta, faleceu êste religioso estrangeiro a 9 de Junho de 1597.

ARARIPE JUNIOR

CEARA' — FORTALEZA — 27-VI-1848
† RIO DE JANEIRO — 29-X-1911

Jurisconsulto e escritor, Tristão de Alencar Araripe Junior nasceu a 27 de Junho de 1848. Romancista no comêço da sua carreira literária dedicou-se Araripe Junior nos últimos tempos, com alta competencia à análise literária e à crítica. Bacharelou-se em direito pela faculdade do Recife e exerceu vários cargos públicos, por último o de Consultor Geral da República. O ilustre cearence foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico do Ceará, da *American Academy of Political and Social Science*, de Filadelfia e da Academia Bra-

sileira de Letras, de que foi um dos fundadores — cadeira Gregório de Matos.

Bibliografia — Dentre suas numerosas obras destacamos: *Contos Brasileiros, O ninho do beija-flor, Jacina, a marabá* (crônica dos tempos coloniais), *O reino encantado, José de Alencar, Dirceu, Raul Pompéia, Sílvio Roméro polemista, Gregório de Matos*, etc.

---

62. Machado de Assiz

Tipo acabado do homem de letras, beneditino da arte, Machado de Assiz constitue no Brasil, um dos raros exemplos de poeta e romancista, que, resistindo ao meio e vencendo as hostilidades do próprio temperamento, fiel à vocação, conseguiu completar a sua carreira. Filho das próprias obras, êle não deve o que é, nem o nome que tem, senão ao trabalho e a uma contínua preocupação de cultura literária.

Nascido aos 21 de Julho de 1839, nesta capital, do sonsórcio de Francisco José de Assiz e Maria Leopoldina Machado de Assiz, o autor do *Quincas Borba,* filho de operário, foi destinado em princípio ao comércio, onde apenas permaneceu três dias como caixeiro de uma loja de papel. Dedicando-se logo depois à arte tipográfica, parece que aí as suas aptidões naturais se desenvolveram rapidamente, já pelo contacto com a imprensa, êsse poderoso instrumento de irradição literária, já pela aproximação dos jornalistas que naquela época brilhavam no mundo político ou se ensaiavam na prosa ou na poesia.

Afirma-se que nesta situação, animado por um grupo de rapazes. pela maior parte mortos, entre êles Casimiro de Abreu, Macedo Junior, Caetano Filgueiras e Gonçalves Braga, começou a versejar, e em 1860 entrou para o *Diário do Rio de Janeiro,* a convite de Quintino Bocaiuva, o qual fazia parte da respectiva redação, ao lado de Henrique Cesar Muzzio, um prosador de muito talento, e de Manuel Antônio de Almeida, autor das *Memórias de um sargento de Milícias,* o romancista de costumes, talvez, de mais talento que tenha nascido entre nós.

Em 1867 transferiram-no para o *Diário Oficial,* na qualidade de ajudante do Diretor, e aí o encontramos

ainda em 31 de Dezembro de 1873, época em que foi nomeado primeiro oficial da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, por ocasião de reformar-se essa repartição, na qual, conservando-se até hoje, foram os seus serviços galardoados com a promoção, em 7 de Dezembro de 1876, a chefe de seção, e em 30 de Março de 1889, a Diretor da Diretoria do Comércio.

Eis, em rápidos traços, a vida oficial do poeta, que, ao primeiro lancé d'olhos, se nos afigura destituida de acidentes, sem lutas, e semelhante, na tranquilidade, à daquelas matronas romanas, em cujas sepulturas os coevos epigrafaram o célebre dístico: *foi honesta e fiou lã*. O segrêdo, porém, desta tranquilidade observada na carreira burocrática de Machado de Assiz, encontra-se na correção do funcionário e no mais decidido horror à vida política ativa, cortezã desbragada, que às letras brasileiras tem arrebatado os seus mais belos talentos.

Não tendo a política conseguido seduzí-lo, volveu-se o seu espírito inteiro para a arte e para o belo. Nas suas produções, nos seus livros, pois, é que se poderá encontrar a sua verdadeira história, história das suas lutas pelo ideal, que não devem ter sido pequenas, atenta a circunstância de que o poeta tem assistido ao advento de três revoluções ou escolas literárias.

Da *Revista Brasileira*.

JOAQUIM NABUCO

(*Bio-bibliografia à pag.* 28)

---

63. Zacarias e Paraná

Zacarias era um espírito de combate indiferente a idéias, exceto os dogmas e preceitos da Igreja, da qual mais tarde se fará no Senado, o atleta; ríspido e escarnecedor no debate, não poupando a menor claudicação, mesmo do amigo e do partidário, fossem elas em algum artigo

da Constituição ou na pronúncia de alguma língua estrangeira. Metódico em toda a sua vida, minucioso como um *bureaucrata* em cada traço de pena, chamando tudo e todos a contas com a férula do pedagogo constitucional, êle foi o mais implacável e também o mais autorizado censor que a nossa tribuna parlamentar conheceu. Sua existência política pode ser comparada â do religioso a quem são vedadas as amizades pessoais e que se deve dedicar todo à sua Ordem e obedecer só à sua regra. O partido era a sua família espiritual; a ela, êle sacrificava o coração, a simpatia, as inclinações próprias; êle podia dizer da política o que disse o Padre Faber da vida espiritual: "que o mais repulsivo dos seus vícios era a sentimentalidade". Não havia nêle traço de sentimentalismo; nenhuma afeição, nenhuma fraqueza, nenhuma condescendência íntima projetavam sua sombra sôbre seus atos, as palavras, os pensamentos, mesmo do político. A sua posição lembrava um navio de guerra, com os portalós fechados, o convés limpo, os fogos acesos, a equipagem a postos, solitário, inabordável, pronto para a ação. A frieza do seu modo conservava os seus partidários sempre a distância; bem poucos foram os que, chegados ao pináculo, êle tratou intelectualmente como seus iguais. O estadista que êle mais admirava era Paraná e com Paraná tinha algumas semelhanças: o temperamento, a natureza, a formação, tudo neles fôra diverso; ao contrário de Zacarias, Paraná era um homem de dedicações e amizades pessoais extremas, e que se entregava todo aos que lhe inspiravam confiança, arrebatado e violento, mas, igualmente generoso, franco e aberto. Zacarias, pelo contrário, era o que já vimos, frio, marmóreo, inflexível. Chefe de partido, êle o foi, mas não como Paraná nem à moda de Paraná; intimamente entre êle e os seus partidários a distância era grande, porque a incomunicabilidade era perfeita. Paraná era pessoalmente uma fôrça de atração: Zacarias, uma fôrça de repulsão: a eletricidade do primeiro era positiva, a do segundo negativa. Zacarias tinha, porém, de Paraná a sobranceria, a marca do domínio, o mesmo modo desdenhoso, expedito, quasi comercial, de tratar os as-

pirantes, os pretendentes, os ambiciosos, por último a intuição do valor dos homens e dos talentos, não só do valor venal, mas do valor real, a adivinhação da futura trajetória, como o mostrou na formação do seu último gabinete. Foi êsse golpe de vista que lhe inspirou sua aliança com Silveira Lobo, a qual lhe deu na deputação mineira como que a sua base permanente, a garantia contra o seu aliado Teófilo. A separação dos dois era inevitável, como a dos grupos que êles representavam. Zacarias era, entretanto, uma menor figura do que Paraná, porque êste tinha a primeira qualidade de estadista que o outro não possuia: a impersonalidade. A atitude de Zacarias votando no Senado contra a lei de 28 de Setembro, que, como veremos, se pode dizer um projeto do seu próprio ministério, basta para mostrar que êle deixava o estadista, que deve ser o intérprete inamolgável do interesse nacional, ceder a palavra e o voto ao chefe de partido, mesmo nos maiores episódios da história nacional. Mais do que Paraná, êle tinha, porém, a vastidão, a agudeza, as aptidões diversas, a intensa cultura da inteligência, cuja irradiação fria mostrava não haver nela nenhum fóco de imaginação ou de sentimento. Mais ainda do que Paraná êle tinha também, é forçoso confessar, a fôrça do isolamento em que se mantinha; a sua extranheza a negócios, interesses e influências que cercam sempre a política; a espinhosidade que o revestia, fôrça essa que o habilitou a ser o censor, à moda romana, do nosso meio político, dos seus menores erros, desvios e azares. A verdade, para ser completo êste traço de Zacarias, é que, aos poucos que lhe decifraram o enigma, ou para quem, a seu modo, êle se abriu e se mostrou tal como era em política, êle inspirou uma admiração tanto mais valiosa como testemunho histórico quanto era desinteressado.

Um Estadista do Império.

RUI BARBOSA

S. SALVADOR — BAÍA — 5-XI-1849
† PETRÓPOLIS — 1-III-1923

Publicista, parlamentar, jurisconsulto, Rui Barbosa era reputado, dentro e fóra do país, uma das mais pujantes mentalidades da América hodierna. No meio intelectual brasileiro foi, sem contestação, o *primus inter pares*. Como escritor Rui Barbosa é o mestre consagrado: correto como Vieira, melodioso como Castilho; na riqueza e variedade do vocabulário e propriedade dos termos só o podemos comparar a Camilo.

Foi presidente da Academia Brasileira de Letras — onde ocupava a cadeira Evaristo da Veiga.

Bibliografia — Deixou inúmeros trabalhos sôbre questões de direito, opúsculos sobre política, finanças, jurisprudência, além de preciosos discursos, pareceres, etc.

Citemos alguns: *Alexandre Herculano, Castro Alves, Reforma do ensino secundário e superior, O marquês de Pombal, Reforma do ensino primário, José Bonifácio* (o moço), *Finanças e política da República, Cartas de Inglaterra, Machado de Assis, Osvaldo Cruz,* etc.

---

64. Osvaldo Cruz

Quando se lhe entregou a missão de livrar e desinfetar esta e outras cidades ou regiões brasileiras da insalubridade, que as afligia; quando, especialmente, o govêrno lhe cometeu a direção da saúde pública neste distrito, a inveja zânaga e maninha, a que não minguam nunca objeções, para excluir o verdadeiro merecimento, o averbara de não possuir atributos de administrador. Dêsses predicados só o da experiência não teria, então, o homem de atividade, energia e método, que, ao empos-

sar-se naquele cargo, adotou por lema dos seus atos a divisa de "trabalho e justiça", as duas condições mágicas, de que depende, acima de tudo, a sorte das administrações.

Mas a experiência, que lhe escasseava, supriu-lha, como que tresdobrada, o gênio, o bom senso, a vontade inteligente do bem, a fé, o entusiasmo, que transporta as almas, que as inspira de clarões inesperados na luta com as dificuldades; e das imprudências, dos repentes, das invenções dêsse inexperiente, a cuja ação direta nada escapava, cujo tino criador acudia a tudo, sob cuja pressão tudo se eletrizava, tudo se harmonizava, tudo vibrava, resultou a mais completa, a mais extraordinária, a mais criadora, a mais exemplar das administrações, a que o Brasil tem assistido.

O homem que a exerceu, terminou-a coroado pelo consento geral dos sábios como "um dos grandes benfeitores da humanidade". E' a personalidade, que "representa o Brasil moderno saneado". Dêle se disse que, "honrando a sua pátria com a extinção da febre amarela, honrou o continente americano". Dêle se escreveu que, "com só tentar imitá-lo, se nos dignifica e enche a vida". Por tê-lo produzido, ainda há pouco, num país estrangeiro, se proclamava o Brasil uma "nação feliz".

O mundo científico não o conhecia: foi Osvaldo Cruz quem o revelou a êsse mundo; e entre o Brasil pesteado, que êle encontrou, e o Brasil desinfetado, que nos veio a legar, entre êsses dois Brasís, tão diversos um do outro, essa administração mal agoirada pela eterna tacanharia dos *práticos* se levanta, abençoada hoje por todos, sem mancha, sem declínio, sem mêdo a rivais, como uma exceção venturosa, uma antecipação do futuro, um oásis solitário no seu meio.

Que seria de nós hoje, se a Providência não nô-la houvesse permitido? Que seria de nós, se...? Suponhamos que Deus não houvesse criado o sol... A terra seria deserta, núa, tenebrosa, e os mais planetas, que, com ela, estendem as suas órbitas derredor daquele disco abrasado, reverberando-lhe os raios luminosos, vagariam, som-

bras errantes pelo espaço à tênue claridade das estrêlas. Para o nosso mundo toda a fecundidade toda a beleza, toda a alegria vem do sol. Grande criador, porém, o sol é, ao mesmo tempo, "o grande putrefator". Ao calor, emanação dos seus raios, nascem as plantas, nascem os animais, nasce o homem, surge, respira e se alimenta a vida. Mas, também, ao mesmo calor que dêle deriva, se desenvolvem todos os processos da morte: as fermentações, as decomposições, as putrescências. Ao sol riem os jardins, e abrem as flôres. Ao sol esfergulham as vermineiras, e se decompõem os monturos. Aquece-nos o sangue; mas, ao mesmo passo, aviventa os germens, que nô-lo destróem.

Entre essas duas funções a ignorância não sabe discernir, e aproveitar. A ciência as discrimina e utiliza. Com a ignorância o sol torra, derranca, e mata; com a ciência o sol fecunda, preserva e cria. Se Deus nos não suscitasse a missão de Osvaldo Cruz, o Brasil teria o mesmo sol, com a mesma exuberância de maravilhas, mas o sol com a peste, com impaludismo, com a febre amarela, com a doença do barbeiro, com a úlcera do Baurú, com todas essas desgraças, até então irremediáveis, que êsse homem, superior ao seu tempo e ao seu país, deixou extintas ou em via de se extinguirem. Dar o sol, e não dar a ciência, é deixar apenas meio sol, ou um sol malogrado: o sol com a doença, a esterilidade e o luto. Deus nos havia dadivado os benefícios do sol tropical. Com Osvaldo Cruz nos acrescentou os da ciência, que o corrige. Podemo-nos congratular, agora, de termos o sol estreme dos seus descontos, o sol sem as suas malignidades, o bem logrado sol dos países saneados.

Osvaldo Cruz — A obra científica do glorioso criador da medicina experimental no Brasil, apreciada pelo Conselheiro Rui Barbosa, na sessão cívica de 28 de Maio de 1917, no Teatro Municipal (*Págs.* 38-39).

SÍLVIO ROMERO

SERGIPE — LAGARTO — 20-IV-1851
† RIO DE JANEIRO — 18-VII-1914

Crítico, historiógrafo, poeta e filósofo — Sílvio Romero é principalmente o historiador da nossa literatura, que êle estudou sob todos os aspectos e ainda o investigador das tradições: o *folclore*, os cantos e os contos populares. O escritor sergipano diplomou-se em direito, no Recife, em 1863.

Vindo para o Rio de Janeiro, aí exerceu a advocacia. Conquistou depois em concurso o lugar de lente de filosofia do colégio Pedro II. Foi professor de direito.

Pertenceu ao Instituto Histórico e à Academia Brasileira de Letras, cadeira Hipólito Costa.

Suas obras principais são: ***A poesia contemporânea, Etnologia selvagem, A filosofia no Brasil, Cantos do fim do século, Contos populares do Brasil, Estudos de literatura contemporânea, Estudos sôbre a poesia popular no Brasil, Compêndio de história da literatura brasileira*** (de colaboração com João Ribeiro), etc.

---

65. Evaristo da Veiga

No meio dos homens notáveis do primeiro reinado e da regência, entre os que figuram distintamente e notavelmente influiram, êle teve certas notas que foram só dêle: era o mais novo, o que não tinha tradições, o que não possuía títulos acadêmicos, o que apareceu mais inesperada e mais rapidamente, o que morreu mais moço, mais a tempo e mais a jeito; foi o que nunca saiu do Brasil. Estas circunstâncias têm mais valor do que à pri-

meira vista pode parecer. Para bem compreendê-lo basta comparar Evaristo aos seus amigos ou adversários. Os Andradas, os Silvas Lisboas, os Ferreiras Franças, os Vilelas Barbosas, os Carneiros de Campos e outros na política do tempo entraram levados por prestígios de família, entraram como influências tradicionais e locais, entraram quasi como nobres, entraram quasi *par droit de naissance*, e suas idéias representavam o doutrinarismo acadêmico, letrado abstrato da Universidade de Coimbra. Êle, não; êle saía sem títulos nenhuns do fundo de uma loja de livros; representava o individualismo persistente e honesto, pertinace e calmo. Bem como na ordem literária era preciso que indivíduos saídos do povo e inspirados no seu sentir, levantassem o brado contra o academicismo clássico, assim na esfera social era mistér que um homem saído do povo, em nome da simples justiça e bom senso do mesmo povo, se fizesse adorado dêste, désse batalha aos poderosos do dia, e desmantelasse as malhas do velho classismo político.

Êste é o significado teórico da ação social e política de Evaristo, e tanto basta para dar-lhe importância imensa. Há uma outra consideração a juntar, que vem completar esta nota: a arma de que se serviu e o rumo que deu à sua doutrinação foram as mais poderosas e acertadas para o tempo; a arma foi o jornal, o rumo o liberalismo da Carta. Dest'arte, êle é um dos mais elevados representantes do jornalismo no Brasil, é mesmo o mais distinto como fôrça, atividade e coerencia, depois de Hipólito; e é um dos mestres do nosso constitucionalismo liberal. Hipólito foi o propagandista da independência, Evaristo foi o doutrinador da revolução de 31 e das reformas constitucionais de 34; foi o publicista da Regência. Sua biografia não deve ser perdida de vista para ser êle bem compreendido. Nascendo no fim do último ano do século passado, quando os Andradas já eram homens feitos, passou rapidamente pela vida e morreu antes dêles. Quando os homens da revolução emancipadora do Brasil contribuiam para a obra comum por seus feitos, êle, rapaz de vinte anos, contribuía com versos, oferecia canções. O *Hino da Independência* é uma delas.

De repente, nos últimos dias de 1827, o obscuro livreiro atira aos quatro ventos o seu jornal, a sua *Aurora Fluminense*. Era a primeira manifestação séria do jornalismo indígena. O *Correio Brasiliense* seria a primeira, si não fôra publicado no estrangeiro. A folha fluminense, em todo caso, seguia a larga intuição de Hipólito.

O jornalismo era ainda então planta quasi exótica entre nós. Durante os três séculos coloniais não se publicara no Brasil um só jornal ou periódico, nem mesmo um livro, um folheto qualquer. Não havia tipografias. As próprias publicações holandesas do tempo, datadas do Recife, eram feitas na Europa.

Com a vinda de D. João VI é que se estabeleceu a Imprensa Régia e foram aparecendo outras oficinas tipográficas na côrte e nas províncias. Datam daí os primeiros passos do jornalismo no Brasil. Nos dias da Independência e do primeiro imperador tomou êle certo incremento.

Eram, porém, tempos de grandíssima agitação, os partidos agrediam-se terrivelmente, e a linguagem jornalística era a linguagem grosseira de espíritos bulhentos, que se insultavam. Nada de doutrina e de apreciação calma de princípios.

Evaristo seguiu caminho diverso; seu jornal era plácido, delicado, mas correto e firme, como o seu caráter.

Durante os últimos três anos e meio do reinado de Pedro I, a *Aurora* fez-lhe assídua oposição; o príncipe descia em popularidade e o jornalista subia. Começou a ser procurado pelos liberais do tempo e começou a influir pelo modo original da conversação, das palestras. Há espíritos estimulantes e comunicativos que distribuem idéias e entusiasmos com os outros. Espíritos assim influem, às vezes, mais por seu contato pessoal do que por seus escritos.

História da Literatura Brasileira. — Tomo I. B. L. Garnier — 1888.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

CAMPOS (ESTADO DO RIO) — 8-X-1854
† RIO DE JANEIRO — 29-I-1905

José Carlos do Patrocínio, cujo nome está ligado para sempre à história das nossas conquistas liberais, como a abolição da escravidão. e a implantação da República, notabilizou-se como publicista e como orador.

Agitador político, impetuoso, violento, às vezes, houve quem o cognominasse o Rochefort brasileiro.

Nos últimos tempos de sua vida, Patrocínio dedicou-se com ardor e entusiasmo ao problema da navegação aérea, tendo chegado a construir o aeróstato *S. Cruz.*

Patrocínio se achava em Lisboa, quando se deu a desgraça da morte desastrosa do malogrado Silva Jardim, e escreveu então no Jornal "O Século", daquela cidade o belo artigo que se lê em seguida.

Usando de uma frase dêle a propósito de Silva Jardim, podemos dizer que Patrocínio foi *o operário de si mesmo.*

Foi da Academia Brasileira, cadeira Joaquim Serra.

Bibliografia — Deixou: *Mota Coqueiro* ou *A pena de morte, Os retirantes, Pedro Espanhol* (romances); *Conferência abolicionista, Manifesto da Confederação abolicionista,* etc.

---

66. Silva Jardim

Chamava-se Antonio da Silva Jardim. Magro, estatura de Thiers, pálido de argila, barba inteira, rente, ponteaguda, vestindo corretamente, parecia, à primeira vista, uma dessas nulidades elegantes, a que a natureza, satisfeita por afeminar-lhes o aspecto, regateia lugar no espaço. Bastava, porém, reparar na flexão das suas sobrancelhas espessas, na expressão imperativa do seu olhar, para descobrir dentro dsesa míngua orgânica um homem, um caráter em carne viva.

A fortuna nunca lhe sorriu: foi o operário de si mesmo. Nascido na antiga província, hoje Estado do Rio, veio adolescente para a capital brasileira e entrou pela

secretaria de Instrução Pública, na época dos exames, lembrando um pássaro selvagem, a voejar a êsmo numa tonteira de luz. As suas notas foram verdadeira conquista, tamanho era o seu atrevimento no ataque ao ensino oficial.

Feitos os preparatórios, entrou na Faculdade de Direito, em S. Paulo, como um invasor, quebrando os velhos moldes acadêmicos, apavorando os mochos do classicismo com o clarão aurorial da filosofia positiva. Ficou algum tempo só, águia pairando no isolamento da sua excentridade, mas, pouco a pouco, outros talentos, outras energias se lhe congregaram, e Silva Jardim tornou-se um centro de prestígio acadêmico. Quando se doutorou, já o seu nome era repetido pela estima pública.

Parece que sentiu então necessidade de concentrar todo o ardor juvenil para amadurecer o espírito. Em vez de entregar-se logo à política, recolheu-se ao magistério: ensinou história na Escola Normal, convertendo os discípulos em outros tantos amigos e fazendo-se respeitar como professor modêlo. A cadeira oficial era, porém, uma prisão, e Silva Jardim precisava de toda a sua liberdade; a sua palavra, como a de Jesús, aspirava a um dorso de montanha, uma tribuna para a multidão. Demitiu-se, pois, e foi armar tenda em Santos, berço do patriarca da independência brasileira, cidade emancipada de todos os preconceitos e de todos os servilismos pela vida comercial. Foi aí que o ouví pela primeira vez, à noite, ao clarão de archotes, no momento em que se recolhia uma passeata cívica de abolicionistas. A sua voz atenorada, monótona, produziu-me a impressão de uma labareda imóvel, aquecendo forte, mesmo à distância, mas de onde não escapava uma fagulha para atear incêndio.

Silva Jardim era então positivista ortodoxo e evangelizava segundo a sua igreja. O seu discurso não tinha uma aresta; era uma onda mansa que espumava, de quando em quando, sem estrépido, uma aspiração popular. Confesso que foi grande a minha decepção: contava com um agitador e deparava com um pedagógo.

Perdemo-nos de vista até Maio de 1888, data em que o partido republicano de S. Paulo deliberou entrar em

fase revolucionária, declarando guerra sem tréguas ao terceiro reinado. Silva Jardim começou então a ser o *primus inter pares.*

Na reunião de 24 de Maio de 1888, convocada pelos republicanos paulistas para formar a caixa revolucionária, capitalistas presentes assinaram quantias relativamente ridículas. Silva Jardim era pobre, tinha já cargo de família porque aliara-se a uma das ilustres descendentes de José Bonifácio, mas, para dar exemplo de dedicação âs suas idéias, comprometeu-se por soma maior. Valeu alguma cousa o estímulo, mas, a-pesar-disto, êle verificou mais tarde que não era possivel confiar nesse recurso, como o principal instrumento de êxito revolucionário. Deliberou, pois, agir por si só, sem pedir conselhos, sem receber ordens dos chefes. Querendo revolucionar, começou revolucionando-se. Agora já não era o orador calmo e frio, o filósofo, enfim, era o propagandista impetuoso, violento e sanguinário. Os seus discursos estrelejavam chamas, como um ferro em temperatura branca. Parecia uma maré de fogo, avançando contra o trono. Tendo começado o incêndio em Santos, estendeu-se à província de S. Paulo inteira, à capital do império, às províncias do Rio e Minas Gerais. Falava em três e quatro cidades no mesmo dia, com o relógio na mão para obedecer ao horário das estradas de ferro. Após o seu discurso, aparecia no lugar um centro republicano.

O império, mole e bonancheirão, encolheu, a princípio, os ombros: Que falasse; outros haviam feito o mesmo; porém, a inércia popular, a mór parte das vezes, e outras o couce d'armas do exército, tinham bastado para impedir que a semente republicana germinasse.

A propaganda de Silva Jardim tomou, entretanto, tamanhas proporções, era tão evidente a sua eficácia, os seus resultados eram tão imediatos, que a monarquia tomou a deliberação de resistir-lhe.

Cada vez que o orador republicano assomava à tribuna corria iminente perigo de vida; pedradas, tiros de revólver, tumultos, lutas a mão armada interrompiam-

lhe o discurso, e êle, calmo, de pé na tribuna, com os braços cruzados, o sorriso nos lábios, esperava que a tormenta passasse e continuava. Quando era de todo impossivel dominar o tumulto, e se dissolvia a reunião, Silva Jardim se retirava, arriscando tanto a vida como o mais humilde dos seus correligionários.

E' muito conhecido o episódio da viagem do conde d'Eu, esposo da herdeira da coroa, às províncias do Norte. Como sua Alteza se embarcasse a bordo do paquete *Alagoas*, o mesmo que devia transportar para a Europa a família imperial banida, Silva Jardim tomou passagem no mesmo paquete. A viagem principesca tinha por fim avigorar no Norte, abolicionista, a fé monárquica, que a lei de 13 de Maio havia abalado no Sul, até os seus alicerces.

O tribuno republicano apercebeu-se do manejo e resolveu contrapôr, com risco de vida, uma corrente republicana à forte corrente monárquica, que ia inundar o Norte.

Só uma província, a da Baía, pôde ouvir Silva Jardim, mas aí mesmo, atacado a mão armada desde o momento do desembarque e obrigados os republicanos a travar luta, de que resultaram ferimentos e mortes, fôrça foi interomper essa viagem em Pernambuco. Os republicanos dessa província, ainda que se sentissem com fôrça para garantir a palavra a Silva Jardim, considerando que se daria fatalmente grande efusão de sangue, de que resultaria uma revolução, que, sendo parcial, não aproveitava imediatamente à causa republicana em toda a pátria, conseguiram o silêncio do tribuno, publicando um protesto coletivo.

Avalie-se, porém, o efeito desse golpe de audácia temerária, pela declaração que o príncipe itinerante se viu obrigado a fazer pública e solenemente. Sua Alteza, em nome da família imperial, declarou que a monarquia não pretendia resistir à opinião pública; ao contrário, comprometia-se a submeter-se ao pronunciamento dela, feito pelos meios regulares.

Dois ou três meses depois dêsse incidente, a monarquia era deposta, em 15 de Novembro de 1889.

Para os que acreditam, na Europa, que o advento da República foi exclusivamente devido ao pronunciamento militar dêsse dia, sirva êste rápido bosquejo da vida de Silva Jardim para despersuadí-los. A República estava feita nas conciências, precisava apenas de ser consagrada na lei.

Proclamada a República, a figura de Silva Jardim ganha ainda maiores proporções na sua história. O futuro historiador, quando tiver de julgar as alianças partidarias que o grande batalhador celebrou para dispôr de um partido, poderá ser rigoroso, mas, ao ver tanto devotamento esquecido, tanto sacrifício mal aquinhoado, e ao mesmo tempo, tanta altivez da parte da vitima, há de lembrar-se destas palavras de Guizot: "Duas cousas tão grandes quanto difíceis são necessárias à glória de um homem: suportar o infortúnio, resignando-se com firmeza e crêr no bem e confiar nele com perseverança".

A República, a que Silva Jardim sacrificara a sua vida, não teve um cargo de confiança para dar-lhe. Para não deixar trair-se a sua justa queixa, o sacrificado voltou costas à pátria e veio para a Europa pedir ao estudo maior fôrça de resignação e de patriotismo.

Morreu tão tragicamente como tinha vivido e ainda no último momento afirmou a sua extraordinária fôrça de vontade, muitas vezes temerária.

Queria ver de perto o Vesúvio. Estava em erupção; tanto melhor, assim era mais belo. Em vão o seu companheiro e amigo reclama; em vão o guia aconselha; em vão o sólo, queimando já as plantas dos caminheiros, lhe faz muda advertência. O homem das grandes audácias caminha sempre, até que uma garganta, subitamente aberta, vomitando fumo, engole-o. Ainda neste momento supremo, o herói não se trai por um grito, limita-se a levar as mãos à cabeça, como único testemunho da sua agonia silenciosa.

Bela sepultura, o vulcão; extraordinário destino do grande Brasileiro: até para morrer converteu-se em lava.

D'*O Século*, de Lisboa.

AFONSO CELSO

(*Bio-bibliografia à pág.* 48)

---

67. Joaquim Nabuco

A figura de Nabuco formava por si só o melhor dos exórdios. Bastava assomar à tribuna para empolgar a atenção e a simpatia.

Muito alto, bem proporcionado, a cabeça e o rosto de uma pureza de linhas escultural, olhos magníficos, expressão, a um tempo, meiga e viril, nobre conjunto de fôrça e graça, delicado gigante, Nabuco sobressairia em qualquer turba, típo de eleição, dêsses que a natureza parece fabricar para modêlo, com cuidado e amor.

A voz estridulava como um clarim; dominava os rumores; cortava, penetrante e poderosa, as interrupções. De ordinário, despedia rajadas, como um látego sonoro. Não enrouquecia, antes adquiria, com o exercício, vibrações cada vez mais metálicas e rijas. Voz de combate, — a do comandante excitando os soldados, no aceso da batalha.

A gesticulação garrida, as atitudes plásticas de Nabuco contribuiam para a grande impressão produzida pelos seus discursos. Consistia um dos seus movimentos habituais em meter as mãos nos bolsos das calças, ou, então, em enfiar dois dedos da mão direita na algibeira do colete.

Dêsses e outros gestos provinha-lhe vantajoso ar de desembaraço e petulância. Articulava sílaba por sílaba os vocábulos, sublinhando os mais significativos.

A tantos preciosos predicados, juntavam-se imensa verbosidade, vivaz imaginação poética, corroborada por

aturados estudos literários, fértil em radiantes metáforas, entusiasmo, natural eloquência, inspiração.

Nabuco, demais, sempre escolhia para tema assuntos elevados, — problemas sociais, filosóficos e religiosos, de alcance universal. Fugia às polêmicas individuais, às intrigas da politiquice. Não se submetia à disciplina e às conveniências partidárias; desconhecia chefe. A questão abolicionista atingira ao auge, apaixonada e brilhante. Nabuco, que já havia ligado seu nome à causa dos cativos, tribuno consagrado das vítimas, reentrara na Câmara, em 1887, de modo excepcionalmente triunfante, derrotando nas urnas o ministro do Império, Machado Portela, homem bom e influente, cujo desastre a todos surpreendera.

Concorriam nessa quadra em Nabuco copiosos e variados encantos: o de herói da sociedade, o das viagens, em que convivera com as sumidades estrangeiras, o de jornalista, o da popularidade, o da sublime bandeira que empunhava. A imprensa abolicionista vivia a endeusá-lo. Tudo, em suma, cooperava para determinar e encarecer os seus inolvidáveis triunfos oratórios de então. Fascinava; os próprios adversários, que tamanhas superioridades irritavam, conheciam-lhe e proclamavam-lhe o imenso valor. Acorria gente de todas as condições, numerosas senhoras para vê-lo e ouví-lo. As galerias o aclamavam.

Mal o presidente proferia a frase regimental: "tem a palavra o Sr. Joaquim Nabuco" — corria um calafrio pela assistência excitada; eletrizava-se a atmosfera. A oração não tinha um curso contínuo e seguido; fazia-se por meio de jatos. Nabuco disparava um pedaço mais ou menos longo, rematado por uma citação justa, uma bela imagem, um *mot à la fin*. Parava, descansava, consentia que se cruzassem os apartes e os aplausos. Olímpico, sobrepujando a multidão com a avantajada estatura, manuseava vagarosamente as notas, sorria, os olhos entrefechados, refletia, aguardava a cessação do rumor, despresava os apartes, ou levantava o que lhe convinha, e, de repente, partia em novo arremesso.

Mal descerrava os lábios, restaurava-se o silêncio.

Nem era possivel detê-lo mais. Continuasse o ruído, e a portentosa voz, a vertiginosa dição de Nabuco prestes o abafariam.

As perorações, de ingente sôpro lírico, eram cuidadosa e habilmente preparadas. Para aí a imagem mais pomposa, a declaração de maior alcance, o gesto mais teatral. Provocavam estrepitosas ovações nas galerias. Sentava-se Nabuco, e, durante minutos, ficavam os trabalhos virtualmente suspensos, enquanto não se esvaeciam as ressonâncias de seus possantes e mágicos acentos, repercutidos no que a inteligência e o coração possuem de mais elevado e sensivel.

Oito Anos de Parlamento.

EDUARDO PRADO

S. PAULO, — 27-II-1860
† S. PAULO, 30-VIII-1901

Eduardo da Silva Prado formou-se em 1881 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Iniciou no ano seguinte as suas longas e repetidas viagens à América do Sul primeiro, depois à Europa, Asia, Africa, Austrália, tendo transposto os Andes, visitado a Sicilia, Malta, o Egito, as ilhas de Sandwich, etc. Humorista nos seus escritos dos tempos acadêmicos, Eduardo, que se tornou depois um dos nossos melhores estilistas, deixou obras de incontestável valimento.

Em Lisboa e Paris, conviveu Eduardo Prado com as sumidades literárias, gozando da estima e da consideração de Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Maria Amália e outros.

Eduardo Prado foi do Instituto Histórico de S. Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira — cadeira Visconde do Rio Branco.

Pela sua vasta erudição, pela sua esmerada cultura artística, era Eduardo Prado admirado dentro e fora do país.

Patriota esclarecido, amou de coração a sua terra e a sua gente, a sua história e os seus grandes homens, o seu passado e as suas tradições...

De sua bibliografia destacamos: *Fastos da ditadura militar no Brasil, A ilusão americana, Viagens, A Bandeira nacional, Coletâneas, O Catolicismo, a Companhia de Jesús e a Colonização do Brasil,* etc.

68. O Barão do Rio Branco

Os escritores que tratam das superioridades políticas da Inglaterra mencionam, como sendo das principais, a existência de uma classe de homens que hereditariamente transmitem uns aos outros uma continuada tradição e uma apropriada educação na arte da política e naquilo que se pode chamar a Ciência do Estado.

No Barão do Rio Branco encontra-se essa rara superioridade: a de ser, por herança e por educação, um homem votado, exclusivamente, às cousas da Pátria. Por êsse lado o Barão do Rio Branco, vivendo numa época em que, em toda parte, o interesse coletivo e nacional parece diminuir, cada dia mais, diante das paixões e das comodidades de cada um, constitue uma individualidade fóra do seu tempo.

Não tivesse êle um coração organicamente bom e tolerante e não fosse a diferença dos tempos, a sua bela figura, onde a Natureza traçou linhas corretas e solenes, como que destinadas a perpetuar-se no cunho das medalhas, e veríamos nele uma reprodução daqueles magníficos senadores venezianos que os Palmas e os Veronesos nos deixaram pintados e nos quais o tipo do indivíduo, tornado superior, quasi impessoal, parece viver animado por um ideal de majestade, resumido na alevantada aspiração: a grandeza do Estado.

Na vida moderna, toda de individualismo, organizações destas não se acham bem. E muito menos podem ter uma expansão eficaz, nas chamadas democracias sul-americanas. O guerreiro não tem alí com quem guerrear, e, não tendo ocasião de vencer, desaprende essa arte e nem sempre consegue vencer a si mesmo, antepondo o bem da Pátria à vantagem de sua classe. Dentro da política, também não cabem êsses homens de ideal. Excepcionalmente, pode um Visconde do Rio Branco fazer grandes cousas, quando há realmente grandes cousas por fazer. O homem superior por todos os títulos, o primeiro Rio Branco, teve por destino consumar o plano que o Brasil será sempre forçado a seguir, sob pena de um suicídio

mais ou menos rápido: a hegemonia brasileira em toda a vertente atlântica do continente sul-americano. As intervenções no Rio da Prata e a guerra do Paraguai foram apenas frases do desenvolvimento dêsse plano. Foi então que se viu êsse diplomata do Império, vencido o Paraguai, receber o singular e pesado encargo de conservar a existência política daquele país, indispensavel para a segurança do Brasil, de formar um govêrno provisório paraguaio e de criar, êle estadista de uma Monarquia, toda a maquina de um govêrno republicano. Não se viu, outrora, a República Romana regulando a sucessão dos reis nos tronos, seus aliados, ou vassalos? Que grandiosa afirmação não foi essa obra da existência da nação brasileira, personificada na fôrça do Estado prestigiado e obedecido além das suas fronteiras! Outra ocasião de energia e de glória teve o Visconde do Rio Branco, vencendo, a força de eloquencia, os sustentadores da escravidão. Nas duas empresas, o filho secundou o pai. Terminado, porém, êsse período heróico, a figura do velho fundiu-se na auréola da glória e da morte, e o moço, renunciando às ambições da política e às agitações do jorlismo em que estreara — êle que recebera como herança a onerosa responsabilidade de um grande nome — preferiu a obscuridade de um consulado geral, um posto cujo expediente simples lhe deixasse tempo para melhor servir à sua pátria pela Ciência.

Foi para poder isolar-se inteiramente nos estudos, que já eram os da sua predileção desde o Colégio D. Pedro II e a Faculdade de Direito de São Paulo, que êle desejou essa posição modesta na Europa, onde, com tanto proveito para a pátria, estudaram e trabalharam antes dêle os Andradas, Varnhagen, Magalhães, Porto Alegre, Odorico Mendes e outros brasileiros ilustres.

O fim de sua vida, fim que não conseguiu sem longos anos de um sacrifício aturado e ignorado, foi conhecer o Brasil, no seu solo, nos seus produtos, no seu céu, nas suas raças, na sua vida no passado, nas condições de sua existência no presente e na sua capacidade de crescimento e de grandeza no futuro. A erudição que conseguiu ter a respeito do Brasil é, por assim dizer, salomônica. O rei de Judá conhecia, segundo a Bíblia, desde

o híssope, ou musgo apegado às pedras das muralhas até o cedro do Líbano, desde o inseto que se esconde na relva, até o leviatã dos mares. O que o Barão do Rio Branco sabe do Brasil é uma cousa vertiginosa. E' capaz de escrever, sem esquecer uma minúcia, como eram feitas as naus de Pedro Alvares Cabral, de que tecido vinham vestidos os seus marinheiros e os nomes das plantas mais vulgares na praia de Porto Seguro, onde ancoraram aquelas naus. Leu tudo quanto há impresso, copiou, ou fez copiar todos os manuscritos, fez dêles extratos, distribuíu êsses extratos, em forma de notas, pelas páginas de todos os livros que tratam do Brasil; retificou, esclareceu, corrigiu, explicou, emendou e ampliou todos êsses livros; e, com o mundo das suas notas, poderá êle um dia publicar uma história e uma descrição geral do Brasil, que será um monumento.

Conta-se que o velho Moltke dormia profundamente quando um de seus ajudantes de ordens entrou uma noite, no quarto com o telegrama anunciando a guerra com a França, acordou-o e leu-lhe a grande notícia. Moltke disse sossegadamente:

— Veja na secretária a segunda gaveta à esquerda; — e voltou-se para a parede, para continuar o seu sono.

Na tal segunda gaveta, à esquerda, estava, com todas as explicações e todas as minúcias, tudo quanto dizia respeito à mobilização das forças alemãs, no caso de uma guerra com a França.

Coletâneas. — Vol. I. — Escola Tip. Salesiana. — S. Paulo. — 1904.

ALCINDO GUANABARA

MAGE' (ESTADO DO RIO) — 19-VII-1865
† RIO DE JANEIRO — 20-VIII-1918

Filho dos próprios esforços, não sem grande trabalho conseguiu Alcindo Guanabara cultivar o espírito, desenvolvendo e dirigindo as suas aptidões e vocação decidida para o jornalismo. e assim é que o seu nome, como jornalista, há de figurar um

dia entre os de Evaristo,. Quintino, Ferreira de Araujo e Patrocínio.

Foi da Academia Brasileira de Letras, cadeira Joaquim Caetano.

Bibliografia — Afóra sua vasta colaboração em numerosos jornais do Brasil e seus muitos discursos na Câmara e no Senado, publicou: *A presidência Campos Sales, Discursos fóra da Câmara,* etc.

---

69. O Marechal Floriano

O tipo do marechal Floriano é dos mais curiosos que o historiador futuro terá de estudar.

Raramente haverá um homem político de quem se tenha dito tanto bem e tanto mal; cujo caráter tenha provocado tantas e tão contraditórias opiniões; cuja personalidade e cuja ação tenham suscitado, ao mesmo tempo, tanto entusiasmo e tanto ódio. Isto basta para significar que êle não é um homem vulgar, e quem o conhecer poderá dizer, até, que é excepcionalmente raro, tão raro, que dificilmente encontrará uma fórmula precisa para definí-lo.

Cabloco do norte, homem de quarenta e quatro a quarenta e seis anos, de estatura mediana, cabeça bem conformada, testa larga, nariz grosso e reto, lábios grossos, cobertos de um bigode escasso, queixo rigorosamente escanhoado, suissas imperceptiveis, duas rugas sensiveis e fortes descendo das abas das narinas ao canto dos lábios, que lhe animam e adoçam a fisionomia rude; olhos pardos, grandes, fundos e de extrema mobilidade, mal velados pelos cílios, quasi sempre baixos, eis em duas paletadas o aspecto do vice-presidente da República.

Quasi nunca aparece em público; e, quando o faz, veste sempre a sua farda de marechal do exército trazendo ao peito as medalhas de campanha, ganhas no Paraguai. Em casa, de ordinário, as suas vestes habituais consistem na calça e no jaleco de brim, camisa sem goma.

Tem o tipo do indolente das zonas tropicais; mas ninguém o julgue por tais aparências: é dotado de um raríssimo poder de trabalho. Fala pouco; si dá ordens, dá-as em tom rápido e incisivo e da fórma mais lacônica

possivel; si conversa, ouve mais do que fala, e, quando fala, só diz o que lhe convém dizer. Dispõe dessa preciosa faculdade de entreter o interlocutor durante horas, sem que êste tenha de se queixar da sua polidez e sem também ter-lhe apanhado mais do que frases gerais.

E' um chefe de família modêlo.

A sua honestidade pessoal é conhecida e reconhecida. E' de uma economia rigorosa: a sua casa é dirigida com a ordem e parcimônia da de qualquer burguês, que deseja pôr no mealheiro uma parte de suas escassas rendas anuais.

Intelectualmente, não dispõe de uma instrução que o habilite a ser um sábio ou um erudito; mas dispõe da instrução necessária para estar ao nivel dos homens políticos de seu tempo.

E' arguto e sagaz, apreende rapidamente as questões, tem uma inteligência lúcida. Não fala senão a sua língua e, além desta, lê sómente o francês.

No fundo, é um céptico voltaireano, e êsse cepticismo armou-o de uma desconfiança geral, absoluta, profunda, contra tudo e contra todos.

Desconfia: portanto, vigia, inquire, esquadrinha. Pode ouvir o que lhe dizem — e é raro que o faça; — mas ninguém jámais pôde gabar-se de que o determinou a fazer isto ou aquilo; delibera por si exclusivamente. Desta modalidade de seu caráter resultou que o regime presidencial se transformou em regime pessoal. Os ministros são entidades que não existem: nem agem por si, como chefes de suas repartições, nem agem nos conselhos do govêrno, porque o chefe não recebe conselhos. Concentrou em suas mãos todos os negócios do Estado, convencido de que, sendo sua a responsabilidade, necessária se tornava que tudo fôsse feito segundo a sua vontade, e assim é desde a nomeação do último contínuo.

Sem nenhuma questão, o marechal Floriano é essencialmente um militar, dominado do espírito militar, apaixonado pela classe militar. O seu govêrno seria sempre um reflexo dessa tendência de seu espírito; mas, dada a sua serenidade, poderia ter sido — e naturalmente seria — muito menos acentuada do que foi, si o fato de se achar sempre ameaçado, não o houvesse colocado na

contingência de preparar os elementos de defesa. Porque — verão quando serenarem as paixões — o serviço que êle prestou, de haver resistido à revolução e de manter-se no posto em que a lei o colocou, foi o maior que se podia prestar à nossa Patria, ameaçada de se engolfar no abismo da caudilhagem. E essa intenção foi sempre a sua. Não há homem político que lhe não tenha ouvido dizer um ror de vezes, desde muito tempo:

— Desta cadeira, só duas fôrças são capazes de me arrancar: a Lei ou a Morte.

Porque — é um fenomeno curioso dessa psicologia conplicada — o marechal Floriano, que tem, tantas vezes, passado por cima da Lei, tem por ela uma veneração sincera. Concientemente, é absolutamente incapaz de violá-la.

Si lhe provarem que tal ato fere de frente o artigo tal, de tal lei, por mais que o deseje, desiste dêle imediatamente. Esta preocupação da Lei só é menor, no seu espírito do que a preocupação da República. Muito se tem contestado — e talvez não sem razão — que sob o seu govêrno tenhamos vivido em República, nome aliás, que tem a virtude singular de dizer tudo sem exprimir nada.

Mas o fato é que o marechal Floriano não obedece, não sente e não se guia por mais forte intensão senão essa de manter, defender e sustentar a República.

OLIVEIRA LIMA

PERNAMBUCO — RECIFE — 25-XII-1867
† WASHINGTON — 24-III-1928

Historiador, homem de letras e crítico. Professor e diplomata.

O Dr. Oliveira Lima fez em Lisboa a sua educação literaria e aí tirou o curso superior de letras (1887). Discipulo de Oliveira Martins.

As obras valiosas que publicou revelam a preferência e a predileção dos seus estudos: a história e a literatura brasi-

leira; o historiador é um investigador conciêncioso e o crítico é estudioso, justo e imparcial.

O Dr. Manuel de Oliveira Lima pertenceu à Academia Brasileira de Letras, cadeira Varnhagen (Visconde de Porto Seguro): interessantíssimo é o seu estudo, lido por ocasião de ser recebido, sôbre o nosso grande historiador.

Fez parte também do Instituto Histórico, e do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco.

Bibliografia — De sua extensa bibliografia sobressaem: *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico, Aspectos da literatura colonial, Nos Estados Unidos, Memórias sobre o descobrimento do Brasil, História diplomática do Brasil, No Japão, Dom João VI no Brasil,* etc.

70. Rocha Pita

Era Rocha Pita (1660-1738) um fazendeiro abastado, bacharelado em Coimbra, e que, começando por entregar-se às letras como passatempo, dedicou-lhes a pouco e pouco o máximo de seu fervor espiritual, sobretudo quando o empolgou o pensamento, levado a cabo, de compendiar os acontecimentos e enaltecer os heroismos de que o Brasil fôra então teatro. O entusiasmo inicial da idéia sustentou-se durante toda a sua execução, e floresce no estilo em excesso imaginoso da obra, na qual, debaixo das exagerações retóricas, sentem-se pulsar uma comoção sincera e um patriotismo, ou melhor, um americanismo eloquente. Rocha Pita tem sido acusado de não se mostrar bastante brasileiro, no sentido de render convicta dedicação ao domínio português. O próprio título do seu livro parece indicar tal tendência, que o sr. Sílvio Romero qualifica de lusismo: "História da América Portuguesa" e não do Brasil, escreveu o sócio da Academia de História de Lisboa. Acho, contudo, fraco motivo para censuras semelhante ausência em um escritor dos princípios do século XVIII, de um sentimento de pátria, o qual na realidade era ainda forçosamente embrionário, vago ou pelo menos mal definido, portador, para mais, de poucas esperanças e reclamando, para adquirir consis-

tência e intenção, a sugestiva atmosfera das sedições. No nosso historiador impera, entretanto, a simpatia pelo que é da sua terra. Leiam-se na exposição da então recentíssima guerra dos mascates, os doestos sentenciosos por êle lançados ao governador e aos mercadores portugueses, e a defesa da nobreza pernambucana — à qual aliás pertencia a família do escritor — senão exercida com parcialidade ou mesmo com desassombro, energica quanto lho parmitiam a gravidade e a cortezania do seu estilo. Estas e outras narrações históricas são geralmente esboçadas no livro de Rocha Pita com escrupulosa exatidão, e com uma fluência e elevação de estilo que o gongorismo não corrompe em demasia. Nas descrições é que as imagens se agrupam mais cerradas, as hipérboles se desentranham mais facilmente, as comparações e antíteses esgrimem com maior presteza. Comparações e antíteses que são constantemente bebidas no manancial clássico, mercê do sestro da erudição, porquanto no humanismo entronca sempre o culteranismo do século XVII, ao inverso da moderna reação romântica, que pede diretamente à natureza o melhor da sua inspiração.

Não deixava, no entanto, o autor de perceber que sob a influência da corrente néo-clássica, transladada da Côrte de Luiz XIV e facilmente aclimatada na de D. João V, pelos esforços do conde de Ericeira, o elegante tradutor de Boileau, os seus figurinos já iam passando de moda. Por isso, no prólogo da *América Portuguesa* destacam-se estas palavras ao *leitor discreto*: "Si em alguns termos o estilo te parecer encarecido, ou em algumas matérias demasiado o ornato, reconhece que em mapa dilatado a variedade das figuras carece da viveza das côres e das valentias do pincel..."

Com efeito, si, como creio, merece desculpa o gongorismo, deve Rocha Pita ser um dos seus discípulos mais perdoados; não sómente por ter fugido, no meio da sua exuberância retórica, às extravagâncias em que degeneraram as primordiais sutilezas dos culteranistas e que se assemelham sensivelmente com as atuais excentricidades do simbolismo, decadismo e outras escolas poéticas anárquicas, de desesperadora esterilidade, como pela razão que êle justamente invoca — a da magnitude do

assunto escolhido ou, para melhor dizer, do cenário em que o assunto tinha de ser tratado. O estilo do baiano forceja por acompanhar os esplendores do meio fisico, por ostentar as galas da natureza ambiente, e em tais tentativas de méro caráter exterior, de pura execução técnica, busca os efeitos pinturescos que a história modernamente empresta um distintivo romântico: o sentimento da diversidade das épocas históricas.

Aspecto da Literatura Colonial Brasileira — Leipzig — F. A. Brockhaus — 1896.

VI. DISSERTAÇÕES -- QUESTÕES SOCIAIS

JOSÉ BONIFÁCIO

SÃO PAULO — SANTOS — 13-VI-1763
† NICTERÓI — ESTADO DO RIO — 6-IV-1838

Sábio, poeta e estadista.

José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca da Independência, formou-se na Universidade de Coimbra em Filosofia e Leis.

Viajou dez anos pela Europa, em excursões científicas entregando-se a investigações práticas de Mineralogia; descobriu diversas espécies novas de minerais e algumas variedades.

Andrada foi sócio e secretário perpétuo (1812) da Real Academia de Ciências de Lisboa. Exerceu o cargo de intendente geral das minas e o de lente de geognosia e metalurgia (cadeira então criada na Universidade de Coimbra para o sábio brasileiro). A Universidade conferiu-lhe o título de doutor em história natural.

E' o Washington brasileiro. Organizador do Império e ministro do Estado (1822), foi depois deputado à Constituinte; e dissolvida esta violentamente (13-XI-1823), foi José Bonifácio deportado, permanecendo em França até 1829, quando volveu à pátria.

Nomeado por Pedro I, José Bonifácio exerceu, depois de 7 de Abril, o cargo de tutor dos príncipes, entre os quais, D. Pedro de Alcantara, depois Pedro II, comissão da qual foi demitido, tendo sido preso e processado.

Absolvido, enfim, retirou-se para a ilha de Paquetá, onde, desde 1829, residia; em S. Domingos (Niterói) faleceu o grande brasileiro.

Bibliografia — *Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil*, 1823, Rio de Janeiro; *Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sôbre a escravatura*, Paris, 1825, Rio de Janeiro, 1840; — *Poesias avulsas de Américo Elísio*, 1825, Bordéus e 1861, Rio de Janeiro, etc. E. e H. Laemert (com acrescimos e um esbôço biográfico); além de discursos acadêmicos e memórias sôbre os *Diamantes do Brasil*, a *Pesca da Baleia*, *Viagem mineralógica pela província da Extremadura até Coimbra*, *Viagem geognóstica aos montes Euganeos*, etc., etc.

71. Sôbre a questão da escravidão

Chegada a época feliz da regeneração política da nação brasileira, e devendo todo o cidadão honrado e instruido concorrer para tão grande obra, também eu me lisonjeio que poderei levar ante a Assembléia Geral Constituinte e Legislativa algumas idéias, que o estudo e a experiência têm em mim excitado e desenvolvido.

Como cidadão livre e deputado da nação dois objetos me parecem ser, fóra a Constituição, de maior interesse para a prosperidade futura dêste Império.

O 1.° é um novo regulamento para promover a civilização geral dos índios no Brasil, que farão com o andar do tempo inuteis os escravos, cujo esbôço já comuniquei a esta Assembléia. 2.° — Uma nova lei sôbre o comércio da escravtura, e tratamento dos miseráveis cativos.

Este assunto faz o objeto da atual representação.

Nela me proponho mostrar a necessidade de abolir o tráfico da escravatura, de melhorar a sorte dos atuais cativos, e de promover a sua progressiva emancipação.

Quando verdadeiros cristãos e filantropos levantaram a voz pela primeira vez em Inglaterra contra o tráfico de escravos africanos, houve muita gente interesseira ou preocupada, que gritou ser impossivel ou impolítica semelhante abolição, porque as colônias britânicas não podiam escusar um tal comércio sem uma total destrui-

ção: todavia passou o *Bill*, e não se arruinaram as colônias. Hoje em dia, que Wilberforces e Buxtons trovejam de novo no parlamento a favor da emancipação progressiva dos escravos, agitam-se outra vez os inimigos da humanidade como outrora; mas, espero da justiça e da generosidade do povo inglês que se conseguirá a emancipação, como já se conseguiu a abolição de tão infame tráfico.

E porque os brasileiros sómente continuarão a ser surdos aos gritos da razão, e da religião cristã, e direi mais, da honra e brio nacional?

Pois somos a única nação de sangue europeu que ainda comercia clara e publicamente em escravos africanos.

Eu também sou cristão e filantropo; e Deus me anima para ousar levantar a minha fraca voz no meio desta augusta assembléia a favor da causa da justiça, e ainda da sã política, causa a mais nobre e santa, que pode animar corações generosos e humanos. Legisladores, não temais os urros do sordido interesse; cumpre progredir sem pavor na carreira da justiça e da regeneração política; mas todavia cumpre que sejamos precavidos e prudentes. Si o antigo despotismo foi insensivel a tudo, assim lhe convinha ser por utilidade própria: queria que fôssemos um povo mesclado e heterogêneo, sem nacionalidade e sem irmandade, para melhor nos escravizar. Graças aos céus, e à nossa posição geográfica, já somos um povo livre e independente.

Mas como poderá haver uma Constituição liberal e duradoura em um país continuamente habitado por uma multidão imensa de escravos brutais e inimigos? Comecemos, pois, desde já esta grande obra pela expiação dos nossos crimes e pecados velhos. Sim, não se trata sómente de sermos justos, devemos também ser penitentes; devemos mostrar à face de Deus e dos outros homens, que nos arrependemos de tudo o que nesta parte temos obrado há séculos contra a justiça e contra a religião, que nos bradam acordes "que não façamos aos outros o que queremos que não nos façam a nós". E' preciso, pois, que cessem de uma vez os roubos, incêndios e guerras que fomentamos entre os selvagens de Africa. E' preciso que não venham mais a nossas portas milhares e milhares

de negros, que morriam abafados no porão de nossos navios, mais apinhados que fardos de fazenda: é preciso que cessem de uma vez todas essas mortes e martírios sem conta, com que flagelávamos e flagelamos ainda êsses desgraçados em nosso próprio território. E' tempo, pois, e mais que tempo, que acabemos com um tráfico tão bárbaro e carniceiro; é tempo também que vamos acabando gradualmente até os últimos vestígios da escravidão entre nós, para que venhamos a formar em poucas gerações uma nação homogênea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitáveis e felizes. E' da maior necessidade ir acabando tanta heterogeneidade fisica e civil; cuidemos desde já em combinar sabiamente tantos elementos discordes e contrários, e em amalgamar tantos metais diversos, para que saia um todo homogêneo e compacto, que não se esfarele ao pequeno toque de qualquer nova convulsão política.

AZEREDO COUTINHO, BISPO

RIO DE JANEIRO — CAMPOS — 8-IX-1743
† LISBOA — 12-IX-1821

Azeredo Coutinho (D. José Joaquim da Cunha de), ilustre pela posição que teve na Igreja e ainda pelos seus escritos econômicos e sociais, doutorou-se na Universidade de Coimbra (1775) e foi nomeado arcediago da Sé do Rio de Janeiro. Bispo de Pernambuco em 1794, governou interinamente a Capitania.

Daqui passou-se para Portugal onde exerceu vários cargos eclesiásticos. Faleceu dois dias depois de tomar assento nas Côrtes Constituintes portuguesas como deputado eleito pela provincia do Rio de Janeiro.

O reputado economista era sócio da Academia Real da Ciências de Lisboa.

Bibliografia — Deixou: ***Ensaio econômico sôbre o comércio de Portugal e suas colônias,*** publicado por ordem da Academia Real das Ciências — ***Discurso sôbre o Estado atual das minas no Brasil,*** etc, além de sermões, pastorais e muitas memórias científicas e políticas.

72. Civilizamento dos índios

A arte de pôr em ação a máquina de cada indivíduo consiste em pesquizar qual a sua paixão mais forte e dominante.

Achada ela, póde-se dizer que está descoberto o segrêdo e a mola real do seu movimento.

Aquêle que tiver a vista aguda e penetrante e um tato fino e delicado para distinguir as paixões dos homens, poderá conduzí-los, sem dúvida, por cima das maiores dificuldades. O homem, e ainda o bruto, levado por fôrça, está sempre em uma contínua luta e resistência; levado, porém, pelo caminho da sua paixão, êle segue voluntariamente e muitas vezes corre mesmo adiante daquele que o conduz, sem jamais temer, nem ainda os horrores da morte.

O índio selvagem, entre a raça dos homens, parece anfíbio, parece feito para as águas; é naturalmente inclinado à pesca, por necessidade e por gôsto. Esta é a sua paixão dominante e, por consequência, a mola real do seu movimento; é por esta parte que se deve fazer trabalhar a sua máquina em benefício comum, dêle e de toda a sociedade.

O índio, a-pesar-da sua inclinação pela pesca, encontra, contudo, uma certa dificuldade em saciar a sua paixão; o método vagaroso e tardio, com que êle, pela falta de indústria, faz a sua pesca, o aparta muitas vezes daquilo mesmo de que êle gosta, apenas contente com o pouco de que se nutre.

Mas, logo que êle vir a facilidade com que o homem industrioso arma redes, forma laços, nos quais de uma vez colhe milhares de peixes, este espetáculo maravilhoso, que, de um só golpe de vista, debaixo da sua rude compreensão, o encherá de alegria e de entusiasmo, fá-lo-á ir, mesmo sem ser rogado, larçar-se á caça como a pesca no meio da colheita e da abundância.

Este arrebatamento de gôsto o irá insensivelmente atraindo e convidando a viver e comunicar-se com os ho-

mens daquela profissão, que para êle se representa extraordinária. Esta comunicação lhe fará ver a diferença do homem selvagem e do civilizado; pouco a pouco se irá domesticando e conhecendo que o homem é capaz de mais e mais comodidades.

Logo que êle vir que aquele supérfluo, que êle até então lançava às aves e às féras, pelo benefício do sal se conserva e lhe serve de meio para adquirir as comodidades de que êle fôr gostando, a sua paixão irá crescendo e, à proporção, obrigando-o a fazer-se mais hábil; êle já não quererá ser um simples marinheiro, quererá logo ser um mestre e senhor de uma rêde.

Ele quererá saber quanto toca a cada um dos companheiros e por consequência se verá na necessidade de aprender a aritmética, para com toda a facilidade saber dividir; quanto êle fôr adiantando o seu comércio, tanto há de ir aumentando a sua comunicação, não só com as pessoas presentes, mas também com as ausentes. Daquí virá logo a necessidade de saber ler e escrever, e quando êle já não esteja em idade de aprender, êle fará que seus filhos supram a sua falta.

Da mesma sorte a camisa, o chapéu, a véstia, o calção, o sapato, que êle até então despresava como cousas supérfluas e mesmo como um fardo pesado e enfadonho para com êle romper os matos e as brenhas, se lhe irão fazendo úteis e necessários; já não será preciso que os pais persuadam estas utilidades a seus filhos, bastará que os filhos olhem para seus pais.

Esta concurrência de necessidades e de utilidades relativas os irá gradualmente ensinando a obedecer e a mandar; então êles encherão as idéias daqueles que até agora têm inutilmente trabalhado para os civilizar. A experiência lhes fará ver que a mesma conservação do indivíduo e as comodidades da vida são incompativeis com uma liberdade absoluta e com uma independência sem limites. Eles conhecerão que é necessário perder alguma parte da liberdade absoluta, para gozar de outras muitas partes de uma maior liberdade relativa.

Ensáio econômico sôbre o comércio de Portugal e suas colônias.

D. ROMUALDO DE SEIXAS

Marquês de Sta. Cruz, Arcebispo da Baía

PARA' — CAMETA' — 7-II-1787
† S. SALVADOR DA BAÍA — 29-XII-1860

Êste preclaro brasileiro, que se notabilizou pela sua grande ilustração e não menor modéstia, como escritor — opina o autorizado João Ribeiro — é exemplaríssimo. Reconhece-se em D. Romualdo o inexcedivel mérito da conveniente propriedade do estilo, pureza e correção de linguagem, clareza, elegância.

O sábio arcebispo pertenceu a diversas instituições científicas e literárias, nacionais e estrangeiras, entre as quais o Instituto Histórico e a Academia Real de Ciência, de Munich.

Bibliografia — *Obras completas do Exmo. e Revmo. Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas*... 6 volumes — Pernambuco e Baía, 1839 — 1858. — *Memórias,* publicadas pelo padre Fonseca Lima, Rio de Janeiro, 1861.

---

73. Pela paz e concórdia

Depois de havermos implorado, entre o vestíbulo e o Altar, o inapreciavel benefício da paz e tranquilidade desta bela Província e de todo o Império, pedindo com especialidade ao Pai das Misericórdias e Deus de toda a consolação, a exemplo do grande arcebispo de Milão S. Ambrósio, em igual crise que poupasse a efusão de sangue e a guerra civil; não permite a ternura e o zêlo que anima o nosso coração pela vossa felicidade que guardemos silêncio em uma tão importante ocasião, em que os nossos ditames e advertências paternais podem, se não auxiliar e dirigir o vosso patriotísmo, ao menos patentear-vos o verdadeiro interesse que tomamos pela glória e prosperidade desta mimosa porção do nosso Império.

Mas sem envolver-nos em teorias e questões políticas, alheias do nosso ministério, e nas quais a Religião participa ordinariamente do ódio que o calor dos partidos

pode atrair sôbre os eclesiásticos menos circunspectos, só vos diremos que esta religião divina e amavel, que se acomoda maravilhosamente a toda a sorte de sistemas ou fórmas de govêrno, porque ela baixou do céu para iluminar e aperfeiçoar todos os homens, e todos os povos do Universo, esta religião celestial só é inflexivel e incapaz de transigir sôbre a necessidade da obediência e respeito às leis e autoridades constituídas, porque não há sistema nem fórma de govêrno, nem espécie alguma de associação que possa subsistir sem o laço da obediência, primeira condição de todo o pacto social. E' êsse dever sagrado que o mesmo filho de Deus persuadiu com o seu exemplo e doutrina e que os seus discípulos proclamaram altamente, ensinando que toda a alma, isto é, todo o cidadão, de qualquer classe ou jerarquia que seja, deve estar sujeito aos poderes estabelecidos, obedecendo-lhes, *non ad oculum*, ou por um temor servil, mas por convicção e por um princípio de conciência — *non solum propter iram, sed etiam propter conscientiam.*

Oh! e quanto nos consolamos, amados filhos, e se moderaram os nossos receios, ao vermos que, no seio mesmo dos elementos que costumam produzir a confusão e a revolta, vós destes o magnífico exemplo de subordinação à voz das autoridades, mostrando a par da mais intrépida coragem uma submissa docilidade ao império da lei!

Si é próprio das discórdias civís e reações populares desenfrear todas as paixões e transformar quasi em feras ainda os homens mais cultos e polidos, como infelizmente atestam as histórias de todas as nações, um povo com as armas na mão e eletrizado pelo fogo da liberdade, que escuta mais a voz da razão e da lei que a do ódio e da vingança, é certamente um povo heróico e de quem não pode deixar de esperar-se toda a grandeza dos mais generosos sentimentos.

Nós confiamos, amados filhos, que não desmentireis jámais a idéia que havemos formado do vosso caráter religioso e político. Nada mais natural, mais legítimo e louvavel do que o zêlo e os sacrifícios pela defesa da Independência e Liberdade; nunca pode ser demasiada a vigilância e atenção para sustentar uma tão preciosa

conquista; mas é preciso não perder da lembrança que, quanto êste bem é mais inestimavel, tanto o seu abuso pode ser nocivo e fatal à sua própria conservação. Sim, os extremos tocam-se quasi sempre, e não é raro ver-se passar da anarquia e da licença ao jugo do mais feroz despotismo. Roma, esquecida da sua antiga virtude e à fôrça de depurar essa Liberdade, que levantara o colossal edifício da sua grandeza, viu-se, enfim, reduzida á vergonhosa necessidade de fazer-se escrava da mais implacavel tirania, como observa um dos seus mais profundos e liberais historiadores (1); e não vimos nós em os nossos próprios dias a mais ilustrada nação do Universo, cansada de violentas agitações e deploráveis excessos produzidos pela licença, lançar-se nos braços de um soldado, que a escravizou por tantos anos, pretendendo até sufocar os monumentos daquela santa Liberdade com que a Religião ousara ensinar aos reis os seus deveres, à face de uma côrte corrompida e na presença do mais absoluto monarca da Europa (2).

Pastoral exortando os seus Diocesanos à paz e concórdia — Coleção das Obras — tomo I.

---

(1) — Tácito — Anais — Livro II.
(2) — Refére-se a Bonaparte, que não consentiu se reimprimissem os Sermões de Massillon, senão com a condição de se suprimirem todas aquelas passagens, onde o prégador fala dos direitos do povo e dos deveres dos príncipes.

SALES TORRES HOMEM

RIO DE JANEIRO — 29-I-1812
† PARIS — 3-VI-1876

O Conselheiro Francisco de Sales Torres Homem, Visconde de Inhomírim, formou-se em Medicina pela Faculdade médico-cirurgica do Rio de Janeiro, 1832, e, mais tarde, em direito pela Universidade de Paris.

Admitido como sócio da *Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional*, a cujo conselho diretor passou logo

a pertencer, e cujo órgão redigiu com outros, começou então a envolver-se na política. Foi deputado pela província de Minas pela do Rio de Janeiro. Senador pela provncia do Rio Grande do Norte e duas vezes ministro da Fazenda.

Pertenceu ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, ao Instituto Histórico de França e a outras associações científicas e literárias.

Bibliografia — *A oposição e a Coroa*, 1848 — *O Libelo do povo*, por Timandro, 1849 — *Pensamentos acêrca da conciliação dos partidos*, 1853 — *Questões sôbre impostos*, 1856 — *Elemento servil*. E mais discursos na Câmara e no Senado e ainda artigos nos muitos jornais que redigiu ou em que colaborou.

74. Sôbre a crise de 1848

O que os liberais pleiteiam hoje nas margens do Beberibe, debaixo do fogo da metralha, não é um interesse local; é a causa do direito geral e do interesse comum: as liberdades do Brasil inteiro estão lançadas na mesma balança, em que ora pesam os destinos de Pernambuco. Êle foi a primeira vitima arrastada ao altar do sacrifício; e, se sucumbir em sua resistência magnânima, igual sorte aguarda as demais províncias, onde ninguém se reputará seguro contra o furor da proscrição.

O país o sabe e é por isso que a fermentação e o alarma derramam-se por todas as classes da população: é por isso que os cidadãos perguntam uns ao outros, cheios de ansiedade — quando e como terminará esta lide horrivel entre o poder e a massa do povo? Onde estão as portas da saída desta desgraçada situação?

A imensidade da crise que nos ameaça confunde a imaginação e não deixa abertas à mesma esperança, que em outras épocas do excesso dos males renascia. O despotismo da tríplice aliança, embargando o curso das reformas e dilacerando o país acabou com todas as soluções regulares do problema social e privou até do remédio ordinário sofrimentos para que são precisos meios heróicos e radicais.

Considere-se a lastimavel posição de nossa Patria! Uma constituição nominal, direitos sem exercício, inte-

resses sem satisfação, liberdades sem garantias, ministérios sem dogmas e sem nacionalidade; um senado vitalício e facioso em plena revolta contra o princípio do govêrno, pretendendo-o transformar em oligarquía à veneziana; o direito de propriedade sem segurança, porque a justiça civil é distribuida por magistrados políticos, que sacrificam às paixões de partido a imparcialidade do julgamento; a justiça criminal entregue a inumeráveis harpias de uma polícia que atropela, despoja e escraviza o cidadão pacífico; a indústria nacional monopolizada pelo querido português, enquanto o povo, enjeitado, geme sob a carga dos tributos que exige a dívida de 400 milhões, despendidos na bela emprêsa de afogar em sangue seus clamores e de enriquecer seus inimigos; a nação envilecida, desprezada, conculcada por uma côrte que sonha com o direito divino e só respira a aura corrompida da baixeza, da adulação e do estrangeirismo; nada de generoso, de nacional e de grande; nada para a glória, para a liberdade, para a prosperidade material; o entusiasmo extinto; o torpor do egoismo percorrendo gradualmente, como a frialdade do veneno, do coração às extremidades e amortecendo as carnes mórbidas de uma sociedade que supura e dissolve-se... tal o estado do Brasil!

Mas quem acordará do letargo nossa independência natural, nossas tendências americanas, nossa vitalidade, nossas esperanças e nossa grandeza? Quem nos salvará desta grangrena social a que a política antiprogressista condenou-nos? Quem salvará a liberdade, das perseguições brutais sistemáticas do govêrno do privilégio? Quem fará da exceção a regra, do Brasileiro um cidadão e das fôrças de todos a base e o gênio do Estado? Quem?

O ato de soberania nacional, que nomear uma Assembléia Constituinte!

Quando raiará o dia da regeneração?

Quando estiver completa a revolução, que há muito se opera nas idéias e sentimentos da nação; revolução que, caindo gota a gota, arruinou a pedra do poder arbitrário; revolução que não poderão conter, nem as cabalas palacianas, nem baionetas, nem a corrupção; revolução que trará insensivelmente a renovação social e política sem convulsões e sem combate, da mesma maneira que a

natureza prepara, de dia em dia. de hora em hora, a mudança das estações; revolução, finalmente, que será o triunfo definitivo do interesse brasileiro sôbre o capricho dinástico, da realidade sôbre a ficção, da liberdade sôbre a tirania!

O Libelo do Povo — Timandro. — 3.ª ed. — Lisboa — Tip. da Nação, 1870.

TAVARES BASTOS

ALAGOAS — 20-IV-1839
† NICE — 3-XII-1875

Aureliano Candido Tavares Bastos, notável publicista, distinguiu-se ainda como parlamentar, tendo representado na Câmara dos Deputados a sua provincia natal de 1861 a 1868.

Foi secretário de Saraiva na delicada missão especial no Uruguai.

Tavares Bastos, desde os verdes anos apresentava cultura e aptidões extraordinárias.

Bibliografia — Publicou: *Cartas do Solitário, O Vale do Amazonas, A Província,* etc., além de opúsculos, discursos e artigos políticos.

---

75. A abertura do Amazonas

Não há riqueza natural que se esperdice hoje. O interêsse do mundo — eu diria — o princípio da civilização, do Evangelho, do Cristianismo, da verdade, igualdade, — o bem estar dos povos regula o direito dos povos.

Todas as questões internacionais resolvem-se hoje por êste princípio. Da altura dêle, tudo é pequeno, nada inspira interêsse, nem o prejuízo dos reis, nem o orgulho

das dinastias, nem a cegueira da plebe, nem o egoísmo das oligarquias, nem o fanatísmo dos padres. A política democrata, a política do mundo, qual existe na cabeça de Bright e de Cobden, é combater o mal e favorecer o triunfo do bem.

Os eixos do mundo foram de ferro, são hoje de raios de luz. A terra era um campo de batalha; é hoje o congresso dos povos livres.

Liberdade! fraternidade! eis a palavra, meu amigo, que redemoinha pelos golfos e pelos mares da Europa, atravessa o oceano, derrama-se pelas Índias, abraça-se com a América, arroja-se contra os gelos do Norte e as tempestades do Sul, murmura nas virações, ouve-se no gemer das ondas, lê-se nos astros, soletra-se nas flôres das campinas e sente-se enobrecer e consolar a alma humana, humilhada por tantos crimes, por tantos ódios, por tantos vícios, por tantas deshonras!...

Penetrai no leito imenso do Amazonas, assistí à luta gigantesca da pororóca, estudai a fertilidade daquelas margens, a abundância, daquelas águas, a multidão daqueles rios, a extensão daquelas províncias, a variedade daquelas florestas; combinai todas essas impressões, e dizei-me si aquilo pode ser um tesouro improdutivo de dois ou três povos sómente, si aquela parte de um mundo que Colombo deitou aos pés da humanidade pode ser a propriedade exclusiva dos comerciantes e dos navegantes de alguns pequenos estados.

Si a região amazônica é o que há na terra de mais portentoso e de mais incrivel, como se concebe que deva ela permanecer inculta e inútil? Não pode o mundo civilizado fazer valer contra nós o mesmo direito com que arrancou as concessões do Celeste Império e domou o Japão?

Consideremos a outra face da questão. Um povo reduzido em número, raro em artistas, em agricultores, em operários, em construtores, em navegantes, habita as margens do Amazonas. Si êsse povo se comunicasse diretamente com o europeu e com o norte americano, é fora de dúvida que teria mais barato o pão, mais cômodo o pano, mais abundante o transporte, mais fácil a

vida. Si êle, porém, continua a ser explorado por um comércio mesquinho, pela pequena navegação de cabotagem ou por uma campanha privilegiada, é evidente que dificilmente crescerá, desenvolver-se-á, adquirirá fôrças e acumulará capitais. Êsse povo, ajudado pelo colono europeu ou pelo americano, aprenderia a arte da agricultura afeiçoar-se-ia à terra, abandonaria os hábitos da vida errante, engrandeceria o Estado e aumentaria as fôrças da nação.

Não tem êsse povo, portanto, o direito de exigir que o deixem viver livre, que não lhe suprimam o ar, não lhe confisquem a luz?

A questão é simples, é clara e não admite dúvidas. Venham agora responder a êsse povo, contrariado no seu interesse, e à humanidade, ofendida nas suas pretensões, venham responder-lhes com as letras frias de tratados do tempo de Luiz XIV, com os ajustes das metrópoles de Espanha e Portugal, num século em que a antiguidade não é fiador de nada e está, pelo contrário, sujeita a fiança da utilidade geral, do interesse de todos, do bem estar do povo, êsse abismo insaciavel, que devora os tronos mais envelhecidos na história e as instituições mais arraigadas na índole, nos hábitos e nos prejuízos do mundo!

Eis aí, amigo, o meu ponto de partida. Esboçando-o ligeiramente, excuso de pôr em evidência os corolários da doutrina, que vós adivinhais melhor do que eu formularia.

Não vos admire, entretanto, que eu tenha me elevado às nuvens para discutir uma questão que parece tão simples. Mas não é do cume dos Andes que se sente melhor a magestade do Amazonas e a imensidade do Pacífico?

Vosso amigo, o

SOLITÁRIO

Março, 23.

Cartas do Solitário — Carta XXV. — 2.ª edição — 1863 — Rio de Janeiro.

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA

BAÍA — MARAGOGIPE — 7-VIII-1830
†MINAS — BARBACENA — 21-III-1891

D. Antônio de Macedo Costa, orador sagrado e escritor, pela sua cultura e erudição, pela correção dos seus escritos e elevação de suas idéias, terá sempre um lugar distinto na história da literatura brasileira.

D. Antônio tomou parte na célebre questão religiosa em que esteve empenhado D. Frei Viltal de Oliveira, bispo de Pernambuco; com êste prelado, foi o bispo do Pará processado pelo govêrno imperial e encerrado na fortaleza da ilha das Cobras (1873-75).

E' (afirma-se) autor da notável pastoral coletiva dos bispos brasileiros, em que o episcopado declara aceitar a República e igual procedimento aconselha ao cléro e aos fiéis.

Bibliografia — *Pio IX, Pontífice-rei,* Baía, 1860 — *Resumo da História Bíblica,* New York, 1872 — *Direito contra direito ou o Estado sôbre tudo,* 1874 — *Compêndio da Civilidade Cristã,* 1880 — *Catecismo da Doutrina Cristã,* etc., além de sermões, de inúmeras cartas pastorais e discursos diversos, entre os quais merece menção: *Discurso* pronunciado em 28-IX-1888, por ocasião da entrega da Rosa de Ouro à Princesa imperial.

---

76. Solução da questão religiosa

Tal é o alcance imenso do doloroso conflito em que, já agora, nenhum homem pensador e amigo de seu país pode ficar neutro.

E' o choque de duas doutrinas que se encontram frente a frente.

De um lado, o catolicismo verdadeiro, apoiando-se no magistério infalivel da Igreja; do outro lado, um catolicismo bastardo, apoiando-se no govêrno e na maçonaria. De um lado, a religião segundo o Evangelho e a lei eterna de Deus; do outro lado, uma religião segundo as constituições e as leis mudaveis dos homens.

De um lado, a conciência católica reclamando para si o direito de crêr livremente na Igreja de Jesús Cristo e obedecer-lhe; do outro lado, o regalismo despótico, declarando que é um crime crêr na Igreja e obedecer-lhe, sem o beneplácito de Cesar.

De um lado, o direito de Deus, o direito da conciência humana, o verdadeiro e eterno direito; do outro lado, um pretenso *direito constituido, um falso direito,* que não é outra coisa senão o arbítrio dos políticos.

Eis aquí a questão.

Qual é o meio de resolvê-la? prosseguir no caminho das violências, das opressões e das tiranias? Povoar as gemonias de bispos, de sacerdotes, de católicos fieis; condená-los aos horrores do ostracismo, ou ao horror, inda maior, de um chisma?

Isto é impossivel.

Não, repito com toda a convicção da minha alma, isto é impossivel!

Não estamos na Alemanha de Bismarck, nem na Suíça de Ceresole, estamos no Brasil, terra católica e livre. Pertencemos a uma nação pia, mansa, generosa, a cuja índole repugna os excessos daqueles déspotas revolucionários.

A solução da questão religiosa resume-se numa só palavra:

Liberdade! Dai liberdade à Igreja de Jesús Cristo! Ela não vos invade, ela não vos violenta; deixa-vos seguir o vosso regalismo, ou quaisquer doutrinas ou seitas que queirais abraçar. Deixai-a também livre de regular-se conforme suas leis.

Oh! bem-aventuradas cadeias, que darão de si a liberdade da Igreja do Brasil! Bem-aventuradas opressões e injustiças, que estão despertando em tantas almas o fervor, que andava tão amortecido, das verdadeiras crenças católicas.

O que parece um pôr de sol, é uma aurora! A Cruz núa do Calvário está anunciando uma ressurreição! Està crise dolorosa, que a muitos se afigura mortal, é a passagem para a vida! A Cruz irá seu caminho para o futuro, para um futuro esplêndido e glorioso, a-pesar-das trevas e desfalecimentos do presente. Ruja a tormenta

embora, cerre-se a noite sôbre êste triste mundo, que parece querer voltar para o paganismo.

Os faróis estão acesos, a costa toda iluminada!

A doutrina católica se afirma em toda sua fôrça, em toda a sua beleza.

Havemos de transmitir a todos esta luz da verdade, que faz a felicidade de nossa vida. À fôrça de sofrimentos, de esforços, de sacrifícios, meneando as armas pacíficas da oração e da palavra, conseguiremos chamar nossos irmãos desviados à suave comunhão da Igreja de Jesús Cristo.

Quanto a mim, a-pesar-de minhas cadeias, sinto-me feliz de viver para lutar e sofrer, de viver para dar um testemunho da fidelidade com que devemos servir à patria do céu. Condenem-me os homens como um fascínora e um rebelde.

Quando, com a mão trêmula, êles tiverem lavrado e assinado minha sentença, firme na minha conciência, certo de ter feito o meu dever, olharei tranquilo para o céu e direi:

"Apelo para a justiça de Deus!"

Direito contra Direito ou o *Estado sôbre tudo* (1874).

FERREIRA VIANA

PELOTAS — RIO GRANDE DO SUL — 11-V-1833
† RIO DE JANEIRO — 10-IX-1903

Jurisconsulto notável. Orador. Jornalista político

O conselheiro Antonio Ferreira Viana é uma das figuras políticas mais brilhantes e simpáticas do 2.° reinado, onde ocupou importantes cargos: promotor público da côrte, vereador, ministro da Justiça, deputado.

Bibliografia — *Conferência dos Divinos,* 1867 — *Libelos politicos,* 1878 — E mais: Discursos parlamentares, orações no júri, no Supremo Tribunal, conferências religiosas e de caridade, além de artigos de jornais.

---

77. A obediência

Reconheço que é tempo de falar-vos um pouco da obediência. Há na história um estigma, que se perpetúa sôbre a fronte do jesuita — *perinde ac cadaver*...

Mas não vi ainda mais bela nem mais florificadora legenda!

Que grandeza d'alma, que heroísmo sôbre-humano, que onipotência de vontade e de virtude encerra esta síntese! Ter o homem o poder de, vivo, fazer-se um cadáver pela obediência, pelo amor de seus irmãos e pelo serviço de Deus! E como se fôra êste, criar a própria vontade, dar à sua natureza um predicado sôbre-humano.

Senhores, o espetáculo contristador da vida pública e privada; a baixeza e degradação da sociedade hodierna; as torpezas em que se abisma a liberdade; a nihilidade deplorável do homem nestes tempos tão preconizados, nos forçam a ter menos orgulho e muita modéstia, ou, antes, muita humildade.

Mas, túmidos de vaidade, lançamos olhares desdenhosos para os claustros e atacamos os pacíficos habitantes destas solidões abençoadas, por causa da obediência, imposta pela disciplina: obediência que foi um dos florões da corôa do nosso Patriarca.

Em nossos dias o servilismo — coisa diferente da obediência — é inseparável dos caractéres sem crenças, sem idéias e sem fé; corrompidos pelos vícios, enfraquecidos pelos deleites, escravizados à sordidez do interesse, submissos à onipotência do Estado, aos caprichos dos governos.

Eis aí uma das faces do mundo atual.

A outra — é a revolta da vontade, são a impotência e as estólidas pretensões da liberdade, as estéreis agitações dos povos, a hipocrisia do poder, que viola as leis, tiraniza os povos, e as aberrações irrisórias da ciência.

Quando destas alturas contemplais o frade, que, por fôrça da regra, presta ilimitada obediência ao superior, o condenais como um ente aviltado. Eu protesto em nome dos inviolaveis direitos da conciência humana contra êsse estígma, que parece queimar a fronte do jesuita. Eu pro-

testo em nome da verdade e da justiça contra essa irrisão, que o bom senso deste século deve repelir.

Como! Chamais aviltamento, chamais negação da liberdade a obediência, que justamente é o ato que afirma poderosamente a firme resolução de minha vontade, o reconhecimento de minha fôrça, a mais alta proclamação da minha liberdade!

O homem que voluntariamente se impôs o dever da obediência, não é um instrumento nem um cadáver; é, ao contrário, a vida e esplêndida encarnação duma grande virtude — a da abnegação!

Dominar-se, ser senhor de si mesmo a ponto de se governar, de concentrar toda a energia da natureza em cumprir e observar a lei, que estabeleceu em sua conciência, por escôlha de sua razão, é o que só pódem praticar as naturezas viris e heróicas!

Êstes heroismos são mais belos, mais grandiosos do que aquêles que a história rememora; são mais meritórios, embora passem ignorados e obscuros.

Quando Múcio Scevola, mancebo audaz, queima corajosamente a mão no braseiro, os aplausos de vossa admiração o proclamam herói e grande patriota.

O que neste ato provoca a vossa admiração? E' a energia da vontade; é a renúncia que faz da sua vida; é, sem dúvida, o sacrifício e abnegação; é a beleza moral de uma ação que não sabeis praticar!...

No homem que se curva à obediência — não por servilismo — mas pela idéia viva, imaculada e grandiosa do dever; pelos votos de sua conciência em pról de uma causa sagrada; pela pureza e intensidade de sua fé, não podeis ver outra cousa senão a santidade de uma personalidade enérgica, sublime e heróica.

Equiparais o soldado ao frade; dizeis que são dois instrumentos de obediência passiva; duas matérias inertes, *perinde ac cadaver*: duas sombras que se movem ao capricho de uma fôrça estranha! dois entes aviltados!

Pois bem; há nestas injustiças inevitavel punição; nunca fica triunfante a violação das leis supremas da verdade; o vitimado exeede em superioridade aos seus detratores...

Quando o inimigo cerca a cidade, ameaça o vosso lar, calca o sólo sagrado da patria, devasta vossos campos, polúe vossos altares, está prestes a degolar vossos filhos, quem vos salva a patria, os altares, o lar e os filhos? Dizei-o: são as inimitaveis vítimas da abnegação, são êsses soldados, que consagram a sua vida ao sacrifício pela salvação do que vos é tão caro! Dizei — si êles são sombras, instrumentos, cadáveres, ou si são os heróis da grandeza moral da virtude maravilhosa da obediência!

A pira do sacrifício está acêsa; reune-se o capítulo, entra solene o geral, e, com seu dedo fatídico, aponta os frades, que devem correr a afrontar a morte inevitavel no meio das florestas, entre hordas ferozes.

Os frades indicados curvam-se, obedecem, partem...

Nem um murmúrio!... Lá se vão êsses impávidos soldados da fé; êsses apóstolos da lei evangelizando a palavra da redenção, abrasados no amor do próximo! Quanto é sublime essa resignação de uma obediência que aos estultos provoca riso e estígma; mas que as almas escolhidas admiram e veneram.

Os séculos passam, as gerações sucedem-se, os mármores gastam-se: mas ainda correm os povos a contemplar os anfiteatros, onde gotejara o sangue dos mártires da fé, daqueles que, obediêntes à lei divina, a souberam cumprir. Si a história, que guarda os estígmas, não lhes registra os nomes, a veneração e a piedade, porém, levantam-lhes altares, a humanidade lhes consagra cultos e hinos de adoração!

Da conferência sôbre S. Francisco de Assis, na Ordem 3.ª da Penitência.

GENERAL COUTO DE MAGALHÃES

MINAS GERAIS — DIAMANTINA — 1-XI-1837
† RIO DE JANEIRO — 14-IX-1898

O general José Vicente Couto de Magalhães, doutor pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1859, serviu como secretário do govêrno de Minas, 1860-1861; presidiu Goiaz, 1861-

1864; Pará. 1865-1866; Mato Grosso, em 1868, tempo da guerra do Paraguai, sendo então também comandante das armas; S. Paulo, 1889, de Junho a Novembro. até a proclamação da República.

O general Couto de Magalhães, historiador, linguista, indianólogo, explorador dos nossos sertões, administrador, militar, político, escritor, foi com justiça reputado um sábio: poliglota era-o sem dúvida, pois falava o francês. o inglês, o alemão, o italiano, o espanhol, o tupí, e ainda outros dialetos indígenas.

Pertenceu ao Instituto Histórico e a diversas outras associações literárias e científicas nacionais e estrangeiras.

Bibliografia — *Os Guaianazes ou a fundação de S. Paulo*, romance históriоco, 1860 — *A Revolta de Filipe dos Santos em 1820*, 1862 — *Viagem ao rio Araguáia*, 1863 — *Dezoito mil milhas no interior do Brasil*, 1872 — *O aprendiz de maquinista*, 1873 — *Ensaio de antropologia*, 1874 — *O Selvagem, Anchieta, a língua e as raças dos indígenas do Brasil*, memórias, relatórios e artigos de jornais e revistas.

78. A língua Tupí

Nenhuma língua primitiva do mundo, nem mesmo o sânscrito, ocupou tão grande extensão geográfica como o tupí e os seus dialetos; com efeito, desde o Amapá até o Rio da Prata, pela costa oriental da América meridional, em uma extensão de mais de mil léguas, rumo do norte a sul; desde o cabo de S. Roque até a parte mais ocidental de nossa fronteira com o Perú, no Javarí, em uma extensão de mais de oitocentas léguas, estão, nos nomes dos lugares, das plantas, dos rios e das tríbus indígenas, que ainda erram por muitas destas regiões, os imperecedores vestígios dessa língua.

Confrontando-se as regiões ocupadas pelas grandes línguas antigas, antes que elas fossem línguas sábias e literárias, nenhuma encontramos no velho mundo, Asia, Africa ou Europa, que tivesse ocupado uma região igual à da área ocupada pela língua tupí. De modo que ela pode ser classificada, em relação à região geográfica em que domina, como uma das maiores línguas da terra, senão a maior.

Pelo lado da perfeição, ela é admiravel; suas fórmas gramaticais, embora em mais de um ponto embrio-

nárias, são, contudo, tão engenhosas que, na opinião de quantos a estudaram, pode ser comparada às mais célebres. Esta proposição parecerá estranha a muita gente, mas o curso que começo agora a publicar e que, com o favor de Deus, espero levar a cabo de um modo completo, o deixará demonstrado. Muitas questões hoje obscuras em filologia e linguística encontrarão, no estudo desta, que constitúe uma nova família, a sua decifração.

Estas duas palavras *tupí* e *guaraní* não significavam entre os selvagens que delas usavam, senão tríbus ou famílias que assim se denominavam. Estas duas expressões: língua tupí ou lingua guaraní, seriam como si nós disséssemos: a língua dos mineiros ou a língua dos paulistas.

Si no Paraguai qualquer disser: guaraní *nhenhen,* para traduzir a expressão — língua guaraní, ninguém o entenderá, porque, para êles, o nome da língua é: *ava nhenhen,* literal: língua de gente.

Desde que o homem fale duas línguas, compreende que aqueles que não falam a sua se possam exprimir tão bem, quanto êle o faz na própria. Mas entre povos primitivos, que não tinham a arte de escrever, e para quem as línguas estrangeiras eram tão ininteligiveis como o canto dos pássaros, ou os gritos dos animais, muito natural era que êles só considerassem como língua de gente a sua própria. A expressão *ava nhenhen,* para exexprimir a língua falada por êles, mostra-nos que a idéia que tinham das outras é que elas não eram línguas de gente.

Observa o sr. Max Müller, com muita verdade, que nós, os homens do século XIX dificilmente podemos compreender toda a influência que exerceu sôbre as sociedades bárbaras este admiravel instrumento chamado língua.

Para o selvagem, aquele que fala a sua língua é um seu parente, portanto, seu amigo, e é natural.

Êle não tem idéia alguma da arte de escrever; não compreende nenhum método de aprender uma língua, senão aquele pelo qual adquiriu a própria, isto é: pelo ensino materno; por isso, quando um branco fala a sua língua, êle julga que êsse branco é seu parente e que en-

tre a gente de sua tríbu e na infância é que tal branco aprendeu a falar.

Em uma das vezes em que os *Gradaús* apareceram à margem do Paraguai, eu acompanhei-os sòzinho em uma longa excursão, levado pela curiosidade de observar grandes aldeamentos inteiramente selvagens; êsses *Gradaús* achavam-se em número superior a mil, eram havidos por ferozes, e meus companheiros julgavam temeridade visitá-los.

Eu, porém, o fiz, sem coragem alguma, porque falando um pouco da língua dêles, tinha plena e absoluta certeza, não só de que minha vida não corria o menor risco, como êles me procurariam obsequiar por todos os modos; e assim sucedeu.

Assim como, para o selvagem, aquêle que fala a sua língua, êle reputa de seu sangue, e, como tal, seu amigo, assim também julga que é inimigo aquele que a não fala. O citado Sr. Max Müller nota: que entre todos os povos europeus a palavra que traduz a idéia de inimigo significava primitivamente *aquele que não fala a nossa língua;* que muito é que o mesmo se désse entre os nossos selvagens?

Foi partindo dêsse importante fato que os jesuitas em menos de cincoenta anos tinham amansado quasi todos os selvagens da costa do Brasil.

Seu segrêdo único foi assentar a sua catequese na base do interprete, base esquecida pelos catequistas modernos, que por isso tão pouco hão conseguido.

Assim, pois, diziamos que a palavra guaraní não é o nome de uma língua e que a língua que nós designamos por esta expressão, êles designam como a de — língua de gente ou *ava nhenhen*. O mesmo diremos a proposito da língua tupí.

Tupí era o nome de uma tríbu, que, ao tempo da descoberta, dominava grande parte da costa.

Si dissermos a qualquer índio civilizado do Amazonos: fale em língua tupí, êle não entende o que lhe queremos dizer; para que êle entenda que queremos que êle se expresse na sua própria língua, mister é dizer-lhe:

Renhenhen nhenhengatú rupi, literal: *fale língua boa pêla*, isto é: *fale pela língua bôa*.

Êstes fatos fizeram-se adotar os vacábulos *ava nhenhen* e *nhenhengatú* para exprimir: o primeiro, a língua guaraní; o segundo, a língua tupí.

O Selvagem.

RAMIZ GALVÃO

RIO GRANDE DO SUL — 16-VI-1846
† RIO DE JANEIRO — 9-III-1938

Escritor, historiador e filósofo, o Dr. Benjamim Franklin de Ramiz Galvão bacharelou-se no Colégio Pedro II em 1861, e doutorou-se em medicina em 1866. Antigo professor de Botânica na Faculdade de Medicina e, mais tarde, lente de Grego no Colégio Pedro II, exerceu ainda os cargos de diretor da Biblioteca Nacional, Diretor Geral de Instrução pública no Distrito Federal, preceptor dos príncipes imperiais, filhos da Condessa d'Eu. Diretor do Asilo Gonçalves de Araujo.

Foi do Instituto Histórico e da Academia Brasileira de Letras.

Bibliografia — *O púlpito no Brasil, Galeria da Historia Brasileira, Vocabulário etimológico ortográfico e prosódico das palavras portuguesas vindas do grego,* etc.

---

79. Os livros

A biblioteca é para o homem de letras o jardim de delícias, nem compreendo que haja espírito culto capaz de trocar as doçuras inefaveis, que nela se gozam, pelas honras mais aparatosas do mundo, a menos que obrigações particulares e deveres de outra ordem não impenham êste sacrifício.

O que se pode comparar na terra ao suave comércio com os livros — estes mestres que nos instruem sem castigo — veneraveis anciãos que nos abrem a cada hora o tesouro da sua experiência, ou virgens graciosas que nos oferecem todo o encanto das suas galas — amigos de todos os dias que, si os chamamos, acódem (1), si os interrogamos se não calam, si caímos em êrro, ajudam-nos, si os importunamos, não murmuram nem se negam?

Sempre juntos de quem os ama, sempre fontes de consolação ou de alegria, os livros tanto deleitam ao homem feliz como suavizam as máguas do que padece os embates da fortuna (2): àquele dirigem e desviam da torrente vertiginosa dos prazeres mundanos; a êste desanuviam o espírito e confortam o coração ou seja atraindo-o a cogitações de outra ordem, ou seja robustecendo-o na resignação e, na própria dôr pelas lições da moral e pelos ensinamentos da história.

O naturalista que perscruta os segredos da criação, estudando as formas misteriosas e sabiamente concatenadas do mundo orgânico, ou devassando as origens e as aplicações utilitárias do reino mineral; o astrônomo que arranca dos céus as leis que regem o movimento dos mundos siderais; o artista que se extasia ante os quadros da natureza, e os imobiliza e perpetua na téla ou no mármore; o mecânico que segue pertinaz uma idéia, e projeta um invento; o matemático que consome noites de vigília no descobrimento de um princípio genera-

---

(1) — Rich. de Bury, Philobiblon, cap. I: "Hi sunt magistri, qui nos instruunt sine virgis et ferula, sine verbis et cholera, sine panis et pecunia. Si accedis, non dormiunt, si inquirens interrogas, non se abscondunt, non remurmurant, si oberres, cacchinus nesciunt, si ignores. O libri soli liberales et liberi qui omni petenti tribuits, et omnes manumittilis volis sedulo servientes!" As páginas dêste livro estão cheias de conceitos sôbre o amor dos livros, e, posto de parte o estilo clerical e místico do seu autor, ninguém as percorrerá sem prazer e sem proveito.

(2) — Rich. de Bury, op. cit., cap. XV: "Delectant libri prosperitate feliciter arridente; consolantur individue nubila fortuna torrente; pactis humanis robur attribuunt, nec feruntur sententiae graves sine libris".

lizador; o filósofo que estuda os arcanos do invisível; — todos êles têm no trabalho assíduo e nos gozos de sua obra um grande consôlo e uma ocupação feliz.

Mas o bibliotecário digno dêste nome, o devotado amador dos livros possue mais do que todos porque tem a seus pés o universo inteiro, o passado e o presente, o visivel e o invisivel; as formas da natureza tangivel e os inúmeros sóis da imensidade, as belezas da criação e todos os inventos humanos, os cálculos e as fórmulas, os sistemas de todas as escolas, e as grandes verdades de toda a filosofia — em uma palavra, o escrínio de todas as joias amontoadas pelos séculos à custa do labor de um milhar de sábios.

Que prazer se pode equiparar no mundo à contemplação desta infinita riqueza, ao uso quotidiano dêste manancial imenso que concretiza os esforços hercúleos da inteligência humana, ao cavar noite e dia nesta mina insondável, que produz à saciedade a gema preciosíssima e inapreciavel do saber?

Biografia de Fr. Camilo de Monserrate — Págs. 106-108.

JOÃO RIBEIRO

SERGIPE — LARANJEIRAS — 24-VI-1860
† RIO DE JANEIRO — 13-IV-1934

João Ribeiro, filósofo, professor de português e lente de história no Colégio Pedro II, é um dos nossos melhores prosadores, excelente cultor da língua; como poeta não é menos notável. Veio para o Rio de Janeiro em 1881. Lecionou primeiro em estabelecimentos particulares de ensino; em 1885 entrou, após concursos, para a Biblioteca Nacional; entrou num concurso de português no Colégio Pedro II. em 1887 e em 1890 foi nomeado para a cadeira de história.

Pertenceu à Academia Brasileira — cadeira Pedro Luiz.

Bibliografia — *Tenebrosa Luz* — *Dias de Sol* — *Estudos Filológicos* — *Avena e Citara* (1886), *Morfologia e Colocação*

dos pronomes, Gramática Portuguesa — curso primário, curso médio, curso superior, — *Dicionário Gramatical; História Antiga, Oriente e Grecia; Autores Contemporâneos, História do Brasil* — curso primário, curso médio e curso superior — *Seleta clássica, Livros de Exercícios* para o curso prmário de português, *Frases feitas, dois volumes; Páginas de Estética, Páginas escolhidas da Academia Brasileira, Fabordão, Exame de admissão,* com Raja Gabaglia, etc.

Traduziu o *Coração* de Ed. de Amicis.

Escreveu nas principais revistas e jornais do país.

---

80. Como versar os clássicos?

> Parece razão áspera aos ouvidos.
>
> Camões — *Luz.*

> Read the book you do honestly feel a wish and curiosity to read. Our wishes are presentiments of our capabilities.
>
> Johnson.

Perguntando-lhe alguém que livros havia de ler, respondeu Carlyle que em verdade a resposta era nenhuma. E suposto não haver nesse ponto alguma regra indispensavel (acrescentava), o melhor seria seguir o velho conselho de Johnson, a saber que cada um lesse o que lhe viesse à mente de ler, segundo a própria inclinação e natural apetite.

Grande verdade esta, desconhecida e talvez raro praticada: porque todo o alimento há de ser precedido de desejo e apetência ou não é alimento, não satisfaz nem se lhe aproveitam as qualidades nutrientes e talvez é veneno. E', pois, o livro que se intenta ler, o verdadeiro e o mais próprio e o mais desejado que se busca é também o mais conveniente que se alcança.

Donde se tira e conclue que assim como há diferenças entre os alimentos, assim as haverá quanto aos livros que formam a nutrição e mantimento do espírito. Mas há de todas as substâncias tais, uma que é principal e perene e da qual não se fala nunca. E' aquela que se não adia, não sofre interrupção ou estôrvo e é sustento contínuo e perpétuo da vida; é, enfim, o ar, êste mesmo ar que respiramos. Sem êste, tudo o mais seria inútil e impossivel.

Si, pois, há os que não querem (ou não possuem a inclinação própria) ou não desejam ler os clássicos, versá-los e meditá-los com amor, a razão é que a nós outros nos falta o ar, a atmosfera própria em que viveram os grandes escritores da nossa língua.

Mas essa falta também pode ter o seu remédio.

E' mister não só ler, mas viver, conviver, respirar e conspirar com os clássicos no mundo em que se moveram e comoveram.

Então a leitura, transposta a séculos, é decerto uma arte difícil e para poucos; não é linear, e há de ser sentida em duas dimensões do tempo: o passado no presente e até, si se lhe ajunta algum dom profético, no futuro.

Os livros antigos, não só a *Odisséia* ou a *Eneida*, mas falo dos clássicos da nossa língua, exigem e requerem essas necessárias transfigurações com os seus cenários já mortos.

Não são, pois, o alimento comum da turba que lê a salário e jornal, dia por dia, a qual se não vê para diante, também não vê para trás, que tudo é um, e é a mesma cegueira.

Os nossos clássicos escreviam com lenteza e com vagar é que compunham. Não podem, pois ser devorados dum trago como os livros de hoje improvisados num lanço. Aquilo que com vagar se compôs, durante anos se castigou e poliu, do esbôço a derradeira mão, guarda sempre coisas e idéias, subentendidas, elipses e segredos mentais e rascunhos de palimpsestos, sentimentos inescritos, outrora claros e hoje invisiveis, que é mister subentendidos, aclarados, decifrados, resuscitados, enfim, na própria atmosfera em que brilharam à luz.

Não é, pois, compreendê-los o méro rastejar pela rama sem penetrar o subsolo, que era outrora ao lume da terra, e no qual agora se sepultam profundos como raízes.

Naquele evo, a medida era outra e outra era a balança do mundo. A Guerra e a Fé imperavam e, ao crepitar do lume doméstico, outras histórias não se contavam que as dos soldados e dos monges.

E só assim, a quem faça a experiência d'alma daquele tempo, é que os clássicos poderão ser exemplares de clareza e suavidade. Então, ó surpresa e milagre! Tudo ressurge e se anima! a floresta mirrada reverdece e desabotoa toda em flôr, revivem os pastores e os montes, os cavaleiros e os santos; acordam todos os écos das fontes e dos ventos que andavam movendo os álamos e as madre-silvas...

E superior a todas, acorda a voz do homem, do poeta e do artista, com as suas ricas e copiosas caudais da eloquência e da poesia, com o seu estilo breve ou erguido, galante ou fero, em todo o luzimento de seus mais finos quilates.

Foi essa, decerto, a língua do pequenino Portugal, que como flôr perfumada rebentou na extremidade da árvore do mundo antigo, flôr que havia de voltar a corola e o polen para os oceanos desconhecidos.

Foi essa, e não outra, a língua que primeiro praguejou com a tempestade oceânica e a primeira que traduziu a alma das imensas distâncias, a saudade...

Foi também a primeira que com os seus destemidos lusiades, bracejando sôbre as ondas, levou o anúncio da Fé e da Civilização às terras incógnitas... Porque muito maior que as civilizações que se sepultam com as suas ciências e vaidades, é aquela que ama e se reproduz e se revê nos filhos e na eternidade da história.

E como, pois, dizer que a língua dessas almas e dessas energias, à qual (como dizia João de Barros) pertenciam "*a monarquia do mar e o tributo dos infieis*" não é mais digna do progresso e do presente?

A verdade é que nós e o presente não somos mais dignos dela. A energia dos que fecundaram os desertos

e fundaram novas pátrias sucede agora o frio terror de perdermos a que temos e talvez a não sabemos ter.

Já se exalta o que impiamente rouba a alma alheia de outras literaturas e não se poupam tolos escárneos ao que dispõe das riquezas maternas que por direito de herança lhe pertencem.

Êsse confronto é como um alvorecer de evidências malsãs. Seja. Mas não se chame progresso a expiação ou a má fortuna daqueles que há quatro séculos eram capitães e hoje não podem ou não querem ser mais que soldados e bandoleiros.

Páginas de Estética, Lisboa, 1905.

VII. HISTORIA E GEOGRAFIA

ROCHA PITA

CIDADE DA BAÍA, — 8-V-1660
† BÁÍA, — 2-XI-1738

Já na sua idade madura, tomou Sebastião da Rocha Pita a resolução de escrever a história do Brasil; então, na Baía, Rio de Janeiro e S. Vicente examinou as livrarias e os arquivos dos conventos e das Câmaras Municipais; partiù ainda para Lisboa, onde fez pesquizas importantes e onde também se dedicou ao estudo do francês, italiano e holandês.. E foi assim que publicou a sua *História da América Portuguesa,* obra de real valor e baseada em documentos e que lhe valeu ao seu autor ser nomeado, em recompensa, membro da Academia de História de Portugal e cavaleiro da Ordem de Cristo.

Foi um patriota sincero, historiador conciencioso e amante entusiasta da sua terra.

Bibliografia — *História da América Portuguesa,* desde o ano mil e quinhentos, do seu descobrimento, até o de mil setecentos e vinte e quatro, Lisboa, 1730. — Além de versos e outros escritos, existe ainda do historiador baiano, o *Tratado Político,* inédito de propriedade de Salvador de Mendonça, segundo nos informa Oliveira Lima, nos *Aspectos da Literatura Colonial do Brasil.*

81. O Brasil

Do novo Mundo, tantos séculos escondido e de tantos sábios caluniado, onde não chegaram Hanon com as suas navegações, Hércules Líbico com as suas colunas, nem

Hércules Tebano com as suas emprêsas, é a melhor porção o Brasil: vastíssima região, felicíssimo terreno, em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais útil alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave bálsamo e os seus mares o âmbar mais seleto; admirável país, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusá a natureza se desentranha nas férteis produções, que em opulência da monarquia e benefício do mundo, apura a arte, brotando as suas canas exprimido netar e dando as suas frutas sazonada ambrozia, de que fôram mentida sombra o licôr e a vianda que aos seus falsos deuses atribuia a culta gentilidade. Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madruga mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios mais dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as estrêlas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as águas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aquedutos, são as mais puras: é, enfim, o Brasil terreal paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios; domina salutífero clima; influem benignos astros e respiram auras suavissimas, que o fazem fertil e povoado de inumeraveis habitadores, posto que, por ficar debaixo da tórrida zona, o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristóteles, Cícero e Plínio; e, com os gentios, os padres da igreja S. Agostinho e Beda, que, a terem experiência dêste feliz orbe, seria famoso assunto das suas elevadas penas, onde a minha receia voar, posto que o amor da pátria me dê as asas e a sua grandeza me dilate a esfera.

Jaz o opulento império do Brasil no hemisferio antártico, debaixo da zona tórrida, correndo do meio dela (em que começa) para a parte austral ao trópico de Capricórnio, donde entra na zona temperada meridional grandíssimo espaço. É de forma triangular: principia pela banda do Norte do imenso rio das Amazonas e termina pela do Sul, no dilatadíssimo rio da Prata; para o Levante o banham as águas do Oceano Atlântico; para o Ocidente lhe ficam os reinos de Congo e Angola, e

tem por antípodas os habitadores da Aurea Chersoneso, onde está o reino de Malaca.

Na sua longitude grandíssima contam os cosmógrafos mil e cincoenta léguas de costa, a mais formosa que cursam os navegantes; pois em toda ela e em qualquer tempo estão as suas elevadas montanhas e altos arvoredos cobertos e vestidos de roupas e tapeçarias verdes, por onde correm inumeráveis caudalosos rios, que em copiosas e diáfanas correntes precipitam cristais nas suas ribeiras ou levam tributo aos seus mares, em que há grandes enseadas; muitos e continuados portos, capacíssimos dos maiores baixeis e das mais numerosas armadas.

A sua latitude pelo interior da terra é larguíssima; mais de quatrocentas léguas se acham já cultivadas com as nossas povoações, sendo muitas as que estão por descobrir. Êste famoso continente é tão digno das suspensões humanas, pelas distâncias que compreende e pelas riquezas que contém, como pelas perspectivas que mostra; porque até em algumas partes, em que por áspero parece impenetravel, aquela mesma rudeza, que o representa horrivel o faz admiravel.

História da América Portuguesa.

CAPISTRANO DE ABREU

CEARA' — 23-X-1853
† RIO DE JANEIRO — 13-VIII-1927

João Capistrano de Abreu. historiador, geógrafo, foi lente por concurso, do Colégio Pedro II, cargo em que se aposentou.

Grande estudioso de nossa história e de nossa geografia, que conhecia como poucos. Capistrano de Abreu muito concorreu para o progresso dêsses estudos entre nós, já divulgando e anotando os trabalhos a respeito, publicados no estrangeiro, já dando à luz estudos próprios, baseados em documentos encontrados nos arquivos e bibliotecas, comentando-os e vulgari-

zando-os. Trabalhou na Biblioteca Nacional, à qual prestou serviços relevantíssimos.

O erudito professor foi ainda um grande conhecedor da história da literatura brasileira.

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Bibliografia — *O Brasil no Século XVI* (1880); *Descobrimento do Brasil* (1883); *A Geografia Física*, de Wapœus, refundida e condensada, com a colaboração de Vale Cabral, Derby, Saldanha da Gama, Homem de Melo, Martins Costa, etc. (1884); *Geografia Geral do Brasil*, de W. Sellin, traduzida e muito acrescentada (1889); *A língua dos bacaerís; Sôbre uma história do Ceará; Viagens pelo Brasil; Memórias sôbre o descobrimento do Brasil; História Geral do Brasil*, do Visconde do Porto Seguro, revista e anotada; *Capítulos de História Colonial*.

Colaborou na imprensa diária e periódica: "Gazeta de Notícias", Jornal do Comércio", "Revista Brasileira", etc.

82. Descobrimento do Brasil

Comandando uma armada de treze navios, partiu (Cabral) de Belém segunda-feira, 9 de Março de 1500. O domingo passara-se em festas populares. O rei tivera a seu lado na tribuna o capitão-mór, pusera-lhe na cabeça um barrete bento mandado pelo papa, entregara-lhe uma bandeira com as armas reais e a cruz da Ordem de Cristo, a Ordem de D. Henrique, o descobridor.

Sentia-se bem a importância desta frota, a maior saída até então para terras alongadas.

Mil e quinhentos soldados, negociantes aventurosos, aventureiros, mercadorias variadas, dinheiro amoedado, revelavam o duplo caráter da expedição: pacífico, si na India preferissem a lisura e o comércio honesto, belicosa si quisessem recorrer às armas. Alguns franciscanos, tendo por guardião frei Henrique de Coimbra, comunicavam ao conjunto a sagração religiosa.

A 14 foram avistadas as Canárias, a 22 as ilhas de Cabo Verde. Um mês mais tarde, a 21 de Abril, boiaram ervas marinhas muito compridas, sinais de proximidade de terra, no dia seguinte confirmados por aves, e rea-

lizados à tarde. "Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra: primeiramente dum grande monte mui alto e redondo e doutras serras mais baixas do Sul dêle, e de terra chã com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôs nome o monte Pascoal", escreve Pero Vaz de Caminha, testemunha de vista, escrivão da feitoria a fundar em Calecut. Ao sol posto surgiram em 23 braças, ancoragem limpa. O monte Pascoal, no Estado da Baía, é visivel a mais de sessenta milhas do mar. Na quinta-feira continuou a derrota lenta e cuidadosamente, indo os navios menores adiante, sondando. À distância de meia légua, em direito a bôca de um rio, fundearam. Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama, desembarcou e pôde observar alguns naturais, atraídos pela curiosidade, dar e receber presentes.

Um Sudoeste, acompanhado de chuvaceiros mostrou a conveniência de procurar situação mais abrigada. Sexta-feira velejaram para o Norte, os navios maiores mais afastados, os navios menores mais chegados à terra: ao pôr do sol, em distância de dez léguas, encontraram um recife, abrigando um porto de larga entrada. "Ao sábado pela manhã mandou o capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, a qual era muito larga e alta, de 6 e 7 braças e entraram todas as naus dentro e ancoraram-se em 5 e 6 braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão fremosa, e tão segura que podem jazer dentro mais de duzentos navios e naus". O nome de Porto Seguro, dado pelo capitão-mór, resume bem suas impressões: ainda o conserva uma localidade vizinha. Em um ilhéu da baía, construído um altar, cantou-se missa domingo da Pascoela, 26. Frei Henrique pregou sôbre o Evangelho do dia. A ressurreição do Salvador, as aparições misteriosas aos discípulos, a incredulidade de Tomé, o apóstolo das Indias, diziam bem com a situação estranha. No fim da pregação o frade "tratou da nossa vinda, e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da cruz, sob cuja obediência viemos". A bandeira de Cristo com que o capitão-mór saíu de Belém, esteve sempre alta à parte do Evangelho.

Reuniram-se a bordo da capitânea os comandantes dos outros navios, e o capitão-mór perguntou si conviria

mandar a el-rei a nova do achamento da terra pelo navio de mantimentos, para S. A. a mandar descobrir. Concordaram que sim. Os dias seguintes passaram-se na baldeação dos gêneros e na lavrança de uma cruz para assinalar a posse tomada em nome da corôa de Portugal.

A cruz foi chantada a 1 de Maio; a 2, partiram o navio mandado ao Reino e a poderosa frota para a India, deixando lacrimosos dois degredados incumbidos de inquirirem da terra e irem aprendendo a língua; alguns marujos desertaram, segundo parece.

Capítulos de História Colonial — M. Orosco & C., impressores — 1907.

PEREIRA DA SILVA

ESTADO DO RIO — IGUASSU' — 30-VIII-1817
† PARIS — 14-VI-1898

João Manuel Pereira da Silva tem, como historiador, o seu lugar determinado na história de nossa literatura. Os críticos e antologistas, que todos lhe apontam os defeitos como historiador, as falhas do escritor, são entretanto, acordes em reconhecer-lhe certas qualidades e méritos incontestaveis.

Além de ter pertencido a várias associações letradas nacionais e estrangeiras, foi do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira — cadeira Sousa Caldas.

Bibliografia — Publicou, entre muitas outras obras: *Varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais, História da fundação do Império Brasileiro, A História e a Legenda,* trabalhos de crítica literária, discursos, etc.

---

83. O nome de "Brasil"

Cumpre aproveitar a ocasião para explicar as razões por que se trocou o nome da terra descoberta, ou melhormente, achada por Cabral, e a qual êle intitulara Vera Cruz, nome trocado ao depois pelo de Santa Cruz,

e por fim desaparecido diante do de Brasil, que lhe ficou, mau grado dos portugueses conquistadores. A prioridade do descobrimento efetuado por Pinzon, meses antes de Cabral, considerou o governo espanhol acaso e declarou que, sendo em terra que devia pertencer a Portugal, a esta nação cedia quaisquer direitos que lhe coubessem.

Não se suscitaram, pois, dúvidas nem conflitos, a-pesar--de ser o Brasil avistado e empossado antes por Pinzon, em nome da Espanha.

Desenvolvendo desde logo os franceses mais ou menos regular navegação pelas costas e formando o seu melhor comércio a madeira que lhes proporcionava e aos portugueses maiores vantagens, e que apelidavam *brasil*, por causa de ser vermelha como brasas de fogo e de produzir uma tinta encarnada de precioso valor, madeira que anteriormente a Europa recebia das Indias, por via do Egito e da Siria, persistiam, no entanto, em chamar ao país *Brasil*, e em cartas geográficas, que espalhavam, por este título faziam conhecer a terra.

Que importava aos europeus que o dono chamasse à sua propriedade diferentemente? Desde o princípio do século corriam mapas geográficos fabricados em França e Alemanha, desenhando o país como uma ilha e sustentando-lhe a denominação de *Brasil*.

Não se sabia ainda na Europa que a América formava um continente próprio, separado da Asia, correndo do pólo sul ao do norte.

Eram por todos os povos reputadas Indias Ocidentais as terras que os espanhóis, portugueses e ingleses haviam descoberto ao ocidente do Oceano Atlântico, e que os franceses e até os holandeses trataram logo igualmente de visitar, em procura de riquesas e aventuras. Não se conjeturavam todos os descobrimentos anteriores na América, ilhas separadas da Asia, e derramadas por suas costas em maiores ou menores distâncias?

Bem que em seu tempo ainda os govêrnos, o povo e os escritores portugueses porfiassem em chamar sua conquista de Santa Cruz; a-pesar-de que o famoso historiador João de Barros, infeliz donatário de uma das capitanias doadas por D. João III, estigmatizasse com a sua

voz poderosa os ignorantes e teimosos, que a apelidavam *Brasil,* vingou esta denominação dos navegantes franceses, desenvolvida a propaganda pelas cartas geográficas.

Foi, por fim, Portugal compelido a acompanhar o título de crisma e a deixar em olvido o de batismo com que a mimoseara.

Não sucedeu o mesmo à América, a preciosa colônia descoberta por Colombo em 1492?

Na História e na Legenda — Primeira série.

GONÇALVES DIAS

ESTADO DO MARANHÃO — CAXIAS —
10-VIII-1823 — 3-XI-1864

O maior poeta lírico brasileiro — na literatura nacional, representa Antonio Gonçalves Dias na poesia, o mesmo importante papel que Alencar no romance: o cantor dos *Timbiras* e o romancista de *Iracema* têm a face comum do *indianismo;* o maranhense foi ainda um dos chefes do movimento que libertou as nossas letras do velho classicismo português.

Gonçalves Dias completou os seus estudos em Portugal, para onde partiu em 1838.

Formou-se em Coimbra. De volta ao Maranhão em 1845 no ano seguinte veio ao Rio de Janeiro pela primeira vez.

Lecionou história pátria e latinidade no Colégio Pedro II. Em comissão do govêrno voltou à Europa em 1855.

Em 1862, doente, pela terceira vez partiu para a Europa em busca de melhoras; regressou. sem as ter conseguido, em 1864, embarcando no Havre em Setembro.

Antônio Gonçalves Dias, nascido a 10 de Agosto, morreu náufrago do *Ville de Boulongne,* que abriu água nos baixos dos Atins, próximo ao farol de Itacolomi (3 de Novembro).

Bibliografia — *Primeiros Cantos, Segundos Cantos e Sextilhas de Fr. Antão, Últimos Cantos, Os Timbiras, Dicionário da língua tupi* (*Leipzig*); *Amazonas; Obras póstumas* (Maranhão — 1868-1869); *A noiva de Messina,* de Schiller, tradução; — *Meditação,* em estilo bíblico; — *Leonor de Mendonça, Beatriz Cenci, Boabdil, Pathull* — dramas; — *História dos Jesuítas no Brasil,* inédito; além de artigos no *Guanabara,* por êle redigido, e na Revista do Instituto Histórico, e outras revistas e jornais.

84. O Indígena do Brasil na época do descobrimento

Aproximava-se o tempo em que o novo mundo, por tantos séculos ignorado, ia como surgir do meio das ondas e aparecer rico de toda a juventude da natureza em suas louçanias aos olhos dos mortais assombrados. Colombo acrescentaria um mundo novo ao mundo antigo e Pedro Alvares, afastado da sua derrota, e impelido pelas grandes correntes do Oceano, vinha aportar às terras de Santa Cruz, e com a sua descoberta provar à humanidade vaidosa de suas anteriores conquistas, com esta que não é de todas a somenos, que o acaso, o destino, a fatalidade valem mais muitas vezes, do que as fôrças todas da inteligência, combinadas com os esforços da coragem, da perseverança e da magnanimidade.

No entanto a linha marítima formada pelos invasores *tupís* estendia-se por todo o litoral: a invasão tinha chegado ao seu termo e todavia o movimento comunicado a essas massas de tríbus divididas continuava na mesma direção, como para provar de que ponto haviam partido. Pará, Maranhão, Ceará, só mais tarde foram visitadas dos europeus. Do Rio Grande dos Tapuias para o Sul ficavam os Potiguares, demorando os limites das suas terras entre êste rio e a baía da Traição na Paraíba, por êles chamada *Acajutibiro* (1); mas suas correrias passavam Itamaracá e chegavam até Pernambuco. "Povoado êsse rio (da Paraíba), escreveu o autor d'*A Notícia do Brasil*, ficam seguros os engenhos da capitania de Itamaracá e alguns da de Pernambuco, que não lavram com temor dos Pitaguares".

"Faziam guerra, não só aos Tabajaras — acrescenta Jaboatam — mas também aos Caetés, que tiveram de ceder-lhes o campo na Paraíba", até que foram ambos lançados de Goiana e Itamaracá, e depois também de Olinda de Pernambuco, e "nisto (diz o autor) mostravam ser guerreiros atrevidos e ambiciosos".

---

(1) — *Acajú*, fruto; *tiba* abundância; *r'y*. rio — N. do autor.

Os Caetés, porém, batidos pelos Potiguares na Paraíba, continham os Tabajaras em Pernambuco, chegavam até o rio de S. Francisco, cuja margem esquerda lhes pertencia; obedecendo ao mesmo impulso faziam guerra aos Tupinambás, que ficavam da outra banda do rio. Em canoas de peri-peri, atadas com timbós, que não tinham capacidade para conter mais de dez ou doze pessôas, atravessavam o rio e vinham ao longo da costa assaltar os Tupinambás. Dêstes, diz Jaboatam que traziam guerra com os Caetés, mas só quando procurados por êles. E suposto se jactassem de ser os primeiros povoadores da costa, o mesmo autor opõe-lhes igual pretensão da parte dos Tabajaras, pretensão que reputa mais bem fundada.

Os Tupiniquíns demoravam além dos Tupinambás para o Sul, começando o seu território em Cananéia e acabando em Porto Seguro. Se os não vemos apertados pelos Tupinambás, é porque já os Aimorés haviam descido de suas terras e os tinham em contínuo alarme; no entretanto, para prova de que também êles caminhavam na direção Norte-Sul, Laet nos refere que os Tupiniquíns, estabelecidos alí havia muitos anos, tinham sido expulsos de Pernambuco.

Entre os Tupiniquíns e os Tamoios e entre estes últimos e os Carijós, há como uma solução de continuidade; as tríbus que mais os hostilizavam vinham do interior e tomavam, portanto, direção diferente: caminhavam do ocaso para o oriente e, chegando ao litoral, tomavam indiferentemente um ou outro rumo, para o Norte ou para o Sul.

Os Tupiniquíns ligaram-se com os portugueses contra os Tamoios do Rio e Cabo-Frio. Os Papanazes, que ficavam entre Porto Seguro e Espírito-Santo, retiraram-se diante dêles, até confinarem com os Goitacazes, que se estendiam desde Rerigtiga (quinze léguas ao Sul do Espírito-Santo) até a Paraíba do Sul. Da Paraíba até Angra estavam os Tamoios e depois dêles vinham os Goianazes, que confinavam por um lado com os Carijós e por outro tinham guerra com os Tamoios, *mas só quando provocados*.

Os Carijós, no entanto, continuando na sua emigração, faziam pelo lado do Prata uma corrente contrária à

que pouco tempo depois se observou no Amazonas. Enquanto os Tupinambaranas desciam êste rio e se estabeleciam no Madeira, fugindo, segundo se escreveu (1), à recordação do insulto que um dos seus tinha recebido dos espanhóis, sendo açoitado pelo furto de uma vaca, — os Guaranís, sob a denominação de Chiriguanos, chegavam até os Andes, cuja desmarcada altura não era obstáculo seguro às suas correrias e depredações.

Si a pressão dos indígenas do norte para o sul — pressão que ainda podemos observar, bem que a sociedade Tupí já tivesse tido um começo de desmoronamento, se isto, digo, não é por si só prova bastante da direção que em sua marcha deverão ter levado os conquistadores Tupís, serve ao menos de auxiliar e, porque assim o digamos, de completar as outras provas que em outros lugares apresentamos.

Tal era, aproximadamente, a distribuição dos grupos indígenas do Brasil, quando o acaso dilatou, de um modo tão inesperado, os domínios já tão extensos do felicissimo rei de Portugal.

Obras Póstumas, Vol. VI.

FR. VICENTE DO SALVADOR

BAÍA — MATUIM — 1564
† entre 1636 — 1639

Fr. Vicente do Salvador (Vicente Rodrigues Palha, antes de professar) doutorou-se em Coimbra, ordenou-se na Baía e professou na ordem franciscana em 1599. Deixou duas obras: a *Crônica da Custódia do Brasil,* cujo paradeiro se ignora, e uma *História do Brasil,* mandada publicar em 1889 pela Biblioteca Nacional. Si a *História do Brasil não repousa sôbre estudos arquivais, tem entretanto qualidades superiores,* como observou Capistrano de Abreu: é escrita em *tom popular, quasi folclórico...*

---

(1) — Gomberville, *Relation de la rivière des Amazones.*

85. Fundação do Rio de Janeiro

Posto que o governador Mem de Sá não estava ocioso na Baía, não deixava de estar com o pensamento nas cousas do Rio de Janeiro, e assim sacundindo-se de todas as mais, aprestou uma armada, e com o bispo D. Pedro Leitão, que ia visitar as capitanias do Sul, que todas em aquele tempo eram da sua diocese e jurisdição, e com toda a mais luzida que pôde levar desta cidade, se embarcou e chegou brevemente ao Rio, onde em dia de S. Sebastião, 20 de Janeiro de ano de mil e quinhentos e sessenta e sete, acabou de lançar os inimigos de toda a enseada, e os seguiu dentro de suas terras, sujeitando-os a seu poder e arrasando dois lugares em que se haviam fortificado os franceses, posto que em um deles, que foi na aldeia de um índio principal chamado *Iburaguassúmirim*, que quer dizer "páu grande pequeno", lhe feriram seu sobrinho Estácio de Sá de uma mortifera flechada, de que depois morreu.

Sossegadas as cousas da guerra, escolheu o governador sítio acomodado ao edifício de uma nova cidade, à qual mandou fortalecer com quatro castelos, e a barra ou entrada do Rio com dois; chamou a cidade de S. Sebastião, não só por ser nome de seu rei, sinão por agradecimento dos benefícios recebidos do Santo, pois a vitória passada se ganhou no dia de S. Sebastião; e em êste dia, dois anos antes, partiu Estácio de Sá de S. Vicente para o Rio de Janeiro, e começou a guerra invocando o seu favor, o qual reconheceram bem os Portugueses, assim em a batalha naval das canoas, como em outras ocasiões de perigo. Pelo que, ainda em memória da vitória das canoas, se faz todos os anos em aquela baía, defronte da cidade, no dia do glorioso S. Sebastião, uma escaramuça de canoas com grande grita dos Indios, que as remam e se combatem, cousa muito para ver.

O sítio em que Mem de Sá fundou a cidade de S. Sebastião foi o cume de um monte, donde facilmente se podiam defender dos inimigos, mas depois, estando a terra de paz, se estendeu pelo val ao longo do mar, de sorte que a praia lhe serve de rua principal, e assim, sendo lá

capitão mór Afonso de Albuquerque, se achou uma manhã defronte da porta do Convento do Carmo, que alí está, uma baleia morta que de noite havia dado à costa; e as canoas que vêm das roças ou granjas dos moradores, alí ficam desembarcando, cada uma à sua porta ou perto dela, com o que trazem, sem lhe custar trabalho de carretos, como custa pela ladeira acima.

Nem êles próprios lá subiram em todo o ano e menos as mulheres, si não fôra estar lá a igreja matriz e a dos padres da Companhia, pela qual causa mora ainda lá alguma gente.

Fundada, pois, a cidade pelo governador Mem de Sá em o dito outeiro, ordenou logo que houvesse oficiais e ministros da milícia, justiça e fazenda; e porque haviam ido na armada mercadores, que, entre outras mercadorias, levaram algumas pipas de vinho, mandou-lhes o governador que o vendessem atavernado; e, pedindo êles que lhes pusesse a canada por um preço excessivo, tirou êle o capacete da cabeça com cólera e, disse que sim, mas que aquele havia de ser o quartilho, e assim foi, e é ainda hoje, por onde se afilam as medidas, donde vem serem tão grandes, que a maior peroleira não leva mais de cinco quartilhos.

História do Brasil — 1889 — Livro III, Cap. XII. *págs.* 79 e 80.

VARNHAGEN

VISCONDE DO PORTO SEGURO

E. DE S. PAULO — S. JOÃO DE IPANEMA — 17-II-1816
† VIENNA D'AUSTRIA — 29-VI-1878

Francisco Adolfo de Varnhagen, Barão e depois Visconde de Porto Seguro, era filho do tenente-coronel Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, oficial alemão que viera contratado para administrar a fabrica de ferro de Ipanema. Retirando-se a família Varnhagen para Portugal, aí viveu Francisco Adolfo até 1840; e tendo servido no exercito português de D. Pedro, foi pelo príncipe galardoado, pelos seus serviços, com o posto

de 2.° tenente de artilharia (1834). Em 1839, concluiu seus estudos na Real Academia de Fortificação. De volta ao Brasil, por decreto de 24-VII-1841 foi reconhecido cidadão brasileiro. Varnhagen iniciou em 1842 sua carreira diplomática como adido da legação de Lisboa; foi removido em 1844 para Madrid. Em 1859 era ministro residente no Paraguai, de onde passou em 1861 para Venezuela, Nova-Granada e Equador. Serviu no Equador, Perú e Chile em 1864. e em 1868, finalmente, o govêrno imperial o nomeou enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em Viena d'Austria.

Historiador, geógrafo, escritor, matemático, militar e diplomata — Varnhagen era um erudito e um sábio. E, si como escritor não se pode dizer um estilista, forçoso é reconhecer que escreveu com correção o vernáculo.

Varnhagen pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, à Real Academia de Ciências de Lisboa e a outras muitas associações de letras e ciências.

Bibliografia — *História Geral do Brasil, História completa das lutas holandesas no Brasil, História da Independência do Brasil, Florilégio da poesia brasileira, O Caramurú perante a história, Da literatura dos livros de Cavalarias, Amador Bueno* (drama histórico), *Sumé* (lenda mito-religiosa), etc.

---

86. A Insurreição Pernambucana

E ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS

Com a partida de Nassau para a Europa, ficaram as rédeas do Brasil holandês confiadas a três negociantes tão obscuros, Hamel, Van Boolestrate e Bas, que de um dêles se disse haver sido carpinteiro, lojista outro e ourives em Harlem o terceiro. Terra demasiado aristocrata era a de Pernambuco, para prestar, sem repugnância, obediência a estrangeiros de tão baixa relé, cuja vaidade, cobiça e intolerância faziam, ainda para mais, notável contraste com a lhaneza, desprendimento e generosidade do principe de Orange. Ora, os esforços espontâneos dos Maranhenses e Cearenses acabavam de ser coroados de triunfantes resultados, quando nenhum êxito haviam produzido, nem as tropas e navios do conde da Torre, nem as diplomacias de Montalvão.

Não era, pois, de admirar que a muitos Brasileiros, residentes, quer na extensão que decorre do Rio Grande

do Norte até o Rio Real, quer no território fóra do domínio holandês, o amor da pátria indicasse que lhes cumpria tentar esforços semelhantes para de todo sacudir de seu país o jugo estranho.

Pensamentos tais, que estão no coração de todos, não têm autor determinado.

Necessitam só uma alma grande que dêles se apodére e lhes dê impulso. Tinha-a André Vidal de Negreiros, filho da Paraíba, e que já em seções precedentes deixamos conhecido por notáveis feitos de guerra, em consequência dos quais foi sucessivamente promovido por distinção até o posto de tenente de mestre de campo, que podemos dizer de tenente-coronel, pois que ainda que a alguns postos da milícia se davam nomes diferentes dos de hoje, eram êles já quasi os mesmos, e se haviam de todo introduzido no Brasil durante esta guerra. E bem que não faltassem escritores que, contradizendo às vezes sua afirmativa com os próprios fatos que narravam, quisessem, em parte por disfarce político, outorgar toda a glória a João Fernandes Vieira, chamandolhe já valoroso Lucideno, já Castrioto Lusitano, nós apelamos unicamente para os fatos comprovados, e, ao examiná-los, o leitor julgará se, dando a palma a André Vidal, no mais minimo sentenciamos com paixão. Lisonjeiro nos é, sem dúvida, ter de exaltar a memória de um ilustre patrício; mas no caso atual, em que, para enaltecer a um herói, há que deixar um tanto deprimido outro, até agora injustamente exaltado em demasia, não o executaremos, se a conciência guiada pela justiça nos não alentara a ponto de conhecer que nos não cega a grande simpatia que temos pelas virtudes do herói paraibano, que não hesitamos apresentar como digno até de figurar em uma epopéia nacional.

Na história da civilização das nações em particular, como na da humanidade em geral, há sempre grandes caractéres ou grandes inteligências, que são como os precursores ou verdadeiros criadores do pensamento de novas eras, e ao historiador cumpre descortiná-los.

Muitas vezes contemporaneamente essas grandes capacidades, êsses grandes homens viveram confundidos com as turbas ou foram por estas ou pelos poderosos da

terra perseguidos ou desprezados, se tiveram bastante coragem e dignidade para não adular estes nem aquelas; mas a verdade triunfa por fim, e o galardão póstumo é tanto maior, quanto mais clamorosa foi a injustiça dos antepassados.

O martírio também dá a palma da glória. Pela nossa parte, que começamos por tributar a Raimundo Lúlio, a Colombo e Diogo de Gouvêa o louvor devido ao talento, às vezes a uma só idéia fecunda, não poderíamos aquí deixar de reivindicar a glória que cabe, em nosso entender, ao modesto paraibano André Vidal, que mais de uma vez derramou seu sangue pela Pátria.

Em presença dos fatos, tais como são contados pelos próprios apologistas de Fernandes Vieira, nos convenceremos de que, se houve naquele mesmo século, por motivos políticos e razões de estado, necessidade de proclamar os seus serviços como superiores aos de Vidal, hoje há que tributar a êste a justiça devida e concordar que, abstraindo da proteção do govêrno, exercida disfarçadamente pelo governador Antonio Teles, a êle principalmente foi, pela maior parte, devido o êxito da Insurreição de Pernambuco.

História Geral do Brasil, 1857. Tomo. II.

JOAQUIM NORBERTO

RIO DE JANEIRO — 6-VI-1820
† NITEROI, ESTADO DO RIO — 14-V-1891

Joaquim Norberto de Sousa e Silva, o laborioso escritor flùminense, foi novelista e poeta, historiador e biógrafo, crítico literário e dramaturgo.

Os trabalhos de crítica literária e de história de Joaquim Norberto têm a maior importância: *hoje é impossivel escrever a história, principalmente a história literária do Brasil, sem recorrer às publicações dêste laborioso escritor* — escreveu Sílvio Romero.

Joaquim Norberto dirigiu a publicação das obras de Gonzaga, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Laurindo Rabelo, para

as quais escreveu excelentes estudos biográficos, acompanhados de notas e comentários valiosos.

Bibliografia — *Modulações poéticas* — *Cantos de um trovador* — *O livro dos meus amores* — *Amador Bueno ou a fidelidade paulistana*, 1854 — *Memória Histórica e documentada das aldeias dos índios da Província do Rio de Janeiro* — *História da Conjuração mineira* — *O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um acaso ou teve êle alguns indícios para isso?* — *Galicismos* — *O martírio de Tiradentes*, etc.

---

87. Duas Sessões dos Conjurados

Achava-se Alvarenga Peixoto uma noite em casa do célebre contratador João Rodrigues de Macedo, a conversar com algumas pessoas, quando o capitão Vicente Vieira da Mota lhe veio trazer um bilhete fechado, que lhe tinham entregue à porta da rua. Alvarenga Peixoto abriu-o imediatamente e leu o seguinte:

"Alvarenga — Estamos juntos e venha Vmcê já, etc. Amigo Toledo".

Era o vigário da freguesia da vila de S. José, Carlos Correia de Toledo, que lhe recordava que êle e outros conjurados se deviam reunir em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. Chovia, e Alvarenga Peixoto respondeu que comparecia logo que parasse a chuva.

Não faltou o poeta à sua palavra.

Era a primeira vez que se reuniam os conjurados. Aí estavam o dono da casa, o tenente-coronel Francisco de Paula e seu cunhado José Alves Maciel, o vigário de São José, Carlos Correia de Toledo; o desembargador Tomaz Antônio Gonzaga, o padre José da Silva de Oliveira Rolim, a quem Alvarenga Peixoto via pela primeira vez e que lhe disse ser-lhe muito obrigado pelas obsequiosas atenções com que tratara a seu irmão, o Dr. Plácido da Silva e Oliveira, no tempo em que foi ouvidor da comarca de São João El-Rei, e o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Cada um dos conjurados quís ser o expositor do que se havia tratado na ausência do recem-chegado, e Alvarenga Peixoto ficou sabendo como se havia elaborado o plano para a revolução. Era cousa assentada entre êles

que se esperasse pela notícia do movimento insurrecional do Rio de Janeiro, segundo as asserções afirmativas, ou antes, imaginárias do alferes Joaquim José, e bem assim, que se deixasse igualmente publicar a derrama, que necessariamente deveria levantar clamores em toda a capitania, pela excessiva contribuição a que eram os povos obrigados. No meio da geral consternação e favorecido pelas sombras da noite, se apresentaria o alferes Joaquim José com alguns companheiros gritando pelas ruas de Vila-Rica: "Viva a Liberdade!" O povo, vexado pelo pesado tributo, acudiria ao alarme e apoiaria a revolução. Acudiria ao tumulto o tenente-coronel Francisco de Paula à frente da tropa, e, como parte dos oficiais e soldados não era estranha ao movimento, segundo a facil credulidade do Tiradentes, o tenente-coronel daria tempo a que o alferes fosse a Cachoeira, à casa de campo do governador, onde se achava o general visconde de Barbacena, para conduzí-lo com toda a sua família até à serra, onde lhe diria que fizesse muito boa jornada e dissesse em Portugal que já se não precisava de generais na América, ou então, que sacrificá-lo-iam, levando a sua cabeça a Vila-Rica para com ela impôr ao povo o respeito pela nova república. Então, no meio do geral entusiasmo, o tenente-coronel arengaria a multidão perguntando ao povo o que queria, que motivo tinha para aquele levante, e que os conspiradores responderiam que desejavam a sua liberdade, e o tenente-coronel acabaria por dizer que o motivo era tão justo que êle não se podia opôr.

Anuiu Alvarenga Peixoto ao plano da revolução, refletindo, todavia, que não era necessário que o tenente-coronel dirigisse fala alguma ao povo, pois bastava-lhe dizer que quem tinha tirado aquela cabeça podia tirar outras.

Escolhido o plano, restava dividir os papeis do drama pelos principais conspiradores.

A Alvarenga Peixoto incumbia angariar gente entre os habitantes da Campanha do Rio Verde, onde gozava de grande influência como coronel do primeiro regimento da cavalaria auxiliar. Houve ainda outra conferência em que se achou Alvarenga Peixoto. Os conjurados reuniram-se desta vez em casa de Cláudio Manuel

da Costa e tratou-se da adoção da bandeira para a nova república.

Propôs o alferes Joaquim José que se tomassem por símbolo três triângulos entrelaçados em comemoração da Santíssima Trindade.

Cláudio Manuel da Costa lembrou que o emblema da bandeira dos Estados-Unidos era o gênio da América quebrando as cadeias do cativeiro com esta inscrição: *Libertas aequo spiritus*, e que nenhuma inconveniência havia em que se adotasse a mesma.

Alvarenga Peixoto impugnou a idéia como pobre. Cláudio propôs ainda a seguinte inscrição: *Aut libertas, aut nihil!*

Alvarenga Peixoto propôs então o versículo de Virgílio: *Libertas quae sera tamen!*

E os conjurados a aprovaram, achando-a muito apropriada.

Notícias sôbre I. J. de Alvarenga Peixoto e suas obras.

JOÃO RIBEIRO

(*Bio-bibliografia à pág.* 204)

---

88. A execução de Tiradentes

No dia 19 de Abril entrava na cadeia pública do Rio de Janeiro, rodeado de outros ministros da justiça, o desembargador Francisco Alves da Rocha para ler a sentença aos réus, que desde a noite da véspera haviam sido transferidos de vários segredos da cidade para a sala chamada do *Oratório*. Eram onze os criminosos que alí esperavam algemados e cercados de fôrça embalada, a última palavra de seus destinos.

A leitura da sentença, erudita e cheia de citações, durou duas longas horas; ao cabo delas, eram todos os infames condenados à forca e a alguns cabia ainda mais o horror de, insepultos e esquartejados, servirem os seus membros, espetados em postes, de padrão de execravel perfidia.

Quando o desembargador se retirou, diz uma testemunha do acontecimento, viu-se representar a cena mais trágica que se podia imaginar. Mutuamente pediram perdão e o deram; porém cada um fazia imputar a sua infelicidade ao excessivo depoimento do outro.

Como tinham estado três anos incomunicaveis, era neles mais violento o desejo de falar que a paixão que a tal sentença cavaria nos cansados corações.

Nesta liberdade de falarem e de se acusarem mutuamente estiveram quatro horas; mas, quando se lhes puseram os grilhões e manïetados viram-se obrigados a deitar-se, por menos incômoda posição, abateram-se-lhes os espíritos e entraram então a meditar sôbre o abismo da sua sorte. Dentro em pouco, porém, um raio de esperança iluminou-lhes a torva existência. O mesmo ministro que lêra a rude sentença, veio horas depois anunciar a clemência da rainha, que aos conjurados, exceto Tiradentes, poupava o suplício da morte. Então foram grandes os extremos da alegria e com aquela inesperada piedade sentiram-se rejuvenescer. *Tiradentes* também, conforme o seu coração bem formado e leal, participou dêsses transportes e dizia que só êle, em verdade, devia ser a vítima da lei e que morria jubiloso por não levar após si tantos infelizes que desencaminhara. *Tiradentes* era um espírito grandemente forte e na religião achou mais largo e substancioso confôrto do que os outros companheiros, de espírito leviano ou inconsiderado.

Na manhã de 21 de Abril entrou na sua cela o algoz para vestir-lhe a alva e ao despir-se dizia o mártir que o seu "Redentor morrera por êle também nú".

A cidade estava aparelhada como para uma grande festa em honra à divindade do govêrno supremo. Aos sons marciais das fanfarras sairam de todos os quartéis os regimentos da guarnição, luzidios, com os uniformes maiores: seis regimentos e duas companhias de cavalaria que em tropel corriam a cidade, guardada agora momentaneamente pelos auxiliares.

No campo da Lampadosa erguia-se o lugubre patíbulo, alto, sôbre vinte degraus, destinado ao memoravel exemplo.

Na frente da cadeia pública organizou-se a procissão em ato declarado fúnebre, com a Irmandade da Misericórdia e a sua colegiada, e o esquadrão de cavaleiros da guarda do Vice-Rei.

Saíu o réu, que foi posto entre os religiosos que iam para confortá-lo e o clero e as irmandades, guardados pela cavalaria.

Tiradentes tinha "as faces abrasadas", caminhava apressado e intrépido e monologava com o Crucifixo que trazia à mão e à altura dos olhos. Nunca se vira tanta constância e tamanha consolação.

Ao préstito juntou-se a turba de curiosos, e, avolumando a multidão, era mistér que de vez em quando dois cavaleiros a destroçassem.

Pelas 11 horas do dia, que fôra de sol descoberto e ardente, entrou na larga praça, por um dos ângulos, que faziam os regimentos postados em triângulo, o réu com todo o acompanhamento. Subiu ligeiramente os degráus, sem desviar os olhos do santo Crucifixo que trazia e serenamente pediu ao carrasco que não demorasse e abreviasse o suplício. O guardião do convento de Santo Antônio, imprudentemente, por mal entendida caridade ou por não saber conter talvez o seu zêlo demasiado, tomou a palavra, admoestando a curiosidade do povo, sem todavia esquecer o elogio da clemência real. Depois do *crédo,* a um frêmito de angústia da multidão, viu-se cair suspenso das traves o cadaver do mártir.

Foi profunda a impressão no povo, que, apertado e numerosíssimo em todo o campo, abalara para vêr o abominavel espetáculo. As janelas apinhavam-se de gente e nas ruas e praças era impossivel o movimento. As pessoas mais delicadas, contudo, haviam desde a véspera abandonado a cidade para não testemunharem a execução.

Após o suplício, um dos religiosos falou, tomando o tema de Eclesiastes: *In cogitatione tua regi ne detrahas... quias aves coeli portabunt vocem tuam.*

Não atraiçôes o teu rei nem por pensamentos: as próprias aves levar-te-iam o sentido dêles.

História do Brasil — Curso Superior — Livraria Francisco Alves. 4.ª edição. 1912.

EUCLIDES DA CUNHA

(*Bio-bibliografia à pág.* 66)

(*Bio-bibliografia à pág.* 66)

89. A Independência

Não vacilemos em reconhecê-lo. Somos o único caso histórico de uma nacionalidade feita por uma teoria política. Vimos, de um salto, da homogeneidade da colônia para o regime constitucional: dos alvarás para as leis. E, ao entrarmos de improviso na órbita dos nossos destinos, fizemo-lo com o único equilíbrio possivel naquela quadra: o equilíbrio dinâmico entre as aspirações populares e as tradições dinásticas. Somente estas, mais tarde, permitiriam que, entre os "Exaltados", utopistas avantajando-se demasiado para o futuro até entestarem com a República prematura, e os "Reacionários", absolutistas em recúos excessivos para o passado, repontasse o influxo conservador dos "Moderados", ou liberais monarquistas da Regência, o que equivalia à conciliação entre o Progresso e a Ordem, ainda não formulada em axioma pelo mais robusto pensador do século.

Desta arte, a luta da Independência teve, no englobar elementos destruidores e reconstrutores, o caráter positivo de uma revolução. E desenrolou-se com uma finalidade irresistivel. Mas o princípio foi exparso, dispartindo nos mesmos atos sem solidariedade, tão caraterísticos da nossa história. As "juntas governativas", que para logo se fundaram, constituiram-se em pequenos estados; e volviam ao aspecto exato dos tempos coloniais, numa espécie de decomposição espontânea. Algumas, como a de Pernambuco, ainda reassumindo a atitude batalhadora, tendo suplantado o elemento português na "Capitulação do Beberibe" (Outubro de 1821), subtraíam-se do mesmo passo ao influxo dos governos do Rio e do Reino, revivendo o antigo sonho da existência autônoma. Outras, as demais do norte, volvendo a obedecer aos antigos dominadores, facilitavam o programa

da recolonização. Apenas quatro — Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul — aceitaram desde logo o govêrno do príncipe, forrando-se igualmente à autonomia completa e à dependência colonial.

Nessa instabilidade de três situações contrapostas, é claro que o pensamento libertador, adstrito à contingência de captar o beneplácito preliminar dos agrupamentos de novo dissociados, tinha um destino duplo: confundiam-se, penetrando-se entrelaçados, o ideal da Independência e o da unidade nacional. Assim se traçou limpidamente, em que pese ao caráter da indeterminação que lhe davam três incógnitas, envolvendo três soluções distintas, a equação fundamental de nossos destinos.

E coube ao sul resolvê-la, a começar pelo Rio de Janeiro, onde chegavam diretamente os decretos retrógrados da metrópole.

Ocorrera ademais, alí, uma transigência forçada, contraproducente no irritar os ânimos: as tropas do general lusitano Jorge de Avilez haviam, desde Junho, imposto o juramento da Constituição das Côrtes portuguesas, vivamente combatido pelos deputados brasileiros, e a formação de uma junta governativa destinada a agir em correspondência direta com o govêrno de Lisboa, a que devera submeter-se. Foi no regime transitório desta vitória efêmera, que entraram os decretos recolonizadores. Declaravam-se independentes do Rio de Janeiro os governos das províncias, e suprimidos todos os tribunais superiores. Impunha-se, por fim, a partida improrrogavel de D. Pedro para a Europa. Esta última cláusula rompeu as reprêsas da revolta. Amotinou-se a multidão no Rio (9 de Janeiro de 1822), estimulada pela propaganda anterior de Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa, chefiada pelo presidente do Senado da Camara, José Clemente Pereira, português adito aos mais ferventes nativistas, impondo ao príncipe, talvez vacilante, a permanência no Brasil.

Impondo — é o termo. A representação de oito mil assinaturas, que lhe foi lida, não era um pedido; era uma intimativa. Redigira-a um lutador, que ainda não tem o renome merecido, Fr. Francisco de Sampaio; e o sacerdote rebelde fôra singularmente franco na pri-

meira frase que traçara: "a partida de S. A. seria o decreto que teria de sancionar a independência do Brasil".

O príncipe cedeu, substantivando-se num verbo único — *fico*, o primeiro capítulo da história da independência: e êste rompimento, não já da solidariedade política, senão do sangue, completado, três dias depois, pela capitulação da divisão auxiliadora do general Avilez, apôio material e último resquício da ação longínqua do ultramar, foi o traço mais intenso, naquela quadra, da reação nativista.

Ao mesmo tempo definiam-se as províncias. A junta de S. Paulo, cujo presidente, João Carlos Augusto Oyenhausen, se norteava pela vontade firme de José Bonifácio, ligara-se em manifesto enérgico aos sucessos anteriores e, no norte, a antiga fidelidade à metrópole partia-se (19 de Fevereiro), precisamente na terra onde era clássica, a Baía, levantada em massa contra o general Madeira de Melo.

Estava declarada a campanha libertadora. Dado o primeiro choque vitorioso contra o exército estrangeiro, antes mesmo que a sua repercussão nas províncias se coroasse de idêntico sucesso, o governo recém-organizado, dirigido por José Bonifácio, a quem se confiara o cargo de Ministro do Reino e Estrangeiros, começou a deliberar sobranceando os tumultos, como se o não rodeassem as maiores dificuldades. Caracterizaram-no para logo três medidas radicais de pronto decretadas: a chamada dos representantes das províncias para concertarem nas reformas urgentes; a preliminar do "cumpra-se" do príncipe D. Pedro, imposta à efetividade das leis portuguesas; e por fim, medida mais séria, porque valia por um ato de independência, a convocação de uma Assembléia Constituinte Legislativa (decreto de 3 de Julho de 1822).

Enquanto isto sucedia, o príncipe, numa viagem triunfal a Minas Gerais, em Março, onde à sua chegada se deliram nocivas discórdias emergentes, representava o seu papel real e único — o da ação de presença — como si nas transformações sociais se torne também preciso, às vezes, essa misteriosa fôrça catalítica que se desencadeia às afinidades da matéria.

O título que anteriormente lhe fôra oferecido pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro numa data que se tornaria ainda mais célebre (13 de Maio) de "Defensor Perpétuo do Brasil", já valia por um pálido eufemismo, escondendo o de Imperador, em que desfechariam todos os acontecimentos. Ampliou-o a proclamação de 1.º de Agosto. Aí êle se intitula defensor da independência das províncias, e pede "que o grito de união dos Brasileiros ecôe do Amazonas ao Prata". Redigida por Gonçalves Ledo, agitador que recorda um girondino desgarrado em nossa terra, ela foi por isto mesmo altamente expressiva. Expunha o único destino da monarquia entre nós, o de transitório agente unificador; e como êste seria nulo sem o alento das expansões populares, o pensamento do futuro imperante devia realmente vibrar na pena de um nervoso chefe liberal.

E' inexplicavel, por isto, que aquela data tenha escapado à consagração do futuro. Falta-lhe, talvez, como já se observou, a exterioridade de outras, menos eloquentes e mais ruidosas: a de 7 de Setembro, por exemplo.

Com efeito, o interessante episódio da viagem que levara o príncipe a S. Paulo, com o seu efeito — em nada modificou o curso natural dos fatos. Apenas teve, diante da compreensão tarda e rudimentar do povo, a clareza sugestiva das imagens, e deu-lhe a minúcia singularmente valiosa de um símbolo, o tope nacional, auriverde, substituindo a tradicional divisa portuguesa, quando esta foi violentamente despedaçada pelo régio itinerante, ao receber, sôbre a colina do Ipiranga, a notícia das decisões arbitrárias das Côrtes de Lisboa, que lhe anulavam todas as reformas praticadas...

"Independência ou morte!" — bradou varonilmente no meio da comitiva eletrizada. E a revolução teve, afinal, uma fórmula sintética, armada ao apercebimento imediato do povo, encantando-o pela nota romântica e teatral, e, como tantas outras por igual detonantes, desferindo o repentino surto da energia potencial das idéias.

À Margem da História — Porto, 1909. — Editores: Livraria Chardron, de Lelo & Irmão — 144, Rua dos Carmelitas.

RAUL POMPÉIA

(*Bio-bibliografia à pág.* 50)

---

90. Uma noite histórica

Às três horas da madrugada de domingo, enquanto a cidade dormia tranquilizada pela vigilância tremenda do Govêrno Provisório, foi o Largo do Paço teatro de uma cena extraordinária, presenciada por poucos, tão grandiosa no seu sentido e tão pungente, quanto foi simples e breve.

Obedecendo à dolorosa imposição das circunstâncias, que forçavam um procedimento enérgico para com os membros da dinastia dos príncipes do ex-império, o govêrno teve a necessidade de isolar o paço da cidade, vedando qualquer comunicação do seu interior com a vida da capital.

A todas as portas do edifício principal, na manhã do sábado e às portas das outras habitações dependentes, ligadas pelos passadiços, foram postadas sentinelas de infanteria e numerosos carabineiros montados. O saguão transformou-se em verdadeira praça de armas.

Muitos personagens eminentes do império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se a falar ao Imperador e aos seus augustos parentes, retrocedendo com o desgôsto de uma tentativa perdida. À proporção que passavam as horas, foi se tornando mais rigorosa a guarda das imediações do palácio. As sentinelas foram reforçadas por uma linha de baionetas que a pequenos intervalos estendeu-se pelo passeio, em todo o perímetro da imperial residência transformada em prisão de Estado.

Novas determinações anunciadas por ajudantes de ordens que chegavam frequentemente do quartel general, desenvolviam ainda as manobras da guarnição do edifício.

Depois que anoiteceu, foi fechado o trânsito pelas ruas que o rodeiam. Às onze horas, havia sentinelas até

o meio da grande área compreendida entre o pórtico do palácio e o cais. Por todas as imediações vagueavam soldados de cavalaria, empunhando clavinotes, de coronha pousada no joelho.

Adiantava-se à noite, adiantavam-se gradualmente para o mar os cordões de sentinelas.

Um boato oficial, inspirado pela conveniência do interesse público, espalhava a notícia de que o Sr. D. Pedro de Alcântara (que se sabia dever embarcar para a Europa em consequência da revolução do dia 15) só iria para bordo no domingo de manhã. A polícia excepcional, do Largo do Paço, porém, durante a noite de sábado, deu a certeza de que o embarque se faria muito antes da hora do propalado consta.

Demorados por esta suspeita, muitos curiosos estacionavam pelas vizinhanças do Mercado, das pontes das barcas, na Rua Fresca, na rua da Misericordia, na esquina da rua Primeiro de Março. De 1 hora da madrugada em diante, as patrulhas de cavalaria começaram a dispersar os ajuntamentos. Para os últimos passageiros das barcas Ferry não havia mais caminho, do lado do Mercado, se não beirando rentinho ao cais. Depois da última barca, o trânsito foi absolutamente impedido.

Também os mais renitentes curiosos tornaram-se muito raros, mesmo nas proximidades do largo sitiado.

Um grande sossêgo, com uma nota acentuada de pânico, reinava neste ponto da cidade. Para mais carregar a fisionomia do momento, circulavam nessa hora as notícias de um conflito entre marinheiros e praças do exército, havendo troca de tiros. A-pesar-da brandura de modos com que os militares convidavam as pessoas do povo a se retirarem, a-pesar-da completa abstenção de atos de violência que tem caracterizado o sistema policial, enérgico, mas extraordinariamente prudente do Govêrno Provisório, sentia-se alí como que uma atmosfera de vago terror, como se a calada da noite, a escuridão do lugar, a amplitude insondavel da praça evacuada respirasse à presença de uma realidade formidavel. Sentia-se todo aquele imenso êrmo ocupado pela vontade poderosa da revolução. Em cima, o céu tristíssimo, povoado de

..., muito densas, que um fraco bordava de ...cias pálidas.

...vez em quando, das perspectivas de sombra, saia ...rumor de vozes abafadas, logo feitas em silêncio; de ...z em quando, um rumor sêco de bainhas de folha con...ra esporas e um estrépido de patas de cavalo, escarvando o calçamento, batendo a passos regulares, espalhando-se em estalado galope. Em geral, silêncio de morte.

Entre as poucas pessoas que, iludindo o consentimento da polícia, tinham conseguido ocultar-se em diversos sítios de observação murmurava-se que não devia tardar o embarque do ex-Imperador.

Duas horas da madrugada, entretanto, tinham marcado os relógios das torres, e nada de novo dos lados do paço viera agitar o solene sossêgo do largo.

Pouco antes dessa hora, houvera um grande movimento do lado do mar. Daí soara repentinamente um grito de alarma.

À notícia divulgada de assaltos provaveis de gente da armada contra a tropa, assaltos que seriam razoavelmente favorecidos pelo negrume da noite, que subia do mar sôbre os cais como uma muralha preta furada apenas pela linha de pontos lúcidos da iluminação de Niterói, dava para impressionar de susto um grito perdido da sentinela. Houve um tropel de cavalos, e logo uma, duas, outra, outras muitas detonações de espingardas, em desordenado tiroteio.

Nada havia de grave. Um indivíduo que tentara embarcar-se contra a vontade da ronda, fôra preso: escapando às mãos da patrulha de infantaria que o prendera, tinha-se lançado ao mar para fugir nadando. Alguns soldados atiraram a êsmo para assustá-lo, enquanto outros tomavam um bote, com o qual pegaram de novo o evadido.

Logo em seguida foi visto o preso passar, à luz dos lampeões, empurrado pelos guardas.

Houve quem supusesse que os tiros foram um sinal. Com efeito, tal qual si assim fosse, ouviu-se pouco depois no meio das trevas da baía, o rebate chocalhado da hélice de uma lancha a vapor.

Uma pequena luz vermelha estrelou-se no escuro diante do cais e ao fim de poucos momentos, ao lado do

molhe de embarque do Pharoux, vinha cessar o barulho da hélice, com duas pancadas de um tímpano de bordo e a passagem de uma rápida sombra flutuante sôbre a sombra inquieta das águas.

— E' a lancha do Imperador; pensaram os que viam com a opressão natural que devia provocar aquele anúncio da iminência de um grande momento.

Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fosse alterada a monotonia do sossêgo da noite.

A suspeita de que acabava de atracar a embarcação que devia receber o monarca deposto, a ansiedade de perceber o movimento significativo no portão do paço prolongava indefinidamente a duração desta espectativa.

O profundo silêncio do lugar pareceu fazer-se maior, nesta ocasião, como se a noite compreendesse que se ia, alí mesmo em poucos momentos, estrangular a última hora de um reinado. A tranquilidade que havia era lúgubre. Ouvia-se com certo estremecimento o barulho do morder dos freios dos corceis da cavalaria em recantos afastados. Frouxamente clareados pela iluminação urbana, as casas ao redor do largo, os edifícios públicos pareciam adormecidos. Nenhuma luz nas janelas, a não ser nos últimos andares de uma casa de saúde.

A-pesar-disso, que se acreditaria indicar a completa ausência dos espectadores para a cena que se ia passar, algumas janelas abertas apareciam como retábulos negros, nas mais altas sacadas, e percebia-se uma agitação facil de reconhecer nos peitorís escuros...

Pobre D. Pedro! Em homenagem à severidade da determinação do govêrno revolucionário, ninguém queria *ter sido* testemunha da misteriosa eliminação de um soberano.

Às três horas da madrugada menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. Para as bandas do largo houve um ruidoso tumulto de armas e cavalos. As patrulhas que passeavam de ronda retiraram-se todas a ocupar as entradas do largo, pelo meio do qual, através das árvores, iluminando sinistramente a solidão, perfilavam-se os postes melancólicos dos lampeeõs de gás.

Apareceu, então, o préstito dos exilados.

Nada mais triste. Um coche negro, puxado a passo por dois cavalos que se adiantavam de cabeça baixa, como si dormissem andando. À frente duas senhoras de negro, a pé, cobertas de véus como a buscar caminho para o triste veículo. Fechando a marcha, um grupo de cavalheiros que a perspectiva noturna detalhava em nêgro perfil.

Divisavam-se vagamente, sôbre o grupo, os penachos vermelhos das barretinas da cavalaria.

O vagaroso comboio atravessou em linha reta, do paço em direção ao molhe do cais Pharoux. Ao aproximar-se do cais, apresentaram-se alguns militares a cavalo, que formavam em caminho.

— E' aquí o embarque? perguntou timidamente uma das senhoras de prêto aos militares. O cavaleiro, que parecia um oficial, respondeu com gesto largo de braço e uma atenciosa inclinação de corpo.

Por meio dos lampeões que ladeiam a entrada do molhe passaram as senhoras. Seguiu-as o coche fechado.

Quasi na extremidade do molhe, o carro parou e o Sr. D. Pedro de Alcântara apeou-se -- um vulto indistinto, entre outros vultos distantes — para pisar pela última vez a terra da pátria.

Do posto de observação em que nos achávamos, com a dificuldade, ainda mais, da noite escura, não pudemos distinguir a cena do embarque.

Foi rápida, entretanto. Dentro de poucos minutos ouvia-se um ligeiro apito, ecoava no mar um rumor igual da hélice da lancha, reaparecia o clarão da iluminação interior do barco, e, sem que se pudesse distinguir nem um só dos passageiros, a toda a fôrça de vapor, o ruído da hélice e o clarão vermelho afastavam-se da terra.

EDUARDO PRADO

(*Bio-bibliografia à pág.* 169)

---

91. A História do Brasil

Quem se dedica à História do Brasil não se encerra dentro de uma especialidade árida e estreita. Desde a época da descoberta, nenhum grande fato europeu deixou de ter a sua repercussão no Brasil, ou de influir em nossos destinos. Si alguém entre nós fizesse a experiência de ensinar a um adolescente a História do Brasil, explicando-lhe sucessivamente os acontecimentos da história da Europa e pintando-lhe os seus personagens, à medida que em nossa história fôssem aparecendo os efeitos daqueles acontecimentos, ou a influência daquelas figuras — êsse adolescente acabaria sabendo, não só a história da sua pátria, mas também quasi que a história completa do Ocidente do velho mundo dos últimos três séculos.

A Reforma repercutiu no Brasil na tentativa da colonização huguenote de Villegaignon e, à sombra dos alterosos rochedos da Baía do Rio de Janeiro, discutiram teólogos de Genebra com teólogos católicos, e perante os selvagens nús, a mais elevada teologia e terçaram os argumentos mais sutís sôbre a Graça e a Presença Real e a Predestinação. Surge no campo católico a reação organizada na Companhia de Jesús, e dos primeiros dos seus soldados vêm muitos ao Brasil, cuja história fica então ligada à dos Jesuitas.

A Espanha quasi realiza o sonho da monarquia universal e nessa monarquia entra o Brasil, como parte do domínio de Filipe II. Há o primeiro anúncio da futura supremacia marítima da Inglaterra, quando Elisabeth promove por todos os meios o desenvolvimento naval e Edward Fenton, um dos vencedores futuros da Invencivel Armada, penetra em Santos, que Cavendish mais tarde saqueia; Withrington assola os arredores da Baía. Lancaster ataca o Recife.

Nasce o poder marítimo dos Holandeses e Olivier van Noort surge diante do Rio de Janeiro; van Carden tenta apossar-se da Baía; Joris van Spilbergen hostiliza Santos. Prenúncios estes de que a revolta dos Países Baixos contra a Espanha ia ter também como teatro de ação, a nossa terra; e assim foi nos trinta anos das in-

vasões e das guerras holandesas ao norte do Brasil. Desde então, na solução das grandes crises européias, por ocasião das pazes de Westphalia e de Munster no século XVII; na paz de Utrecht no século XVIII; e, em nosso século, nos tratados de Viena em 1815, o Brasil, isto é, a questão da legitimidade e dos limites da soberania portuguesa na América, foi objeto de discussão e de transação.

No século XVIII, a maior vitória do filosofismo foi a destruição dos jesuitas, fato da maior gravidade para o Brasil.

E, noutra ordem de idéias, de que alcance não foi para a vida econômica e social do mundo inteiro toda a inundação do ouro saído do Brasil, quando houve ano em que, só a capitania de Minas produziu mais de 500 arrobas de ouro?

E, mais perto de nossos dias, a tormenta revolucionária e a passagem de Napoleão pelo mundo tiveram como consequência, dêste lado do oceano, a forma extraordinária pela qual, sem sacrifício, foi ganha a nossa Independência.

Um ilustre poeta inglês prestou um imenso e inestimavel serviço a nós todos, escrevendo uma notável História do Brasil.

Meditando sôbre a nossa história, Roberto Southey ficou compenetrado da importância e do valor futuro do Brasil. E, ao terminar a sua grande obra, diz-nos que escolheu esta grande tarefa "na sua virilidade madura e que a propôs como objeto de uma vida dedicada à literatura, no que esta tem de mais elevado e digno" (1).

E isto fez aquele estrangeiro ilustre, porque, como êle próprio o diz, ficou convencido, ao estudar os trabalhos dos fundadores do Brasil, "que das emprêsas dêsses homens obscuros surgiram consequências mais amplas e provavelmente mais duradouras que as conquistas de Alexandre e Carlos Magno" (2).

"Coletâneas" — vol. III. S. Paulo — Escola Tipográfica Salesiana — 1906.

---

(1) *Robert Southey — História do Brasil* — Tradução portuguesa. Rio de Janeiro, 1862.
(2) Ibidem, 539, pág. 5.

VIII. TRADIÇÕES — LENDAS

MELO MORAIS (filho)

BAÍA — 23-II-1844

† RIO DE JANEIRO — 1-IV-1919

Bibliografia — Melo Morais filho é o "nosso poeta nacional", na frase de Sílvio Romero, é o cronista das nossas festas, tradições e costumes populares. O Dr. Alexandre José de Melo Morais filho estudou e recebeu ordens menores no Seminário de S. José (Rio de Janeiro) e chegou a prègar sermões em diversas igrejas. Em 1867 partiu para a Baía, onde pensava ordenar-se; não o fez, porém. Mais tarde foi residir na Europa, onde em Londres redigiu o "Eco Americano". Na Bélgica formou-se em medicina. De volta ao Brasil, dedicou-se primeiro ao jornalismo e depois às letras e estudou as tradições, as lendas, as festas, os costumes nacionais, etc.; neste particular merecem especial menção as suas contribuições etnográficas sôbre os ciganos. O Dr. Melo Morais dirigiu o Arquivo Público Municipal.

Suas obras principais são: *Cantos do Equador*, 1881; *Mitos e Poemas*, 1884; *Festas e Tradições Populares do Brasil, Quadros e Crônicas, Pátria Selvagem, Fatos e Memórias, Artistas de Meu Tempo, Os ciganos no Brasil, Cancioneiro dos Ciganos, Cancioneiros do Brasil, História e Costumes*, 1904; *Serenatas e Saraus, Curso de Literatura Brasileira, Parnaso Brasileiro*, 1885; *Prosadores Contemporâneos Brasileiros, Poetas Brasileiros Contemporâneos*.

92. S. Sebastião

FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

O dia de S. Sebastião, que relembra o da fundação da cidade do Rio de Janeiro, nos leva direito à pesquiza de fatos reais, embora desabrochados sob a influência do maravilhoso e rescendentes de odores misticos.

Era no ano de 1563. À rainha D. Catarina, de Portugal, Anchieta e Nóbrega fazem chegar notícias de pazes celebradas com os Tamoios, índios canibais e guerreiros, que dominavam a costa do Brasil desde Cabo Frio até à província de S. Paulo. Prevenindo sublevações futuras, apressou-se aquela soberana em fazer expedir para êste porto Estácio de Sá, sobrinho do governador Mem de Sá, que foi ter à Baía, com duas galeras armadas, devendo aí receber ordens de seu tio e partir sem delongas a senhorear o Rio. Mem de Sá, de posse de instruções escritas, não vacila, fá-lo acompanhar por uma frota com guarnição de terra e mar, seguindo êle viagem para êste porto.

Consolidar as pazes com os Tamoios e rechaçar os franceses era o ideal do governador e de Estácio de Sá, que, ao entrar da barra, em 1565, alterou êste plano, à vista das revelações que lhe fizeram em terra — de que os mesmos índios haviam violado o pacto e acometido os aldeamentos portugueses.

A esquadra, à mingua de embarcações pequenas, conservava-se fóra da barra; não obstante algumas sortidas, frustadas pela disciplina dos franceses e seus aliados Tamoios, Estácio de Sá resolve-se, antes de atacá-los, ir a S. Vicente, que se achava em guerra, calculando que disso resultaria prover-se dos mantimentos, que lhe faltavam e de canoas armadas, que dessem desembarque à sua gente.

Sem recursos para corresponder às represálias do inimigo, que lhe aprisionara alguns bateis, flechando-lhe soldados, fez-se de vela e foi largar âncora no porto de Santos. Os guerreiros gentios, entesando o arco no semicírculo das praias, escureciam com a sombra a transparência azulada das águas...

Nas montanhas estrugiram os búzios e buzinas de guerra, enquanto que o mar, à semelhança da pele mosqueada das onças, era marchetado de canoas balouçantes.

À noite, as fogueiras acendiam-se fumantes, os *pagés* consultavam os oráculos; e as feiticeiras, evocando os gênios de suas cabanas, espumavam epilépticas nas suas dansas diabólicas.

A-pesar-de manterem-se as relações amistosas com os Tamoios de Iperí, missionados por Anchieta e Nóbrega, frequentes sobressaltos aquebrantavam o ânimo esforçado de Estácio de Sá, visto como, por circunstâncias de séria gravidade, considerava a guerra que devera declarar aos exércitos confederados, uma luta na qual, com probabilidades irrecusaveis, seria vencido.

Nóbrega e Anchieta, porém, amparando-lhe o espírito abatido, vaticinaram-lhe êxito feliz, entendendo Anchieta que *era servido o céu que desta vez se fundasse a cidade real do Rio de Janeiro*. E o Jesuita das Canárias, que a julgarmos pela frase citada de Simão de Vasconcelos, representa o principal papel neste acontecimento, incorpora-se à frota de Estácio de Sá, e a 20 de Janeiro, dia de S. Sebastião, a quem tomam por padroeiro da emprêsa, parte de S. Vicente, arriando ferros no Rio de Janeiro, no mês de Março, ao açoute das vagas empoladas e ventos contrários.

Chegados que foram, a infantaria desembarca formando trincheiras, cavam-se fossos estratégicos em Vila Velha, junto ao Pão de Açúcar.

Fitando a imensidade, o olhar penetrante de Anchieta destaca nas serras e nas praias os Tamoios emplumados e aguerridos; nos mares que o circundam, as canoas inúmeras dos adversários, que subiam à tona d'água, como o vômito negro do inferno sôbre aquela superfície, que vozeava nos gritos selvagens dos íncolas ferocíssimos.

Êle falava em nome de Deus aos soldados e flecheiros bárbaros, acendendo-lhes o valor, relembrando-lhes as glórias de seus pais e as tradições de sua terra.

O sibilo das setas de parte a parte, a troca de projetís de arcabuzaria, a abordagem dos navios e o aprisio-

namento das canoas entretinham indecisa a sorte da guerra, a decisão da contenda.

Entretanto, das pelejas os inimigos deixavam os mares coalhados de cadáveres e as fileiras vitoriosas dos portugueses opulentas de cativos. Anchieta, porém, reclamado pelo superior da Baía, teve de separar-se da ação e obedecer...

Nessa viagem, tocando no Espirito Santo, levou palavras de consolação àquelas aldeias, assistiu ao enterramento do Padre Diogo Jácome e providenciou com referência às fôrças militares existentes, preocupado com os sucessos do momento.

Aportando à Baía, sem perda de tempo, conferenciou com o governador Mem de Sá, narrou-lhe os heróicos feitos de Estácio de Sá e dos seus soldados, ponderando-lhe que, para tornar-se definitiva a vitória dos portugueses e construir as fortificações marítimas, tornavam-se imprescindiveis mais reforços de embarcações e tropas.

O governador, depois de ouví-lo, dispôs-se a vir pessoalmente comandar a esquadra em evoluções, para o que determinou que aparelhassem os melhores navios, bem tripulados e artilhados.

Festas populares do Brasil.

FRANKLIN TAVORA

CEARA' — SERRA DE BATURITE' — 13-I-1842
† RIO DE JANEIRO — 18-VIII-1888

João Franklin da Silveira Tavora foi romancista, dramaturgo, crítico, jornalista. Formou-se em direito no Recife. Aí dirigiu a instrução pública e foi deputado provincial (1868-69): secretário da presidência do Pará. Veio para o Rio de Janeiro em 1875 e entrou para a Secretaria do Império. Franklin Távora foi do Instituto Geográfico e Arqueológico de Pernambuco e fundou a Associação dos homens de letras.

Bibliografia — *A Trindade Maldita, Um mistério de Família, Os índios do Jaguaribe, A Casa de Palha, Um casamento no Arrabalde, Três Lágrimas, Cartas de Sempronio a Cincinato, O Cabeleira, O Matuto, Lourenço, Lendas e tradições Populares do Norte.*

93. A Cruz do Patrão

O Beberibe é a mais rica e bela página da história do domínio holandês nas províncias do Norte do Brasil. Cada uma das suas ilhas representa um capítulo da homérica epopéia, que por muito tempo trouxe assombrado o velho mundo no século XVII. A Cruz do Patrão, posto que não houvesse figurado nesses tempos heróicos, veio a ser depois vulto importante das muitas tradições do vale de Beberibe.

A Cruz do Patrão está situada no istmo — gigantesco traço de união — posto pela natureza entre o Recife e Olinda. E' uma cruz de pedra; está colocada no cimo de elevada coluna e serve para indicar aos navegantes o poço onde surgem os navios, entre o istmo e o Recife natural que borda a província. Tem, ao Norte, o Forte do Buraco e ao Sul a Fortaleza do Brum, aí plantados pelo gênio bátavo.

Por muito tempo foi crença que todo aquele que passasse de noite por perto dela, ouviria gemidos angustiosos, veria almas penadas ou seria perseguido por infernais espíritos. Circunstâncias acidentais davam autoridade e estas crenças de remotas éras. Mais de um viandante, passando por alí em horas mortas, encontrara o termo de seus dias. O sítio é de seu natural deserto e como próprio para se cometerem violências e atrocidades. De um lado corre o rio, profundo nas marés vivas; do outro raiva bramando e espadanando ondas, o oceano, túmulo insondavel e medonho; o istmo é estreito, longo e ermo. Facil sepultura pode abrir na areia frouxa. nas águas mansas do Beberibe, ou nas ondas cruzadas do Atlântico, a mão amestrada a ocultar as vítimas de punhal, que ela brande.

Um dia apareceu um estudante morto junto da Cruz do Patrão. As suspeitas da justiça cairam sôbre certo soldado de uma das fortalezas vizinhas do lugar do delito. Nas velhas roupas do indiciado depararam-se nódoas que à justiça pareceu serem de sangue, mas que êle afirmou ser ferrugem.

Julgou-se escusado, pela evidência do fato, o exame da ciência para completo esclarecimento da verdade;

e o infeliz, condenado a galés, foi cumprir na ilha de Fernando o seu degrêdo perpétuo. Passados alguns anos, um enfermo confessou ser êle, e não o soldado, o autor do homicidio. Ordens foram expedidas para que voltasse a meter-se de posse da sua liberdade aquele que fôra injustamente privado dela. Estas ordens não tiveram resultado, porque, durante o longo sono da justiça da terra, havia entregado a alma ao Creador a vítima inocente.

Anos depois foi espingardeado junto da Cruz do Patrão outro soldado, por haver erguido a arma contra seu superior. Si bem me recordo, foi esta a última execução capital que testemunhou Pernambuco.

Era presidente dessa província Honório Hermeto Carneiro Leão, nomeado tempos depois Marquês do Paraná. Por êsses fatos de próxima data e por outros semelhantes de data remota, a Cruz do Patrão foi até certo tempo fonte de superstições populares. Antes de se haver feito a nova estrada que por S. Amaro põe o Recife em comunicação com Olinda, ninguém se animava a passar desacompanhado, de noite, pelo istmo. Os matutos que tinham de vir desta ou voltar daquela cidade aguardavam para o fazer, a maré-sêca, que lhes permitia beirar o rio, em certos pontos por entre mangues, deixando a alguns passos a cruz fatídica. Os canoeiros tinham o cuidado de navegar por dentro, afim de escusar a sua vista.

Porém, o que mais particularizou a Cruz do Patrão foram tradições de espíritos infernais, bruxarias e outras queijandas. Dizia-se que os feiticeiros iam celebrar alí os seus sortilégios em noite de S. João, que êles escolhiam para iniciar nos asquerosos mistérios os neófitos. Aparecia o diabo e fazia cousas de arrepiar o cabelo. Foi por uma dessas ocasiões que teve existência a presente lenda. Estava celebrando a sua sessão anual o congresso dos negros feiticeiros no Recife. Cada um dêles tinha na mão um cacho de flôres de arruda. O povo diz que em noite de S. João esta planta dá flôres, as quais são logo arrebatadas pelos feiticeiros para as suas bruxarias. À meia noite começou a coréia dos mandingueiros.

Tripudiavam estes à roda da Cruz, rezando orações de tenebrosa virtude. O rei das trevas não se fez esperar por muito tempo. Tinha a forma de um animal desconhecido. Era preto como carvão. Os olhos acesos despediam chispas azues. Brasas vivas caiam-lhe da bôca escancarada e ameaçadora. Pela garganta se lhe viam as entranhas, onde o fogo fervia. A visão horripilante a todos meteu horror.

Entre os que tinham ido tomar *mandiga*, achava-se uma negra de grosso toutiço e largas ancas, que lhe davam a forma de tanajura. Foi a primeira vez que passou pelas duras provas.

O animal informe atirou-se a ela por entre uma chuva de faiscas abrasadoras: ela, porém, deitou a correr pelo istmo a fóra, como se tivesse perdido a razão. Quando pensava que havia escapado à provação cruel, tomou-lhe a adianteira o animal, cada vez mais ameaçador e terrível. Levada pelo desespêro, e pelo que via e sentia em derredor de si, a negra correu ao mar para atirar-se nas águas gemedouras. O mar mostrava-se mais medonho que o demônio sôlto e as suas vozes puseram no coração dela mais pavór, do que as dos feiticeiros, que tripudiavam à roda da Cruz, em sua infernal coréia. Retrocedeu mais horrorizada que antes. Tendo dado de rosto com o inimigo pela vigésima vez, correu ao rio que volvia as águas tão de manso, que parecia adormecido.

Meteu-se por elas a dentro, para escapar à terrivel perseguição.

Enganado pela vista dos mangues, o demônio atirou-se após a fugitiva, julgando entrar em uma floresta. Assim, porém, que o seu corpo ígneo se pôs em contacto com as águas frias, súbita explosão destruiu a furiosa alimária. O estampido ribombou como descarga elétrica. Nuvem de fumo espesso, que tresandou a enxofre, cobriu a face do Beberibe.

No outro dia, na baixa-mar, apareceu no lugar onde a negra se tinha afundado, não o seu corpo, mas a Corôa-preta, que indicou daí por diante aos feiticeiros a vingança do espírito das trevas.

Há bem poucos anos via-se ainda, na altura da Cruz do Patrão, quando a maré deixava de fóra o formoso

arquipélago que a natureza situou no leito do Beberibe, a Corôa-preta, assim conhecida entre os canoeiros pela côr dos detritos que ali se haviam acumulado, que contrastava, por sua nudez, com as ilhas circunstantes.

Nestas a natureza sorria com gentil e variavel amenidade; naquela dominava a aridez e o deserto. Nenhum mangue fôra beber em seu seio maldito o humus que as florestas de mangues sugam nos seios boleados das ilhas de contínuo refrigeradas pelas águas lustrais do Beberibe. As ilhas, vestidas de viçosos e alegres arvoredos, podiam oferecer residência às fadas amigas e bonançosos gênios; a corôa escalvada só poderia servir, pela sua feição tumular e triste, de morada a algum peregrino espírito, precursor de tempestades e de enchentes destruidoras.

Dizia o povo que, quando tivesse desaparecido de todo a Corôa-preta, teria cessado também o encanto da Cruz do Patrão. O que é certo é que hoje não se fala na Corôa, nem na Cruz; aquela foi de todo comida pelas águas do rio, enquanto esta a ninguém mais mete medo, porque já ninguém passa pelo istmo, excéto os soldados que guarnecem as fortalézas.

O Recife e Olinda comunicam-se assídua e diariamente pela estrada de S. Amaro, por onde as locomotivas correm, de espaço a espaço, enchendo a margem direita do Beberibe de fumos e ruído, que indicam o percurso da civilização por aquelas solidões pitorescas.

O istmo há de desaparecer também de todo, como desapareceu a Corôa e cessou o encanto da Cruz.

À proporção que Olinda aumento ao Sul e o Recife ao Norte, encurta nas extremidades a língua de areia que ainda as separa. Daquí a algumas dezenas de anos sôbre sua face, rasa e núa, ter-se-á levantado entre as águas azues do oceano e as águas claras do río um quarteirão de casas gentís, de quasi meia légua de comprido.

O Recife poderá então dizer à sua esposa de cara memória esta letra de um dos seus imortais poetas:

> Não nos separa
> Momento algum;
> De dois que fomos,
> Somos só um.

IX. CONTOS POPULARES

(Folc-lore)

94. A mochila de ouro

Conto de origem européia

Havia dois homens, um rico e outro pobre, que gostavam de fazer peças um ao outro. Foi o compadre pobre à casa do rico pedir um pedaço de terra para fazer uma roça. O rico, para fazer peça ao outro, lhe deu a pior terra que tinha. Logo que o pobre teve o *sim*, foi para casa dizer à mulher, e foram ambos ver o terreno. Chegando lá nas matas, o marido viu uma mochila de ouro, e, como era em terras do compadre rico, o pobre não a quís levar para casa, e foi dizer ao outro que em suas matas havia aquela riqueza. O rico ficou logo todo agitado, e não quís que o compadre trabalhasse mais nas suas terras. Quando o pobre se retirou, o outro largou-se com a sua mulher para as matas a ver a grande riqueza. Chegando lá, o què achou foi uma grande casa de maribondos; meteu-a num grande saco e tomou o caminho da casinha do pobre e, logo que o avistou, foi gritando:

— "O' compadre, fecha as portas e deixa somente uma banda da janela aberta". O compadre assim fez, e o

rico, chegando perto da janela, atirou a casa de maribondos dentro da casa do amigo, e gritou: — "Fecha a janela, compadre!" Mas os maribondos bateram no chão, transformaram-se em moedas de ouro, e o pobre chamou a mulher e os filhos para as ajuntar. O ricaço gritou então: — "O' compadre, abre a porta!" Ao que o outro respondia: — "Deixa-me, que os maribondos estão me matando!" E assim ficou o pobre rico e o rico ridículo.

Contos Populares — Sílvio Romero.

---

95. O cágado e a festa do céu

Conto de origem européia

Uma vez houve três dias de festas no céu; todos os bichos lá foram; mas nos dois primeiros dias o cágado não pôde ir, por andar muito devagar. Quando os outros vinham de volta, êle ia no meio do caminho. No último dia, mostrando êle grande vontade de ir, a garça se ofereceu para levá-lo nas costas. O cágado aceitou, e montou-se; mas a malvada ia sempre perguntando si êle ainda via terra, e quando o cágado disse que não avistava mais a terra, ela o largou no ar e o pobre veio rolando e dizendo.

"Léu, léu, léu;
Si eu desta escapar,
Nunca mais bodas ao céu"...

E também: "Arredem-se, pedras, paus, se não vos quebrareis". As pedras e paus se afastaram, e êle caiu; porém, todo arrebentado. Deus teve pena e ajuntou os pedacinhos e deu-lhe de novo a vida, em paga da grande vontade que êle teve de ir ao céu. Por isso é que o cágado tem o casco em forma de remendos.

96. O veado e a onça

Conto de origem indígena

O veado disse: "Eu estou passando muito trabalho e por isso vou ver um lugar para fazer minha casa".

Foi pela beira do rio, achou um lugar bom e disse: "E' aquí".

A onça também disse: "Eu estou passando muito trabalho, e por isso vou procurar lugar para fazer minha casa".

Saiu e chegando no mesmo lugar que o veado havia escolhido, disse: "Que bom lugar; aquí vou fazer minha casa".

No dia seguinte veio o veado, capinou e roçou o lugar.

No outro dia veio a onça e disse: "Tupã me está ajudando". Afincou as forquilhas, armou a casa...

No outro dia veio o veado e disse: Tupã me está ajudando". Cobriu a casa e fez dois cômodos: um para si, outro para Tupã.

No outro dia, a onça achando a casa pronta, mudou-se para aí, ocupou um cômodo e pôs-se a dormir.

No outro dia veio o veado e ocupou o outro cômodo.

No outro dia se acordaram, e quando se avistaram, a onça disse ao veado: "Era você que estava me ajudando?" O veado respondeu: "Era eu mesmo".

A onça disse: "Pois bem agora vamos morar juntos". O veado disse: "Vamos".

No outro dia, a onça disse: "Eu vou caçar. Você limpe os tocos, veja água, lenha, que eu hei de chegar com fome".

Foi caçar, matou um veado muito grande, trouxe para casa e disse ao seu companheiro: "apronta para nós jantarmos".

O veado aprontou, mas estava triste, não quís comer, e de noite não dormiu, com medo de que a onça o pegasse.

No outro dia, o veado foi caçar, encontrou-se com outra onça grande e depois com um tamanduá; disse ao tamanduá: "Onça está alí falando mal de você".

O tamanduá veio, achou a onça arranhando um pau, chegou por detrás de vagár, deu-lhe um abraço, meteu-lhe a unha, a onça morreu.

O veado a levou para a casa, e disse à sua companheira: "Aquí está, apronta para nós jantarmos".

A onça aprontou, mas não jantou, e estava triste.

Quando chegou a noite, os dois não dormiram, a onça espiando o veado, o veado espiando a onça.

À meia noite, êles estavam com muito sono; a cabeça do veado esbarrou no girau e fez: tá! A onça pensou que éra o veado que já a ia matar, deu um pulo.

O veado assustou-se tambèm e ambos fugiram, um correndo para um lado, outro correndo para o outro.

D'O Selvagem — Couto de Magalhães.

---

97. A raposa e a onça

Conto de origem indígena

O sôl secou todos os rios e só ficou um poço com água.

A onça então disse: "Agora sim; pilho a raposa, porque vou fazer espera no poço da água". A raposa, quando veio, olhou para a frente e avistou a onça; não pôde beber água, e foi-se embora, imaginando um plano para poder beber.

Vinha uma mulher pelo caminho com um pote de mel à cabeça. A raposa deitou-se no caminho e fingiu-se morta; a mulher arredou-a e passou. A raposa correu pelo cerrado, saiu-lhe adiante no caminho, e fingiu-se morta; a mulher arredou-a e passou adiante.

A raposa correu pelo cerrado e fingiu-se morta; a mulher chegou e disse: — "Si eu tivesse apanhado as outras, já eram três". Arriou o pote de mel no chão, pôs a raposa dentro do cesto, deixou-o aí e voltou para trazer as outras raposas.

Então a raposa lambusou-se no mel, deitou-se por cima das folhas verdes, chegou ao poço e assim bebeu água.

Quando a raposa entrou na água e bebeu, as folhas se soltaram; a onça conheceu-a, mas, quando quís saltar-lhe em cima, a raposa fugiu.

A raposa estava outra vez com muita sêde, bateu num pé de aroeira, lambusou-se bem na sua resina, espojou-se entre as folhas sêcas e foi para o poço.

A onça perguntou: — "Quem és?" — "Sou o bicho *Folha Seca*". A onça disse: "Entra na água, sai e depois bebe".

A raposa entrou, não lhe cairam as folhas, porque a resina não se derreteu dentro d'água; saíu e depois bebeu, e assim fez sempre, até chegar o tempo da chuva.

Colhido entre os índios pelo general Couto de Magalhães.

98. O macaco e o coelho

Conto de origem africana

O macaco e o coelho fizeram um contrato para o macaco matar as borboletas e o coelho as cobras. Estando o coelho dormindo, veio o macaco e puxou-lhe pelas orelhas, julgando que eram borboletas.

Zangado por esta brincadeira, o coelho jurou vingar-se.

Estando o macaco descuidado, assentado numa pedra, veio o coelho devagarinho, arrumou-lhe uma paulada no rabo, e o macaco, sarapantado, gritou e subiu por uma árvore acima a guinchar.

Então o coelho ficou com medo e disse:

"Por via das dúvidas,
Quero me acautelar;
Por baixo das folhas
Tenho de morar".

Contos populares do Brasil, Sílvio Romero.

99. A onça e o gato

Conto de origem africana

A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato prontamente lhe ensinou. Depois, indo juntos para a fonte beber água, fizeram uma aposta para ver quem pulava mais.

Chegando à fonte, encontraram lá o calangro, e então disse a onça para o gato: "Compadre, vamos ver quem de um só pulo pega o camarada calangro?"

— "Vamos", — disse o gato — "Só você pulando adiante", — disse a onça. O gato pulou em cima do calangro; a onça pulou em cima do gato. Então o gato pulou de banda e se escapou.

A onça ficou desapontada e disse:

— "Assim, compadre gato, é que você me ensinou?! principiou e não acabou..." — O gato respondeu: — "Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes".

Contos populares do Brasil, Sílvio Romero.

X. SERMÕES E DISCURSOS

FR. FRANCISCO DE S. CARLOS

RIO DE JANEIRO — 10-VIII-1763
† RIO DE JANEIRO — 6-V-1829

Bio-bibliografia — Fr. Francisco de S. Carlos era franciscano, tendo tomado o hábito aos 18 anos de idade. Orador fluente e fácil, os seus sermões impressionaram profundamente a D. João VI, que o nomeou pregador régio. Foi professor de eloquência no seminário de S. José. Deixou um poema, a *Assunção da Virgem*, em rimas pareadas, no qual teve a originalíssima idéia de colocar o paraíso terreal no novo continente.

100. A virtude da Fé

Que tesouro tão precioso será êste, meus irmãos, que o negociante do Evangelho não duvida sacrificar todos os seus bens, contanto que o chegue a possuir?

Embora s sagrados intérpretes se dividam em seus pareceres; embora uns digam que é a doutrina evangélica; outros, que é o reino do céu; outros, o desprêzo dos bens terrenos, como S. Gregório; outros que é o mesmo Jesús Cristo, como S. Agostinho; enquanto a mim, eu penso que é a virtude da fé, esta virtude sem a qual, diz S. Paulo, não se pode agradar a Deus. Ela foi o sinal característico dos maiores santos e das mais ilustres

personagens da antiga lei. Pelo sacrifício que Abraão fez do seu filho no alto do Mória, conheceu-se o heroismo da virtude e da fé deste pai dos crentes. Ela é quem nutria na vida espiritual, quem sustinha, quem consolava os justos do Antigo Testamento nos seus trabalhos e adversidades, ou êles descessem ao Egito, impelidos da fome e esterilidade; ou fossem conduzidos à Caldéia em cativeiro pelos reis d'Assíria; ou vissem assentado no sólio de Dàvid um Idumeu, senhor do cétro de Judá.

A fé é quem adoçava o ferro dos seus grilhões, quem enxugava as lágrimas dos seus desterros, quem os sustinha no meio de provas tão rudes. Ela é quem os separava dessa massa geral da corrupção, que dominava então sôbre a face da terra, quem os distinguia das nações incircuncisas, que curvavam o joelho e queimavam incenso às obras de suas mãos, que os fazia um povo à parte, uma crença à parte, em uma palavra, um povo santo, depósito da fé das promessas divinas. A esperança de um reparador, que havia de sair desta nação privilegiada, era uma tradição inalteravel, que no seio da família se perpetuava de pais a filhos, de geração em geração e de século em século; e que, na ordem da graça. fazia vegetar esta porção escolhida da humanidade.

Panegírico de S. Ana — (1788).

FREI SAMPAIO

RIO DE JANEIRO — VIII-1778
† RIO DE JANEIRO — 13-IX-1830

Frei Francisco de S. Teresa de Jesks Sampaio pertenceu à ordem franciscana (desde 1793) e foi notável pregador, de grande fama e nomeada. Obteve o diploma de lente de teologia e professor de eloquência, merecendo ser nomeado pregador régio por D. João VI.

Frei Sampaio foi membro da Academia de Belas Letras de Munich e deixou inúmeras orações fúnebres e sermões. Foi êle quem redigiu a celebre representação ao príncipe D. Pedro. que continha oito mil assinaturas e que começava por um modo singularmente franco: "A partida de S. A. seria o decreto que teria de sancionar a Independência do Brasil". Era um patriota.

101. Dies Iræ

Oh céus! Oh Deus! quem poderá descrever o aparato de vossa Igreja nesse dia? Vinde em meu socorro, ilustres Padres da Igreja, discipulos da Sabedoria incriada, dizei vós mesmos o que pensastes sôbre êste dia. Eu tremo, diz S. Anselmo, quando me apresento diante dêste tribunal, vendo, de uma parte, os pecados acusando-me dos deleites que eu gozava, de outra, a justiça impondo-me silêncio, ou rejeitando minhas escusas; debaixo dos meus pés, a garganta do abismo aberta para me engolir; de cima, um Juiz que não se dobra nem a lágrimas, nem a súplicas; no meu interior, a conciência atassalhando-me; fora, o mundo em chamas. Eu tremo, diz S. Bernardo, contemplando na face dêste Deus irado, sentindo os efeitos da sua cólera, os sinais do seu furor; ouvindo a voz do Arcanjo que reanima as cinzas de todos os mortos, desde o Oriente até o Ocidente; vendo estes leões famintos que aguçam na terra as unhas para estrangularem mais depressa suas vítimas; eu me horrorizo, quando considero neste inseto que se nutrirá nas entranhas do pecador sem nunca morrer. Será nesse dia, continua o mesmo Padre, que tudo quanto agora nos parece ouro, se converterá em espuma; que conheceremos a impureza das nossas ações; será alí que os ídolos do nosso coração, rebelando-se contra nós, agravarão ainda mais o pêso das nossas desgraças. Ah! si eu tivesse mil fontes de lágrimas, ainda seriam poucas para prevenir estas lágrimas eternas. Eu tremo, diz S. Gregorio Nanziazeno, quando se me representa o dia em que Jesús Cristo entrará comigo em juizo, convencendo-me de crimes que eu julgava perdoados, apresentando-me em face os meus pecados como acusadores, opondo contra as minhas iniquidades os benefícios que recebí dêle; pedindo-me contas da formosura da sua imagem impressa sôbre mim e desfigurada pelas nódoas mais vergonhosas; obrigando-me, enfim, a pronunciar a sentença contra mim mesmo, para que eu não possa queixar-me de que sofro injustamente.

Quem me servirá de advogado diante dêste Juiz?

Com que pretextos, com que falsas escusas, com que artificiosas côres, com que invenções sutís, poderia disfarçar a verdade na presença dêste soberano tribunal, onde tudo será contra mim e nada em meu favor? Ah! pronunciada a sentença, à vista da balança em que forem pesadas minhas ações, eu não terei outro juizo para onde apelar, não terei meios de destruir por nova conduta o mal que fiz; expirou o tempo; caiu um véu de chamas sôbre a cena onde eu representava; eis aí a porta da eternidade! Que nova perspectiva!

Sermão pregado em 1811.

MONTE ALVERNE

RIO DE JANEIRO — 9-VIII-1784
† NITEROI — 2-XII-1858

Monte Alverne, Francisco José de Carvalho, antes de professar, era frade franciscano. Professou em 1802. Na cadeira sagrada, não foi, entre nós, excedido, tendo igualado aos mais notáveis pregadores de Portugal. Foi professor de filosofia, retórica e teologia.

Vítima de atroz cegueira (1836), o grande sermonista, recolhido à sua cela, esteve mudo e silencioso por espaço de dezoito anos, até que, a convite do imperador, de novo subiu ao púlpito no dia 19 de Outubro de 1854, festa de S. Pedro de Alcântara: então obteve completo e esplênddio triunfo oratório: êste memorável sermão foi o seu canto de cisne.

Bibliografia — *Obras Oratórias, Compêndio de Filosofia, Trabalhos Oratórios e Literários,* coligidos por Câmara Bittencourt.

102. A causa das Revoluções

E' uma injustiça reconhecer nas revoluções políticas dos povos a influência exclusiva das paixões e dos crimes individuais. E' um absurdo pretender que as nações se deixem arrastar por uma céga fatalidade sôbre abismos

onde vão perder sua grandeza e sua glória. Folheando os anais dos povos, consultando os monumentos que atestam a passagem destas lavas que têm engolido as monarquias e as mais florentes repúblicas, a filosofia assinala com segurança a causa destas comoções violentas que têm sacudido as gerações e tantas vezes ameaçado a existência do gênero humano. Há um sentimento de felicidade que levanta o seu grito poderoso no seio dos povos, como domina imperiosamente no coração de cada homem. Esta expressão de magnanimidade, estas inspirações do heroismo, esta necessidade de glória, que lançam nos mais soberbos teatros estes gênios, destinados a marcar uma época nos fastos do universo, pulsam na arena as diferentes frações do gênero humano, que por um instinto da razão, por um sentimento da dignidade nacional, precipitam-se após esta liberdade, sem a qual são perdidas sua consideração e grandeza.

Por o abuso mais escandaloso, roubou-se às nações este florão da sua glória. Por a mais iníqua de todas as injustiças, o homem aparece no seio do universo como uma besta feroz, dilacerando os seus semelhantes, quebrando os monumentos da civilização, destruindo na sua raiva os troféus consagrados pelas artes e levantando sôbre as ruínas, como um gênio da morte, de destruição e carnagem.

Todavia, a despeito de todas estas sombras melancólicas, logo que os prejuizos não influem mais sôbre a razão, desde que as paixões cessam de empregar suas côres factícias, é facil de entrever nessas reações espantosas e formidaveis da luta sublime da razão contra os abusos de um poder que, fazendo-se tirânico e opressor, tenha cessado de encher seus fins importantes e sublimes: não é dificil de reconhecer a nobre expressão de vingança, com que os povos, cansados de suportar o seu aviltamento fazem em pedaços êsses tronos, êsses cétros, essas machadinhas, essas cadeiras de marfim, que manchandose no sangue dos povos que os haviam criado para a sua felicidade, eram um título de opressão e um monumento do opróbrio, de escravidão e de vingança.

O sábio tinha já dito que as revoluções dos povos eram causadas por a perfídia, os ultrages, as violências e

injustiça que se lhes faziam sofrer. Êle tinha visto as cadeiras dos orgulhosos da terra engolidas no meio dêsses terremotos políticos, que seus excessos tinham provocado. E' nessas barreiras formidaveis que se despedaçam todos êsses opressores que fundam a sua grandeza e a sua glória nas lágrimas, nos gemidos e na miséria dos povos.

Sermão de 25 *de Março de* 1831.

PADRE JÚLIO MARIA

ESTADO DO RIO — ANGRA DOS REIS — 20-VIII-1850
† RIO DE JANEIRO — 2-IV-1916

O Padre Júlio Maria, no século Dr. Júlio Cesar de Morais Carneiro, o evangelizador e o propugnador da fé católica, foi um dos mais notáveis dos nossos oradores sagrados. Doutorou-se em direito, em borla e capelo pela Faculdade de São Paulo (1875). O dr. Júlio Cesar foi promotor público e advogou na cidade de Mar de Espanha; enviuvando em 1889, pela segunda vez, nesse mesmo ano entrou no seminário de Mariana de onde saíu ordenado em 1891; começou então o padre Júlio Maria a sua missão apostólica, tendo percorrido, na propagação da religião do Evangelho, todos os Estados brasileiros, do Rio Grande à Amazonia.

Bibliografia — O fervoroso apóstolo da fé publicou: *A Paixão, O Deus desprezado, A Virgem, As imitadoras da Virgem, Conferências Católicas, A Graça, Pensamentos e Reflexões* e *Apóstrofes*.

---

103. A Graça

A *Graça!* Todas as maravilhas do mundo físico; todos os prodígios do mundo intelectual; todos os heroismos do mundo moral não são suscetiveis de comparação com a *Graça!*

Sim: nem no espetáculo variado das cenas da natureza; nem nos esplendores do firmamento; nem nos mais peregrinos produtos do engenho humano; nem finalmente, nos devotamentos mais sublimes do coração

podemos encontrar uma beleza que rivalize com a beleza da *Graça!*

A ciência não a pode sondar; a arte não a pode reproduzir; a poesia não a pode exprimir. Ela excede aos termos e às comparações da pobre linguagem humana; transcende todas as concepções da estética; sobreleva todas as fórmulas da imaginação.

Quantas maravilhas no universo visivel!

As florestas, e os mares, e as massas brilhantes que se equilibram no espaço — quantas belezas! Pois resumi-as todas; fazei de tantas belezas variadas uma só beleza; e não tereis ainda, uma pálida imagem da formosura da *Graça!*

Quantos ornatos na superfície; quantas riquezas nas entranhas do Globo!

Pois reuní tudo isso, — as árvores, as flores, os diamantes; e não podereis imaginar ainda nem a beleza, nem a riqueza da *Graça!*

A-pesar-do êrro e do vício, que tantas vezes deformam as produções do espírito, quanta grandeza nas concepções do engenho humano! Pois bem; as sublimidades da ciência, os primores das artes, o brilho de todas as literaturas desaparecem como sombras fugaces diante dos esplendores da *Graça!*

Não obstante o pecado, há também no mundo moral exemplos heróicos de devotamento e de amor. O mal presentemente ocupa um grande lugar no mundo, onde procura preponderar; mas ainda assim há na vida da família, da pátria ou da humanidade cousas belas e puras, que podemos contemplar com alegria.

Pois bem; tudo que há de grandeza épica na história, ou de sensibilidade lírica no coração não é comparavel à *Graça,* que eclipsa toda a luz, confunde toda a formosura, amesquinha todo o heroismo, transcende todos os fenômenos do belo; todos os arrojos da bondade humana, e nas trevas profundas do nosso exílio resplandece, Sol Divino, nos horizontes da Fé.

Ela excede a tudo: a beleza, o gênio, o heroismo. Não pode ser confrontada nem com os modelos da plástica, nem com as fulgurações da inteligência, nem com as delicadezas mais requintadas no coração humano. A

fronte que ela transfigura é mais formosa que todos os primores da estatuária; o espírito que ela esclarece é mais iluminádo que todas as ciências; o coração que ela anima é mais harmonioso que todos os poemas.

Mas, si a *Graça* é o dom supremo; que mal não deve ser a perda da *Graça*?!

A Graça — *Prédicas* — Tip. Americana, Juiz de Fóra, 1895.

JOSÉ DA SILVA LISBOA

(VISCONDE DE CAIRÚ)

BAíA — 16-VII-1756
† RIO DE JANEIRO — 16-VIII-1835

O sábio brasileiro, bacharel em Direito Canônico e Filosofia, magistrado e administrador, foi moralista, jurisconsulto e parlamentar.

Professor, deputado à Junta do Comércio. Diretor da Imprensa Nacional, Desembargador do paço aposentado, Diretor geral dos estudos e Senador do Império, Cairú fez parte da Constituinte, onde se salientou pela sua moderação, bom senso e amor à ordem.

O Conselheiro José da Silva Lisboa foi quem aconselhou, ao passar D. João, ainda príncipe regente, pela Baía em 1808, a abertura dos portos do Brasil ao comércio das nações.

Era formado em Coimbra e pertenceu a várias associações literárias e científicas nacionais e estrangeiras.

Bibliografia — *Princípios de direito mercantil e leis de Marinha, Princípios le economia política, Observações sôbre o comércio franco do Brasil* e outras.

---

104. Última sessão da constituinte

Sôbre a situação política

Sr. Presidente: para que se figura a retirada dos corpos militares e a sua atitude atual em S. Cristóvão, em ponto de vista odioso e como em bloqueio desta capital? O povo está e tem estado tranquilo; ontem bem

se viu que esteve nas galerias desta assembléia, sem que entrasse na sala. como no dia antecedente; não havendo aliás ordem alguma em contrário, e só porque, foram certificados que o regimento lhe designava o lugar somente nas mesmas galerias e se manifestaram opiniões dos deputados contra a licença concedida na sessão de 10. Isto prova ser o povo fluminense um povo de ordem. Sinto que um dos Srs. deputados então me arguisse, dizendo que eu temia o povo generoso do Brasil e não temia a tropa.

Eu, não obstante os cabelos brancos da mirrada cabeça, não sei o que é temor, quando encho o que é dever; mas sei também qual é o perigo de ajuntamentos populares, que podem degenerar em tumultos, preso-me de ser cauteloso, sem fantasiar de ser *capoeira;* e perdoe-me esta augusta assembléia o ter-me escapado este nome do vulgo, impróprio ao lugar e objeto. Não é racional o pôr em contraste, e menos em conflito, o corpo do povo com o corpo militar, que aliás faz parte, e mui importante parte, do mesmo povo, por ter especial atribuição da defesa nacional; o que constitue e sua profissão mui honorífica, vivendo os que a ela se dedicam de heróicos sacrifícios da própria vida pela segurança dos seus concidadãos e glória do Estado.

Ouví falar com entusiasmo sôbre os objetos desta sessão permanente, até invocando-se os manes dos brasileiros e hidras da fábula.

Eu também sei chamar as almas dos mortos e apostrofar aos montes, vales e rios, com as mais artes do estilo declamatório.

Mas prescindo dêstes expedientes, porque só interessa ao império tratar tais assuntos com serenidade, para se prevenirem os males da pátria. Não é compatível com o sistema constitucional erigir-se, o poder legislativo na competência do poder executivo, que tem a confiança nacional para providenciar à segurança pública.

A tropa é essencialmente uma fôrça armada; estar ou não atualmente debaixo das armas e com munições de guerra, evidentemente se mostra ser medida de precaução para prevenir desordens pelos boatos, que a malignidade de paixões particulares tem espalhado por ocasião

dos delitos noturnos, sôbre que se tem discutido nesta assembléia com grande agitação, pelo tumultuário concurso do povo no dia 10, dentro e fóra da assembléia, de que poderiam resultar efervescências populares. Examinar-se com severo escrutínio agora pela assembléia que corpos militares primeiro se moveram, com ordem ou sem ela, de seus aquartelamentos não pode ter efeito util.

A história mostra exemplos semelhantes em convulsões dos estados ou dissenções de autoridades: as irregularidades muitas vezes são momentâneas e sem consequência, quando o govêrno é respeitado e firme, que põe tudo em ordem pela disciplina do exército. Si os corpos militares conflúem para o seu legal centro de movimento e cessam os conflitos de poderes antagonistas, não há mau resultado; do contrário, aparece o fenômeno político semelhante ao fenômeno físico, quando pequenas nuvens concorrem, por atração elétrica a se aproximarem a alguma maior, até que, englobando, fazem explosão.

Ouví com pasmo a um Sr. deputado propor que esta assembléia nada delibere antes de que o govêrno assegure a tranquilidade pública fazendo repôr a tropa nos seus aquartelamentos; e, do contrário, estabeleça as suas sessões em outro lugar. Em que lugar? Estamos no mundo da lua? Andaremos de capa em colo, em busca de pouso? A quem daremos ordens? Quem as executará? Sem dúvida então se verificaria o que disse o político Tácito — que em perigos iminentes todos mandam e ninguem obedece — ***quod in rebus trepidis fit, omnes jubere, neminem exequi***.

ANTÔNIO CARLOS

SANTOS — S. PAULO, — 1-XI-1773
† RIO DE JANEIRO — 5-XII-1845

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, de quem diz Macedo que foi o tipo da eloquência parlamentar no Brasil, chamando-lhe Mirabeau brasileiro, formou-se em Coimbra, foi deputado às Côrtes portuguesas, tomou parte nas lutas da Independência. Em 1817, Antônio Carlos, ouvidor de Olinda, aderiu à revolução de Pernambuco e fez parte do Con-

selho Revolucionário, pelo que foi preso e processado. Deputado à Constituinte, Antônio Carlos foi o relator da Comissão que apresentou o projeto da Constituição; dissolvida aquela assembléia prenderam-no ao sair da Câmara, e, com outros, foi deportado para a França. Antônio Carlos, que pugnou pela maioridade, foi o Ministro do Império do 1.º Ministério organizado por Pedro II (24-VII-1840). Deputado por S. Paulo e por fim Senador por Pernambuco, em 1845, poucos meses depois de eleito, nesse mesmo ano, morreu.

Foi do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e pertenceu a outras associações literárias e científicas nacionais e estrangeiras.

Bibliografia — *Esbôço Biográfico de José Bonifácio*, 1834, *Guanabara*, tomo 3.º, *Projeto da Constituição para o Império do Brasil*, 1823, etc.

---

105. Última Sessão da Constituinte

Sôbre a liberdade de imprensa

Sr. Presidente: Em verdade não compete à Assembléia conhecer si houve ou não abuso nesses periódicos (1), que se apontam: é negócio inteiramente do Poder Judiciário, a quem toca declarar si os seus autores são ou não culpados. O que é, na verdade, célebre é que o Govêrno acuse só aqueles dois periódicos, quando há outros ainda piores; mas como neles se falava do Ministério desagradaram; eu não posso descobrir outro motivo.

A comissão teve a delicadeza de desprezar, como devia, insinuações escandalosas e odiosas e sem fundamento algum; porém é do meu dever declarar que o ministério avançou uma falsidade, a mais vergonhosa possivel. Eu não tive influência em semelhantes papeis, referidos no ofício do ministro; por consequência o ministério mentiu, quando tomou semelhante pretexto para fazer acusação tão falsa e tão indígna.

Si acaso há abuso de liberdade de imprensa nesses papeis, faça o govêrno a sua obrigação, chame a jurados os autores dêles.

---

(1) — *Tamoio* e *Sentinela* da Praia Grande.

Todavia sempre agradeço ao Govêrno escolher-me para alvo de seus tiros (honra que não esperava), como fez a outros meus colegas, iguais a mim em sentimentos de liberdade, pois em todos considero a versão devida à escravidão.

Sei que posso desagradar, que me comprometo, que não tenho segurança, a-pesar-do título de deputado; mas em minha conciência devo falar com imparcialidade; e então digo: Que liberdade temos nós? Que somos nós aquí? Quanto ao caráter de deputado, diz-se que sou perturbador, apontam-me como assassino e autor de bernardas e pede-se a minha cabeça e as de outros deputados! E por que serão os nossos nomes escolhidos? E' porque se deseja que não tenhamos assento aquí porque somos contra abusos e contra a escravidão!

Julgo, pois, Sr. Presidente, o parecer manco, e, como deputado desta assembléia, digo francamente que não temos segurança, que a assembléia está coacta e que não podemos deliberar assim, porque nunca se delibera debaixo de punhais de assassinos; por consequência, quero que se acrescente e se diga ao govêrno que, não havendo motivo que justifique os movimentos da tropa, exponha o fim verdadeiro dêles e que proponha quais são as medidas que quer postas em prática; e que diga a razão por que apontou que se desejava que a assembléia expulsasse do seu seio os ditos deputados, e o motivo por que os designou. Mostre-se-lhe que, ainda que somos obrigados a morrer pelo povo brasileiro, isto se entende quando esta morte fôr util, quando servir para aniquilar a escravidão; e que, estando a assembléia nesta côrte rodeada da fôrça armada, está coacta e não pode continuar a deliberar. Faça-se, enfim, saber ao govêrno que não há sinão as baionetas que perturbam o sossego público; e que *apoiados* do povo nunca se podem considerar como provas de inquietação; e que até é ridículo, e induz a crêr que o govêrno não tem a que se apegar, o querer persuadir que a inquietação de toda a capital, procede de *apoiados* das galerias e que êste desassossêgo exige medidas extraordinárias. A comisão lembra-se de restrições à liberdade de imprensa; mas é necessário não esquecer que uma lei sôbre êste objeto há de fazer-se como outra

qualquer, nem as que há são mancas a respeito de escritos incendiários.

Em uma palavra: se há abuso, ao govêrno pertence tomar medidas contra êle, fazendo chamar a jurados os infratores; o govêrno tem na sua mão túdo que é necessário, não se precisam novas restrições e nisso me oponho inteiramente ao parecer da comissão. O que eu desejava é que ela falasse com mais clareza; que dissesse que o que nos faltava na capital era o sossêgo e nada mais. E como haverá, vendo-se toda a tropa reunida ao chefe da nação, sem se saber para que fim!? O govêrno, pois, é que pode evitar êsse desassossêgo; o remédio está na sua mão; mande para longe essa tropa, que com tanta energia chama subordinada. Não se crimine o povo brasileiro pelo que aconteceu ante-ontem: êle é muito manso, ninguém executa melhor o Evangelho do que êle.

Não admito, pois, restrições à liberdade de imprensa; o que quero é que se diga ao govêrno que a falta de tranquilidade procede da tropa e não do povo; e que a assembléia não se acha em plena liberdade, como é indispensavel, para deliberar, o que só poderá conseguir-se removendo-se a tropa para maior distância.

EVARISTO DA VEIGA

RIO DE JANEIRO — 8-X-1799
† RIO DE JANEIRO — 12-V-1837

Evaristo Ferreira da Veiga, fez os seus estudos secundários no Seminário de S. José, e entrou depois como caixeiro da loja de livros que seu pai então mantinha. Mais tarde foi êle mesmo negociante de livros. Depois foi jornalista e redigiu "A Aurora Fluminense", prestando, com a publicação do seu jornal, serviços valiosos à causa nacional; de fato nenhum jornal tanto e tão beneficamente influiu na política brasileira como "A Aurora Fluminense".

Patriota desinteressado, foi êle quem redigiu a célebre representação de 17 de Março, subscrita por 23 deputados e 1 senador,

onde se pedia ao imperador que "desafrontasse o Brasil, vilipendiado e pungido".

Fundador da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional.

Sócio benemérito da Sociedade Amante da Instrução, pertenceu também ao Instituto Histórico de França e à Arcádia Romana.

Bibliografia — *História do Brasil* (de 1808 a 1831), tradução de Armitage, *Hinos patrióticos, Discursos,* opúsculos sôbre assuntos patrióticos, poesias, etc.

---

106. Demissão da regência permanente

Eu estou inteiramente convencido do princípio de que todos os indivíduos, que compõem os poderes nacionais, desde o maior até o ínfimo, são empregados públicos, e que nenhum póde ser forçado a exercer contra a sua vontade e sentimentos de sua conciência um emprêgo qualquer que seja. Julgo, portanto, que se deve aceitar a demissão dos membros da regência permanente. A regência atual nos oficia, e nos oficia em que sentido? Dizendo que não pode continuar no alto encargo, que lhe foi atribuido e que outros cidadãos poderão, aí melhor preencher as vistas e os desejos da nação. Último testemunho de patriotismo, que acaba de ser dado pelos membros da regência! Êles preferem o bem da pátria ao bem próprio; à sua consideração pessoal a felicidade da nação governada por outros homens, que tanto têm censurado os atos da administração, e que têm dado a conhecer por seus discursos que a esta censura os movem não já os princípios seguidos pelo ministério, que acabou, mas os nomes dos homens, que o compunham.

Façam, pois, outros a ventura do Brasil, promovam outros o bem da pátria, se o podem fazer com os meios que existem, cercados de tantas dificuldades, como as que aparecem, dificuldades que não devemos esconder de nenhum modo aos nossos olhos. Não é com hipérboles e figuras de retórica que havemos de ocultar nas trevas o que é manifesto aos olhos de todos. Um príncipe, que se retirou, deixando nos grandes empregos muitos

homens de sua escolha, devia deixar necessariamente também aí muitos dos seus afeiçoados com a revolução de 7 de Abril, ambiciosos de primeira, segunda e terceira ordem, deviam nascer em toda a extensão do império, colocar o govêrno supremo em sérios embaraços. De um lado, estão os mal contentes, porque julgam que a nossa constituição é escassa, e que não dá toda a soma de liberdade de que a nação carece... Eu não a entendo assim; sou sincero amigo e entusiasta da constituição; admito as reformas, porque desejo sempre sacrificar o meu voto particular ao desejo e vontade nacional, mas não porque entenda que a constituição, tal qual está, não possa fazer a ventura do Brasil, dando às províncias a soma de liberdade que desejam.

Porém o voto contrário se tem pronunciado geralmente, e eu estou pronto a ceder de minhas opiniões individuais, para acompanhar o que parece desejo nacional. Poderei enganar-me, mas ninguém pode com justiça condenar a minha opinião a tal respeito. Além desta porção de descontentes, outros há que entendem não poder-se estabelecer ordem e monarquia constitucional sem o regresso de Pedro I. Não quero dizer que todos os que pertencem a esta opinião sejam malvados e absolutistas. Não, senhores, alguns há dentre êles, persuadidos de boa fé que Pedro I pode salvar o Brasil, e conservar a ordem e tranquilidade públicas, mas a êsse grupo se agregam anarquistas, malvados, que pretendem a restauração só para saciarem ambições e vinganças privadas, e cujo fim não é o bem da pátria. Temos, por consequência, uma massa formidavel de descontentes, que em marcha enérgica, e sempre progressiva, caminham em oposição aos homens, que foram da escolha da representação nacional. Indivíduos dessa massa ocupam ainda altas funções administrativas, os cargos mais elevados se deram a homens do coração daquele príncipe, que deixou para sempre de imperar no Brasil: eu não quero compreender a todos, mas poder-se-á negar que muitos são ainda amigos e satélites de Pedro I? No senado, no conselho de estado, na suprema magistratura e em outras repartições públicas, se encontram estes embaraços à marcha serena e legal da revolução de 7 de Abril. E' assim que a regência e o go-

vêrno têm de encaminhar com leis fracas, com meios incompletos, com códigos que foram feitos quando todo o prestígio estava colocado no trono! E' com estes meios, ou com menos ainda, porque a lei das atribuições da regência cerceou muitas das atribuições do poder executivo, que a administração há de marchar?

Atam-se-lhe os pés, agrilhoam-se as mãos, e quer-se que a administração ande; senhores, não se acrescente ao sofrimento a zombaria.

Cercada de tantas dificuldades, a regência supôs que se devia demitir, bem como fizera o ministério. Cumpre-nos, portanto, acceder ao seu desejo e lançar mão dêsses homens de pulso forte e enérgico, que possam salvar a pátria. Quanto a mim, declaro que ainda quando êsses cidadãos não pertençam ao círculo dos meus amigos, logo que preencham os seus deveres, venturoso serei em sustentá-los com toda a energia de minha alma, com toda a franqueza e fôrça de que sou capaz.

Senhores, eu sei avaliar os perigos dos grandes movimentos revolucionários; estremeço de chegar o facho à mina, e nunca concorrerei para perturbar a ordem pública.

Quero sustentar, pois, a regência, que fôr legalmente eleita para substituir a que ora existe.

JOSÉ BONIFÁCIO (o moço)

BORDÉOS, FRANÇA — 8-XI-1827
† S. PAULO — 26-X-1886

Professor de direito, estadista, orador parlamentar e poeta. Era neto do Patriarca da Independência.

Como poeta, José Bonifácio foi lirico e épico-lirico, deixando num e noutro gênero, composições que lhe garantem um lugar entre os melhores poetas que têm escrito em português.

Notável orador: a eloquência de José Bonifácio arrebatava pelo brilho das imagens, pela vivacidade da palavra, pela poesia com que bordava todos os seus discursos.

Bibliografia — *Rosas e Goivos* (poesias); *Discursos parlamentares*, afora poesias e artigos esparsos na imprensa da época.

107. Uma peroração

Vou terminar; mas, antes, quero dirigir um apêlo aos nobres ministros. E' a invocação do patriotismo aos depositários do poder público.

Si podem êles dar corpo a todas as suas reminiscências; se é possivel ressuscitar o que lá se foi erguendo-se aos olhos do govêrno; si cada um dos ministros pode ainda ouvir voz misteriosa, que lhe recorde o cumprimento de sagrados deveres: imagino que desfila pela frente da bancada ministerial mais de um vulto fantástico, a reavivar-lhe honrosas lembranças de outro tempo, que lhes fala ao ouvido, cada um por sua vez.

Ao nobre presidente do conselho dirige-se o primeiro:

— Aquí estou eu: sou o passado com toda sua herança; carrego sessenta e oito anos de serviços feitos à pátria; defendí e amei a liberdade de meu país, amei-o loucamente na mocidade, subí pelos degraus da constituição, quero respeitá-la; pois bem, não me arranqueis a memória, para que eu possa ao menos ter ainda saudades!

Ao nobre ministro da guerra: — Eu sou a glória, venho do Paraguai; pousei um instante no campo da batalha de 24 de Maio; atravessei os banhados; dormí na barranca em que primeiro cravastes a vossa gloriosa lança; sentei-me, sonhando, ao vosso lado sôbre os muros de Humaitá; ainda hoje julguei descobrir-vos por entre os nevoeiros que desciam do cabeço dos montes e ouvir a vossa voz nas ventanias que atravessavam o rio; já não achei flôres na solidão da morte para tecer-vos uma coroa; trago-vos um rosário de lágrimas; guardai-o para enfeitar a vossa espada; porém, olhai — a banda que vos cinge não é cadeia de escravos, é flâmula de homens livres.

Ao nobre ministro da fazenda: — Eu sou a tribuna ou antes — o povo. — Foi nos meus braços, pelos vossos próprios esforços, que subistes às altas posições do Estado. Ministro, deputado, senador, eu ainda quero ter mãos para bater-vos palmas ruidosas, ainda quero saudar-vos no caminho triunfal. Mas lembrai-vos: a púrpura do poder não tem mais preço do que os gloriosos padrões da vossa vida; não me roubeis o direito de acom-

panhar-vos, repetindo o que já deveis ter lido: o reconhecimento é a memória do coração!

Ao nobre ministro da justiça: — Eu sou a democracia; no tempo em que, trabalhador pertinaz e talentoso vos ocultáveis no modesto gabinete de advogado, eu estava convosco; quando infatigavelmente defendieis na imprensa os altos princípios da liberdade, eu era ainda a inseparavel companheira do jornalista. Fostes para as alturas e eu fiquei: não vos acuso; não vos fiz um crime da ascenção ao poder; toda idéia antes de ser ação é um apostolado, e neste país há lugar para todos! Pois bem, deixai também lugar para mim!

Ao nobre ministro do império: — Eu sou a imprensa, combatemos juntos; seguí vossos passos; cobrí de flôres vosso caminho; solícita ajudei-vos em vosso vôo rápido do meu berço às alturas do ministério. Pois bem, guardai as vossas idéias, porque eu guardo o vosso programa. Si as esquecesseis, a quem poderia restituir o legado que me deixastes?

Ao nobre ministro da marinha: — Depois da pátria, eu sou quasi vossa segunda mãi, criei-vos em meus peitos, embalei-vos em meus braços; eu sou a heroina hercúlea de seios titânicos, essa que trazia do exílio as sombras dos desterrados para coroá-las de luz; os arminhos da fortuna não valem as verdes relvas onde brincastes criança.

Lá vos espero de mãos postas para curvar-me em nome da pátria; lá de joelhos, onde tantos bravos morreram; não me esqueçais, eu sou a Baía!

Senhores, reuní todas as recordações que vos são caras. E' a soberania nacional que vos suplica; é a democracia que se dirige a uma câmara de liberais. O amor da liberdade deve ser, na frase bíblica, invencivel como é a morte; deve, como o apóstolo, ter a sêde do infinito; deve ser grande como o universo que o contém. Em nosso país, na pedra isolada do vale, na árvore gigante da montanha, no píncaro agreste da serrania, na terra, no céu e nas águas, por toda a parte, Deus estampou o verbo eterno da liberdade criadora na face da natureza, antes de gravá-lo na conciência do homem.

TOBIAS BARRETO

SERGIPE, VILA DE CAMPOS — 7-VI-1839
† RECIFE — 20-VI-1889

Tobias Barreto de Menezes formou-se em Direito em 1869, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Soçiais do Recife, dessa escola tendo sido lente por concurso desde 1882. Lecionou Latim e Filosofia no comêço da sua brilhante carreira, e, com aptidão especial para o estudo das línguas, aprofundou-se no do idioma alemão, o qual chegou a conhecer tão bem que nele escrevia com "casta dição". como reconheceu Haeckel (Sílvio Romero); escreveu também em francês. Foi Tobias o iniciador no Brasil do *alemaismo* na crítica e do *transformismo darviniano* no direito.

Filósofo, jurista, professor de direito. critico, poeta, foi um dos criadores e dos mais conspícuos seguidores da chamada escola condoreira; um dos mais genuinos representantes do lirismo brasileiro.

Bibliografia — De T. Barreto existem as seguintes obras: *Dias e noites* (poesias) — *Ensaios e Estudos de Filosofia e Crítica* — *Estudos Alemães* — *Questões Vigentes de Filosofia e de Direito* — *Estudos de Direito* — *Vários Escritos* — *Menores e Loucos em Direito Criminal* — *Polêmicas* — *Discursos*. Deixou mais os dois opúsculos: *Ein offener Brief an die deutsche Presse* e *Brasilien wie es ist*.

108. A propósito da Capitulação de Montevidéu

Meus senhores. — E' inutil preambular. Um pensamento fraterno, radiante, supremo, flutua sôbre as nossas cabeças, de parelha com o estandarte da glória. Acesa em nossas almas a idéia de engrandecimento, sentimo-nos grandes — queremos lutar. E' neste momento que, afundando-nos na abundância de uma existência de moços, esperançosa e vívida, achamos, tocamos alguma cousa de mais; — e essa demasia, senhores, é que, somos brasileiros, essa demasia é que, ao livro dêsse povo épico e generoso, ajunta-se a estrofe montanhosa e sublime de um de seus grandes feitos.

O Brasil agita-se — a mocidade o rodeia, o Brasil triunfa — a mocidade ajoelha-se com êle para contemplar nos pátrios céus o vôo de suas vitórias. E na face de tudo que tem um pouco de alma para sentir, um pouco de sangue para derramar, um pouco de vida para morrer — lavra a claridade de um sentimento, que absorve todo o viver positivo e ordinário: paixão nobilitante, purificadora, que o coração de um homem mal pode conter com os seus impetos, que tendem ao passado, que tendem ao futuro, — com todas as suas avançadas para a morte e para a vida, para o céu, para a glória, para a luz, para Deus...

E êsse sentimento, senhores, é o patriotismo. Pode haver quem diga: tempo virá em que o grito dos alarmas, o lampejar das espadas nada signifiquem; sim; — mas, lá mesmo adiante, aonde nos prometem levar os pontífices do progresso, quando o gládio tiver sido substituido pela palavra, a fôrça pela idéia, o raio que fulmina pelo raio que esclarece, lá mesmo, o homem deixar-se-á vibrar dessa paixão, que será sempre no seu peito o estremecimento enorme das selvas, dos campos, das solidões da pátria.

O Brasil era o colosso da paz; o Brasil, êsse pedaço do globo, cuja sombra bastará para eclipsar qualquer sol que se lhe pusesse diante, tolerou por muito tempo os insultos de ridículas pequenesas. Dizem que as águias só depois de muito sofrer, determinam-se a punir com a morte as avezinhas insignificantes, cujos pios as incomodam. Tal aconteceu. O gigante principia a vingar-se, o panteon da história principia a renovar-se de grandes vultos, os campos de grandes mortos, os céus de grandes astros.

A morte que se conquista pela pátria, não é uma destas mortes lúgubres, choradas, misteriosas, comuns, — não; morrer assim, ao fumegar das batalhas, é desembaraçar-se de um dos enígmas do nosso destino; é resolver o problema da grandeza humana; morrer assim é engrandecer-se!

JOAQUIM NABUCO

(*Bio-bibliografia à pág.* 28)

109. Camões

Agora só me resta inclinar-me diante da tua estátua, ó glorioso criador de Portugal moderno. Na plêiade dos gênios que roubaram o fogo ao céu para dar à humanidade uma nova fôrça, tu não és o primeiro, mas estás entre os primeiros. Tua glória não precisa mais dos homens. Portugal pode desaparecer submergido pela vaga européia: êle terá um dia em cem milhões de brasileiros a mesma vibração luminosa e sonora.

O Brasil pode deixar de ser uma nação latina, de falar a tua língua, dividido em campos inimigos: o teu gênio viverá intacto nos Lusiadas, como o de Homero na Iliada. Os Lusíadas podem ser esquecidos, perdidos para sempre: tu brilharás ainda na tradição imortal da nossa espécie, na grande nebulosa dos espíritos divinos, como Empédocles, e Pitágoras, como Apeles e Praxíteles, dos quais apenas resta o nome. A tua figura então será muitas vezes invocada; ela aparecerá por algum gênio criador, como tu, foste, à foz do Tejo, qual outro Adamastor, convertido pelos Deuses nessa ocidental praia lusitana... alma errante de uma nacionalidade morta, transformada no próprio sólo que ela habitou.

Sempre que uma fôrça estranha e desconhecida agitar e suspender a nacionalidade portuguesa, a atração virá do teu gênio, satélite que se desprendeu dela, e que esplandece como a lua no firmamento da terra, para agitar e revolver os oceanos.

Mas até lá, ó poeta divino, até ao dia da legenda e do mito, tu viverás no coração do teu povo; o teu túmulo será como o de Maomé, o ímã de uma raça, e por muito tempo ainda o teu centenário convocará em tôrno das tuas estátuas, espalhadas pelos vastos domínios

da língua portuguesa, as duas nações, eternas tributárias da tua glória, que, unidas hoje pela primeira vez pela paixão da arte e da poesia, aclamam a tua realeza eletiva e perpétua e confundem o teu gênio e a tua obra numa salva de admiração, de reconhecimento e de amor, que há de ser ouvida no outro século.

Discurso pronunciado por ocasião do tricentenário de Camões.

RUI BARBOSA

(Bio-bibliografia à pág. 156)

---

110. Aos moços

(Trechos de um discurso)

Quanto mais largas vastidões abrange o saber, tanto mais razão de serem modestos os seus cultores.

A circunferência visual se ensancha, à medida que a luneta do observatório alcança mais longe.

Mas o observador é um ponto, que se reduz cada vez mais no centro do horizonte sensivel.

Muito há que alguém disse: "O sábio sabe que não sabe".

Considerai agora quanto mais discretos, quanto menos desvanecidos não devemos de ser os que não transpomos a condição ordinária da mediocridade, e, como êsses, os principiantes, os novos, as crianças, todos os que, no revolver dêsses latifúndios, estão ainda à flôr da terra. Não vos desacoroçôo do estudo, meus amigos: tão sómente vos acautelo da presunção. Por menor que seja a safra intelectual de cada um, pode ser um tesouro: um dia afortunado enriquece às vezes o explorador. Nem só os laureados entre os demais, os que aumentem de

novos cabedais o patrimônio comum, se hão de ter por bem pagos da lida estudiosa.

Saber estudar, possuir a arte de aprender, habilitar-se a navegar seguro por essas águas e através dêsses escolhos, já é ser abastado nas posses, e ter aproveitado o tempo. Conhecer da natureza quanto seja mistér, para adorar com discernimento a Deus, e governar com acerto a vida, sobejamente compensa as maiores canseiras do entendimento, desde as porfias da escola até às meditações do gabinete. Por distintos, porém, que vos logreis fazer entre todos, ainda que o mundo vos enrame a fronte de coroas, e o nome se vos grave entre os dos privilegiados, na fama, não seja nenhum de vós confiado na sua suficiência, nem da sua glória se envaideça. Porque só há uma glória verdadeiramente digna dêste nome: é a de ser bom; e essa não conhece a soberba, nem a fatuidade.

Depois, a ciência é grande, mas os cientes, na infinidade do seu número, são pequeninos, como pequeninos são, contemplados do espaço, os maiores acidentes da superfície terrestre.

Mocidade vaidosa não chegará jamais à virilidade útil. Onde os meninos camparem de doutores, os doutores não passarão de meninos. A mais formosa das idades ninguém porá em dúvida que seja a dos moços: todas as graças a enfloram e coroam. Mas de todas se despiu, em sendo presunçosa. Nos tempos de preguiça e ociosidade cada indivíduo nasce a regorjitar de qualidades geniais. Mal esfloraram os primeiros livros, e já se sentem com fôrça de escrever tratados. Dos seus lentes desdenham, nos seus maiores desfazem, chocarreiam dos mais adiantados em anos.

Para saber a política, não lhes foi mistér conhecer o mundo, ou tratar os homens. Extasiados nas frases postiças e nas idéias ressonantes, vogam à discrição dos enxurros da borrasca e colaboram nas erupções da anarquia. Não conhecem a obediência aos superiores e a reverência aos mestres. São os árbitros do gôsto, o tribunal das letras, a última instância da opinião. Seus epigramas crivam de sarcasmos as senhoras nas ruas; suas vaias sobem, nas escolas, até à cátedra dos professores. E' uma superficialidade satisfeita e incuravel, uma precocidade embo-

tada e gasta, mais estéril que a velhice. Deus a livre a esta de tais sucessores, e vos prescreva de semelhantes modelos.

Sêde, meus caros amiguinhos, tais quais o verdor florescente de vossos anos o exige: afervorados, entusiastas, intrépidos, cheios das aspirações do futuro e inimigos dos abusos do presente. Mas não vos reputeis o sal da terra.

Habituai-vos a obedecer, para aprender a mandar. Costumai-vos a ouvir, para alcançar a entender. Afazei-vos a esperar, para lograr concluir. Não delireis nos vossos triunfos. Para não arrefecerdes, imaginai que podeis vir a saber tudo; para não presumirdes, refletí que, por muito que souberdes, mui pouco tereis chegado a saber. Sêde, sobretudo, tenazes, quando o objeto almejado se vos furtar na obscuridade avara do ignoto. Profundai a excavação, incansaveis como o mineiro no garimpo. De um momento para outro, no filão resistente se descobrirá, talvez, por entre a ganga, o metal precioso.

---

111. A Pátria

A pátria é a família amplificada.

E a família, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício. E' uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas. Multiplicai a célula, e tendes o organismo.

Multiplicai a família, e tereis a pátria. Sempre o mesmo plasma, a mesma substância nervosa, a mesma circulação sanguínea. Os homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade, de que o Cristo lhes dera a fórmula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros: *Diliges proximum tuum sicut te ipsum.*

Dilatai a fraternidade cristã, e chegareis das afeições individuais às solidariedades coletivas, da família à nação, da nação à humanidade. Objetar-me-eis com a guerra?

Eu vos respondo com o arbitramento. O porvir é assás vasto, para comportar esta grande esperança. Ainda entre as nações, independentes, soberanas, o dever dos deveres está em respeitar nas outras os direitos da nossa.

Aplicai-o agora dentro das raias desta: é o mesmo resultado: benqueiramo-nos uns aos outros, como nos queremos a nós mesmos. Si o casal do nosso vizinho cresce, enrica e pompeia, não nos amofine a ventura, de que não compartimos. Bendigamos, antes, na rapidez da sua medrança, no lustre da sua opulência, o avultar da riqueza nacional, que se não pode compor da miséria de todos.

Por mais que os sucessos nos elevem, nos comícios, no fôro, no parlamento, na administração, aprendamos a considerar no poder um instrumento de defesa comum, a agradecer nas oposições as válvulas essenciais de segurança da ordem, a sentir no conflito dos antagonismos descobertos a melhor garantia da nossa moralidade.

Não chamemos jamais de *inimigos da pátria* aos nossos contendores. Não averbemos jamais de *traidores à pátria* os nossos adversários mais irredutiveis.

A pátria não é ninguém: são todos; e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à idéia, à palavra, à associação.

A pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de govêrno: é o céu, o sólo, o povo, a tradição, a conciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade. Os que a servem são os que não invejam, os que não inflamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emudecem, os que não se acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo. Porque todos os sentimentos grandes são benignos e residem originariamente no amor. No próprio patriotismo armado o mais dificil da vocação, e a sua dignidade, não está no matar, mas no morrer. A guerra, legitimamente, não pode ser o extermínio, nem a ambição: é, simplesmente, a defesa. Além dêsses limites, seria um flagelo bárbaro, que o patriotismo repudia.

D. AQUINO CORREIA

MATO GROSSO — CUIABÁ — 2-IV-1885

Dom Aquino Correia, da Congregação Salesiana, arcebispo de Cuiabá desde 1915, demonstrou muito cedo suas tendências literárias, em breve consagrando-se notavel poeta e orador sacro.
E' membro da Academia Brasileira de Letras, cadeira de Souza Caldas.
Bibliografia — *Odes, Melodias, Discursos, Pastorais,* além de artigos e poesias esparsos pela imprensa periódica.

---

112. Palavras de fé

Tal como o peregrino do país bretão, áspero de rochedos e ventos, também eu venho de longe, mas dos sertões cheios de sol e de flôres, onde o cristianismo aclimou os seus ideais de celeste poesia, tão bem como naqueles mares sombrios do norte, ou sob os céus claros e risonhos da Hélade.

Mas não venho maldizer como êle, senão antes abençoar num hino de gratidão e amor, êsses "sacerdotes de estranho culto, provindo dos sírios da Palestina", que educaram a minha juventude, e, há duzentos anos, lá vão traçando nas solidões bravias da minha terra algumas das mais fúlgidas estrofes da nossa epopéia bandeirante.

Os templos que lá êles ergueram, não são "fantasias de bárbaros, que se esboroam ao cabo de quinhentos ou seiscentos anos"; mas são dêsses monumentos imperecíveis no simbolismo eterno, cujas harmonias fundiram em lágrimas o coração do grande Agostinho de Hipona, e cuja eloquência sobrehumana tem arrebatado a alma artística dos Huysmans, no surto maravilhoso das suas Ogivas e dos seus símbolos para o azul do infinito.

Não venho, como êle, apostatar dêsse culto, cujo encanto nem êle próprio soube negar, o doce culto à Virgem Maria. Ela, a "Estrêla da manhã" no céu da minha infância, a "torre de marfim" dos sonhos mais puros da

minha adolescência, a "rosa mística" dos meus cantares de moço, a "casa de ouro" das minhas esperanças; Ela, cuja formosura esplende nos séculos, através das telas incomparáveis de Rafael; Ela, a musa do Tasso, a que não coroa a fronte com os louros caducos do Helicão, mas com as estrelas imortais do céu; Ela, a suprema inspiração do Dante, no êxtase luminoso do Paraíso.

Não venho, em suma, abjurar nas aras de uma arte paganizante os cânones sublimes do cristianismo, os quais, longe de contrariarem a verdadeira arte, a espiritualizam e elevam, convencido como estou, de que a mesma expressão grega da beleza, como a romana do direito, mais não foram do que o natural aperfeiçoamento da humanidade, para o batismo resplandecente do evangelho; da mesma forma que a argila bruta do éden amoldara-se nas feições do primeiro homem para receber na fronte o sôpro divino da vida.

Venho, sim, denunciar perante vós, essa literatura do ceticismo e da dúvida, literatura que, por parecer original e profunda, blasfema de tudo que é sagrado e puro, de tudo que ignora ou não quer entender; literatura inconciente, que faja frases como esta: "O' abismo, tu és o único deus!" como se também o nada não fôra um abismo.

Mas creio na literatura da razão e da fé, da esperança e do amor, da religião e do patriotismo; creio na literatura, que é uma alavanca de ouro elevando os corações para o ideal e para a virtude; creio na literatura, que, à semelhança da olímpica Hebe, propina aos espíritos, em vasos de filigrana, os manjares da imortalidade; creio, enfim, na literatura, que à imitação dos cânticos de Moisés no deserto, acompanha, orienta e suaviza as marchas gloriosas da civilização, para a Canaan dos seus eternos destinos.

(*Discurso de posse na Academia Brasileira de de Letras*).

XI. CARTAS

ALEXANDRE DE GUSMÃO

S. PAULO — 1695
† SANTOS — 31-XII-1753

Irmão do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o *voador*. O secretário de D. João V tem um lugar distinto na História da Literatura Brasileira como epistológrafo.

Alexandre de Gusmão pertenceu à Academia Real da História Portuguesa e foi membro do Conselho Ultramarino.

Além de poesias, memórias, decisões e pareceres, publicou-se no Porto uma *Coleção de vários escritos inéditos políticos e literários de Alexandre de Gusmão, dados à luz por J. M. F. de C.* 1841 ibi, 1844.

113. Carta a Diogo Barbosa Machado

Sinto muito que V. Mcê. tomasse o incômodo de buscar-me e que o não achar-me em casa me roubasse o gôsto da sua estimavel conversação, da qual procurarei aproveitar-me sem moléstia sua. Muito tenho que agradecer a V. Mcê. ocorrer-lhe meu nome ao formar um catálogo dos Portugueses eruditos, sendo maior o agradecimento quanto menos razão havia para que eu devesse lembrar-lhe; e, suposto que não desconheça ou deixe de apreciar a honra que V. Mcê me faz, é justo também que me não induza o amor próprio a abusar dela.

Alguns amigos me fazem a mercê de espalhar no público um conceito vantajoso dos meus estudos; porém, como êstes, enquanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo atribuir o estabelecimento daquela fama sinão à benevolência dos que me favorecem; pois até o presente não tenho mostrado composição por onde pudesse adquirí-la e, fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que o perderia de todo, saindo aliás com algum volume.

Suposta esta verdade, que sou obrigado a confessar, ainda que me cause confusão, discorro que também V. Mcê se tem deixado enganar com aquela não merecida opinião, e que seria estranhada a boa exação e boa crítica de V. Mcê contar na *Biblioteca Lusitana* entre os autores a um indivíduo que não o é; assim còmo não tenho que responder ao interrogatório das obras principais que compús, julgo supérfluo dar satisfação aos mais requisitos que contém a carta de V. Mcê.

No seu livro terei que invejar aos varões que pelos seus trabalhos se fizeram merecedores dos elogios de tão discreto e inteligente juiz, e sempre conservarei uma viva lembrança do lugar que a bondade de V. Mcê me queria dar nele, que será um novo motivo para desejar repetidas ocasiões em que possa servir a V. Mcê. muitos anos.

De casa, 2 de Maio de 1740.

Alexandre de Gusmão.

114. Carta a um enviado de Portugal na Côrte de Inglaterra

Meu amigo e senhor. — Estimo as notícias de Vossa Senhoria, e lhe dou o parabem de ter chegado felizmente a essa côrte, aonde se acha livre de animais, que o molestavam, e goza da liberdade que Deus conferiu ao homem, sem ofender os preceitos de sua lei.

Os ingleses ignorantes aborrecem os católicos, sem saberem o porquê; mas os bem instruidos e civís são excelentes para a sociedade, sem ofenderem a nossa crença. Logram-se em Inglaterra muitas outras delícias que aquí são ignoradas; e, como vossa senhoria não vai a negociar coisa alguma, pode levar boa vida, sem ofensa do seu caráter, que só correria risco querendo encher as obrigações do seu ministério: mas como aquí não querem isso, está vossa senhoria desobrigado.

Não se esqueça vossa senhoria dos amigos, que deixou lutando com as ondas do mar da superstição e da ignorância; e agradeça aos seus amigos o mimo de que atualmente goza. Eu também havia de descompôr os meus, si tivesse a certeza de lhes merecer semelhante desterro; mas lembra-me a queixa de Camões a respeito do desconcerto do mundo, e por isso me empenho em esquecer-lhes; no que serei afortunado se o puder conseguir.

Não há mais novidades que arder o palácio do *Lavra*... e ainda que el-rei já não arde, sempre suavizou a mágoa com o pêsame, e com várias madeiras e outros oferecimentos. — Fico para dar gôsto a vossa senhoria, que Deus guarde. — Lisboa, 16 de Fevereiro de 1750.

Alexandre de Gusmão.

(Extraidas do Curso Elementar de Literatura Nacional, do Cônego Fernandes Pinheiro).

ÁLVARES DE AZEVEDO

S. PAULO — 12-IX-1831
† S. PAULO — 25-IV-1852

Alvares de Azevedo (Manuel Antônio), o genial talento, que se apagou para sempre, quando ainda não tinha completado vinte e um anos, é o poeta da *Lira dos vinte anos*, em que há notas de uma doçura lamartiniana ao lado de vibrantes acordes hugoanos. Em tenra idade, Alvares de Azevedo apresentava uma cultura literária e uma erudição de causar espanto e admiração!

Nasceu Alvares de Azevedo na sala da biblioteca da Academia de Direito de S. Paulo, a 12-IX-1831. Bacharelou-se no Colegio Pedro II — 1847. Em 1848 matriculou-se no curso

jurídico de S. Paulo, que cursou até o 4.° ano — 1851. No ano seguinte, em 1852, apagava-se na morte o grande gênio, que se chamou Alvares de Azevedo. — "Que fatalidade, meu pai!" foram as suas derradeiras palavras.

Bibliografia — *Obras Completas de Alvares de Azevedo*, H. Garnier, 7.ª edição, 3 volumes: 1.° volume: *Poesias* diversas e *Poema do Frade*. 2° volume: *Lira dos vinte anos*; 3° volume: Obras em prosa — *Cartas, Discursos acadêmicos, Orações fúnebres, Estudos literários, Literatura e Civilização em Portugal, sôbre a atualidade do teatro entre nós, Macário, Noite na taverna.*

---

115. Carta de saudação

Minha irmã: No dia de teus anos que queres que eu te diga?

Que os anos da virgem são como as manhãs das flôres? E que na aurora da vida flôres e donzelas, cintilantes do orvalho de Deus têm mais pureza e perfume?

Não. Dir-te-ei somente uma coisa. E' que lá no Rio vale talvez a pena fazer anos. Numa tarde de primavera, e d'esperança vivendo e sentindo-se viver, é doce por ventura sentir que mais um ano passou como um sonho, mais um ano de saudade e felicidade.

Aquí não acontece assim. O céu tem névoas, a terra não tem verdura, as tardes não têm perfume. E' uma miséria! E' para desgostar um homem toda a sua vida de ver ruinas! Tudo aquí parece velho e centenário... até as moças! São insípidas como a velhice!

O dia 12 de Setembro está para chegar. Estou quasi não fazendo anos desta vez.

Adeus, minha irmã. A página nova da vida que se abriu hoje seja tão feliz como a que se fechou ontem. O dia seja belo como a aurora, — o futuro tão suave como a saudade é doce. Adeus!

E' a palavra que de entre as taipas em ruína da *nossa terra* te envia

Teu irmão.

XII. MÁXIMAS E PENSAMENTOS

MARQUÊS DE MARICÁ

RIO DE JANEIRO — 18-V-1773
† RIO DE JANEIRO — 16-IX-1848

Bibliografia — Moralista e filosófo, homem de estado, senador, ministro da fazenda de 1823-25, administrador, é como pensador, como o escritor de *Máximas, Pensamentos* e *Reflexões* que o Marquês de Maricá tem um lugar distinto na história da literatura brasileira. Produto da experiência, do estudo, do recolhimento, as sentenças filosóficas do Marquês de Maricá foram escritas *no período da mais plena madureza da sua inteligência*: publicou-as êle dos setenta aos setenta e três anos.

Eis o epitáfio que Maricá escreveu para a própria sepultura:

"Aquí jaz o corpo apenas
Do Marquês de Maricá:
Quem quiser saber-lhe da alma,
Nos seus livros a achará".

116. Máximas e pensamentos

— A mocidade viciosa faz provisão de achaques para a velhice.

— O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora.

— Viver é doce; viver é agro: nesta alternativa se passa a vida.

— A virtude é comunicavel, mas o vício é contagioso.

— A atividade sem juizo é mais ruinosa que a preguiça.

— A vaidade de muita ciência é prova de pouco saber.

— Os bons folgam quando os maus pelejam.

— A prudência é uma arma defensiva, que supre ou desarma todas as outras.

— A misantropia é a sátira da espécie humana.

— A modéstia é a moldura do merecimento, que o guarnece e realça.

— Não é dado ao saber humano conhecer toda a extensão da sua ignorância.

— Os vícios e os crimes andam sempre em companhia.

— Quem não tem medo vive sem resguardo e acaba cedo.

— Bem merecem o sono da noite os que aproveitam utilmente as horas do dia.

— A realidade nunca dá quanto a imaginação promete.

— A soberba não perdôa, a humildade não se vinga.

— Homens! Aprendei a vencer-vos, e triunfareis de todos.

— O juizo, que falta a muitos, a ninguém sobeja.

— O homem que não é indulgente com os outros, ainda não se conhece a si próprio.

— Lêr sem refletir é comer sem digerir.

— A virtude ofendida se desagrava perdoando.

— Os bons podem não ter amigos, aos maus nunca lhes faltam inimigos.

— Vale mais ser invejado que lastimado.

— Os tolos nos incomodam, os velhacos nos prejudicám.

— Os rouxinóis emudecem, quando os jumentos ornejam.

— A história é a biografia da espécie humana.

— A fôrça que sobeja na língua, falta, de ordinário no braço.

— Verdades há que amargam como fel e mentiras que têm o sabor do mel.

— O fogo destrói e consome iluminando.

— A fome boceja, a fartura arrota.

— Com juizo, trabalho, inteligência e economia, é pobre quem não quer ser rico.

— Os tolos aprendem à sua custa, os avisados à custa dêles.

— Uma cabeça má arruína o corpo inteiro.

— Pobreza não excita inveja: por mais que procuro, não lhe descubro outra vantagem.

Máximas, pensamentos e reflexões — H. Garnier, 1905.

GONÇALVES DE MAGALHÃES

RIO DE JANEIRO — 13-VIII-1811
† ROMA — 10-VI-1882

Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de Araguaia, representou importante papel no movimento romântico entre nós, colocando-se à frente dêle com o seu célebre artigo da revista "Niterói", e, pouco depois, com a publicação dos "Suspiros Poéticos e Saudades". Filósofo, historiador, poeta, escritor de teatro, Magalhães foi ainda político e diplomata de relêvo.

Lecionou Filosofia no Colégio Pedro II. Pertenceu ao Instituto Histórico.

Bibliografia — *Obras completas, Viena*, 1864-65, oito volumes, a saber: 1.°, *Poesias avulsas*. 2.°, *Suspiros Poeticos e Saudades*. 3.°, *Tragédias*: *Olgiato, Antonio José e Otelo*. 4.°, *Urania*. 5.°, *Confederação dos Tamoios*. 6.°, *Cânticos Fúnebres*. 7.°, *Fatos do Espírito Humano*. 8.°, *Opúsculos Históricos e Literários, Alma e o Cérebro*.

Redigiu em Paris a revista "Niteroi", onde publicou muitas das suas obras já citadas.

---

117. Pensamentos

— A ciência das cousas da natureza é como a luz que, quanto mais forte esclarece os corpos de um lado, tanto mais escura se projeta a sombra do outro.

— O fatalismo, aplicado à ordem moral, absolve o crime e desaprecia a virtude.

— A ciência humana é como uma ponte suspensa sôbre o abismo, e cujas extremidades se perdem em espessos nevoeiros: tudo nos parece claro e seguro, se caminhamos sôbre a sua superfície; tudo é obscuro e problemático, se examinamos os seus pontos de apôio.

— A crença é um reflexo da razão no meio da nossa ignorância; como a luz da lua é um reflexo da do sol no meio das trevas.

— Cuidamos muitas vezes corrigir velhos erros, adotando outros novos.

— A igualdade perante a lei consiste na justiça relativa ao mérito e ao demérito de cada indivíduo.

— Os que mais pugnam pelos seus direitos são os que mais se esquecem, às vezes, dos seus deveres.

— Ninguém se julgue infeliz na adversidade, nem feliz na prosperidade: porque um estado, às vezes, prepara o outro.

— A natureza humana é tão misteriosa que uma grande ventura nos faz chorar e uma grande desgraça nos faz rir.

— De todas as paixões que agitam a sociedade, a mais funesta e sanguinária é a ambição de poder.

Comentários e Pensamentos — **H. Garnier.**

---

118. Máximas e sentenças de vários autores

— Embora contra nós uive e ronque o egoismo e a vil cobiça, sua perversa indignação e seus desentoados gritos sejam para nós novos estímulos de triunfo, seguindo a estrada limpa da verdadeira Política, que é filha da Razão e da Moral.

— Sem liberdade individual não pode haver civilização nem sólida riqueza; não pode haver moralidade e justiça; e sem estas filhas do céu não há, nem pode haver brio, fôrça e poder entre as nações.

José Bonifácio.

— Só a ignorância aceita e a indiferença tolera o reinado das mediocridades.

José de Alencar.

— O passado é um lago mágico de gozos deleitosos, quando a conciência não tem de que acusar o homem e os remorsos não pesam sôbre o coração.

— A saudade pertence tanto ao passado, como a esperança é toda inteira do porvir.

Joaquim Manuel de Macedo.

— Disse o Cristo que o homem não vive só do pão. Sim; porque vive do pão e do ideal. O pão é o ventre, o centro da vida orgânica. O ideal é o martírio, órgão da vida eterna.

— Mocidade vaidosa não chegará jámais à virilidade útil.

— Onde os meninos camparem de doutores, os doutores não passarão de meninos.

Rui Barbosa.

— Imaginar uma sociedade impenetravel às transformações das épocas é imaginar um corpo sem porosidade.

— A realidade da vida é cada um dar até o fim o que foi criado para dar, o bombix dando a sêda, a ovelha dando a lã... Trabalham em vão os que trabalham pensando na glória.

— A religião é a única fôrça intelectual que não pode perder terreno, porque, si a comprimís e apertais, ela sobe.

Joaquim Nabuco.

— Si nos meus pensamentos e reflexões acharem alguma valia, continuarei a pensar e refletir; si não acharem nenhuma, continuarei também.

— Há um mar sem praias: a gota dágua.

— Todo o mal do Brasil é que a política é uma profissão; mas os políticos não são profissionais.

— Em outros países ter uma posição elevada é ser sério; no Brasil ser sério é ter uma posição elevada.

— Quantos doutores cheios de vento e que não sabem o que é o vento!

Padre Júlio Maria.

— O espírito religioso é irredutivel. Para destruí-lo é preciso que o homem explique o universo e a vida.

— Sentir a vida é sofrer; a conciência só é despertada pela dôr.

— A marcha da ciência é como a nossa na planície do deserto: o horizonte foge sempre.

— A alegria dos velhos é um mandamento para a vida.

Graça Aranha.

— Sôbre conciências avassaladas não há senão um império possivel — o império despótico. — E do dia em que êsse império se funda pode-se datar a hégira da probidade política, da sã razão e da liberdade legal.

— À opressão consolidada só há um meio de oposição: a resistência organizada. E desde que chega esta colisão, podemos considerar destruidos todos os elementos constitutivos de uma sociedade regular.

Quintino Bocaiuva.

SEGUNDA PARTE
POESIA

I. SONETOS

GREGÓRIO DE MATOS

BAÍA — 7-IV-1623
† PERNAMBUCO — 1696

Gregório de Matos, o maior poeta satirico do seu tempo em Portugal e no Brasil — foi ainda notável lírico. Formado em Coimbra, exerceu Gregório de Matos em Lisboa os cargos de curador de órfãos e juiz do crime e na Baía as funções eclesiásticas de vigário geral e tesoureiro-mór da Catedral, lugares que teve de deixar, por lhe ter sido exigido que completasse as suas ordens. pois então não era mais que minorista. Si bem que muito popular em sua terra, por causa de sua inexgotável veia satírica, cuja mordacidade não poupava nem mesmo os grandes e poderosos, foi o nosso poeta degredado para Angola; voltando ao Brasil, foi residir em Pernambuco e aí morreu.

Diz o Cônego Fernandes Pinheiro ter sido Gregório de Matos o introdutor, na métrica portuguesa, do verso decassílabo italiano.

"Gregório de Matos Guerra é o genuino iniciador da nossa poesia lírica e de nossa intuição étnica" — pensa Sílvio Romero.

Bibliografia — *Obras poéticas de Gregório de Matos Guerra*... tomo I (unico publicado) — Tipografia Nacional, 1882. Publicação feita por Alfredo do Vale Cabral, da Biblioteca Nacional, precedida da Vida do Dr. Gregório de Matos Guerra pelo licenciado Manuel Pereira Rebelo. — Na Biblioteca Nacional existe a sua *Tese* de doutoramento, escrita em latim.

1. Tempestade

Na confusão do mais horrendo dia,
Painel da noite, em tempestade brava,
De fogo e ar o ser se embaraçava,
De terra e ar o ser se confundia.

Bramava o mar, o vento embravecia,
A noite em dia, enfim, se equivocava,
E com estrondo horrível se assombrava
A terra; e se abalava, e estremecia...

Desde os altos aos côncavos rochedos,
Desde o centro aos mais altos obeliscos,
Houve temor nas nuvens e penedos;

Pois dava o céu, ameaçando riscos,
Com assombros, com pasmos e com medos,
Relâmpagos, trovões, raios, coriscos...

---

2. Contrição

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja fé protesto de viver;
Em cuja santa lei hei-de morrer
Amoroso, constante, firme e inteiro.

Neste transe por ser o derradeiro,
Pois veio a minha vida anoitecer,
E' meu Jesús, a hora de se ver
A brandura de um pai, manso cordeiro.

Mui grande é o vosso amor e o meu delito,
Porém pode ter fim todo o pecar,
Mas não o vosso amor que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar
Que por mais que pequei, nesse conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

MINAS — MARIANA — 1729
† MINAS MARIANA — 4-VII-1789

Cláudio Manuel da Costa (*Glauceste Satúrnio*), reputado poeta lírico, celebrizou-se sobretudo como sonetista. Os seus sonetos — opina João Ribeiro — em todas as literaturas latinas, só têm superiores nos de Petrarca e nos de Camões.

Almeida Garret fá-lo o rival de Metastasio e Camilo Castelo Branco considera-o, sob muitos aspectos, superior a Bocage, o consagrado mestre do soneto em português. Cláudio Manoel da Costa é recomendado como clássico pela Academia de Ciências de Lisboa. Formado em Coimbra (1753), estabeleceu depois Cláudio banca de advogado em Vila Rica; foi secretário do govêrno da Capitania (1762).

Cláudio Manuel da Costa tomou parte na conspiração de Tiradentes: suicidou-se na prisão (4-VII-1789); três anos depois a sentença da alçada declarou *infame a sua memória e infames os seus filhos e netos* e confiscou os seus bens (1792).

Bibliografia — *Monúsculo métrico,* romance heróico; *Epicédio, Labirinto de Amor, Números harmônicos, Vila-Rica.*

---

3. Soneto XXXI

Estes os olhos são da minha amada:
Que belos, que gentís e que formosos!
Não são para os mortais tão preciosos
Os doces frutos da estação doirada.

Por êles a alegria derramada,
Tornam-se os campos de prazer gostosos,
Em zéfiros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada;

Vinde, olhos belos, vinde; e, enfim, trazendo
Do rosto de meu bem as prendas belas,
Daí alívios ao mal, que estou gemendo:

Mas ah! delírio meu, que me atropelas!
Os olhos, que eu cuidei que estava vendo,
Eram (quem crêra tal!) duas estrêlas!

---

4. Soneto XCVIII

Dêstes penhascos fez a natureza
O berço em que nascí: oh! quem cuidara
Que entre penhas tão duras se creara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por emprêsa
Tomou logo render-me: êle declara
Contra o meu coração guerra tão rara
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei; que Amor tirano,
Onde há mais resistência, mais se apura.

Obras poéticas — Garnier — 1903.

ALVARENGA PEIXOTO

RIO DE JANEIRO — 1744
† AMBACA — AFRICA — 1-I-1798

Inácio José de Alvarenga Peixoto, o poeta-magistrado, estudou primeiro com os jesuítas e formou-se depois em Coimbra (1769). Voltando ao Brasil em 1776, foi Alvarenga Peixoto nomeado ouvidor da comarca do Rio das Mortes, em Minas, cargo de que se demitiu para entregar-se à mineração. Alvarenga teve parte importante na conjuração mineira chefiada pelo malogrado Tiradentes, foi êle quem propôs o *libertas quae sera tamen* da bandeira republicana. Preso no dia 20 de Maio de 1789, encerrado nas masmorras da Ilha das Cobras, condenado à morte, foi a pena comutada em degrêdo para Ambaca, na Africa, onde morreu em 1793 (1.° de Janeiro).

Lírico cheio de vigor e de graça, os sentimentos que dominaram os seus versos foram o amor da família e o entusiasmo pelas cousas da pátria.

Bibliografia — *Merope,* tragédia de Maffey, tradução, 1776: — *Enéas no Lácio,* drama em verso, composto em Minas Gerais; *Obras poéticas.*

Há quem lhe atribua ainda a autoria das célebres "Cartas chilenas".

---

5. A Maria Ifigênia

Em 1786, quando completava sete anos

Amada filha, é já chegado o dia,
Em que a luz da razão, qual tocha acesa,
Vem conduzir a simples natureza:
— E' hoje que o teu mundo principia.

A mão, que te gerou, teus passos guia;
Despresa ofertas de uma vã beleza,
E sacrifica as honras e a riqueza
Às santas leis do Filho de Maria.

Estampa na tu'alma a Caridade,
Que amar a Deus, amar aos semelhantes,
São eternos preceitos da verdade;

Tudo o mais são idéias delirantes;
Procura ser feliz na Eternidade,
Que o mundo são brevíssimos instantes.

(*Obras poéticas*) — Garnier, 1865.

TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA

PORTO — 1744

† MOÇAMBIQUE — 1807

Gonzaga formou-se em Coimbra; e depois de exercer cargos de magistratura em Portugal, passou a ouvidor da Comarca de Vila Rica (Ouro Preto), Minas; estava despachado desembargador da Relação da Baía, quando, envolvendo-se na Conjuração mineira, 1789, foi preso e remetido para o Rio de Janeiro, sendo julgado e condenado a degrêdo perpétuo num presídio em

Angola, pena comutada depois em outra de dez anos em Moçambique, onde 15 anos mais tarde veio a morrer, é fama que louco.

É, muito acertadamente, considerado nosso, pelo seu lirismo todo brasileiro, por ter passado no Brasil a sua infância (na Baía) e a maior e a melhor parte de sua vida (em Vila Rica), além de filho de pais brasileiros e mártir das liberdades pátrias: Brasileiro pelo sangue e pelo destino.

Garret que considera algumas das liras de Gonzaga "de perfeita e incomparável beleza", lamenta entretanto, que êle "não pintasse os seus paineis com as côres do país onde os situou". *Dirceu* é o nome de Gonzaga como arcade.

A *Marília de Dirceu* era D. Maria Dorotéia de Seixas, de rara formosura e maravilhosa beleza.

Seu livro *Marília de Dirceu* tem tido numerosas edições e foi traduzido para o francês, inglês, italiano, espanhol e latim.

6. Soneto (1)

Obrei quanto o discurso me guiava,
Ouvia os sábios quando errar temia;
Aos bons no gabinete o peito abria;
Na rua a todos como iguais honrava.

Julgando os crimes nunca o voto dava
Mais duro ou pio do que a Lei pedia:
Mas devendo salvar o justo, ria
E devendo punir o réu, chorava.

Não foram, Vila Rica, os meus projetos
Meter em férreo cofre cópia d'oiro
Que sobre aos filhos e que chegue aos netos. (2)

Outras são as fortunas que me agoiro,
— Ganhei saudades, adquirí afetos,
Vou fazer dêstes bens melhor tesoiro.

---

(1) — Feito quando o Autor acabou o lugar de ouvidor de Vila Rica, e foi despachado para desembargador da Baía.
(Nota da edição de 1824).

(2) — Que farte aos filhos e que chegue aos netos (Ed. de 1881). Que chegue aos filhos, e que passe aos netos (Ed. de 1824).

ANTÔNIO CARLOS

(*Bio-bibliografia à pag. 264*)

7. Liberdade

Sagrada emanação da Divindade,
Aquí do cadafalso eu te saúdo;
Nem com tormentos, com reveses mudo,
Fui teu votário e sou, ó Liberdade!

Pode a vida brutal ferocidade
Arrancar-me em tormento mais agudo;
Mas das fúrias do déspota sanhudo
Zomba d'alma a nativa dignidade.

Livre nascí, viví, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Onde império não tem mando severo.

Nem da morte a medonha catadura
Incutir pode horror a um peito fero.
Que aos fracos tão sòmente a morte é dura.

MUNIZ BARRETO

BAÍA — 10-III-1804
† BAÍA — 2-VI-1868

Francisco Muniz Barreto é o improvisador e repentista baiano. Era assombrosa a facilidade e a espontaneidade como, sendo-lhe dado um mote qualquer, Muniz Barreto *incontinenti* o restituía glosado; *os versos brotavam-lhe dos lábios correntes e límpidos, como se foram decorados*. As suas melhores composições foram as produzidas de improviso. Foi o seu talento de repentista que lhe marcou um lugar na história da literatura brasileira.

Bibliografia — *Clássicos e românticos*, Baía 1854-55, 2 vols., in-8.°. Diversas poesias em publicação avulsa. Colaborou em vários jornais.

8. O Cristo no Gólgota

Ao martírio da Cruz, de bens fecundo,
De Deus caminha o plácido Cordeiro;
Em denso véu de trevas o luzeiro
Do dia se retrai com dó profundo;

Ao vozear do bando furibundo,
Treme do Gólgota o sagrado outeiro;
Dos rebatidos cravos do madeiro
Brotam faíscas que dão luz ao mundo!

Alí, de sangue lágrimas vertendo,
Das virgens a suprema Majestade
Ao suplício do Filho assiste, horrendo!

Cumpre-se a farisaica atrocidade.
Aos seus algozes o perdão dizendo,
Morre o Cristo e... renasce a humanidade!

---

9. Improviso

Ver... e do que se vê logo abrasado,
Sentir o coração de um fogo ardente,
De prazer um suspiro de repente
Exalar, e após êle um ai magoado!

Aquilo que não foi inda logrado
Nem será talvez, lograr na mente;
Do rosto a côr mudar constantemente
Ser feliz e ser logo desgraçado;

Desejar tanto mais quão mais se prive,
Calmar o ardor que pelas veias corre,
Já querer, já buscar que êle se ative;

O que isto é a todos nós ocorre:
— Isto é amor, e dêste amor se vive!
— Isto é amor, e deste amor se morre!

MACIEL MONTEIRO

PERNAMBUCO — 30-IV-1804
† LISBOA — 5-I-1868

Antônio Peregrino Maciel Monteiro, barão de Itamaracá, médico, político, ministro do exterior, foi notável orador parlamentar e delicado poeta lírico. Joaquim Manuel de Macedo diz que Maciel Monteiro improvisava quasi sempre, quer quando discursava na Câmara, quer quando fazia versos.

Bibliografia — *Poesias*, Recife, 1905; *Discursos* diversos nos anais da Câmara, etc.

10. Soneto

Formosa, qual pincel em tela, fina
Debuxar jamais pôde ou nunca ousara;
Formosa, qual jamais desabrochara
Na primavera a rosa purpurina;

Formosa, qual si a própria mão divina
Lhe alinhara o contôrno e a forma rara;
Formosa, qual no céu jamais brilhara
Astro gentil, estrêla peregrina;

Formosa, qual si a natureza e a arte.
Dando as mãos em seus dons, em seus lavores,
Jamais soube imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, oh! anjo de primores!
Quem pode ver-te, sem querer amar-te?
Quem pode amar-te sem morrer de amores?!

LAURINDO RABELO

RIO DE JANEIRO — 8-VII-1826
† RIO DE JANEIRO — 28-IX-1864

Médico, professor, autor notável e poeta.

Lutando contra os reveses da sorte, chegou a conhecer de perto a miséria. A perda de sua irmã, que estremecia e que foi a musa inspiradora de não poucas de suas formosas estrofes, amargurou-lhe a existência até a hora em que *a mão da morte veio tomar-lhe o leme do batel da vida.*

Como poeta satírico Laurindo Rabelo era justamente temido e respeitado: esta feição do seu talento valeu-lhe grandes desgostos, chegando a ser, como Gregório de Matos, por causa dela, perseguido.

Laurindo era repentista; glosava, como Muniz Barreto, com a maior facilidade.

Bibliografia — *Trovas,* 1853; *Poesias,* 1867; *Obras Poéticas; Compêndio de Gramática da língua portuguesa,* Rio de Janeiro. Deixou inéditos, entre outros, diversos dramas e um romance.

---

11. Leandro e Homero

O facho do Helesponto apaga o dia,
Sem que aos olhos de Homero o sono traga;
Que dentro de sua alma não se apaga
O fogo com que o facho se acendia.

Aflita o seu Leandro ao mar pedia,
Que, abrandado por ela, a prece afaga,
E traz-lhe o morto amante numa vaga,
(Talvez vaga de amor, ainda que fria...)

Ao vê-lo pasma e calma num transporte:
— "Leandro!... és morto!?... Que destino infando
"Te conduz aos meus braços desta sorte?!

"Morreste!... mas... (e, às ondas se arrojando,
Assim termina, já sorvendo a morte)
— Hei-de, mártir de amor, morrer te amando!"

Obras Poéticas — 1876 — B. L. Garnier.

MACHADO DE ASSIZ

(*Bio-bibliografia à pág. 24*)

(*Bio-bibliografia à pág. 24*)

12. Círculo vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
— "Quem me dera que fôsse aquela loura estrêla,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!"
Mas a estrêla, fitando a lua, com ciúme:

— "Pudesse eu copiar o transparente lume,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!"
Mas a lua, fitando o sol com azedume:

— "Mísera! Tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!"
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

— "Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...
Porque não nascí eu um simples vagalume?"

Poesias completas — *Ocidentais* — H. Garnier — 1901.

13. A Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro,
Em que descansas dessa longa vida,
Aquí venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flôres, restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados,

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos
Pensamentos de vida formulados
São pensamentos idos e vividos.

Reliquias de Casa Velha — H. Garnier, editor — Rio.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

(*Bio-Bibliografia à pag.* 141)

---

14. Fora da barra

Adeus! Adeus! Nas cerrações perdida
Vejo-te apenas, Guanabara altiva...

Varela — *Ao Rio de Janeiro.*

Já vamos longe... Os morros benfazejos
Metem na bruma os cimos alterosos...
Ventos da tarde, ventos lacrimosos,
Vós sois da Patria os derradeiros beijos!

As alvas plagas, os profundos brejos,
Ficam além, além! Adeus, gostosos
Tormentos do passado! Adeus, oh gozos!
Adeus, oh velhos e infantís desejos!

Na fugitiva luz do sol cadente
Vai-se apagando — ao longe — tristemente
Do Corcovado a majestosa serra:

O mar parece todo um só gemido...
E eu mal sustenho o coração partido,
Oh terra de meus pais! Oh minha terra!

---

15. Visita à casa paterna

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quis também rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo:

Entrei. Um gênio carinhoso e amigo,
O fantasma, talvez, do amor materno,
Tomou-me as mãos, — olhou-me grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (Oh! se me lembro! e quanto!)
Em que da luz noturna à claridade,
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem há-de?
— Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade...

---

16. O filho

A vida dêle era uma gargalhada,
A vida dela um pranto. Ela chorava
Sob o cruel trabalho que a matava,
Êle ria na tasca enfumaçada.

Jamais nos lábios dela a asa doirada
De um sorriso passou; jamais na cava
E horrenda face dêle resvalava
Sequer de um pranto a pérola nevada.

Mas Deus, que deu à entranha de Maria
O Redentor dos homens, Deus lhes fez
Uma esmola: — Deus fê-los pais um dia:

E ambos, beijando ao filho os níveos pés,
Pela primeira vez ela sorria,
E êle chorou pela primeira vez.

Lírica — Sonetos e Rimas — Lisboa — Tavares Cardoso & Irmão — 1885.

ARTUR AZEVEDO

(*Bio-bibliografia à pág.* 91)

---

17. Velha anedota

Tertuliano, frívolo peralta,
Que foi um paspalhão desde fedelho,
Tipo incapaz de ouvir um bom conselho,
Tipo que morto não faria falta;

Lá num dia deixou de andar à malta,
E, indo à casa do pai, honrado velho
A sós na sala, em frente de um espêlho,
À própria imagem disse em voz bem alta:

— Tertuliano, és um rapaz formoso!
E's simpático, és rico, és talentoso!
Que mais no mundo se te faz preciso?

Penetrando na sala, o pai sisudo
Que por trás da cortina ouvira tudo,
Severamente respondeu: — Juízo!

SILVA RAMOS

PERNAMBUCO — RECIFE — 6-III-1852
† RIO DE JANEIRO — 16-XII-1930

O Dr. José Julio da Silva Ramos formou-se em Coimbra, onde conviveu com Guerra Junqueiro, Macedo Papança e outros notáveis escritores portugueses e foi professor de português no Colégio Pedro II.

Poeta e prosador; como poeta primou no soneto, e os seus sonetos são corretos como os de Camões e formosos como os de Quental.

Era da Academia Brasileira — cadeira Tomaz Antônio Gonzaga.

Bibliografia — *Adejos*, versos, 1871 — *Pecado venial*, tradução da comédia de Millaud "Peché véniel".

Silva Ramos escreveu crônicas (subscritas por *Julio Valmor*) e publicou versos em várias folhas e revistas, nas quais se encontram excelentes estudos de filologia portuguesa e questões gramaticais e ainda poesias e trabalhos literários em prosa.

---

18. A partida

Tenho-a presente, como agora, aquela
Dura noite da triste despedida;
A aragem levemente arrefecida
Da lancha enfuna a desfraldada vela.

Distante, como em fundo de aguarela,
Some-se a mansa vila, adormecida,
E a branda luz dos astros refletida
No rio as águas límpidas estrela.

Cena viva que a mente me descreve,
Dos amigos em grupos pelo cais
Vozes perpassam num sussurro leve;

Trocam-se as doces expressões finais...
E, enquanto os lábios dizem: até breve,
Os corações murmuram: nunca mais!

ALBERTO DE OLIVEIRA

ESTADO DO RIO — SAQUAREMA — 28-IV-1859
† RIO DE JANEIRO — 19-I-1937

Ternura e melancolia, entusiasmo e paixão — eis os traços principais característicos da poesia de Antônio Mariano Alberto de Oliveira, que é ainda cultor apaixonado da forma e da língua, que preza antes e acima de tudo; à excelencia da língua e da forma, eumpre acrescentar o seu grande amor à natureza, que pinta com verdade e vigor.

Dirigiu a Instrução Pública no Estado do Rio e lecionou português na Escola Normal e na Escola Dramática.

Alberto de Oliveira foi da Academia Brasileira — cadeira Cláudio Manuel da Costa.

Bibliografia — *Canções Românticas, Meridionais, Sonetos e Poemas, Versos e Rimas, Por amor de uma lágrima* e *Livro de Ema*: todos reunidos no volume *Poesias*; *Poesias* — segunda série; *Poesias* — terceira série; *Páginas de Ouro da Poesia Brasileira, Céu Terra e Mar; Poesias* — quarta série, etc.

---

19. O ninho

O musgo mais sedoso, a úsnea mais leve
Trouxe de longe o alegre passarinho,
E um dia inteiro ao sol paciente esteve
Com o destro bico a arquitetar o ninho.

Da paina os vagos flócos côr de neve
Colhe, e por dentro alfombra-o com carinho;
E armado, pronto, enfim, suspenso, em breve,
Ei-lo balouça à beira do caminho.

A ave sôbre êle as asas multicôres
Estende e sonha. Sonha que o áureo pólen
E o nétar suga às mais brilhantes flôres;

Sonha... Porém a um súbito e violento
Abalo acorda. E' o vento! As folhas bolem...
O vento! E o ninho lhe arrebata o vento.

Poesias — Terra Natal.

---

20. A vingança da porta

Era um hábito antigo que êle tinha:
Entrar dando com a porta nos batentes.
— Que te fez esta porta? a mulher vinha
E interrogava. Êle, cerrando os dentes:

Nada! Traze o jantar. — Mas à noitinha
Calmava-se; feliz, os inocentes
Olhos revê da filha e a cabecinha
Lhe afaga, a rir, com as rudes mãos trementes.

Uma vez, ao tornar à casa, quando
Erguia a aldraba, o coração lhe fala:
— Entra mais devagar... Pára, hesitando...

Nisso nos gonzos range a velha porta,
Ri-se, escancara-se. E êle vê na sala
A mulher como doida e a filha morta!

Versos e Rimas.

RAIMUNDO CORREIA

MARANHÃO — 13-V-1860
† PARIS — 16-IX-1911

Raimundo Correia exerceu cargos de magistratura, de administração e de diplomacia: foi juiz na Capital Federal e no Estado do Rio, dirigiu o Ginásio Fluminense em Petrópolis e foi Secretário de Legação em Lisboa. Professor de direito.

Pertenceu à Academia Brasileira — cadeira Bernardo Guimarães.

Bibliografia — *Primeiros Sonhos, Sinfonias, Versos e Versões*. Colaborou em diversos jornais e revistas. Raimundo Correia pertence ao número dos nossos grandes poétas artistas, e é por certo um dos maiores, de todos os tempos, que possuimos. "Raimundo Correia — escreveu D. João da Câmara — é dos primeiros poetas brasileiros, e é portanto uma glória portuguesa".

---

21. Anoitecer

Esbraseia o Ocidente na agonia
O Sol... Aves, em bandos destacados,
Por céus de ouro e de púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam, além, da serrania
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em tôrno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra, à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...
Poupo a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

Poesias — Edição portuguesa — 1906.

---

22. As Pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo, elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam
E êles aos corações não voltam mais...

23. Mal secreto

Si a cólera que espuma, a dôr que mora
N'alma e destrói cada ilusão que nasce;
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Si eu pudesse o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse;

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Parceria Antonio Maria Pereira — Lisboa —
***Poesias* — edição portuguesa.**

OLAVO BILAC (1)

(*Bio-bibliografia à pág.* 53)

---

24. A Gonçalves Dias

Celebraste o domínio soberano
Das grandes tribus, o tropel fremente
Da guerra bruta, o entrechocar insano
Dos tacapes vibrados rijamente,

---

(1) — O grande poeta deixou de existir no dia 28 de Dezembro de 1918; às 5,30 da manhã disse as derradeiras palavras: "Já raia a madrugada, dêem-me café, vou escrever..."

O maracá e as flechas, o estridente
Troar da inúbia, e o canitar indiano...
E, eternizando o povo americano,
Vives eterno em teu poema ingento.

Estes revoltos, largos rios, estas
Zonas fecundas, estas seculares,
Verdejantes e amplíssimas florestas

Guardam teu nome: e a lira que pulsaste
Inda se escuta, a derramar nos ares
O estridor das batalhas que contaste.

Panóplias.

---

25. Ouvir estrêlas

— Ora (direis) ouvir estrêlas! Certo
Perdeste o senso! — e eu vos direi, no entanto
Que, para ouví-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via látea como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: — Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?

E eu vos direi: — Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrêlas.

Via Látea.

---

26. O voador

"Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, inventor de aerostato, morreu miseravelmente num convento, em Toledo, sem ter quem lhe velasse a agonia".

Em Toledo. Lá fora, a vida tumultua
E canta. A multidão em festa se atropela...
E o pobre, que o suor da agonia enregela,
Cuida o seu nome ouvir na aclamação da rua.

Agoniza o Voador. Piedosamente a lua
Vem velar-lhe a agonia, através da janela...
A Febre, o Sonho, a Glória enchem a escura cela,
E entre as névoas da morte uma visão flutua:

"Voar! Varrer o céu com as asas poderosas,
Sôbre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..."

E o pranto do luar cai sôbre o catre imundo...
E em farrapos, sòzinho, arqueja moribundo.
Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão...

As Viagens

---

27. A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve. No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossêgo
Trabalha, teima, lima, sofre, sua.

Mas que na forma se desfaça o emprêgo
Do esfôrço. E a trama viva se construa
De tal modo que a imagem fique nua,
Rica, mas sóbria como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre, e natural o efeito agrade
Sem lembrar os andaimes do edifício.

Porque a beleza, gêmea da Verdade,
A arte pura, inimiga do artifício,
E' a fôrça e a graça na simplicidade.

AUGUSTO DE LIMA

ESTADO DE MINAS — VILA NOVA DE LIMA — 7-IV-1858
† RIO DE JANEIRO — 22-IV-1934

Augusto de Lima (Antonio) é um dos melhores poetas da geração que costumamos assinalar pelos nomes de Raimundo, Alberto e Bilac; caracteríza-se a sua poesía pela correção requintada da forma e pelo fundo filosófico-social. Augusto de Lima bacharelou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo; foi magistrado, professor de direito e administrador; deputado por seu Estado natal. Pertenceu à Academia Brasileira, cadeira França Junior.

Bibliografia — *Contemporâneas, Símbolos, Poesias,* contendo "Contemporâneas", "Símbolos" e "Laudas inéditas"; *Tiradentes,* drama em verso, diversos discursos, conferências, etc., além de artigos em revistas e jornais.

28. Paisagem nostálgica

Deixei meu berço por destino incerto;
Mas a paisagem guardo-a na pupila,
Guardo-a no coração, donde se estila
Toda a essência das lágrimas que verto.

Sons de sino perdidos no deserto...
Campanários da quasi oculta vila...
Serros saudosos que a distância anila,
Mais formosos de longe que de perto!...

Não vos esquecerei, por me lembrardes
Enquanto prantear do alto das tardes
A estrêla Vésper, que me viu partir.

Do astro do sonho em que minha alma adeja,
Quando colher as asas, só deseja
Em vosso seio maternal dormir.

Poesias — Garnier.

B. LOPES

ESTADO DO RIO — RIO BONITO — 19-I-1859
† ESTADO DO RIO — RIO BONITO — 18-IX-1916

Bernardino da Costa Lopes, poeta lírico, notabilizou-se no gênero descritivo. João Ribeiro, poeta e crítico, diz que B. Lopes é um dos maiores poetas da nossa geração.

Bibliografia — *Crômos, Pizzicatos, D. Carmen, Brazões, Sinhá Flôr, Val de Lírios*: — *Helenos*, — *Plumário;* colaborou em diversos jornais e revistas.

---

29. Quadro

Caira o sol no horizonte!
A rapariga travessa
Vai, de cântaro à cabeça,
Pelo caminho da fonte.

Fumega o rancho. Defronte
Azula-se a mata espessa...
Antes, pois, que a noite desça,
Voam as aves ao monte.

Aponta Vésper brilhante...
E o largo silêncio corta
Uma toada distante...

Irado. enxotando o galo,
Está um homem na porta,
Dando ração ao cavalo...

Crômos.

---

30. Crômo

Na alcova sombria e quente,
Pobre demais, se não erro,
Repousa um moço doente,
Sôbre uma cama de ferro;

Pede-lhe baixo, inclinada,
Sua mulher — que adormeça,
Em cuja perna curvada
Êle reclina a cabeça...

Vem uma loura figura,
Com a colhér da "tintura",
Que êle recusa num — ai!

Mas o solícito anjinho,
Diz-lhe com riso e carinho:
— "Bebe, que é doce, papai".

Crômos.

AFONSO CELSO

(*Bio-bibliografia à pág.* 48)

---

31. Porto celeste

Andei em longas excursões distantes:
Vi palácios, sacrários, monumentos,
Fócos da indústria, artísticos portentos...
Praças soberbas, capitais gigantes.

Mas lia, em toda a parte, nos semblantes,
Dôres... lutas... idênticos tormentos...
— Onde a pátria dos risos?!... Desalentos
Colhí apenas, mais cruéis que dantes.

Achei, enfim, num pequenino pôrto,
Crenças, consolações, calma, confôrto,
Tudo que anima, enleva e maravilha:

Ninho de encantos que a inocência habita,
Promontório do céu, plaga bendita,
E' junto ao berço teu, ó minha filha.

Poesias escolhidas — H. Garnier.

32. Alegrias

Muita vez à janela desta casa,
Que um velho triste, solitário habita,
De avezinhas um par, asa com asa,
Faz, a trinar, idílica visita.

Quanta graça, que encanto se extravasa,
Do par sôbre a janela, onde saltita!
Mas... um toque... um rumor, ou que lhe apraza,
E para além o par se precipita...

Oh! alegrias minhas, semelhantes
Sois àquelas fugazes visitantes,
Frágeis, aladas, tímidas, sutís...

De alentos enfeitais meu desalento;
Quero reter-vos, faço um movimento,
Desamparais-me, rápidas fugís!...

Da *Renascença* — Fevereiro. 1905.

CRUZ E SOUZA

S. CATARINA — FLORIANÓPOLIS — 24-XI-1863
† SITIO — ESTADO DE MINAS — 19-III-1898

Cruz e Souza (João da), poeta negro, é considerado o chefe da chamada escola simbolista.

Individualidade muito discutida na época em que deu combate à escola então mais em voga — o parnasianismo, Cruz e Sousa é já hoje julgado com mais justiça, e os críticos de mais responsabilidade e crédito lhe reconhecem o alto valor e merecimento incontestáveis.

Bibliografia — *Missal, Broquéis, Faróis, Evoluções, Últimos Sonetos*, os três últimos, deixados inéditos pelo poeta, foram dados à estampa por iniciativa dos seus amigos.

---

33. Domus Aurea

De bom amor e de bom fogo claro
Uma casa feliz se acaricia...
Basta-lhe luz e basta-lhe harmonia,
Para ela não ficar no desamparo.

O sentimento, quando é nobre e raro,
Veste tudo de cândida poesia...
Um bem celestial dêle irradia,
Um doce bem que não é parco e aváro.

Um doce bem que se derrama em tudo,
Um segrêdo imortal, risonho e mudo,
Que nos leva debaixo da sua asa.

E os nossos olhos ficam rasos d'água,
Quando, rebentos de uma oculta mágoa,
São nossos filhos todo o céu da casa.

Últimos Sonetos — Aillaud & Comp., 1905.

RODRIGO OTÁVIO

ESTADO DE S. PAULO — CAMPINAS — 11-X-1866

Homem de letras, prosador e poeta, jurisconsulto e professor de direito, o Dr. Rodrigo Otávio de Langgard Meneses se tem salientado em todos os gêneros literários a que se tem dedicado: poesia, novela, conto, drama, crônica, história.

Rodrigo Otavio é membro da Academia de Ciências de Lisboa, do Instituto Histórico, do Instituto dos Advogados e da Academia Brasileira, cadeira Tavares Bastos.

Bibliografia — *Pampanos, Poemas e Idílios*, versos; *Aristo, Boda de Sangue*, novelas; *Sonhos funestos*, drama, em versos; *Festas nacionais, Felisberto Caldeira*, crônica dos tempos coloniais, etc.

---

34. Ouvindo Beethoven

Quando os teus dedos hábeis do teclado
Ebúrneo arrancam as celestes notas
Dessa música estranha, eu sou levado
De um triste sonho às regiões ignotas:

Deixo o mundo; só tu vens a meu lado,
Tu sòmente, e, deixando em baixo grotas,
Serras, cidades — fujo, ascendo, alado,
Da fantasia pelas ínvias rotas;

E vejo um sol na tela purpurina
Do ocaso, e subo ainda, penetrando,
Alfim, do céu no páramo profundo;

E então escuto, pávido, a argentina
Voz das estrêlas trêmulas, falando
Sôbre as cousas tristíssimas do mundo...

D'"*A Renascença*".

VICENTE DE CARVALHO

S. PAULO — SANTOS — 6-IV-1886
† SANTOS — 22-IV-1924

O Dr. Vicente de Carvalho exerceu vários cargos públicos; presidiu a Câmara Municipal de Santos; foi deputado à Constituinte paulista e secretário do Interior e Justiça na Administração do Dr. Cerqueira Cesar. Ocupou lugar de destaque na magistratura.

Com o aparecimento dos *Poemas e Canções* tiveram as letras pátrias a revelação de um grande poeta. "O que para logo se destaca nos *Poemas e Canções,* alentando o subjetivismo equilibrado de um verdadeiro poeta, é um grande sentimento da natureza" — escreveu Euclides da Cunha.

Foi da Academia Brasileira, cadeira Martins Pena.

Bibliografia — *Ardentias, Poemas do Mar, O Relicário,* poema; *Rosa de Amor, Rosa...* (1902); *Poemas* e *Canções,* 1908; *Páginas sôltas.* Vicente de Carvalho colaborou nas revistas literárias do Rio e de São Paulo e redigiu a "Cidade de Santos".

---

35. Soneto

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não n'a alcançamos,
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

EMILIO DE MENEZES

ESTADO DO PARANA — CURITIBA — 4.VII-1867
† RIO DE JANEIRO — 6-VI-1918

Classificado com justeza entre os parnasianos, Emílio de Menezes gravou os seus poemas a buril: foi um dos mais extremados na perfeição artística e no lavor da forma cuidada. No soneto em que primou iguala os melhores poetas brasileiros da escola a que se filiou.

Foi da Academia Brasileira de Letras, cadeira Joaquim Manuel de Macedo.

Bibliografia — *Marcha Fúnebre,* 1892. *Poemas da morte,* 1901; *Poesias, Últimas rimas, Mortalhas,* sátiras, além de poesias publicadas em diversas revistas e de sátiras e epigramas nas secções humorísticas dos jornais.

---

36. No lago de Genesareth

Homem de pouca fé, porque duvidaste?
Mateus. C. XIV. V. 31.

— "Nau da Fé porque, em ti, tornas o incenso em fumo?
Porque, de um porto bom, para outro porto zarpas?
Nau da Esperança! em ti, já os sonhos não resumo;
Teu porto se antolhou de abrolhos e de escarpas!

Desarvorada Nau da Caridade! as harpas
Do teu velame já se não ouvem, presumo,
Pois as cordas sutís aos vendavais esfarpas
E lá segues também sem velas e sem rumo!...

E a humanidade toda, entre queixas e mágoas,
Entre as fúrias do mar e a cólera celeste,
Fere e apúa dos bons a alma em ardentes fráguas.

Mas Cristo despe então o manto que o reveste
E diz, ao desdobrá-lo, assim, por sôbre as águas:
— Este manto resume as três naus que perdeste.

---

37. O salto de Guaíra

Largo oceano azul, ora margeando
Campina extensa, ora frondosa mata,
Léguas e léguas marulhoso e brando,
O rio enorme todo o céu retrata.

Súbito, as águas, brusco, represando,
Em torvelins de espuma se desata;
Vertiginoso, indômito, raivando
Ruge, fracassa e tomba em catarata.

Tomba, e de novo em arco se levanta,
Nada a brancura esplêndida lhe turva,
Em tanto resplendor e glória tanta.

E na apoteóse em que a caudal se expande,
Do sol aos raios, multicor se encurva
Rútilo arco-iris, luminoso e grande...

GUIMARÃES PASSOS

ALAGOAS — MACEIÓ — 22-III-1867
† PARIS — 9-IX-1909

Sebastião de Guimarães Passos, com 18 anos já escrevia nos jornais provincianos. Veio pâra o Rio de Janeiro em 1886. Tendo tomado parte na revolta de 1893, teve Guimarães Passos de exilar-se em Buenos-Aires, para não ser preso; aí escreveu nos grandes jornais, "La Prensa" e "La Nacion".

Lírico, Guimarães Passos foi um poeta espontâneo, de estro facil e de grande delicadeza e inspiração.

Foi da Academia Brasileira, cadeira Laurindo Rabelo.

Bibliografia — *Versos de um simples* — 1891 — *Horas mortas*, poesias, 1901: — *Dicionário de rimas*, 1905; — *Tratado de versificação* (com Olavo Bilac) 1905: — e mais poesias, contos, humorismo, etc., nos jornais e nas revistas em que colaborou.

---

38. Soneto

Figuremos: tu vais (é curta a viagem),
Tu vais e, de repente, na tortuosa
Estrada vês, sob árvore frondosa,
Alguém dormindo à beira da passagem;

Alguém cuja fadiga angustiosa
Cedeu ao sono, em meio da romagem,
E exausto dorme... Tinhas tu coragem
De acordá-lo? responde-me, formosa.

Quem dorme esquece... Pode ser medonho
O pesadelo que entre o horror nos fecha;
Mas sofre menos o que sofre em sonho...

Oh! tu que turvas o palor da neve,
Tu que as estrêlas escureces, deixa
Meu coração dormir... Pisa de leve.

BATISTA CEPELOS

S. PAULO — 1868
† RIO DE JANEIRO — 8-V-1915

Batista Cepelos foi um legítimo e verdadeiro poeta: criador espontâneo, original e simples.

Olavo Bilac, o mestre consagrado, prefaciando *Os bandeirantes,* diz que o poeta paulista, com o seu poema, *parece-lhe ter adivinhado ou descoberto um caminho novo* à nossa poesia; e acrescenta: "Toda a alma da terra paulista estremece, vibra e canta nos versos dêste poeta paulista".

Bibliografia — *A Derrubada,* 1894 — *O Cisne encantado,* 1902; — *Os bandeirantes.* Tip. da "Fanfula", S. Paulo, 1906; — *Vaidades* — *Os Corvos,* prosa.

---

39. O fundador de S. Paulo

Rumoreja a cidade, em febril movimento.
Ondeia como um rio a imensa populaça;
E, maculando o olhar azul do firmamento,
Erguem-se as chaminés, golfejando fumaça.

Estende-se o comércio, em soberbo incremento;
Circula como um sangue a riqueza na praça;
E, numa rapidez superior à do vento,
Os prelos dão à luz e o trem de ferro passa...

E, enquanto o poviléu rola de rua em rua,
Onde o luxo se ostenta e a vida tumultua,
Eu mergulho no sonho e na contemplação.

E, na sua modéstia e na sua roupeta,
De repente me surge a figura de Anchieta,
Melancolicamente apoiada a um bordão...

Os Bandeirantes — 1906 — S. Paulo.

PEDRO RABELO

RIO DE JANEIRO — 19-X-1868
† RIO DE JANEIRO — 27-XII-1905

Poeta lírico de incontestável valia, Pedro Rabelo foi ainda notável como prosador; nos seus contos descobriu José Veríssimo a influência de Machado de Assiz e Coelho Neto.

Foi da Academia Brasileira, cadeira Pardal Malet.

Bibliografia — *Ópera Lírica, Alma Alheia,* contos, ***Filhotadas,*** versos humorísticos. Pedro Rabelo redigiu com Bilac ***A Cigarra,*** em 1895 e colaborou em diversos jornais e revistas.

---

40. Morte de Halza

Fora há um brusco rumor. Ergo-me e digo:
— "Bendita Halza que em meu encontro acóde!"
Abro. Ninguém. — "Que é que êste ruído pode
Motivar? — penso, em tenebras, comigo".

E de súbito o trêmulo postigo
Uma pancada, rápida, sacode...
— "Que é — pergunto — que em tal noite pode
Vir com ar inimigo ao lar amigo?"

Abro. Ninguém. Deserta a rua; fora
Dorme a casa entre as árvores. Distante,
Morre uma estrêla solitária e fria...

Ah! Que o não possa eu ver senão agora!
Naquele lúgubre e fatal instante,
Halza, distante, pálida, morria...

MAGALHÃES DE AZEREDO

RIO DE JANEIRO — 7-IX-1872

Escritor consagrado: prosador e poeta. São qualidades do estilo de Carlos Magalhães de Azeredo, como novelista, a sobriedade e a elegância; como poeta, colocamo-lo distintamente entre os melhores que possuímos, pela beleza e perfeição da forma, inspiração, emoção e pensamento.

Diplomata, foi embaixador no Vaticano. Membro da Academia Brasileira, cadeira Gonçalves de Magalhães.

Bibliografia — *Alma primitiva, Baladas e Fantasias, Procelárias, A Portugal no centenário das Indias; Horas Sagradas, O poema da paz,* etc.

Magalhães de Azeredo tem escrito em vários jornais e revistas de Portugal e daquí.

---

41. Dante

Dicean: chi è costui che senza morte
Va per lo regno della morta gente?

Dante, *Inferno*, Canto VIII.

Sempre anda só, no exílio de Ravena,
Dante, o Poeta. O seu perfil agudo
De águia doente, o fôsco olhar, que o estudo
Gastou, dizem a um tempo orgulho e pena.

Em vão, nas ruas, pela tarde amena,
Crianças brincam, moças riem. Mudo,
Êle prosegue, indiferente a tudo,
Salvo a dôr incuravel que o envenena.

Si, tôrvo, envôlto em rubro-escuro manto,
Um fantasma o julgais, seu iracundo
E triste aspecto não vos cause espanto.

Quem, depois de sofrer o ódio profundo
Da pátria, viu o Inferno, e chorou tanto,
Já não é criatura dêste mundo.

Horas Sagradas — H. Garnier, 1903.

D. FRANCISCA JÚLIA DA SILVA

S. PAULO — 31-VIII-1874

Bibliografia — D. Francisca Júlia da Silva é reputada uma das primeiras e a mais artista das poetisas brasileiras contemporâneas.

O seu livro "Mármores" apareceu em 1895 e foi prefaciado por João Ribeiro, com grandes elogios.

---

42. Cega!

Trôpega, os braços nús, a fronte pensa, várias
Vezes, quando no céu o louro sol desponta,
Vejo-a, no seu andar de sonâmbula tonta,
Despertando a mudez das vielas solitárias.

Arrimada ao bordão, lá vai... Imaginárias
Cousas pensa... Verões e invernos maus afronta...
Dôres que tem sofrido a todo mundo conta
Na linguagem senil das suas velhas árias.

Cega! que negra mão entre os negros escolhos
Do cáos, foi procurar a treva, que enegrece,
Para cegar-te a vista e escurecer-te os olhos?

Cega! quanta poesia existe, amargurada,
Nesses olhos que estão sempre abertos e nesse
Olhar, que se abre para o céu, e não vê nada!...

FÉLIX PACHECO

PIAUÍ — TEREZINA — 2-VIII-1879
† RIO DE JANEIRO — 6-XII-1935

Publicista e poeta. Como poeta, Félix Pacheco deve ser classificado entre os parnasianos-simbolistas. Seus versos, inconfundíveis pela originalidade da idéia e pelo lavor da forma, fazem lembrar os de Antero do Quental. Jornalista, fez parte da redação d' "O Debate" e foi redator-chefe do "Jornal do Comércio".

Félix Pacheco foi do Instituto Histórico e da Academia Brasileira, cadeira Gregório de Matos.

Bibliografia — *Mors-Amor, Dois egressos da farda, o Sr. Euclides da Cunha e o Sr. Alberto Rangel, Poesias,* etc.

---

43. Estranhas lágrimas

Lágrimas... Noutras épocas vertí-as,
Não tinha o olhar enxuto como agora.
— Alma, dizia então comigo, chora
Que o pranto diminue as agonias.

Ah! quantas vezes, pelas faces frias,
Por mal do meu amor, que se ia embora,
Gota a gota rolando, elas outrora.
Marcaram noite e marcaram dias!

Vinham do oceano d'alma, imenso e fundo.
Ondas de angústia em suspiroso arranco,
Numa desesperança acerba e louca...

Nos olhos, hoje, as lágrimas estanco,
Mas rolam todas, sem que as veja o mundo,
Sob a forma de risos, pela bôca!

BASÍLIO DE MAGALHÃES

MINAS — S. JOÃO D'EL-REI — 14-VI-1875

Basílio de Magalhães é uma ilustração fora do comum, servida por uma inteligência verdadeiramente notável.

Votando-se, desde cêdo, às letras, trabalhou assiduamente na imprensa mineira e na paulista. Lente de História no ginásio de Campinas. O nome do professor Basílio de Magalhães figura no quadro social do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. da Academia Paulista de Letras, do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas; e é um dos três vice-presidentes brasileiros da *Internacional Prohibition Confederation.*

Bibliografia — *Iris, versos,* 1899; *Tratamento e educação das crianças anormais de inteligência,* 1913; *O Estado de São Paulo e o seu progresso na atualidade,* 1913; *O bandeirismo no Brasil, Expansão geográfica do Brasil até fins do século XVII, Lira de Stecchetti,* etc., além de obras didáticas e de vários opúsculos sôbre história, política, etc.

---

44. A escola

A escola é o foco de onde a luz radia.
A luz que aclara os tempos e as nações;
Ora é luz que descanta, é cotovia;
Ora é centelha de revoluções!

Por onde é que o soldado balbucia
O nome "Pátria", que enche os corações?
Onde é que nasce o amor? onde a poesia?
Onde as mais santas das inspirações?

Na escola irrompe, em solitário afeto,
O altruístico e elevado sentimento,
Graças ao fogo, de paixão repleto,

Das lavas do vulcão do entendimento:
— "E' que há mais luz nas letras do alfabeto
Que nas constelações do firmamento!"

OLEGARIO MARIANO

PERNAMBUCO — RECIFE — 24-III-1889

Olegário Mariano Carneiro Ribeiro, filho do grande político pernambucano José Mariano, começou a poetar muito jovem, conseguindo tornar-se, em curto lapso, o vate preferido das mulheres, pois, no dizer de Agripino Grieco "ha nele mais sensibilidade do que pensamento". Após o desaparecimento de Alberto de Oliveira, em concurso público promovido pela imprensa da Capital do país, foi eleito "principe dos poetas brasileiros".

Olegário Mariano ocupou o cargo de inspetor do ensino secundário, foi deputado pelo Distrito Federal à Constituinte de 1934 e pertence á Academia Brasileira de Letras, cadeira de Joaquim Serra.

Bibliografia — *O canto do cisne, Destino, Ultimas Cigarras, Vida, Caixa de brinquedos, O amor na poesia brasileira, Poemas do amor e da saudade, Cidade maravilhosa, Canto da minha terra, O enamorado da vida,* etc.

---

45. Conselho de amigo

Cigarra! Levo a ouvir-te o dia inteiro,
Gosto da tua frívola cantiga,
Mas vou dar-te um conselho, rapariga:
Trata de abastecer o teu celeiro.

Trabalha, segue o exemplo da Formiga,
Aí vem o inverno, as chuvas, o nevoeiro,
E tu, não tendo um pouso hospitaleiro,
Pedirás... e é bem triste ser mendiga!

E ela ouvindo os conselhos que eu lhe dava,
(Quem dá conselhos sempre se consome...)
Continuava cantando... continuava...

Parece que no canto ela dizia:
— Se eu deixar de cantar morro de fome...
Que a cantiga é o meu pão de-cada-dia.

(*Últimas cigarras*)

---

46. Recife de coral

(Traduzido de J. M. Heredia)

O sol dentro do mar, em misteriosa aurora,
O profundo brenhal dos corais ilumina;
Mesclando, ao fundo da bacia esmeraldina,
A fauna florescente e a luxuriante flora.

E tudo que de sal e de iodo se colora,
O musgo, a actínia, o ouriço e a pobre alga franzina,
Põe desenhos irreais de sombra purpurina
No chão rendado a que o polipo se encorpora.

Apagando o esplendor da espuma iriada, passa
Um peixe a navegar na trama que se enlaça;
Ora as águas alisa, ora as águas desfralda...

Súbito agita em leque a barbatana enorme,
E à tona do cristal da água mansa que dorme,
Corre um frêmito de ouro e nácar e esmeralda.

(*Poesias Escolhidas* — **Freitas, Bastos & Cia.**)

LUIZ CARLOS DA FONSECA

RIO DE JANEIRO — 10-IV-1880
† RIO DE JANEIRO — 1932

Luiz Carlos da Fonseca, engenheiro, começou a aparecer nos meios literários como conferencista e prosador. Em 1920 publicou o primeiro livro de versos — "Colunas", bastante para revelar um grande poeta. Vieram depois outros que o consagraram definitivamente.

Desfrutava de grande prestígio em sua classe e chegou a ocupar o cargo de diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Foi sócio da Academia Brasileira de Letras, cadeira de João Francisco Lisboa.

Bibliografia — *O Mendigo* (conferencia), *Colunas, Encruzilhada, Astros e Abismos, Rosal de Ritmos,* etc.

---

47. Exortação

Sofre, mas não declines da confiança
Que sereno puseste no futuro.
Si és bom, tens o caminho mais seguro:
O bem é uma subida que não cansa.

Sofre, que o sofrimento é uma esperança
Em quem deseja revelar-se puro.
— Que fôra o claro si não fôra o escuro?
Sem sofrimentos a glória não se alcança.

Não te assustem pedradas. Olha o mundo
Com os olhos virgens dos relances da ira.
Vê que o solo, ferido, é mais fecundo.

E si tens n'alma o Céu, porque temê-las?
As pedras que o homem contra Deus atira,
Ao contacto do Céu, tornam-se estrêlas!

(*Rosal de Ritmos*)

---

48. Destinos opostos

Caudal ansiosa, Rio Paraíba,
E' pelo mar que o teu marulho anseia.
Não ha diques a opôr-te: vem a cheia
E a tua fôrça indômita os derriba!

Nesta em que moro solitária riba,
Que a passagem triunfal te sobranceia,
Vai-me a vida, igualmente, a estôrvo alheia,
Na conquista do bem, que em sonho liba.

Queres o eterno turbilhão do oceano.
Quero eu a luz sobre o destino humano.
Aspiras à descida; eu à escalada.

Anseias pelo mar; eu pela Altura,
Mas, tal no anseio, opostos na ventura,
Rolarás sôbre o mar; eu sôbre o nada!

(*Astros e abismos*)

MARTINS FONTES

SÃO PAULO — SANTOS — 23-VI-1884
† SANTOS — DEZEMBRO-1937

Martins Fontes foi um grande poeta, exímio na forma e profundo na idéia. Sua inspiração abraçava todos os gêneros, desde o jocoso, que se tornava logo popular na sua cidade natal e em que residia, até a mais delicada filigrana do sentimento humano.

Era médico de coração, cheio de cuidados com os sofredores humildes e por isso geralmente adorado.

Nos últimos anos de sua vida, propôs-se a escrever *Nos Jardins de Augusto Comte,* obra dedicada aos grandes vultos do calendário positivista e que deixou inacabada.

Verão ficou sendo seu mais belo livro, dando-lhe grande nomeada aquí e em Portugal.

---

49. Delicadeza

Tranco-me, quando sofro, a sete chaves,
Fujo dos seres o infernal tumulto,
E tanto as dores físicas oculto,
Quanto as outras mais íntimas e graves.

Alegremente me comparo às aves,
Carinhosas amigas do meu culto,
Que vão morrer, longe do mundo estulto,
Nos bosques ermos, de sonoras naves.

Tendo o brilho e a beleza da saúde,
A elegância do traje e das maneiras,
Quando apareço meu aspeto ilude.

O pudor torna as horas prazenteiras,
E a gentileza, máxima virtude,
Em mim roseia a sombra das olheiras

(*Escarlate*)

---

50. Anchieta

Tudo quanto é brancor: o luar, a espuma,
A açucena, o jasmim, o lírio, a neve,
Palidamente o que êle foi descreve,
Mas da sua pureza se perfuma.

Nenhum nardo claríssimo, nenhuma
Pomba, em nossa existência, triste e breve,
Se lhe compara pelo aroma leve,
Maciez de pétala ou paladar de pluma.

Quando penso, sonhando, em pleno encanto,
Que a minha terra é filha deste Santo,
As velhas pedras de São Paulo adoro...

E, na alegria que alvoroça os ninhos,
Com a timidez das ervas nos caminhos,
Dobro a cabeça, consolado, e choro.

(Paulistânia)

II. LIRICA

TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA

(*Bio-bibliografia à pág.* 299)

51. Lira XXVIII

Alexandre, Marilia, qual o rio
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
    Na frente das coortes,
    Cerca, vence, abrasa
    As cidades mais fortes...
Foi na glória das armas o primeiro:
Morreu na flôr dos anos, e já tinha
    Vencido o mundo inteiro.

Mas êste bom soldado, cujo nome
Não há poder algum que não abata,
    Foi, Marília sòmente
    Um ditoso pirata,
    Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
    A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome voa,
À sua mesma pátria a fé quebranta,
Na mão a espada toma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá senhores a Roma,
Consegue ser herói por um delito!...
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscrito!

O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os impérios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovoa a terra
Também o mau tirano.
Consiste o ser herói em viver justo:
E tanto pode ser herói o pobre,
Como o maior Augusto.

---

52. Lira XXXVI

Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento,

Ah! não cantes mais, não cantes,
Se me queres ser propício,
Eu te dou em que me faças
Muito maior benefício.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o porto da Estrêla,
Sobe a serra, e, se cansares,
Descansa num tronco dela.

Toma de Minas a estrada,
Na igreja nova que fica
Ao direito lado e segue
Sempre firme a Vila Rica.

Entra nessa grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem um palácio defronte.

Êle tem ao pé da porta
Uma rasgada janela;
E' da sala aonde assiste
A minha Marília bela.

Para bem a conheceres,
Eu te dou os sinais todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições e modos.

O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabelos,
Carnes de neve formadas...

A bôca risonha e breve,
Suas faces côr de rosa,
Numa palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Diz que eu sou que te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mas sem alívio penando.

Marília de Dirceu — vol. II.

SILVA ALVARENGA

MINAS — VILA RICA (OURO PRETO) — 1749
† RIO DE JANEIRO — 1-XI-1814

Manuel Inácio da Silva Alvarenga (*Alcindo Palmireno* na Arcadia), o suavissimo cantor de Glaura, é, pela doçura do seu lirismo, comparável a Gonzaga, o mavioso poeta da Marília.

Formou-se em Cânones na Universidade de Coimbra; em 1777 tornou Silva Alvarenga ao Brasil, e no Rio de Janeiro se

estabeleceu como advogado; por êsse tempo o vice-rei Luiz de Vasconcelos o nomeou professor de retórica e poética: Monte Alverne, S. Carlos e o cônego Januario foram os seus discípulos.

Membro da "Academia Científica", transformada em "Sociedade Literária (1786), dissolvida violentamente esta associação pelo suspeitoso vice-rei Conde de Rezende, foi Silva Alvarenga preso e encerrado, por mais de dois anos, nos cárceres da ilha das Cobras...

Bibliografia — Silva Alvarenga deixou: *O Desertor*, poema heroi-cômico; *As Artes*, poema didático; *Glaura*, poemas eróticos; e mais sonetos, odes, canções, epístolas, etc.

---

53. Glaura dormindo

RONDÓ XXVII

Voai, zéfiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bela está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Mais me elevam sôbre o feno
Suas faces encarnadas,
Do que as rosas orvalhadas
Ao pequeno beija-flôr.

O descanso, a paz contente
Só respiram nestes montes:
Sombras, penhas, troncos, fontes,
Tudo sente um puro ardor.

Voai, zéfiros mimosos;
Vagarosos, com cautela;
Glaura bela está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

O silêncio, que nem ousa
Bocejar e só me escuta,
Mal se move nesta gruta,
E repousa sem rumor.

Leve sono, por piedade,
Ah! derrama em tuas flores
O pesar, a mágoa, as dôres,
E as saudades do pastor!

Voai, zéfiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bela está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Se nos mares aparece
Venus terna e melindrosa,
Glaura, Glaura mais formosa
Lhe escurece o seu valor.

No vestido azul e nobre
E' sem ouro e sem diamante
Qual a filha de Taumante,
Que se cobre de explendor.

Voai, zéfiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bela está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

E' suave o seu agrado
A meus olhos nunca enxutos,
Como são os doces frutos
Ao cansado lavrador.

Mas bem longe da ventura
Às mudanças vivo afeito,
Encontrando no teu peito
Já brandura e já rigor!

Voai, zéfiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bela está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Obras poéticas — **Tomo II — B. L. Garnier — 1864.**

54. Madrigal I

Suave fonte pura,
Que desces murmurando sôbre a areia,
Eu sei que a linda Glaura se recreia
Vendo em ti de seus olhos a ternura;
Ela já te procura;
Ah! como vem formosa e sem desgôsto!
Não lhe pintes o rosto;
Pinta-lhe, ó clara fonte, por piedade,
Meu terno amor, minha infeliz saudade.

GONÇALVES DIAS

(*Bio-bibliografia à pág.* 216)

---

55. Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aquí gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrêlas,
Nossas várzeas têm mais flôres,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sòzinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sòzinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá,
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem que inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Poesias — Tomo I — Laemmert & C., 1896.

56. Seus olhos

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrêlas incertas, que as águas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Têm meiga expressão,
Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta
De noite cantando, — mais doce que a frauta
Quebrando a soidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos, infantes, gentís, engraçados,
Brincando a sorrir.

São meigos, infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travêssos; — causando tormento,
Com beijos nos pagam a dôr de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos,
Às vezes vulcão!

Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquilo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, cismando mil cousas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante
Às vezes do céu
Cai doce harmonia duma harpa celeste,
Um vago desejo; e, a mente se veste
De pranto co' um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da pátria melhor;
Eu amo seus olhos que choram sem causa
Um pranto sem dôr.

Eu amo seus olhos, tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão.

Poesias — Laemmert & C., 1896.

FRANCISCO OTAVIANO

RIO DE JANEIRO — 26-VI-1825
† RIO DE JANEIRO — 28-V-1889

Francisco Otaviano de Almeida Rosa bacharelou-se em direito pela Faculdade jurídica de S. Paulo e exerceu vários car-

gos públicos. Como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Brasil no Prata, negociou o tratado da tríplice aliança contra Lopez, o ditador do Paraguai. Deputado e senador pela provincia do Rio de Janeiro; por vezes recusou a pasta de ministro.

Inspirado poeta, F. Otaviano deixou-nos, além, das poesias originais, excelentes traduções de Byron, Shakespeare, Th. Hood. e outros poetas celebres.

Bibliografia — *Traduções e poesias* de F. Otaviano, publicadas pelo Dr. Amorim Carvalho, Rio de Janeiro, 1881 (só se tiraram 50 exemplares); os *Cantos de Selma* com prefácio de Salvador de Mendonça tip. da "República", 1872. Rio de Janeiro. (Edição de 7 exemplares), e muitas poesias dispersas por jornais, revistas, folhetos e coletâneas. Como jornalista, F. Otaviano redigiu várias folhas e colaborou em muitas.

57. Flor do vale

Ouviste um dia os cânticos do anjo?
Viste em seu rosto da beleza as côres?
E na manhã de doce primavera,
Flor do vale brilhando entre as mais flores?

Então puro era o céu e verde o campo,
E a vida alegremente lhe corria;
Folgava em seu primor de mocidade,
E nos braços de Deus adormecia.

E tão bela e tão casta! Descuidosa
Do futuro em presente tão risonho,
Apenas em su'alma, quasi a furto,
Vaga imagem de amor sorria em sonho.

Tanto mancebo esbelto que a cercava
Com olhares de cândidos amores!
Porém ela, mais pura e mais formosa,
Flor do vale brilhando entre as mais flores.

A brisa da manhã lhe ouvia os cantos
E o eco da campina os repetia!
À tarde, sôbre a relva perfumada,
Cantando novamente adormecida.

E cantava e sorria! — E veio o inverno,
E trouxe suas névoas, seus rigôres;
E acharam-na sem vida e descorada,
Flor do vale, morrendo entre as mais flores!

Quando voltou depois a primavera,
As florinhas e o campo vicejaram;
O vale fez-se verde e o céu sereno,
Mas os cantos do anjo não voltaram!

Eu lhe escutei a vòz harmoniosa,
Eu vi a flôr do vale em seus verdores;
Hoje só ouço o murmurar do vento...
A flor do vale abandonou as flores.

58. Ilusões da vida

Quem passou pela vida em branca nuvem,
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu;
Foi espectro de homem — não foi homem,
Só passou pela vida — não viveu.

JUNQUEIRA FREIRE

BAÍA — 31-XII-1832
† BAÍA — 24-VI-1855

A curta existência de Luiz José Junqueira Freire foi cheia de sofrimentos, dissabores e desenganos; para os seus desgostos íntimos pensou achar remédio fazendo-se frade, mas, não encontrando na vida claustral alívio à dôr que o martirizava, ao fim de 3 anos deixou o mosteiro. No ano seguinte falecia na sua cidade natal o malogrado poeta.

Junqueira Freire é um genuino representante do lirismo brasileiro.

Bibliografia — *Inspirações do claustro, Contradições poéticas, Obras poéticas, Elementos de retórica nacional.*

59. A órfã na costura

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor;
Seu cabêlo era tão louro
Que nem uma fita de ouro
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas
Lhe caíam tão compridas.
Que vinham-lhe os pés beijar;
Quando ouvia as minhas queixas
Em suas áureas madeixas
Ela vinha me embrulhar.

Também quando toda fria
A minha alma estremecia,
Quando ausente estava o sol,
Os cabêlos compridos,
Como fios aquecidos,
Serviam-me de lençol.

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor;
Seus olhos eram suaves
Como o gorjeio das aves,
Sôbre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bela,
— Eu me lembro tanto dela,
De tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

Os meus passos vacilantes
Foram por largos instantes
Ensinados pêlos seus.

Os meus lábios mudos, quedos,
Abertos pelos seus dedos,
Pronunciaram-me — Deus!

Mais tarde quando acordava,
Quando a aurora despontava,
Erguia-me a sua mão;
Falando pela voz dela,
Eu repetia singela
Uma formosa oração.

Minha mãe era mui bela,
— Eu me lembro tanto dela,
De tudo quanto era seu!
Tenho em meu peito guardadas
Suas palavras sagradas,
Co'os risos que ela me deu.

Estes pontos que eu imprimo,
Estas quadrinhas que eu rimo,
Foi ela quem me ensinou;
As vozes que eu pronuncio,
Os cantos que eu balbucio,
Foi ela quem mos formou.

Minha mãe! — diz-me esta vida,
Diz-me também esta lida,
Este retroz, esta lã;
Minha mãe! — diz-me este canto;
Minha mãe! — diz-me este pranto;
Tudo me diz: — Minha mãe!

Minha mãe era mui bela,
— Eu me lembro tanto dela,
De tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

LAURINDO RABELO

(*Bio-bibliografia à pág.* 304)

60. A minha resolução

O que fazes, ó minha alma!
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Si aquele que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Corre o ribeiro suave
Pela terra brandamente,
Si o plano condescendente
Dêle se deixa regar;
Mas, si encontra algum tropeço,
Que o leve curso lhe prive,
Busca logo outro declive,
Vai correr noutro lugar.

Segue o exemplo das águas,
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Si aquele que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Nasce a planta, a planta cresce,
Vai contente vegetando,
Só por onde vai achando
Terra própria a seu viver;

Mas, si acaso a terra estéril
Às raízes lhe é veneno,
Ela vai noutro terreno
As raízes esconder.

Segue o exemplo da planta,
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Si aquele que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato!
Busca outro coração!

Saiba a ingrata que punir
Também sei tamanho agravo!
Si me trata como escravo,
Mostrarei que sou senhor;
Como as águas, como a planta,
Fugirei dessa homicida;
Quero dar a uma alma fida
Minha vida e meu amor.

Obras poéticas — B. L. Garnier. 1876.

ÁLVARES DE AZEVEDO

(*Bio-bibliografia à pág.* 285)

---

61. Si eu morresse amanhã

Si eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria,
Si eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas corôas,
Si eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Si eu morresse amanhã!

Mas essa dôr da vida que devora,
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dôr no peito emudecera ao menos,
Si eu morresse amanhã!...

TEIXEIRA DE MELO

ESTADO DO RIO — CAMPOS — 28-VIII-1833
† RIO DE JANEIRO — 10-IV-1908

O Dr. José Alexandre Teixeira de Melo doutorou-se em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro e nomeado, em 1876, chefe de secção de manuscritos da Biblioteca Nacional, dirigiu depois êsse importante estabelecimento.

Poeta lírico e historiador. Como poeta, Sílvio Romero o sobrepõe a Casimiro de Abreu, seu contemporâneo e amigo.

Teixeira de Melo foi da Academia Brasileira (cadeira Casimiro de Abreu) e do Instituto Histórico.

Bibliografia — *Sombras e Sonhos* e *Miosotis*, poesias; *Efemérides Nacionais*, *Limites do Brasil com a Confederação Argentina*, memória; *Campos dos Goitacazes*, etc.

---

62. Ignotæ Deæ

Quando eu dormir à sombra do salgueiro
Que em minha cova arrebentar por si,
Tu, que nem sabes por meus frios cantos,
O que sou, o que fui e o que sofrí;

Sôbre o meu nome, pobre grão de areia
Que uma criança arremessou ao mar,
Deixa uma gota, a única de pranto,
Sôbre o meu nome lenta escorregar;

Como uma per'la que gentil princesa
Dos seus cabelos desprendesse rindo,
E aos pés lançasse de voraz mendigo,
Que em seu caminho adormeceu pedindo.

Ai! Tu não sabes como o leito é gélido
Aos que no seio as ilusões secaram!
Ai! tu não sabes como é quente o túmulo
Aos que entre os vivos como um som passaram.

Eu, que por flôres suspirei da terra,
Que não dormí por tanta flor do céu.
Que descorei por tanto ôlhar de fogo,
Coado a furto do zeloso véu;

Que mergulhei em tanto mar de amores,
E me enxuguei a tanto sol de outono,
Que vejo o mundo ao pé de mim e durmo...
Despertarei do meu pesado sono.

E, quando o mar por alta noite estenda
Lençóis de espuma em que se deite a lua,
"Aerolito" que incendeia o espaço,
Virei banhar de luz a fronte tua.

E, quando um dia a tempestade as asas
Por sôbre o azul de teu viver abrir,
Eu, da tormenta asserenando o grito,
Virei ao pé do teu dormir — dormir.

CASIMIRO DE ABREU

ESTADO DO RIO — BARRA DE S. JOÃO — 4-I-1837
† NOVA FRIBURGO — 18-X-1860

Casimiro José Marques de Abreu, o mais popular, sem dúvida, dos poetas brasileiros, e um dos mais notáveis líricos da segunda geração romântica, é o poeta do amor e da saudade.

O pai o destinara à carreira comercial, para a qual, entretanto, não sentia a menor vocação. Mandado para Portugal, dalí voltou quatro anos depois, então já minado o frágil organismo pela pertinaz doença que o devia levar em pouco ao túmulo; o poeta pôde ainda *ouvir, na laranjeira, à tarde, cantar o sabiá.*

Primaveras, versos publicados em 1850, é sua principal obra.

---

63. Jurití

Na minha terra, no bolir do mato.
    A jurití suspira;
E como o arrulho dos gentís amores,
São os meus cantos de secretas dores
    No chorar da lira.

De tarde a pomba vem gemer sentida
    À beira do caminho;
— Talvez perdida na floresta ingente —
A triste geme nessa voz plangente
    Saudades de seu ninho.

Sou como a pomba, e como as vozes dela
    E' triste o meu cantar;
— Flôr dos trópicos — cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
    Saudades do meu lar.

A jurití suspira sôbre as folhas sêcas
    Seu canto de saudade;
Hino de angústia, férvido lamento,
Um poema de amor e sentimento,
    Um grito de orfandade!

Depois... o caçador chega cantando,
À pomba faz o tiro...
A bala acerta, e éla cai de bruços
E a voz lhe morre nos gentís soluços,
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-á comsigo;
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sòzinho, a voz desfalecida,
Dormir no meu jazigo.

E — morta a pomba nunca mais suspira
À beira do caminho; —
E, como a jurití, longe dos lares,
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho!

64. Deus

Eu me lembro! eu me lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia,
E, erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca escuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe nesse momento:
"— Que dura orquestra! Que furor insano!
Que pode haver maior da que o oceano
Ou que seja mais forte do que o vento?"

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céus
E respondeu: "— Um Ser, que nós não vemos,
E' maior do que o mar, que nós tememos,
Mais forte que o tufão! Meu filho, é — Deus!"

65. No Jardim

"Tête sacrée! enfant
aux cheveux blonds!"

V. Hugo.

Ela estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo — o anjo louro,
E passando as mãozinhas no meu rosto
Sacudia rindo os seus cabelos de ouro.

E eu, fitando-a abençoava a vida!
Feliz sorvia neste olhar suave
Todo o perfume dessa flôr da infância,
Ouvia alegre o gazear dessa ave!

Depois, a borboleta da campina.
Toda azul — como os olhos grandes dela —
A doudejar gentil passou bem junto,
E beijou-lhe da face a rosa bela.

— "Oh! como é linda! disse o louro anjinho,
No doce acento da virgínia fala —
Mamãe me ralha si eu ficar cansada,
Mas — dizia a correr — hei-de apanhá-la".

Eu seguí-a, chamando-a, e ela rindo
Mais corria gentil por entre as flôres,
E a flôr dos ares, abaixando o vôo,
Mostrava as asas de brilhantes côres.

Iam, vinham, à roda das acácias,
Brincavam no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia: — "Que doidinhas!
Meu Deus! Meu Deus! são duas borboletas!...

CASTRO ALVES

BAÍA — 14-III-1847
† BAÍA — 6-VI-1871

Antônio de Castro Alves estudou preparatórios no Ginásio Baiano e matriculou-se em 1864 na Faculdade de Direito do Recife, tendo se passado em 1868 para a de S. Paulo; mas não logrou concluir o curso jurídico, porque, em Novembro do mesmo ano, tendo-se ferido desastrosamente num pé, quando caçava, foi preciso amputar-se-lho, sobrevindo, pouco depois a doença pulmonar, de que veio a falecer na capital da Baía, em 6 de Julho de 1871.

Castro Alves, um dos criadores da chamada escola condoreira, é o cantor épico dos escravos e o brilhante lírico que tamanha influência exerceu entre os moços do seu tempo. Castro Alves, em quem tão poderosamente influiu Vitor Hugo, como o têm constatado os críticos, é o nosso poeta social: liberal, abolicionista (quando ainda nenhum partido havia hasteado a bandeira da abolição) e republicano.

Castro Alves é, ainda hoje, um dos poucos poetas populares do Brasil: é talvez o poeta mais publicado do Brasil; o que é, de certo, a realização da profecia de Alencar em carta a Machado de Assiz, apresentando o poeta, em 1868.

Bibliografia — *Espumas Flutuantes,* poesia, Baía 1870; *Gonzaga, ou a Revolução de Minas,* drama, Baía, 1870; *A cachoeira de Paulo Afonso,* poema, Baía, 1876; *Manuscritos de Stênio,* Baía, 1876; *Obras completas,* edição do cincoentenário da morte do poeta, comentada, anotada e contendo numerosos inéditos, por Afrânio Peixoto (2 vols. — Livraria Francisco Alves — 1921).

---

66. A duas flores

São duas flôres unidas,
São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol,
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gota de orvalho,
Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as penas
Das duas asas pequenas
De um passarinho do céu...
Como um casal de rolinhas,
Como a tríbu de andorinhas,
Da tarde no frouxo véu.

Unidas, bem como os prantos,
Que em parêlha descem tantos
Das profundezas do olhar...
Como o suspiro e o desgôsto,
Como as covinhas do rosto.
Como as estrêlas do mar.

Unidas... Ai! quem pudera
Numa eterna primavera
Viver, qual vive esta flôr:
Juntar as rosas da vida
Na rama verde e florida,
Na verde rama do amor!

Espumas Flutuantes — Garnier, 1913.

MÚCIO TEIXEIRA

RIO GRANDE DO SUL — PORTO ALEGRE — 13-IX-1858

Múcio Teixeira é um dos nossos melhores poetas; e si por certas composições parece filiar-se à chamada escola condoreira constatamos nos seus versos, bem nítida e clara, a nota lírica. Algumas de suas poesias têm sido traduzidas em francês, italiano, inglês e castelhano.

Múcio Scoevola Lopes Teixeira foi membro de diversas instituições literárias e científicas, nacionais e estrangeiras.

Bibliografia — *Vozes trêmulas,* versos dos quinze anos, *Violetas, Sombras e Clarões, Novos Ideais, Cérebro e Coração, Fausto e Margarida,* poema dramático, *Prismas e Vibrações, Poesias e Poemas, Campo Santo,* poesias; *O imperador visto de perto,* além de traduções, peças de teatro, poesias avulsas e artigos em jornais e revistas.

---

67. As mães

O' Mães! Da Mãe de Deus vós despertais lembranças
Nessa augusta missão, tão cheia de poesia;
Quando embalais ao colo as tímidas crianças,
Eu penso ver Jesús nos braços de Maria!

Vós sois uns anjos bons! de amor e de piedade
Tendes um ninho em flôr nos seios virtuosos;
Nos filhos refletís a vossa felicidade,
Como um límpido espêlho os corpos luminosos.

Vós sois a inspiração primeira dos poetas,
Vós sois o pensamento extremo dos doentes...
Quem antes osculou a fronte dos profetas,
Vindo a cerrar mais tarde os olhos dos videntes?

O' Mães! Da minha Mãe vós me trazeis lembranças...
Encheis-me de saudade!... Eu amo-vos por isto...
Quando embalais cantando, aos seios, as crianças,
Eu sonho ver Maria acalentando o Cristo!...

Meu Deus! não sei dizer que há de mais ungido
Do bálsamo do céu... si há mais sublime coisa
Que a mãe que embala ao berço o filho adormecido,
Ou si o filho que reza ante a materna lousa!

Dos *Novos Ideais*.

FONTOURA XAVIER

RIO GRANDE DO SUL — 7-VI-1858

Antônio de Fontoura Xavier cursou a Escola Central e a Faculdade de Direito de São Paulo.

Foi consul em Baltimore, Genebra, Buenos Aires e Nova York. Passando da carreira consular para a diplomática, foi nosso ministro em Guatemala e Portugal.

Caracteriza principalmente êste poeta o fundo filosófico-

social da maior parte das suas poesias; Fontoura Xaxier é um poeta original, mas sem a menor preocupação de parecê-lo.

Bibliografia — *Opalas*, Carlos Pinto & Cia., Pelotas, 1884; — *O Régio Saltimbanco*, poemeto, 1867. Fontoura Xavier publicou formosos versos, alguns dos quais são bem feitas traduções de poetas ingleses, americanos, franceses, espanhois, etc.

---

68. Paráfrases

Sondai a terra... no seu ventre aflito
Revolvei-lhe o recôndito tesouro;
E, envôlto nas agruras do granito,
Encontrarei o ouro...

Sondai o mar... no seu profundo arcano
Agita-se a tremer a vaga quérula;
E fundo, bem no fundo do oceano,
Encontrareis a pérola...

Sondai o céu... a noite o sobreleva
De treva espessa, que não há rompê-la;
E fundo, bem no fundo dessa treva,
Encontrareis a estrêla...

Sondai o coração... no paroxismo
Ou no transporte entrai, mergulhador!
E á tona ou bem no fundo desse abismo
Encontrareis a Dôr...

---

69. Ambições

Pobres... num só colchão podem caber uns três;
Mas o maior império é pouco p'ra dois reis...

RAIMUNDO CORREIA

(*Bio-bibliografia à pág.* 311)

---

70. Três estâncias

I

Interrogastes o lírio imaculado
Na lêda estância, na vernal sazão;
Interrogaste o lírio imaculado
E respondeu-te o infante, louro irmão
Dos querubins, no limiar sentado
Da existência, a sorrir — lírio em botão,

II

Interrogaste a flôr da laranjeira,
Entre corimbos, na sazão do amor;
Interrogaste a flôr da laranjeira,
E respondeu-te a virgem, sob o alvor
Da gaze, "eu amo" a segredar fagueira,
Noiva, a cingir da laranjeira a flôr.

III

Hoje interrogas o cipreste esguio,
Hoje, que em tôrno tudo é morto já;
Hoje interrogas o cipreste esguio,
Que junto às campas, de atalaia está:
As derradeiras folhas tombam, frio
Soluça o vento...
    — Quem responderá?!

Poesias — Edição Portuguesa — 1906.

VICENTE DE CARVALHO

(*Bio-bibliografia à pág.* 322)

---

71. Cair das folhas

"Deixa-me, fonte!" Dizia
A flôr tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flôr.

"Deixa-me, deixa-me, fonte",
Dizia a flôr a chorar:
"Eu fui nascida no monte...
Não me leves para o mar".

E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sôbre a areia corria,
Corria levando a flôr.

"Ai! balanços do meu galho,
Balanços do berço meu;
Ai! claras gôtas de orvalho
Caídas do azul do céu!"

Chorava a flôr, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte sonora e fria,
Rolava, levando a flôr.

"Adeus, sombra das ramadas
Cantigas do rouxinol!
Ai! festa das madrugadas,
Doçuras do pôr do sol!"

"Carícias das brisas leves
Que abrem rasgões de luar...
Fonte, fonte, não me leves,
Não me leves para o mar!..."

As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flôr...

Poemas e Canções — S. Paulo. 1908.

OLAVO BILAC

(*Bio-bibliografia à pág.* 53)

---

72. A avó

A avó, que tem oitenta anos,
Está tão fraca e velhinha!...
Teve tantos desenganos!
Ficou branquinha, branquinha,
Com os desgostos humanos.

Hoje, na sua cadeira,
Repousa, pálida e fria,
Depois de tanta canseira:
E cochila todo o dia,
E cochila a noite inteira.

Às vezes, porém, o bando
Dos netos invade a sala...
Entram rindo e papagueando:
Este briga, aquele fala,
Aquele dansa, pulando...

A velha acorda sorrindo,
E a alegria a transfigura;
Seu rosto fica mais lindo,
Vendo tanta travessura,
E tanto barulho ouvindo.

Chama os netos adorados,
Beija-os, e, tremulamente,
Passa os dedos engelhados,
Lentamente, lentamente,
Por seus cabelos dourados.

Fica mais moça, e palpita,
E recupera a memória,
Quando um dos netinhos grita:
"O' vóvó! conte uma história!
Conte uma história bonita!"

Então, com frases pausadas,
Conta histórias de quimeras,
Em que há palácios de fadas,
E feiticeiras, e feras,
E princesas encantadas...

E os netinhos estremecem,
Os contos acompanhando,
E as travessuras esquecem,
— Até que, a fronte inclinando
Sôbre o seu colo, adormecem...

Poesias infantis — Francisco Alves & C.

LUIZ MURAT

ESTADO DO RIO — ITAGUAÍ — 4-V-1861
† DISTRITO FEDERAL — 3-VII-1929

Luiz Barreto Murat nasceu a 4 de Maio de 1861 e formou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1883. Secretário do govêrno do seu Estado na primeira administração republicana (Portela), fez parte da Constituinte e foi deputado geral.

O lírico fluminense, desde a publicação das suas primeiras *Ondas,* foi conceituado um dos melhores poetas parnasianos brasileiros.

Pertenceu à Academia Brasileira, cadeira Adelino Fontoura.

Bibliografia — *Ondas* (I), *Ondas* (II), *Sára* (poema), *Ondas* (III), *Ritmos e Idéias,* etc.

Luiz Murat colaborou assiduamente em diversos jornais e nas revistas literárias.

---

73. Súplica

Guarda em teu seio impoluto,
Guarda no altar de teu sonho,
A minha imagem de luto
No seu sepulcro tristonho.

A vaga levou, querida,
A endeixa que te embalava,
Desfolhou-se a minha vida
Quando a manhã despontava.

Agora, sòzinho, vago,
Como um navio sem norte,
E, sem saber como, trago
À prôa a estátua da morte.

Tu me encadeias aos ventos,
Tu me abandonas às águas,
Não te movem meus lamentos,
Não te abrandam minhas mágoas.

Da antiga felicidade
Que resta, para que eu viva?!
Uma larva de saudade
Que do amor se fez cativa.

Está deserto o meu ninho,
Não tem flôres o meu vaso.
Como um espectro caminho
Nas sombras do meu Ocaso.

Viajor sem esperança
E que não tem pouso certo,
Minh'alma, louca, se lança
Por êste espaço deserto.

Deixa que eu viva cantando,
Deixa que eu morra sentindo
A dôr de te ver gozando,
A dôr de te ver sorrindo.

Que importa cair na estrada,
E morrer, si assim o ordenas?
Minha sorte está cansada
De carregar tantas penas.

Guarda em teu seio impoluto,
Guarda no altar de seu sonho,
A minha imagem de luto
No seu sepulcro tristonho.

F. DE PAULA MONTEIRO DE BARROS

RIO DE JANEIRO — 12-II-1871
† RIO DE JANEIRO — 3-X-1915

Bacharel em letras pelo Colégio Pedro II e em ciências jurídicas e sociais, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Francisco de Paula fez ambos os cursos com brilhantismo. Seguiu a magistratura e exerceu a advocacia.

Poeta lírico de larga espontaneidade, o verso fluía-lhe cheio de inspiração e afinado pelo diapasão mais doce. Temperamento fiel à estética finalista de Bocage, além de grande lírico foi também poeta satírico como Elmano.

Bibliografia — *Vozes Intimas* e *Poema da Dôr*, 1890. Deixou inéditos mais três volumes de versos: *Iris*, *Decadentes* e *Coração*. Colaborou em diversos jornais.

---

74. Igualdade ilusória

A primavera é uma estação florida,
Cheia de imenso, divinal fulgor;
De flôres enche o coração da vida,
E enche de vida o coração da flôr.

A mocidade é uma estação ditosa,
Cheia de risos, de ideal prazer;
E as almas sentem um viver de rosa,
Na mocidade, a rosa do viver.

Na primavera, há profusão de côres;
As flôres brotam no rochedo bruto
Depois... o fruto que há de vir das flôres,
E as novas flôres que hão de vir do fruto.

Na mocidade, há melopéias calmas;
Tremem dos lábios os vermelhos frisos;
Os risos cantam no brotar das almas,
Cantam as almas no brotar dos risos.

Ambas se adornam de um viver risonho,
Iguais parecem — ambas são de amor
Si a mocidade faz nascer o sonho,
A primavera faz nascer a flôr.

Iguais parecem quando a vida as solta,
E no entretanto, elas não são iguais:
A primavera passa e depois volta,
E a mocidade não nos volta mais.

MÁRIO DE ALENCAR

RIO DE JANEIRO — 30-I-1872
† RIO DE JANEIRO — 8-XII-1925

Poeta distinto que se revelou aos dezeseis anos, Mário de Alencar tem "um lugar não somenos e, o que êle talvez mais preze, como quer que seja, à parte, entre os nossos poetas atuais, da nova ou velha geração, parnasianos ou simbolistas" — escreveu José Veríssimo (Estudos de Literatura Brasileira, 5.ª série). Mário de Alencar é um escritor que "tem e preza o gôsto das letras e a seriedade no cultivo delas".

Bibliografia — *Lágrimas, Versos, Alguns escritos, Si eu fosse político... Dicionário de rimas portuguesas,* etc.

Mário de Alencar escreveu na imprensa diaria e em revistas literárias e foi bibliotecário da Câmara dos Deputados.

---

75. Marinha

Sopra o terreal. A noite é calma e faz luar.
Intercadente
Sôa na praia mansamente
A voz do mar.

Os homens dormem: dorme a terra, e no ar sereno
Nenhum ruído
Perturba o encanto recolhido
Do luar pleno.

No azul profundo a lua branca pelo céu
Sem nuvens vaga
E cobre o mar, vaga por vaga
De um branco véu.

Longe, à mercê da branda aragem, vai passando
Tarda falua;
Nas pandas velas bate a lua
De quando em quando.

Sôbre a falúa alguém, de amor talvez, lá vai
Cantando, e o vento
Traz para a terra o sonolento
Som que se esvai;

Som que se esvai no espaço e ao qual o rumor d'água
Como um gemido,
Faz o estribilho indefinido
De inquieta mágoa.

Algum marujo vai talvez do coração
As brandas queixas
Dizendo assim nessas endeixas
À viração.

Enquanto lá no azul profundo em que flutua,
Indiferente
À terra, ao mar, à humana gente,
Abre-se a lua.

POESIA POPULAR

76. Quadras

Muito vence quem se vence,
Muito diz quem não diz tudo:
Pois a um discreto pertence
A tempo tornar-se mudo.

Sobrancelhas como as tuas
Não é possível havê-las:
São laços de fita preta
Que prendem duas estrêlas.

De muita gente que existe
E que julgamos ditosa,
Toda a ventura consiste,
Em parecer venturosa.

As rosas é que são belas,
Os espinhos é que picam;
Mas são as rosas que caem,
São os espinhos que ficam...

Ninguém deve neste mundo
De alheias desgraças rir...
Quando o céu troveja, o raio
Não faz ponto onde cair.

Sofre, si tens de sofrer,
Corre os maiores perigos:
— Tuas crenças não renegues,
Não renegues teus amigos.

Até nos flôres se encontra
A diferença da sorte!
Umas enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte

Mente quem diz nesta vida
Muitos males ter sofrido;
Só de um mal a gente sofre:
E' do mal de ter nascido...

III. CÂNTICOS -- HINOS

GONÇALVES DIAS

(*Bio-bibliografia à pág.* 216)

77. O canto do guerreiro

I

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
— Ouví-me guerreiros,
— Ouví meu cantar!

II

Valente na guerra
Quem há como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
— Guerreiros, ouví-me:
— Quem há como eu sou?

III

Quem guia nos ares
A flecha implumada,
Ferindo uma prêsa,
Com tanta certeza,
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
— Guerreiros, ouví-me,
— Ouví meu cantar!

IV

Quem tantos imigos
Em guerras preou?
Quem canta seus feitos
Com mais energia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
— Guerreiros, ouví-me:
— Quem há como eu sou?

V

Na caça ou na lide,
Quem há que me afronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O imigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no céu.
— Quem há mais valente,
— Mais dextro do que eu?

VI

Si as matas estrujo
Co'os sons do boré,
Mil arcos se encurvam,
Mil setas lá voam,
Mil gritos reboam,
Mil homens de pé
Eis surgem, respondem

Aos sons do boré!
— Quem é mais valente,
— Mais forte, quem é?

VII

Lá vão pelas matas
Não fazem ruído;
O vento gemendo,
E as matas tremendo
E o triste carpido
De uma ave a cantar.
São êles — guerreiros,
Que faço avançar.

VIII

E o piaga se ruge
No seu maracá,
A morte lá paira
Nos ares frechados;
Os campos juncados
De mortos são já:
Mil homens viveram,
Mil homens são lá.

IX

E então, se de novo
Eu toco o boré;
Qual fonte que salta
De rocha empinada,
Que vai marulhosa,
Fremente e queixosa,
Que a raiva apagada
De todo não é;
Tal êles se escôam
Aos sons do boré.
— Guerreiros, dizei-me:
— Tão forte quem é?

Poesias Americanas — *Poesias* — Tomo I. — Laemmert & C., 1896.

GONÇALVES DE MAGALHÃES

(*Bio-bibliografia à pág.* 289)

---

78. Hino dos bravos

Brasileiros, às armas corramos,
Que hoje a Pátria afrontada nos chama;
Não ouvís êsses ecos terríveis?
E' a voz do canhão que rebrama!
Impia gente, de sangue sedenta,
Contra nós arrogante se ostenta!

Eia, às armas, e à Pátria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Defendendo êsse sólo sagrado,
Agredido por hordas de escravos,
Corajosos à luta corramos,
Que homens somos, e livres, e bravos.
Tremam êles ao ver-nos unidos,
A vencer ou morrer decididos.

Eia, às armas, e à Pátria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Nossos pais, nossas mães, nossa Pátria
'Stão vingança, vingança bradando;
Que salvemos a honra ultrajada,
Do inimigo a insolência domando.
Pois que louco chamou-nos à guerra,
Com seu sangue lavemos a terra.

Eia, às armas, e à Pátria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Um só grito, que atroa espantoso,
Pelo imenso Brasil se dilata;
E da terra se elevam guerreiros,
Do longínquo Amazonas ao Prata.
Todos querem, correndo à vitória,
Colher louros no campo da glória.

Eia, às armas, e à Pátria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

OSÓRIO DUQUE-ESTRADA

ESTADO DO RIO — PATÍ DO ALFERES — 1870
† RIO DE JANEIRO — 5-II-1927

Joaquim Osório Duque Estrada bacharelou-se em letras no Colégio Pedro II. Foi secretário de legação no Paraguai, em 1892. Exerceu o cargo, por concurso, de "Inspetor de Ensino" no Estado do Rio e lecionou no Ginásio Fluminense; foi professor da Escola Normal do Rio de Janeiro.

Pertencia à Academia Brasileira de Letras.

Osorio Duque estrada escreveu em quasi todos os jornais fluminenses; redigiu a secção de crítica literária d'O Imparcial e "Jornal do Brasil." E' autor da letra oficial do hino nacional.

Bibliografia — *Alvéolos*, versos, *Questões de Português, Noções elementares de Gramática Portuguesa, Flora de Maio*, versos, *Leituras Militares; A arte de fazer versos, Luiz Delfino*, conferência, *A abolição—Noções de História do Brasil*, 1918, etc.

---

79. Hino Nacional (1)

I.

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

---

(1) Música de Francisco Manuel

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso feito a própria morte!

O' Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece!

Gigante pêla própria natureza,
E's belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espalha essa grandeza:

Terra adorada,
Entre outras mil,
E's tu, Brasil,
O' Pátria amada!

Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo
Fulguras, ó Brasil florão da América,
Iluminado ao sol do novo mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos lindos campos têm mais flôres,
"Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida no teu seio mais amores".

O' Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro dessa flâmula:
— "Paz no futuro e glória no passado" —

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
E's tu, Brasil,
O' Pátria amada!

Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

(*Bio-bibliografia à pág.* 63)

---

80. Hino à proclamação da República (1)

Seja um pálio de luz desdobrado
Sob a larga amplidão destes céus
Este canto rebel, que o passado
Vem remir dos mais torpes labeus!
Seja um hino de glória que fale
De esperança de um novo porvir!
Com visões de triunfo embale
Quem por êle lutando surgir!

---

(1) — Música do maestro Leopoldo Miguez.

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sôbre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!

Nós nem cremos que escravos outrora
Tenha havido em tão nobre país,
Hoje o rubro lampêjo da aurora
Acha irmãos, não tiranos hostís.
Somos todos iguais! Ao futuro
Saberemos, unidos, levar
Nosso augusto estandarte, que, puro,
Brilha, ovante, da Pátria no altar!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sôbre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!

Si é mister que de peitos valentes
Haja sangue no nosso pendão
Sangue vivo do herói Tiradentes
Batizou este audaz pavilhão!
Mensageiros de paz, paz queremos;
E' de amor nossa fôrça e poder,
Mas da guerra nos transes supremos
Heis de ver-nos lutar e vencer!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sôbre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!

Do Ipiranga é preciso que o brado
Seja um grito soberbo de fé!
O Brasil já surgiu libertado
Sôbre as púrpuras régias de pé:
Eia, pois, brasileiros, avante!
Verdes louros colhamos louçãos!
Seja o nosso país triunfante,
Livre terra de livres irmãos!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sôbre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!

OLAVO BILAC

(*Bio-bibliografia à pág.* 53)

81. Hino à bandeira nacional [1]

Salve, lindo pendão da esperança!
Salve, símbolo augusto da paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas,
O esplendor do Cruzeiro do Sul...

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Contemplando o teu vulto sagrado,
Compreendemos o nosso dever:
E o Brasil por seus filhos amado,
Poderoso e feliz há de ser!

(1) — Música do maestro Francisco Braga.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Sôbre a imensa nação brasileira,
Nos momentos de festa ou de dôr,
Paira sempre, sagrada bandeira,
Pavilhão da justiça e do amor!

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Poesias Infantis — **Francisco Alves & C.**

IV. ELEGIAS

FAGUNDES VARELA

ESTADO DO RIO — RIO CLARO — 17-VIII-1841
† ESTADO DO RIO — RIO CLARO — 18-II-1875

Luiz Nicolau Fagundes Varela era um temperamento de boêmio, irrequieto, quasi nômade.

Sílvio Romero considera-o "um poeta de grande mérito e uma singular figura digna de reverência e atenções"; é um dos nossos primeiros líricos, distinguindo-se pelo seu amor à natureza, pela melodia dos seus versos, pela abundância e riqueza das imagens.

Bibliografia — *Noturnas, Pendão Auri-verde, Vozes da América, Cantos e fantasias, Cantos meridionais. Cantos do êrmo da cidade, Anchieta ou o Evangelho nas selvas.* Deixou numerosos inéditos.

82. Cântico do Calvário

Eras na vida a pomba predileta
Que sôbre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança!... eras a estrêla
Que entre as névoas do inverno cintilava,
Apontando o caminho ao pegureiro!...
Eras a messe de um dourado estio!...
Eras o idílio de um amor sublime!....

Eras a glória, a inspiração, a pátria,
O porvir de teu pai!... Ah! no entanto,
Pomba — varou-te a flexa do destino !
Astro — enguliu-te o temporal do norte!
Teto — caíste! Crença — já não vives!
Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,
Legado acêrbo da ventura extinta,
Dúbios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! um dia vos verei mais belas
Que os diamantes de Ofir e de Golgonda,
Fulgurar na coroa de martírios
Que me circunda a fronte cismadora!
São mortos para mim da noite os fachos
Mas Deus vos faz brilhar, lágrimas santas,
E à vossa luz caminharei nos êrmos!
Estrêlas do sofrer, gôtas de mágoa,
Brando orvalho do céu! sêde benditas!
Oh! filho de minh'alma! Última rosa
Que neste sólo ingrato vicejava!
Minha esperança amargamente doce!
Quando as garças vierem do ocidente,
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embalarei sôbre os joêlhos,
Nem de teus olhos no cerúleo brilho
Acharei um consôlo a meus tormentos!
Não mais invocarei a musa errante
Nesses retiros onde cada folha
Era um polido espêlho de esmeralda
Que refletia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se foram!
Não mais perdido em vaporosas cismas
Escutarei ao pôr do sol, nas serras,
Vibrar a trompa sonorosa e leda
Do caçador que aos lares se recolhe!
Não mais! A areia tem corrido, e o livro
De minha infanda história está completo!
Pouco tenho de andar! Um passo ainda,
E o fruto de meus dias, negro, pôdre,
Do galho eivado rolará por terra!
Ainda um treno! e o vendaval sem freio

Ao soprar quebrará a última fibra
Da lira infausta que nas mãos sustenho!
Tornei-me o éco das tristezas todas
Que entre os homens achei! o lago escuro
Onde, ao clarão dos fogos da tormenta,
Miram-se as larvas fúnebres do estrago!
Por toda parte em que arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias!...
Oh! quantas horas não gastei, sentado
Sôbre as costas bravias do oceano,
Esperando que a vida se esvaísse
Como um floco de espuma, ou como o friso
Que deixa n'água o lenho do barqueiro!
Quantos momentos de loucura e febre
Não consumí perdido nos desertos
Escutando os rumores das florestas,
E procurando nessas vozes torvas
Distinguir o meu cântico de morte!
Quantas noites de angustias e delírios
Não velei, entre as sombras espreitando
A passagem veloz do gênio horrendo
Que o mundo abate ao galopar infrene
Do selvagem corcel!... e tudo embalde!
A vida parecia ardente e douda
Agarrar-se a meu ser!... E tu, tão joven,
Tão puro ainda, ainda na alvorada,
Ave banhada em mares de esperança,
Rosa em botão, crisálida entre luzes,
Fostes colhido na tremenda ceifa!

Ah! quando a vez primeira em meus cabelos
Sentí bater teu hálito suave;
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo
Pulsar-te o coração, divino ainda;
Quando fitei teus olhos sossegados,
Abismos de inocência e de candura,
E baixo e a medo murmurei: meu filho!
Meu filho! frase imensa, inexplicável,
Grata como o chorar de Madalena
Aos pés do Redentor... ah! pelas fibras
Sentí rugir o vento incendiado

Dêsse amor infinito que eterniza
O consórcio dos orbes que se enredam
Dos mistérios do ser na teia augusta,
Que prende o céu à terra e a terra aos anjos!
Que se expande em torrentes inefáveis
Do seio imaculado de Maria!
Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!
E de meu êrro a punição cruenta
Na mesma glória que elevou-me aos astros,
Chorando aos pés da cruz, hoje padeço!
O som da orquestra, o retumbar dos bronzes
A voz mentida de rafeiros bardos,
Tôrpe alegria que circunda os berços,
Quando a opulência doura-lhes as bordas,
Não te saudaram no sorrir primeiro,
Clicia mimosa rebentada à sombra!
Mas ah! se pompas e esplendor faltaram-te,
Tiveste mais que os príncipes da terra
Templos, altares de afeições sem termos,
Mundos de sentimento e de magia,
Cantos ditados pelo próprio Deus!
Oh! quantos reis, que a humanidade aviltam
E o gênio esmagam dos soberbos tronos,
Trocariam a púrpura romana
Por um verso, uma nota, um som apenas
Dos fecundos poemas que inspirastes!

Que belos sonhos! que ilusões benditas
Do cantor infeliz lançaste à vida,
Arco-iris de amor! luz da aliança,
Calma e fulgente em meio da tormenta!
Do exílio escuro a cítara chorosa
Surgiu de novo e às virações errantes
Lançou dilúvios de harmonia. O gôzo
Ao pranto sucedeu; as férreas horas
Em desejos alados se mudaram...
Noites fugiam, madrugadas vinham,
Mas sepultado num prazer profundo,
Não te deixava o berço descuidoso,
Nem de teu rosto meu olhar tirava
Nem de outros sonhos que dos teus vivia!

Como eras lindo! Nas rosadas faces
Tinhas ainda o tépido vestígio
Dos beijos divinais! Nos olhos langues
Brilhava o brando raio, que acendera
A bênção do Senhor, quando o deixaste!
Sôbre o teu corpo a chusma dos anjinhos,
Filhos do éter e da luz, voavam,
Riam-se alegres das caçoilas níveas
Celeste aroma te vertendo ao corpo!
Eu dizia comigo: — Teu destino
Será mais belo que o cantar das fadas
Que dansam no arrebol, mais triunfante
Que o sol nascente, derribando ao nada
Muralhas de negrume! Irás tão alto
Como o pássaro-rei do Novo Mundo!
Ah! doudo sonho!... Uma estação passou-se,
E tantas glórias tão risonhos planos
Desfizeram-se em pó! O gênio escuro
Abrasou com seu facho ensanguentado
Meus soberbos castelos. A desgraça
Sentou-se em meu solar, e a soberana
Dos sinistros impérios de além-mundo
Com seu dedo real selou-te a fronte!
Inda te vejo pelas noites minhas,
Em meus dias sem luz vejo-te ainda,
Creio-te vivo, e morto te pranteio!...
Ouço o tanger monótono dos sinos,
E cada vibração contar parece
As ilusões que murcham-se contigo!
Escuto em meio de confusas vozes,
Cheias de frases puerís, estultas,
O linho mortuário que retalham
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas
Saudades e perpétuas, sinto o aroma
Do incenso das igrejas, ouço os cantos
Dos ministros de Deus, que me repetem
Que não és mais da terra!... E choro embalde!

Mas não! Tu dormes no infinito seio
Do Criador dos seres! Tu me falas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,

Talvez das ondas no respiro flébil!
Tu me contemplas lá do céu, quem sabe?
No vulto solitário de uma estrêla...
E são teus raios que meu estro aquecem!
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!
Brilha e fulgura no azulado manto,
Mas não te arrojes, lágrima da noite,
Nas ondas nebulosas do ocidente!
Brilha e fulgura! Quando a morte fria
Sôbre mim sacudir o pó das asas,
Escada de Jacó serão teus raios
Por onde asinha subirá minh'alma.

Cantos e Fantasias — Obras completas — Garnier.

MACHADO DE ASSIZ

(*Bio-bibliografia à pág.* 24)

---

83. A morte de Gonçalves Dias

"Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!
A grande águia o levou como invejosa.
Nenhum pé trilhará seu derradeiro
Fúnebre leito: êle repousa eterno
Em sítio onde nem olhos de valentes,
Nem mãos de virgem poderão tocar-lhe
Os frios restos. Sabiá da praia
De longe o chamará saudoso e meigo,
Sem que êle venha-lhe repetir-lhe o canto.
"Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

Ele houvera do Ibaque o dom supremo
De modular nas vozes a ternura,
A cólera, o valor, tristeza e mágoa,

E repetir aos namorados ecos
Quanto vive e reluz no pensamento.
Sôbre a margem das águas escondidas,
Virgem nenhuma suspirou mais terna,
Nem mais valida a voz ergueu na taba,
Suas nobres ações cantando aos ventos
O guerreiro tamoio. Doce e forte,
Brotava-lhe do peito a alma divina.
"Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

"Coema, a doce amada de Itajuba,
"Coema não morreu; a folha agreste
Pode em armas ornar-lhe a sepultura,
E triste o vento suspirar-lhe em tôrno;
Ela perdura, a virgem dos Timbiras,
Ela vive entre nós. Airosa e linda,
Sua nobre figura adorna as festas
E enflora os sonhos dos valentes. Ele,
O famoso cantor quebrou da morte
O eterno jugo; e a filha da floresta
Há-de a história guardar das velhas tabas
Inda depois das últimas ruínas.
"Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

"O piaga, que foge a estranhos olhos,
E vive e morre na floresta escura,
Repita o nome do cantor; nas águas
Que o rio leva ao mar, mande-lhe ao menos
Uma sentida lágrima, arrancada
Do coração que êle tocara autrora,
Quando o ouviu palpitar sereno e puro,
E na voz celebrou de eternos carmes.
"Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

Americanas — Poesias completas — H. Garnier, 1901.

V. ODES — POESIA PATRIÓTICA

J. BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

(AMÉRICO ELISIO)

(Bio-bibliografia à pág. 179)

84. Ode aos Baianos

Altiva musa, ó tu, que nunca incenso
Queimaste em nobre altar ao despotismo;
Nem insanos encômios proferiste
        De cruéis demagogos;
Ambição de poder, orgulho e fausto,
Que os servís amam tanto, nunca, ó musa,
Acenderam teu estro; a só virtude
        Soube inspirar louvores.

Na abóbada do templo da memória
Nunca comprados cantos retumbaram;
Ah! vem, ó musa! vem! na lira de ouro
        Não cantarei horrores.
Arbitrária fortuna! desprezível
Mais que essas almas vís que a ti se humilham
Prosterne-se a teus pés o Brasil todo;
        Eu nem curvo o joelho.

Beijem o pé que esmaga, a mão que açouta
Escravos nados, sem saber, sem brio;
Que o bárbaro Tapuia, deslumbrado,
        O deus do mal adora.

Não! reduzir-me a pó, roubar-me tudo,
Porém nunca aviltar-me, pôde o fado;
Quem a morte não teme, nada teme;
Eu nisto só confio.

Inchado de poder, de orgulho e sanha,
Treme o vizir se o grã-senhor carrega,
Porque mal digeriu, sobr'olho iroso,
Ou mal dormiu a sesta.
Embora nos degraus de excelso trono
Rasteje a lesma, para ver se abate
A virtude, que odeia — a mim me alenta
Do que valho a certeza.

E vós também, Baianos, desprezastes
Ameaças, carinhos — desfizestes
As cabalas, que pérfidos urdiram
Inda no meu destêrro.
Duas vezes, Baianos, me escolhestes
Para a voz levantar a pró da pátria,
Na essembléia geral; mas duas vezes
Foram baldados votos.

Porém, enquanto me animar o peito
Este sôpro de vida, que ainda dura,
O nome da Baía, agradecido,
Repetirei com júbilo.
Amei a liberdade e a independência
Da doce cara pátria, a quem o Luso
Oprimia sem dó, com riso e mofa:
— Eis o meu crime todo!

Cingida a fronte de sanguentos louros,
Horror jamais inspirará meu nome;
Nunca a viúva há-de pedir-me o esposo.
Nem seu pai a criança.
Nunca aspirei a flagelar humanos;
Meu nome acabe, para sempre acabe
Si para libertar do eterno olvido
Forem precisos crimes.

Morrerei no destêrro, em terra estranha,
Que no Brasil só vis escravos medram;
Para mim o Brasil não é mais pátria,
Pois faltou a justiça.
Vales e serras, altas matas, rios,
Nunca mais os verei! Sonhei outrora
Poderia entre vós morrer contente;
Mas não! monstros o vedam.

Não verei mais a viração suave
Parar o aéreo vôo, e de mil flôres
Roubar aromas, e brincar travessa
Co'o trêmulo raminho.
O' país sem igual, país mimoso!
Se habitassem em ti sabedoria,
Justiça, altivo brio, que enobrecem
Dos homens a existência...

De estranha emulação aceso o peito,
Lá me ia formando a fantasia
Projetos mil para vencer mil ócios,
Para criar prodígios!
Jardins, vergéis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos
E pingues campos, sempre verdes prados
Em novo Eden fariam.

Doces visões, fugí! Ferinas almas
Querem que em França um desterrado morra:
Já vejo o gênio da certeira morte
Ir afiando a fouce.
Galicana donzela, lacrimosa,
Trajando roupas lutuosas, longas,
Do meu pobre sepulcro a tôsca lousa
Só cobrirá de flôres.

Que o Brasil inclemente ingrato ou fraco,
Às minhas cinzas um buraco nega:
Talvez tempo virá que inda pranteie
Por mim com dôr pungente.

Exulta, velha Europa: O novo império,
Obra prima do céu, por fado ímpio
Não será mais o teu rival altivo
Em comércio e marinha.

Aquele que gigante inda no berço
Se mostrava às nações, no berço mesmo
É já cadáver de cruéis harpias,
De malfazejas fúrias.
Como, oh! Deus! que portento! A Urania Venus
Ante mim se apresenta? Riso meigo
Banha-lhe a linda bôca que escurece
Fino coral nas côres.

"Eu consultei os fados que não mentem
(Assim me fala piedosa a deusa)
Das trevas surgirá sereno dia
Para ti, para a pátria.
O constante varão que ama a virtude,
Com os berros da borrasca não se assusta,
Nem, como folha de álamo fremente,
Treme à face dos males.

Escapaste a cachopos mil ocultos
Em que há de naufragar, como até agora,
Tanto áulico perverso. Em França, amigo,
Foi teu destêrro um porto.
Os teus baianos, nobres e briosos,
Gratos serão a quem lhes deu socorro
Contra o bárbaro luso, e a liberdade
Meteu no solo escravo.

Há de, enfim, essa gente generosa
As trevas dissipar, salvar o império;
Por êles liberdade, paz, justiça,
Serão nervos do Estado.
Qual a palmeira que domina ufana
Os altos topos da floresta espessa,
Tal bem presto há de ser no Mundo novo
O Brasil bem fadado.

Em vão de paixões vis cruzados ramos
Tentarão impedir do sol os raios:
A luz vai penetrando a copa opaca;
O chão brotará flôres".
Calou-se, então — voou. E as sôltas tranças
Em tôrno espalham mil sabeus perfumes,
E os zéfiros, as asas adejando,
Vasam dos ares rosas.

SOUSA CALDAS (PADRE)

RIO DE JANEIRO — 24-XI-1762
† RIO DE JANEIRO — 12-III-1814

O Padre Antônio Pereira de Sousa Caldas, muito criança, foi mandado para Portugal, onde matriculou-se na Universidade de Coimbra. Por causa da sua célebre óde "Ao homem selvagem" foi acusado e preso por ordem inquisitorial. Formado em direito, fez uma viagem à França; de volta, não quís seguir a magistratura e foi ordenar-se em Roma.

De 1801 a 1805 viveu no Rio de Janeiro, para onde tornou, então de vez, com a família real portuguesa, por ocasião da invasão francesa.

Sousa Caldas é o mais notável poeta sacro da língua portuguesa. Faleceu a 12 de Março de 1814.

Bibliografia — *Obras poéticas,* constando da tradução dos *Salmos de Daví* e das *Poesias sacras e profanas; Poesias sacras, Cartas de Abdir a Irzerumo,* imitadas de Montesquieu.

85. Ode sacra

O' Sinai! ó montanha assinalada
Dos pés do Onipotente!
Eu sinto ainda soar a voz sagrada,
Que entre raios promulga a lei gravada,
No espírito inocente
Do homem justo. O' livro grande e santo!
Tu me enches de assombro, horror e espanto.

Um povo antigo atesta a integridade
De tudo que em ti leio;
Com vivo fogo, augusta majestade
Me retratas do Eterno a potestade;

Do mundo firme esteio,
Único, providente e bom o aclamas,
E em fervoroso amor minh'alma inflamas.

Quem do comum naufrágio,
Que o orbe inteiro em erros submergia,
Este povo salvou, e do contágio
Da céga idolatria?
Quem no meio do inhóspito deserto
Do imenso a mão lhe fez notar de perto?
E ainda temes, ó prezada lira,

Levantar às estrêlas
O sublime mortal, que Deus inspira,
Que de celeste fôrça revestira,
E mil virtudes belas?
O' Moisés! tua voz não me alucina:
A voz que soltas — é a voz divina.

Fervendo em santa ira abrasadora
Os crimes repreende
Do Hebreu ingrato, cuja fé traidora
A luz quebránta, que tua alma adora:
Seguro a vara estende;
Eis vejo a natureza espavorida
A teus pés humilhar a frente erguida.

O povo, de que és guia,
Mil vezes entre as brenhas estremece:
Ao ver que a terra, o mar, a noite e o dia,
Que tudo te obedece;
Mensageiro fiel da Divindade
Te reconhece, e afirma em toda a idade.

Serás tu porventura, o prometido
Medianeiro amavel?...
Ah! tu vens predizê-lo e em tom subido
Entôas de Jacó o recebido
O oráculo adorável
Quem é, pois, êsse augusto mensageiro,
Que o pranto ha de enxugar ao mundo inteiro?

GONÇALVES DE MAGALHAES

(*Bio-bibliografia à pág.* 289)

---

86. Napoleão em Waterloo

Eis aquí o lugar, onde eclipsou-se
O meteoro fatal às régias frontes!
E nessa hora em que a glória se obumbrava,
Além o sol em trevas se envolvia,
Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!
Dois astros ao ocaso caminhavam;
Tocado ao seu zenite haviam ambos;
Ambos iguais no brilho, ambos na queda
Tão grandes, como em horas de triunfo!

Waterloo!... Waterloo!... Lição sublime
Este nome revela à Humanidade:
Um oceano de pó, de fogo e fumo
Aquí varreu o exército invencível,
Como a explosão outrora do Vesúvio
Até seus tetos inundou Pompéia!
O pastor que apascenta seu rebanho,
O corpo que sanguíneo pasto busca,
Sôbre o leão de granito esvoaçando,
O éco da floresta e o peregrino
Que indagador visita estes lugares:
Waterloo!... Waterloo!.. dizendo passam.

Aquí morreram de Marengo os bravos!
Entretanto êsse herói de mil batalhas,
Que o destino dos reis nas mãos continha,
Esse herói que com a ponta de seu gládio
No mapa das nações traçava as raias
Entre seus marechais ordens ditava!
O hálito inflamado de seu peito
Sufocava as falanges inimigas,
E a coragem nas suas acendia.

Sim, aquí estava o gênio das vitórias
Medindo o campo com seus olhos de água!
O infernal retintim do embate de armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibilo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orquestra a seus ouvidos!
Nada o turbava. Abóbadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvaram respeitosas,
Quais submissos leões, e, nem ousando
Tocá-lo, ao seu ginete os pés lambiam!...

Oh! porque não venceu? — Fácil lhe fôra!
Foi destino ou traição? — A águia sublime
Que devassava o céu, com o vôo altivo
Desde as margens do Sena até ao Nilo,
Assombrando as nações com as largas asas,
Porque se nivelou aquí com os homens?
Oh! porque não venceu? — O anjo da Glória
O hino da vitória ouviu três vezes,
E três vezes bradou: — "E' cêdo ainda!"
A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginete
Que soia escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas;
Na pugna os esquadrões se encarniçavam,
Roncavam pelos ares os pelouros,
Mil vermelhos fuzis se emaranhavam;
Encruzadas espadas, e as baionetas,
E as lanças faiscavam retinindo.
Ele só, impassível, como a rocha,
Qual de ferro fundido estátua equestre,
Que invisível poder, mágico anima,
Via seus batalhões cair feridos,
Como muros de bronze, por cem raios;
E no céu seu destino decifrava...
Pela última vez com a espada em punho,
Rutilante na pugna se arremessa;
Seu braço é tempestade, a espada é raio!
Mas invencível mão lhe toca o peito!

E' a mão do Senhor! barreira ingente:
— "Basta, guerreiro! Tua glória é minha;
Tua fôrça em mim está; tens completado
Tua augusta missão! — E's homem. — Pára!
Eram poucos, é certo; mas que importa?
Que importa que Grouchy, surdo às trombetas,
Surdo aos trovões da guerra, que bradavam:
— "Grouchy! Grouchy! a nós eia! ligeiro!
O teu imperador aqui te aguarda!
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente lutar, que mal vencida
Uma após outra em turbilhões se eleva,
Como vagas do oceano encapelado,
Que furibundas se alçam, lutam, batem
Contra o penedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam".
Eram poucos, é certo; e contra os poucos
Armadas as nações aquí pugnavam!
Mas êsses poucos vencedores foram
Em Iena, em Montmirail, em Austerlitz.
Antes êles o Tabor, e os Alpes, curvos,
Viram passar as águias vencedoras!
E o Reno, e o Manzanar e o Adige, e o Eufrates
Embalde à sua marcha se opuseram.
Eram os poucos que, jamais vencidos,
Os seus dias contavam por batalhas,
E de cãs se cobriram nos combates;
O sol do Egito ardente assoberbaram,
A peste em Jafa, a sêde nos desertos,
A fome e os gelos dos Moscóvios campos:
Poucos, que se não rendem, mas que morrem!
Oh! que para vencer bastantes eram!
A terra em vão contra êles pleiteara,
Si Deus, que os via, não dissesse — "Basta"!
Dia fatal de opróbrio aos vencedores!
Vergonha eterna à geração que insulta
O leão que magnânimo se entrega!

Ei-lo sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o éco fúnebre das ondas,
Que murmuram seu cântico de morte;

Braços cruzados sôbre o largo peito,
Qual náufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sôbre o escôlho rejeitaram!
Ou qual marmórea estátua sôbre um túmulo.
Que grande idéia ocupa, e turbilhona,
Naquela alma tão grande como o mundo?

— Ele vê êsses reis, que levantara
Da linha de seus bravos, o traírem.
Ao longe mil pigmeus rivais divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca;
Como do Macedônio outrora o Império
Entre si repartiram vis escravos.
Então um riso d'ira e de despeito
Lhe salpica o semblante de piedade.

O grito inda inocente de seu filho
Sôa em seu coração, e de seus olhos
A lágrima primeira se deslisa;
E de tantas corôas que ajuntara,
Para dotar seu filho, só lhes resta
Esse nome, que o mundo inteiro sabe!
Ah! tudo êle perdeu! A esposa o filho.
A pátria, o mundo e seus fieis soldados.
Mas firme era sua alma como o mármore
Onde o raio batia e recuava!

Jamais, jamais mortal subiu tão alto!
Ele foi o primeiro sôbre a terra:
Só, êle brilha sobranceiro a tudo,
Como sôbre a coluna de Vendôme
Sua estátua de bronze ao céu se eleva.
— Acima dêle, Deus — Deus tão sòmente!
Da liberdade foi o mensageiro.
Sua espada, cometa dos tiranos,
Foi o sol, que guiou a humanidade.
Nós um bem lhe devemos, que gozamos;
E a geração futura, agradecida,
NAPOLEÃO — dirá, cheia de assombro.

(*Suspiros poéticos e Saudades*) — Garnier.

PEDRO LUIZ

ESTADO DO RIO — 13-XII-1889
† ESTADO DO RIO — 16-VII-1884

Pedro Luiz Soares de Sousa estudou no Colégio Freese, em Friburgo, formou-se em S. Paulo em 1860, advogou na Capital do Império e entrou logo a escrever nas folhas liberais.

Pedro Luiz é um genuino representante da geração intelectual do romantismo no Brasil. Os seus versos, uns suavemente líricos como os de Lamartine, outros animados de um ingente sôpro épico como os de Hugo, ainda esperam a sua publicação em edição completa e definitiva.

A sua província natal o elegeu duas vezes (1864 e 1878) deputado geral e no Ministério Saraiva (28 de Março de 1880) teve a pasta dos negócios estrangeiros; foi presidente da província da Baía.

87. Terribilis dea

Quando ela apareceu no escuro do horizonte,
O cabelo revôlto... a palidez na fronte...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplandente de sol, de sangue fumegante,
O raio iluminou a terra... nesse instante
Frenética e viril ergueu-se uma nação!

Quem era? De onde vinha aquela grande imagem,
Que turbara do céu a límpida miragem,
E de luto cobrira a senda do porvir?
De que abismo saíu?... Do túmulo?... do inferno?
Pode o anjo do mal desafiar o Eterno?
Da fria sepultura o espectro ressurgir?

Deixai que se levante a grande divindade!
Seu templo é a terra e o mar; seu culto — a mortandade:
Enche-lhe o peito largo o sôpro das paixões...
E' a mulher fantasma! uma visão do Dante...
Dos campos da batalha a horrida bacante,
Que mergulha no sangue e ri das maldições!

A deusa do sepulcro! A pálida rainha!
A morte é a vida. Impávida caminha,
Ora, grande, ora vil, nas trevas ou na luz;
A côrte que a rodeia é lúgubre coorte;
Tem gala e traja luto: é o séquito da morte,
A miséria que chora, a glória que seduz.

Desde que o mal nasceu, nasceu aquele espectro;
De raios coroou-se! Ao pêso de seu cetro,
A terra tem arfado em transes infernais!...
Do mundo as gerações têm visto em toda idade,
Sinistra, aparecer aquela divindade,
Celebrando no sangue as grandes saturnais.

No seu olhar de fogo há raiós de loucura...
Tem cantos de prazer! Tem risos de amargura!
Muda sempre de céu, de rumo, de faról!
Aquí — pede ao direito a voz forte e serena;
Alí — ruge feroz, feroz como uma hiena...
Assassina na treva ou mata à luz do sol!...

Levanta o gládio nú em nome da verdade,
Acorda em fúria acesa à voz da liberdade...
E no punho viril derrete-se o grilhão!
Como é bela!... Depois... sem fé, sem heroísmo.
Despedaça a justiça e atira com cinismo
A virgem liberdade aos braços da opressão!

E' uma deusa fatal! Quer sangue e atira flôres!
Abraça, prende, esmaga os seus adoradores,
Embriaga-os de glória e os cerca de esplendor;
E êsses loucos, depois de feitos de gigantes,
A túnica lhe beijam, ardentes, delirantes,
E morrem a seus pés, na febre dêsse amor.

Quando Atila — o monstro, o tigre-cavaleiro,
Espumando a correr, calcava o mundo inteiro,
A deusa o acompanhara, e ria-se... a cruel!
Tinha a face vermelha, ardia de coragem,
Dava beijos de amor, na fronte do selvagem,
Enterrando o aguilhão no flanco do corcel!

Era ela que em Roma erguia-se funesta,
O ídolo do povo em sempiterna festa!
O amor de Cipião, de Cesar, de Pompeu!
Vergava com seu braço o braço do destino,
Prendeu nações e reis ao monte Palatino
E em doida bacanal depois desfaleceu.

Foi de Carlos, o grande a excelsa companheira!
Deu-lhe o trono de bronze, a espada aventureira,
E o globo imperial... e glórias... e troféus;
Quando, no escuro val, Rolando, moribundo
Embocava a trombeta a despertar o mundo,
Erguia o colo a deusa além dos Pirinéus!...

Seguiu Napoleão da França até o Egito.
Nos mares, no deserto, e em busca do infinito,
Das terras do Evangelho às terras do Corã...
Dos delírios da Europa aos sonhos do Oriente.
Teve medo, afinal, daquela febre ardente...
Lá no meio do mar prendeu êsse Titã.

Ela estava a sorrir, serena e triunfante,
Aos pés de Farragut, o intrépido almirante,
Lá no tope do mastro, enquanto o monitor
Em doidas convulsões, das túmidas entranhas
Vomitava metralha a derribar montanhas
E do mundo arrancava um grito de terror.

Ela estava também — espectro pavoroso —
Do "Amazonas" a bordo, ao lado de Barroso,
De pólvora cercada em pé, sôbre o convez...
Quando, à voz do valente, o monstro foi bufando,
Calados os canhões, navios esmagando,
A deusa varonil de amor caíu-lhe aos pés!...

Salve, da guerra deusa, arcanjo da batalha!
Que vôas no vapor, que ruges na metralha,
Que cantas do combate aos infernais clarões!...
Quando arrancas do bronze os cânticos malditos,
O céu é fogo e aço; o ar — pólvora e gritos...
E ferve e corre o sangue em quentes borbotões!

Salve, tu! que nos deste o sonho da vingança,
O gládio da justiça, o raio da esperança,
E da glória cruenta o mágico esplendor!
E' para te saudar que brame a artilharia
E que repete ao longe a voz da ventania
Das trombetas da morte o hórrido clangor!

Quando ela apareceu no escuro do horizonte
O cabelo revôlto... a palidez na fronte...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplandente de sol, de sangue fumegante,
O raio iluminou a terra... nesse instante
Frenética e viril ergueu-se uma nação!

TOBIAS BARRETO

(*Bio-bibliografia à pág.* 273)

---

88. Partida dos voluntários

São êles que partem... Nos olhos vermelhos
Que acende a coragem, que inflama o valor,
São raios do Norte. Lopes, de joelhos!
'Stão quentes ainda das mãos do Senhor.

A pátria chamara-os. O espectro da morte
Lançou-se adiante: puseram-se a rir...
Chamara-os de novo: pancada mais forte
Soou-lhes no peito: quiseram partir...

Sentiram-se presos. De um ímpeto os laços
Rebentam-se todos dos seus corações;
Int'resses, afetos, caprichos, abraços,
Cadeias de palha não prendem leões!

BERNARDO GUIMARÃES

(*Bio-bibliografia à pág.* 19)

89. O Ipiranga e o Sete de Setembro

A JOSÉ BONIFÁCIO

I

Salve, Ipiranga, glorioso ninho,
De onde expandindo os vôos altaneiros,
No espaço por insólito caminho,
O gênio tutelar dos brasileiros
De cativeiro atroz, rude e mesquinho,
Quebrou sem custo os elos derradeiros.
Salve, Ipiranga!... hoje a posteridade
Já te sagrou — Altar da Liberdade!

II

Salve, imortal colina sacrossanta!
Três vezes salve, encosta vicejante,
Tu, que ouviste da válida garganta
Irromper o bramido de gigante,
Que contra seus tiranos se levanta!
Em ti ergueu-se eterna e rutilante
Da independência a aurora prasenteira
A se expandir na terra brasileira.

III

Erga-se em ti soberbo monumento,
Em que se exalce, nacional Paládio,
Da liberdade o vulto em brônzeo assento,
Não empunhando sanguinoso gládio;
Mas sim com a palma, o símbolo incruento,
Nos apontando o glorioso estádio,
Onde ela veio ao tropical gigante
Abrir as sendas do porvir brilhante.

IV

Dêsse tranquilo berço, a Liberdade
Surgiu sorrindo à Pátria Brasileira,
Do vasto solo em toda a imensidade
Se propagou a nova lisongeira,
Como luz de celeste claridade,
Que num momento invade a terra inteira,
E, quasi por encanto, um novo império
Se ergue de Colombo no hemisfério.

V

Sim, foi alí, nos visos de um outeiro,
A cuja falda plácido deslisa,
Lambendo a areia, plácido ribeiro,
Por onde brinca sussurrando a brisa
A farfalhar nos leques do coqueiro,
Em campos que de flôres se matiza,
À luz de um sol que purpureia os montes,
Inundando serenos horizontes.

VI

Foi lá, no seio de um recesso ameno,
Em face da festiva natureza,
E não da guerra ao carrancudo aceno,
Ao troar dos canhões em luta acesa,
Que um herói, com altivo olhar sereno
Afrontando dos fados a incerteza,
Aos ecos do Brasil, de Sul a Norte,
Soltou o brado — Independência ou Morte!

VII

E o éco, entre clamores de alegria,
Vai retumbando do Oiapoc ao Prata.
Desde os topes da erguida serrania,
Té às profundas solidões da mata;
E como por si mesmo em um só dia,
Da escravidão a algema se desata,
E sem luta, sem dôr, sem comoção,
Quebra-se o jugo — e surge uma nação!

MAGALHÃES DE AZEREDO

(*Bio-bibliografia à pág.* 327)

---

90. A Carlos Gomes

(1896)

Não há-de a terra muda, que abre o seio
Ao forte e ao débil com amor igual,
E o justo e o criminoso, sem receio,
Une no mesmo amplexo maternal;

Não há-de a terra, nesse ingrato olvido,
Em que os vermes dão pasto à eterna fome,
Devorar, com teus restos de vencido,
Teu nobre esfôrço e teu augusto nome!

Não há-de vir, por certo, a turba louca,
Que na orgia conspurca a honra e a lei,
Saudar com grita embriagada e rouca
Teu funeral, mais belo que o de um rei!

Não virão ajuntar-se ao teu cortejo
As megeras políticas, desnudas,
Bramindo, uivando; nem com torpe beijo
Te hão-de a fronte manchar lábios de Judas.

Não te erguerão o féretro em seus braços
Esses que, olhando o gênio com desdém
Fazem da pátria um circo de palhaços,
E mofam da virtude que não têm!

Mas vai contigo o verdadeiro Povo,
Que sofre sem perder a fé sincera,
E em seu fecundo núcleo sempre novo
Santos, heróis, artistas, sábios gera.

Vão contigo, no préstito esplendente,
Aclamando-te, Espírito gentil.
Todos os que amam, religiosamente,
Mesmo de longe, a glória do Brasil!

Velho Mestre de juba leonina
Rude cenho e pupilas abrasadas,
Onde brilhava a inspiração divina,
Como o sol brilha no aço das espadas;

Durma o teu corpo nas regiões sombrias,
Onde não chega nunca a humana voz;
Tua alma, criadora de harmonias,
Há de viver perpetuamente em nós!

Ela irá palpitar, livre e sonora,
Na virgem natureza americana,
Arias compondo, pelo espaço em fóra
No monte, no sertão e na savana!

Ressoará sob os leques da palmeira,
Nos queixumes da rôla e do sabiá;
E de envolta com o pranto da cachoeira
Pela bôca da Iara cantará.

Voejando com a aragem fugitiva,
Que da ninféia o cálice desata,
Irá chamar a raça primitiva
Nos recessos balsâmicos da mata.

E ainda, do porvir nos dúbios trilhos,
Quando de nós já nada existir mais,
Filhos de nossos filhos e seus filhos
Repetirão teus hinos imortais!

Horas Sagradas — H. Garnier — 1903.

VI. POESIA DESCRITIVA — NARRAÇÕES

LUIZ DELFINO

SANTA CATARINA — 25-IX-1834
† RIO DE JANEIRO — 31-I-1910

O Dr. Delfino dos Santos, nasceu a 25 de Agosto de 1834, formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro e teve uma bela reputação de clínico notavel. O seu nome, porém, se imortalizará como poeta que foi dos maiores que temos tido; primou como sonetista. Seus versos, esparsos por jornais e revistas, reunidos, dariam para muitos volumes, mas não deixou publicado nem um só livro.

Luiz Delfino representou na Constituinte Republicana, como senador, o seu estado natal.

O grande poeta colaborou na "Vida Moderna", "A Semana", "Jornal das Famílias", "Revista Popular", "A Estação", etc., e em muitas das folhas diárias da capital da República.

---

91. A Cidade da Luz

A ESCOLA

Vós, que buscais a senda da esperança,
Entrai: aquí há mundos luminosos
Num céu, que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aquí se refaz de etéreos gozos;
Vindes para o país da primavera.
Vós, que deixais os mundos tenebrosos.

Tanta luz aquí dentro vos espera,
Que saireis estrêlas redivivas,
Como as que brilham na azulada esfera.

Almas das trevas lúgubres cativas,
Abrí as vossas asas rutilantes,
Entrai, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas dêstes pórticos gigantes
Haveis de lêr uma inscrição que alente
Os vossos vôos inda vacilantes.

É aquí o país do amor ardente:
Quem entra leva um pêso aos pés atado,
Como mergulhador do mar do Oriente,

Que sóbe à tona leve e festejado
E vem de tantas pérolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um Eden no deserto,
Fazer um sol de um monte de granito,
E para ver melhor o céu de perto,

Encostar uma escada no infinito,
Entrar pela estelífera coragem,
Ser razão e fanal, verdade e mito,

E armado de tenaz, feroz coragem,
Arrazando os enígmas da vida,
Cavar nas trevas lúcida passagem...

A isto esta cidade vos convida:
Entrai: por mais que a noite em vós se note,
Tereis um astro à fronte na saída.

Da cidade moderna é luz o mote
Que na porta da entrada arde e flameja;
Entrai: a escola é catedral, igreja;
Hóstia, a ciência; o mestre, sacerdote.

BRUNO SEABRA

PARÁ — 6-X-1837
† BAÍA — 8-IV-1876

Bruno Henrique de Almeida Seabra foi poeta lírico, romancista, comediógrafo e folhetinista.

Cultivou em prosa e verso o humorismo e gostava de escrever sôbre assuntos pátrios. Foi exímio pintor de cenas, costumes e tipos nacionais.

Bibliografia — *Um fenômeno do tempo presente,* poemeto, *O Dr. Pancrácio,* romance; *Paulo,* romance, *Memórias de um pobre diabo, Flôres e Frutos,* etc.

---

92. Canto extremo de um cégo

Eu tinha um único amigo;
Tinha só um e não mais;
Vivia sempre comigo
No exílio da desventura;
Por mais feliz criatura
Não me deixava jamais.

Na minha infância primeira,
Meus débeis passos guiou;
Na pobreza, na cegueira,
Meu condão amenizava;
E quando a esmola faltava,
Ele nunca me faltou.

Era o meu único afeto,
Na cegueira o meu bordão;
Debaixo do humilde teto,
Quando a febre me prostrava,
Quem dos meus males cuidava
Era só êle — o meu cão.

Todo o dia de ontem chamei-o,
Não latiu, não respondeu!
Já, como dantes, não veio!
Quem sabe si anda perdido,
Ou de algum ferro transido,
Quem sabe si não morreu?...

Ou quem sabe si a velhice
Do cégo o amedrontou?
Talvez, o ingrato... o que disse?
Chamei-te de ingrato, amigo!
Perdão! não sei o que digo!
Quem nem já sei o que sou!

Ingrato — não! Tu não tinhas
No peito envôlto de cão,
Uma irmã dessas mesquinhas
Afeições vís dos traidores,
Que vão sorrir aos senhores,
Nos régios palácios, não!

Ai de mim! Tão desgraçado,
Que nunca mais te hei-de ter!
Quem hoje ao cégo acurvado
Ao pêso de tantos anos
Quem virá, dentre os humanos,
Piedosa mão lhe estender?!

Quem lhe há-de guiar os passos,
Mendingando o escasso pão?
Ou quem lhe há-de abrir os braços,
Quando, à míngua de alimento,
Ficar na rua, ao relento?
Ninguém, ninguém... nem um cão!

Quem me vir o meu "Pardinho",
Por piedade, pelos céus!
Tenha dó do coitadinho,
Que talvez definhe à fome,
E dê-lhe do pão que come,
Uma migalha, por Deus!

Mas, si o topar moribundo,
Pelo amor que a mãe lhe tem!
Diga-lhe que neste mundo,
O cégo que êle guiou,
Quando o seu cão lhe faltou,
Morreu de fome também!

Flôres e Frutos.

LUIZ GUIMARÃES

(*Bio-bibliografia à pag.* 141)

---

93. No deserto

Quando a Virgem, fugindo à lança dos sicários
Unia ao casto seio o Redentor Bendito,
A noite os surpreendeu nos plainos solitários
Onde Menon eleva o tronco de granito.

Nem um astro siquer da cúpula divina
No profundo docel, nem um vislumbre apenas;
Era a hora em que o vento arqueja entre a ruína,
Aos gritos do chacal e aos uivos das hienas.

A José, cujos pés em chagas latejavam
Sôbre a areia cruel, disse a Virgem Maria:
"Repousemos aquí". — Seus braços vacilavam —
"Seguiremos depois, quando romper o dia".

Tateando na sombra espessa e lutuosa
José o roto manto ao longo desdobrava
E a Virgem Mãe de leve, e pálida e medrosa,
Sôbre o manto deitou Jesús que ressonava.

"Dorme", disse ao esposo a Virgem brandamente:
"Por nós o doce Pai atento está velando".
Ele triste inclinou a fronte humildemente,
Ela aos pés de Jesús adormeceu chorando.

E sonhou... O futuro horrífico e sangrento
Do seu loiro Senhor, do seu divino filho,
Drama de pranto e luz — veio nesse momento
Encher-lhe o coração de um pavoroso brilho.

Viu-o crescer tranquilo e puro, abençoando
As negras multidões, torvas de saciedade.
Ouviu-lhe a grande voz, como um clarim lançando
Ao mundo espavorido os sons da Liberdade.

Viu-o, por entre o povo, inhóspito e implavável,
Forte como os heróis e — débil como as flôres —
Colhendo em seu regaço, eternamente afável,
As crianças gentís e os rudes pescadores.

Viu-o sereno e nobre e firme, interpretando
Os mistérios da vida efêmera e terrena:
E a multidão pasmada o ia acompanhando,
E sagrava-o de amor o olhar de Madalena...

Viu-o chorar então as lágrimas primeiras,
Ele — o augusto ideal do Bem e da Ternura —
No sombrio jardim das triste oliveiras,
Bebendo gota a gota, o calix de amargura.

Viu-o depois sorrir ao beijo tenebroso
Que Judas lhe imprimiu na imaculada fronte,
Como sorrí o oceano ao lenho aventuroso,
E como acolhe o raio o alcantilado monte.

Por fim o viu convulso e esquálido arrastando
O próprio cadafalso e lúgubre sudário...
Viu-o amarrado à cruz, — viu-o morrer penando,
Entre infames ladrões, no cimo do Calvário.

E Maria, a gemer, extenuada, exangue,
Despertou num soluço, e olhou: Jesús dormia:
A aurora lhe formava um ninho côr de sangue,
E o divino Cordeiro, extático, sorria...

(*Sonetos e Rimas*), 1886.

FAGUNDES VARELA

(*Bio-bibliografia à pág.* 379)

---

94. Ave! Maria!

A noite desce, lentas e tristes
Cobrem as sombras a serrania.
Calam-se as aves, choram os ventos,
Dizem os gênios: Ave! Maria!

Na torre estreita de pobre templo
Ressôa o sino da freguesia,
Abrem-se as flôres, Vésper desponta
Cantam os anjos: — Ave! Maria!

No fosco albergue de seus maiores,
Onde só reinam paz e alegria,
Entre os filhinhos o bom colono
Repete as vozes: — Ave! Maria!

E, longe, longe, na velha estrada,
Pára e saudades à pátria envia
Romeiro exhausto que o céu contempla,
E fala aos ermos: — Ave! Maria!

Incerto nauta por feios mares,
Onde se estende névoa sombria,
Se encosta ao mastro, descobre a fronte,
Reza baixinho: — Ave! Maria!

Nas soledades, sem pão nem água,
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,
Triste mendigo, que as praças busca,
Curva-se e clama: — Ave! Maria!

Só nas alcovas, nas salas dúbias
Nas longas mesas de longa orgia
Não diz o ímpio, não diz o aváro,
Não diz o ingrato: — Ave! Maria!

Ave! Maria! — No céu, na terra!
Luz da aliança! Doce harmonia!
Hora divina! Sublime estância!
Bendita seja! Ave! Maria!

---

95. O vizir

Não derribes meus cedros! murmurava
O gênio da floresta aparecendo
Adiante de um vizir: senão eu juro
Punir-te rijamente! E no entanto
O vizir derrubou a santa selva;
Alguns anos depois foi condenado
Ao cutelo do algoz. Quando encostava
A cabeça febril no duro cepo,
Recuou aterrado: — Eternos deuses!?
Este cepo é de cedro! E sôbre a terra
A cabeça rolou banhada em sangue.

TEOFILO DIAS

MARANHÃO — CAXIAS — 8-XI-1854
† S. PAULO — 29-III-1889

Teófilo Dias de Mesquita, sobrinho do cantor dos Timbiras, recebeu o grau de bacharel pela Faculdade de Direito de S. Paulo em 1881. Na capital paulista exerceu a magistério, tendo lecionado português na Escola Normal. Foi deputado provincial.

"Salientou-se como orador, polemista, professor, advogado, funcionário público (escreveu Afonso Celso), mas só se destacou realmente como poeta".

Teófilo Dias é um parnasiano: mas um parnasiano, observa um crítico, que não sacrifica a emoção à fórma.

Bibliografia — *Flôres e amores*, poesias, *Lira dos verdes anos, Cantos tropicais, Fanfarras*, poesias, *A comédia dos deuses*, poema.

Teófilo Dias escreveu em diversas folhas políticas e revistas literárias.

---

96. Procelárias

Rasgando a flor de um mar sem rumor, largo e plano
Um sulco de ouro e luz — teso côncavo pano,
Ao galerno fugaz, que as velas arredonda,
O navio veloz resvala de onda em onda.

E' transparente o céu; liso o mar; calmo o espaço;
E do vento e da vaga ao ritmo, ao compasso
Que faz rolar sôbre um — outro bordo, a pupila
Do gajeiro perscruta a vastidão tranquila,
Cravado no horizonte o olhar profundo e agudo.
Tudo é límpido, azul; é paz, bonança tudo.

Mais eis que de improviso umas aves estranhas,
Que parecem o vôo arrancar das entranhas
Do horizonte longínquo, ainda há pouco vazio,
Em nuvens sobrevêm, demandando o navio,
Mosqueadas de negro, audazes, agoureiras,
Contornam o massame e as vergas altaneiras,
Sinistras pipilando entre as velas redondas,
Rasgando a superfície intérmina das ondas.

São elas que lá vêm, as "procelárias"! — Logo,
Fosforecendo, o mar vibra súlfur e fogo;
Torna-se escuro o ar, negro o céu; e a tormenta,
De súbito caindo, horríssona rebenta;
Pesa no espaço a treva e esfusiam os ventos;
Cortam a escuridão relâmpagos sangrentos;
A voz do temporal desfeito sobrepuja
A grita de terror que levanta a maruja
Ao tenebroso céu transida de agonia.

Mas, renascendo a calma e repontando o dia,
Na deserta amplidão das vagas solitárias,
Té onde alcança o olhar, já não há "procelárias",
Assim vêm, assim vão as bravas avezinhas,
Afrontando o terror das tormentas marinhas,
Desdenhosas da paz, fugindo à calmaria,
Libradas nos tufões. — A luta as inebria.

Os gênios são assim: como as filhas do oceano,
Pairam sôbre os bulcões do pensamento humano,
Arrostando do mal a infrene tempestade,
— Precursores do bem e núncios da verdade:
O torpor lhes repugna: o combate os convida;
Só a luta os atrai — porque a luta é a vida.

AUGUSTO DE LIMA

(*Bio-bibliografia à pág.* 316)

---

97. O inquisidor

O grande Inquisidor escreve à luz de um círio.
Corre de seu tinteiro o sangue do martírio.
Súbito, uma mulher acerca-se da mesa
E prostra-se: "Senhor! um dia a natureza
Bradará por meu filho, a vítima inocente,
Que amanhã vai ser posta à morte iniquamente!
Da sentença riscai, com generoso traço,
O confisco, o pregão o anátema e o baraço;
E mandai demolir a forca que abre a cova
À decrepita mãe, à esposa inda tão nova
E a três filhos, Senhor, entes que o Cristo adora!
A maldição não tisna, é certo, a luz da aurora,
E nem pode manchar a fronte encanecida,
Que a tarde da velhice é a aurora da outra vida.
Como Xerxes punindo o mar com ferro em brasa,
Em vão buscais cortar a inacessível asa
Do pensamento: — o ideal é um lúcido oceano
E uma invencível águia o pensamento humano;
Mas, si preciso fôr, em nome dêle abjuro
A razão, a ciência, os astros, o futuro".

Fez-se solene pausa; e com acento triste
Fala o grande juiz: "Pois bem! mulher, feriste
A fibra paternal do inquisidor austero;
Volta tranquila ao lar, choraste, e não quero
Espalhem os clarins da vil maledicência
Que a justiça de Deus mais póde que a clemência.
Acolhí teu clamor humilde e o réu perdôo,
Vai na paz de Jesús, por êle te abençôo;
Quanto a teu filho amado, ileso das mais penas,
Há de ser, para exemplo, esquartejado apenas".

Contemporâneas — G. Leuzinger & Filho — 1887.

---

98. Cólera do mar

(A Assiz Brasil)

Disse o rochedo ao mar, que plácido dormia:
"Quantos milênios há que, tu, negro elefante,
Tragas covardemente êsses, cuja ousadia
Arriscou-se em teu dorso enorme e flutuante?

O mar não respondeu; mas um tufão horrendo
Cavou-lhe a entranha e fez estremecer de medo
O coração do abismo. Então o mar se erguendo,
Atirou um navio aos dentes do rochedo!

Contemporâneas.

ALBERTO DE OLIVEIRA

(*Bio-bibliografia à pág.* 310)

---

99. A torrente

Da serra azul, onde a palmeira medra,
Onde paira a neblina, se deriva,
Entre abertos lisins de esconsa pedra,
Um fio d'água viva;
Exíguo e frouxo, palmo a palmo, avança
Pela escarpada; a folha, de passagem,
Leva, rodeia os troncos, não descansa,
Não pára na viagem.
Ora entre os líquens verdes serpenteia,
Corre entre os fetos, geme na fragura,
Ora caminho aberto em livre areia
Acha — avança, murmura,
Desce depois mais volumoso, arreda
Quanto encontra e, aumentando em cada frágua,
Recua e salta, erguendo em cada quéda
O seu penacho d'água;
Com a chuva engrossa, rue no chão da gruta,
Cascata agora — a penedia bronca
Mina-a em redor, desloca-a, imensa e bruta
Leva-a, espumeja e ronca;
A tudo investe, abala, desimplanta.
Destrói, derruba na evulsão crescente,
E ruge das quebradas na garganta
A impetuosa torrente.
Negra, socava, tétrica, soturna,
Tréme e retumba; as águas passam; — tudo
Geme; — os ninhos, a flôr, o antro, a furna,
Aquele embate rudo.
No vale, enfim, torcendo a cristalina
Juba, se atira e em écos se propaga
A torrente caudal, e ora a campina
E as florestas alaga
Em rio audaz que as fertiliza e banha,
Calma agora, volvendo as ondas fundas:
Pois, como a idéia, as águas da montanha
Querem ser livres para ser fecundas.

100. O ninho e a cobra

O ninho armou e suspenso,
A ave respirando o incenso
Das flôres, consigo diz:
— Sou feliz

Sai. Vai procurar a vida.
Erra na veiga florida,
Cata na seára luzente
A semente.

Volta quando o sol declina,
Vem de colina em colina
E o ninho lembrando diz:
— Sou feliz

Chega. No berço macio
Que ergueu, sente um luzidio
Repelente corpo, a um lado
Enroscado.

Grita. O' natureza, em luta,
Desde a ave ao homem se escuta
Em tudo, triste ou feroz
Essa voz!

Grita, inutilmente grita!
Vôa, inutilmente aflita!
Entrou a cobra em teu ninho,
Passarinho!

E no que é teu repousando,
Vê: no leito fôfo e brando
Ela a seu turno ora diz:
— Sou feliz

Poesias — Flôres da Serra — H. Garnier.

RAIMUNDO CORREIA

(*Bio-bibliografia à pág.* 311)

101 Os ciganos

A JOSÉ VERÍSSIMO

I

Um dia, ao fim de incômoda jornada,
De uma longa jornada por mim feita,
Com perigos não menos do que danos,
Ao crepúsculo vi, na volta estreita
De sinuosa estrada,
Três farrapados, míseros ciganos.

Um — da viola amiga, unida ao peito,
Dedilhando as cordas, indolente,
Tirava brandos sons... Que ar satisfeito!
Que ar de satisfação completa havia
No seu moreno rosto, que o poente
De rubra e vigorosa côr tingia!

Outro — aspirando o seu cachimbo, ocioso,
Nas espirais do fumo azul deixava
Pascerem-se-lhe os olhos, descuidoso...
E tinha, entre farrapos, o ar tranquilo,
O ar de quem de mais nada precisava,
O ar de quem para quem bastava aquilo.

Dormia o último à sombra da ramagem,
E sôbre êle a oscilar — quadro risonho! —
Pendia um par de címbalos que a aragem
Ressonava ao passar, leve e fugace...
Também a doce aragem de algum sonho
Pelo seu coração talvez passasse...

II

Os três ciganos míseros... Que digo?
Míseros somos nós; mísero o louco,
Como eu ou tu, amigo,
Que, tendo em muito o que êles têm em pouco,
Em pós de um sonho vão em vão se cansa.
Qual! nem êsse apetite imoderado
De glória e de fortuna;
Nem viver da saudade e da esperança;
Nem rever o passado,
Ou prever o futuro a alma conforta.

Antes pela existência andar à tuna:
Sono, viola e fumo, e ao Deus dará...
O que passou, já lá se foi — que importa? —
E o que há de vir, por sua vez virá!
Para a dôr do viver, que nos devasta
E que beijo nenhum de amor consola,
Os ciganos fizeram-me sentir,
Que, das três coisas, uma só nos basta:
Tocar viola,
Fumar cachimbo, ou dormir.

Poesias — Edição portuguesa, 1906.

---

102. A leoa

Não há quem a emoção não dobre e vença,
Lendo o episódio da leoa brava,
Que, sedenta e famélica, bramava,
Vagando pelas ruas de Florença.

Foge a população espavorida,
E na cidade deploravel e êrma
Topa a leoa só, quasi sem vida,
Uma infeliz mulher débil e enferma.

Em frente à fera, um estupor do assombro,
Não já por si tremia, ela, a mesquinha,
Porém, porque era mãe, e o pêso tinha,
Sempre caro p'r'as mães de um filho ao ombro.

Cegava-a o pranto, enrouquecia-a o choro,
Desvairava-a o pavor!... e entanto, o lindo,
O tenro infante, pequenino e louro
Plácido estava nos seus braços rindo.

E o olhar desfeito em pérolas celestes
Crava a mãe no animal, que pára e hesita,
Aquele olhar de súplica infinita,
Que é só próprio das mães em transes dêstes.

Mas a leoa, como si entendesse
O amor de mãe, incólume deixou-a...
E' que êsse amor até nas feras vê-se!
E é que era mãe talvez essa leoa!

VII. APÓLOGOS — FÁBULAS

VILELA BARBOSA

MARQUÊS DE PARANAGUÁ

RIO DE JANEIRO — 20-IX-1769
† RIO DE JANEIRO — 11-IX-1846

Homem de estado, professor, matemático, administrador.
Como poeta, não se lhe pode negar sentimento lírico, doçura e delicadeza de expressão.
Formou-se em matemática na Universidade de Coimbra, serviu na armada portuguesa e foi lente catedrático da Academia Real de Marinha, tendo sido jubilado em 1832.
O Marquês de Paranaguá pertenceu à Academia Real das Ciências, de Lisboa, e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
Bibliografia — *Poemas*, Coimbra, 1794; *Elementos de Geometria*, Lisboa, 1815, Rio de Janeiro, 5.ª edição, 1846; *Breve Tratado de Geometria Esférica*, em aditamento aos *Elementos de Geometria*, Lisboa, 1816. Encontram-se ainda poesias de Vilela Barbosa em antigas coletâneas, como o "Florilégio" de Varnhagen e o "Parnaso" de Pereira da Silva.

103. O rio e o regato

Ao manso regato um dia
Soberbo rio dizia:
"Desgraçado, eu te lamento
"Em teu curso pobre e lento
"Pois, fazendo voltas tantas,
"Por entre rasteiras plantas,

"Corres, sem nome, escondido;
"Entanto que eu conhecido
"Nas cidades mais famosas
"Minhas ondas copiosas
"Meto, levando a abundância
"À mais remota distância.
"Cem regatos orgulhosos,
"De minha aliança ansiosa,
"Se vêm meter no meu seio
"Sem fazer um só rodeio.
"De mais, eu tenho coragem,
"E nada em minha passagem
"Encontro que eu não arrede,
"Pois, tudo a meu valor cede".
Disse; e ainda mais falara,
Quer de sua origem rara,
Quer das suas qualidades,
Quando a tais fatuidades,
Mais sábio, o pobre regato
Lhe responde e mui pacato:
"Que, amigo! da matriz
"Ou lago donde saís,
"Não tenho eu também saído?
"Logo depois de nascido
"Um e outro nesta selva
"Debaixo da mesma relva
"Nossas águas não correram?
"De onde é, pois, que vos vieram
"Tantos fumos de altivez?
"Só o acaso é que nos fez,
"Deixando o materno berço,
"Correr por lugar diverso;
"Vós em terreno inclinado
"Caminhais mais apressado,
"Absorvendo êstes ribeiros,
"Que em vós se metem ligeiros,
"Vossas águas engrossando;
"Eu ao longe costeando
"Estas formosas colinas,
"Minhas águas cristalinas
"Conduzo tranquilamente.

"Mas por isso francamente,
"Julgais ser mais, do que eu, nobre?
"E' verdade que mais pobre
"Eu sou d'água, porém ela
"Não é clara, pura e bela?
"Vós causais o medo e o espanto
"Por onde passais, entanto
"Que eu com murmúrio sereno,
"Regando mais de um terreno,
"Fertilizo estas campinas,
"Sem causar essas ruínas,
"Que por vós causadas vejo,
"Antes sempre benfazejo;
"Até que minha corrente
"Se confunda finalmente
"Neste mar vasto e profundo,
"Onde um dia, sem segundo,
"Tocando os mesmos extremos,
"Ambos juntar-nos devemos".

A. L. DE BONSUCESSO

RIO DE JANEIRO — 1833
† RIO DE JANEIRO — 1899

O Dr. Anastácio Luiz de Bonsucesso, poeta, professor e médico, é o nosso primeiro fabulista.

O seu apreciado livro de *Fábulas*, coleção de apólogos originais em versos, foi publicado em edição completa em 1895. Redigiu a *Biblioteca do Instituto dos Bachareis em Letras*, onde publicou a bela poesia *A Glória* e o estudo crítico *Quatro vultos*. Deixou ainda um livro de *Versos de Cisnato Luzio* e outros trabalhos literários. Era formado pela faculdade médica do Rio de Janeiro e bacharel pelo Colégio Pedro II.

---

104. O vento e a poeira

O vento sem ter medo,
Levanta em turbilhão
O pó, que estava quedo,
No seu canto dormindo em feio chão.

E lá pelas alturas
O pó julga-se um rei;
Fazendo diabruras
Governa a todos com austera lei.

O vento, porém, cessa;
O pó na terra lisa
Caíu muito depressa;
O rico, e o pobre, tudo nele pisa.

"Pensei ser grande cousa,
Diz êle tristemente,
Agora assim repousa
Quem nos ares andou garbosamente!

Aquele que se eleva
Sem mérito real,
Muitas horas não leva
Na bela posição que exerce mal;

Pois logo que lhe falta
A protetora mão,
De posição bem alta
Vem, como deve, rastejar no chão!

Fábulas — Companhia Impressora — 1895.

---

105. O moinho

Num engenho veloz pôs um mocinho
A mão, e logo o braço,
Depois o corpo todo, no moinho
Foram arrebatados!

No caminho do vício, dado um passo,
Os outros estão dados!

---

106. Temores

Um rato se assustava
Do gato do vizinho;
Gato que também teme
A um cão de mau focinho,

O qual, por sua vez,
Do lobo não gostava,
Do lobo que tremia
Quando o leão passava.

Os homens são assim: mútuos temores
Curva-os ainda a lei, e finalmente
Vem o temor de Deus avassalá-los!

BARÃO DE PARANAPIACABA

JOÃO CARDOSO DE MENEZES E SILVA

S. PAULO — SANTOS — 27-IV-1827
† S. PAULO SANTOS — 2-II-1915

Biobibliografia —**Formado pela escola de direito de S.** Paulo o Barão de Paranapiacaba exerceu primeiro o magistério secundário e advogou, sendo depois empregado de fazenda: aposentou-se no lugar de diretor do contencioso. Representou Goiaz na Câmara dos Deputados e era do Concelho do Imperador.

Poeta inspirado, Paranapiacaba deu à publicidade a *Harpa gemedora*. Escreveu ainda: *O Cristianismo, Cristo e o Socialismo, Teses de colonização no Brasil, Camoniana brasileira*, etc. Traduziu as *Fábulas* de La Fontaine, o *Jocelyn* de Lamartine e ainda outras composições do mesmo vate francês, de Lord Byron, etc., etc.

Paranapiacaba escreveu com perfeito conhecimento da língua portuguesa, que lhe deve formosas páginas de prosa amena e versos simples e melodiosos.

---

107. O carvalho e o caniço

Dizia ao caniço robusto carvalho:
"Sou grande, sou forte;
E's débil e podes, com justos motivos
Queixar-te da sorte!

"Inclinas-te ao pêso de frágil carriço;
E a leve bafagem,
Que enruga das águas a linha tranquila,
Te averga a folhagem.

"Mas minha cimeira tufões assoberba,
Com serras entesta;
Do sol aos fulgores barreiras opondo,
Domina a floresta.

"Qual rija lufada, do zéfiro o sôpro
Te soa aos ouvidos;
E a mim se afiguram suaves favônios
Do norte os bramidos.

"Si desta ramagem, que ensombra os contornos,
Ao abrigo nasceras,
Amparo eu te fôra de sues e procelas,
E menos sofreras.

"Mas tens como berço brejais e alagados,
Que o vento devasta;
Confesso que sobram razões de acusares
A sorte madrasta".

Responde o caniço — "Das almas sensíveis
E' ter compaixão;
Mas crêde que os ventos, não menos que aos fracos,
Minazes vos são.

Eu vergo e não quebro. Da luta com o vento
Fazeis grande alarde;
Julgais que heis de sempre zombar das borrascas?
Té ver não é tarde".

Mal isto dissera dispara do fundo,
Dum céu carregado
O mais formidável dos filhos que o Norte
No seio há gerado.

Erecto o carvalho, faz frente à refrega;
E o frágil arbusto,
Vergando flexível, do vento aos arrancos,
Resiste sem custo.

Mas logo a nortada, dobrando de fôrça,
Por terra lançava
O roble que às nuvens se erguia e as raízes
No chão profundava.

Fábulas de La Fontaine — Livro I.

JOÃO RIBEIRO

(*Bio-bibliografia à pág.* 204)

---

108. O Califa

No outro tempo em Bagdá Almansor, o Califa,
Um palácio construíu todo de ouro: a alcatifa
De jaspe, a colunata em pórfiro e o frontal
De toda a pedraria asiática, oriental;
Em frente dêsse asilo em piscinas de luxo
Chovia áurea poeira as fontes em repuxo.

Ora, ali perto havia em frente ao monumento
Uma choça mesquinha, esfarrapada ao vento,
Quasi a cair, humilde e tristonha mansão
De um velho pobre, velho e simples tecelão.
Essa mísera casa, ao certo transtornava
A suntuosa impressão do Palácio. Causava
Não sei que dôr, talvez asco. Desagradável,
Tanta riqueza ao pé de choça miserável!
Convinha, pois destruí-la. E ao velho tecelão
Oferecem dinheiro, e o velho disse:
"— Não
Guardai vosso ouro todo; esta casa que habito
Nunca será vendida, antes seja eu maldito,
Arrasai-a, porquanto é-vos fácil poder.
Nela morreu meu pai e nela hei de eu morrer".
E à resposta do velho o califa Almansor
Esteve a meditar. Um dos servos: — "Senhor!
Sois poderoso e rei, vós podeis sem vexame
Essa casa arrasar, já e já, sem exame,
Pois vós! retroceder diante de um tecelão!"
Almansor, o Califa ergueu-se e disse:
"— Não!
Eu não quero destruir a mesquinha choupana,
Quero-a de pé, bem junto a mim, essa cabana,
Porquanto a geração dos meus filhos se expande,
E quero que cada um a refletir, sem custo,
Vendo o palácio diga: — "Ave! Almansor foi grande!"
E vendo a pobre choça: — "Ele foi mais: — foi justo!"

Poesias.

W

109. A abelha e a formiga

Na pétala perfumada
De linda rosa vermelha,
Travaram prosa animada
Uma formiga e uma abelha.

Conversam. Diz a formiga:
"Como somos diferentes!
Quão diversos são, amiga,
Os destinos dos viventes!

"Enquanto das estimadas
Abelhas se faz cultura,
As formigas maltratadas
São da humana criatura!

"Ao extermínio votadas,
Para nós outras — a morte!
E vós? vós sois procuradas;
Desigualdades da sorte!

Responde a abelha zumbindo
As asas: "E' que viveis
Roças, campo destruindo;
Sem razão não vos queixeis!

"Não fazeis sinão o mal!
Nós prestamos bom serviço
À indústria nacional...
Somos queridas por isso!

"Adejando pelos ramos,
Entre boninas e rosas,
O doce mel fabricamos:
Somos úteis, proveitosas!"

E termina a abelha assim,
Voando para a colmeia:
Cada um — diz velho anexim
Colhe conforme semeia".

110. O vagalume e o sapo

Entre o gramado do campo,
Modesto, em paz, se escondia
Pequenino pirilampo,
Que sem o saber luzia.

Feio sapo repelente
Sai do córrego lodoso
Cospe a baba de repente
Sôbre o inseto luminoso.

Pergunta-lhe o vagalume:
— "Porque me vens maltratar?"
E o sapo com azedume:
— "Porque estás sempre a brilhar".

111. O coelho e o periquito

Um pobre coelho cai de uma fera na garra,
— "Que fizeste dos pés?" — pergunta um periquito.
Eis um gavião que passa e o passarinho agarra.
— "Das asas que fizeste?" — indaga-lhe o coelhito.

VIII. POESIA ÉPICA

JOSÉ BASÍLIO DA GAMA

MINAS — S. JOSÉ DO RIO DAS MORTES (TIRADENTES)
22-VII-1740
† LISBOA — 31-VII-1795

O grande épico brasileiro nasceu a 22 de Julho de 1740; tendo feito seus estudos no colégio dos Jesuitas, no Rio de Janeiro, seguiu para Lisboa e passou-se depois para Roma, onde lecionou num seminário; aí logrou ser admitido na Arcádia, sob o nome de Termindo Sipílio.

Voltou Basilio da Gama ao Rio; pouco depois, porém teve de volver à capital portuguesa, de onde por suspeita de jesuitismo, teria de partir para o degrêdo, si lhe não valesse o seu talento poético: conseguiu a liberdade e captou as boas graças do Marquês de Pombal, que o nomeou oficial da secretaria dos Negócios Estrangeiros.

Pertenceu à Academia de Ciências de Lisboa.

O *Uruguai* é, di-lo Almeida Garrett, a melhor coroa da poesia brasileira.

Em Lisboa faleceu José Basilio da Gama a 31 de Julho de 1795, tendo sido sepultado na matriz da Boa Hora, em Belém.

Bibliografia — *Uruguai, A Declamação trágica, Quitubia,* poemas.

112. Lindóia

Um frio susto corre pelas veias
De Caitetú, que deixa os seus no campo;
E a irmã, por entre as sombras do arvoredo,
Busca co'a vista e treme de encontrá-la.

Entram, enfim, na mais remota e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde, ao pé de uma lapa cavernosa,
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosa.
Este lugar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindóia.
Lá, reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flôres;
Tinha a face na mão e a mão no tronco
Dum fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobressaltados
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamá-la, e temem
Que desperte assustada e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o dextro Caitetú, que treme,
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quís três vezes
Soltar o tiro, e vacilou três vezes
Entre a ira e o temor. Enfim sacode
O arco e faz voar a aguda seta,
Que toca o peito de Lindóia e fere
A serpente na testa, e a bôca e os dentes
Deixa cravada no vizinho tronco.
Açouta o campo com a ligeira cauda
O irado monstro, e em torturosos giros
S'enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o lívido veneno
Leva nos braços a infeliz Lindóia
O desgraçado irmão, que ao despertá-la
Conhece (com que dôr!) no frio rosto
Os sinais do veneno, e vê ferido
Pelo dente sutil o brando peito;
Os olhos em que o amor reinava um dia,
Cheios de morte; e muda aquela língua

Que ao surdo vento e aos ecos tantas vezes
Contou a larga história dos seus males.
Nos olhos Caitetú não sofre o pranto
E rompe em profundíssimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trêmula gravado
O alheio crime e a voluntária morte,
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Colombo.
Inda conserva o pálido semblante
Um não sei que de magoado e triste,
Que corações mais duros enternece.
Tanto era bela no seu rosto a morte!

Uruguai.

SANTA RITA DURÃO

MINAS GERAIS — 1722
† MINAS GERAIS — 1784

Tendo-se doutorado em Coimbra, Fr. José S. Rita Durão professou na ordem de S. Agostinho, em 1738, começando então a sua nomeada como orador sagrado. Em viagem para a Espanha, o frade brasileiro, por suspeita de espia, foi preso e encerrado no castelo de Segovia, de onde só saiu em 1763, quando houve a paz entre Portugal e aquele país.

Bibliografia — *Caramurú,* poema épico do descobrimento da Baía, traduzido em francês por E. de Monglave.

Há ainda do poeta mineiro diversos sermões e poesias.

O valor do *Caramurú* como produto nacional, pensa Sílvio Romero, está em ser uma espécie de resumo da vida histórica do Brasil nos três séculos em que fomos colônia.

---

113. Moema

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo assombrada;
E, ignorando a ocasião da estranha emprêsa,
Pasma da turba feminil, que nada;

Uma, que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bela, do que irada;
Era Moema que de inveja geme,
E já vizinha à nau, se apega ao leme.

— Bárbaro (a bela diz) tigre, e não homem...
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha fôrça, amor, que enfim o domem;
Só a ti não domou por mais que eu te ame;
Fúria, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumís aquele infame?
Mas pagar tanto amor com tédio e asco...
Ah! que o corisco és tu... feio... penhasco!

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me ofenderas a escutar-me altivo..
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porém, deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

Tão dura ingratidão menos sentira,
E êsse fado cruel doce me fôra,
Si a meu despeito triunfar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguira,
Si não temera de chamar senhora
A vil Paraguassú, que, sem que o creia,
Sôbre ser-me inferior, é néscia e feia.

Enfim, tens coração de ver-me aflita,
Flutuar moribunda entre estas ondas,
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sòmente, com que aos meus respondas!
Bárbaro, si esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir) ah! não te escondas;
Dispara sôbre mim teu cruel raio...
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a côr, o aspecto moribundo;
Com a mão já sem rigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo;
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a aparecer desde ao profundo:
Ah! Diogo cruel — disse com mágoa,
E, sem mais vista ser, sorveu-se n'água.

Choraram da Baía as ninfas belas,
Que nadando a Moema acompanhavam;
E, vendo que sem dôr navegam delas
À branca praia com furor tornavam!
Nem pode o claro herói sem pena vê-las,
Com tantas provas que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

Caramurú — Canto VI.

PORTO-ALEGRE

RIO GRANDE DO SUL — RIO PARDO — 29-XI-1806
† BERLIM — 29-XII-1879

Manuel de Araújo Porto-Alegre, Barão de S. Angelo, um dos fautores do movimento romântico no Brasil, foi poeta, dramaturgo, crítico, pintor e arquiteto.

Bibliografia — Porto-Alegre, que em Paris (1836) redigiu com Magalhães e Torres Homem a célebre revista *Niterói*, publicou, além de estudos e outros escritos nessa revista e na *Minerva Brasiliense*: *Brasilianos* — poesia (Viena — 1863), *Angélica e Firmino* e *Colombo* — poema, a sua obra prima; o poeta abusa aí do emprego de termos quasi desconhecidos e de latinismos escusáveis, parecendo querer ostentar erudição; entretanto *Colombo* tem páginas primorosas e passagens de incontestável beleza.

---

114. Descoberta da América

Mais uma hora velou. Deu meia noite,
Rendeu-se o quarto no maior silêncio.
Acalmada a emoção, e mais convicto,

Fez sinal, e a esquadra pôs à capa,
Sem que alguém da manobra visse a causa.
Sentado e enfraquecido por vigílias.
Ainda olhava, mas cedendo ao corpo,
Alí mesmo dormiu, té que de um salto,
Erguido ao trom de festival bombarda
E da grita dos seus, que repetiam
Com Bermejo, na "Pinta" — Terra! Terra!... —
Em olhar, convencido da verdade,
Por grato impulso, ajoelhou-se orando,
Antes que a terra lhe alegrasse a vista!
Vinha o dia rompendo e descobrindo
Sôbre a linha do mar a terra ansiada!
Como ao empaste das fecundas tintas
A natureza e a luz na tela fulgem,
Assim fulgia o ondulado aspecto
De frondente floresta, e pouco a pouco,
Ao sorriso das horas fugitivas,
No ar se abriram graciosas palmas,
Como guerreiros de emplumados elmos,
Vindos à plaga a festejar as naves.
Com o prumo na mão, sondando a costa,
Entrou numa abra que no fundo tinha
Surgidouro seguro. Manda o chefe
A manobra de paz! e a um tempo viu-se
Cair o pano, atravessar a frota,
Morder o ferro a desejada areia.
Os descrentes então se convenceram
De que um homem de Deus vê mais que os outros.
Baixam dos turcos o ligeiro esquife
E o real escaler apendoado.
O prazer, que remoça, agita o Nauta
Larga o burel da devoção, e o peito
De lúcida couraça veste; cinge
A espada de Almirante, e sôbre os ombros
Traça um manto escarlate, mimo régio.
Protege a fronte co'um brilhante almafre,
De cujo cimo ponteagudo rompe
Trífida palma de recurvas plumas.
Toma o pacto real, feito em Granada
E o pendão de Isabel, o novo lábaro,

Que há-de em breve vencer mais que o de Roma.
Descem com êle os empregados régios,
E os Pinzões, a quem dera a honra e guarda
Do estandarte real. Acena ao mestre:
Alam as prontas vagas à ribeira;
Qual amplexo de amor, todos sentiram
O doce abalo do encontrão da praia.

De um salto juvenil pisa Colombo
A nova terra, e, com seguro braço,
A bandeira real do sólo planta.
Beija a plaga almejada, ledo chora:
Foi geral a emoção! Disse o silêncio
Na mudez respeitosa mais que a língua.
Ao céu erguendo os lacrimosos olhos,
Na mão sustendo o Crucifixo, disse:
"Deus Eterno, Senhor Onípotente,
A cujo verbo criador o espaço
Fecundo soltou o firmamento,
O sol, e a terra, e os ventos do oceano,
Bendito sejas, Santo, Santo, Santo!
Sempre bendito em toda parte sejas.
Que se exalte tua alta majestade
Por haver concedido ao servo humilde
O teu nome louvar nestas distâncias.
Permite, ó meu Senhor, que agora mesmo,
Como primícias dêste santo empenho,
A teu Filho Divino humilde of'reça
Esta terra, e que o mundo sempre a chame
"Terra de Vera Cruz"! E que assim seja".
Ergue-se e o laço do estandarte afrouxa:
Sopra o vento, desdobra-o, resplandecem
De um lado a imagem do Cordeiro, e do outro
As armas espanholas. Como assenso
Da divina mansão, esparge a brisa
Um chuveiro de flôres sôbre a imagem,
Flôres não vistas da européia gente!

(*Colombo*) — **Poema.**

GONÇALVES DIAS

(*Bio-bibliografia à pág.* 216)

---

115. I-Juca-Pirama

I

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos — cobertos de flôres,
Alteiam-se têtos de altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes,
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor.
São todos Timbiras, guerreiros valentes,
Seu nome lá vôa na bôca das gentes.
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tríbus vizinhas, sem fôrças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspiraram dos seus maracás;
Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro
Onde ora se aduna o concílio guerreiro
Da tríbu senhora das tríbus servís:
Os velhos sentados praticam d'outrora
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em tôrno dum índio infeliz.

Quem é? — Ninguém sabe: seu nome é ignoto,
Sua tríbu não diz: — mas de um povo remoto
Descende por certo — dum povo gentil;

Assim lá na Grécia ao escravo insulano
Tornavam distinto do vil mussulmano
As linhas corretas do nobre perfil.

Por casos de guerra caíu prisioneiro
Nas mãos dos Timbiras; — no extenso terreiro
Assola-se o teto, que o teve em prisão:
Convidam-se as tríbus dos seus arredores.
Cuidosos se incumbem do vaso das côres,
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com penas gentís;
A custo, entre as vagas do povo da aldeia,
Caminha o Timbira que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vário matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,
Afeitas ao rito da bárbara usança,
O índio já querem cativo acabar;
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem
Brilhante enduape no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil canitar.

II

Em fundos vasos de alvacenta argila
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa:
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá!

A dura corda que lhe enlaça o colo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura que será mais breve
do que o festim!

Contudo os olhos de ignóbil pranto
Secos estão;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martírio que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tem, guerreiro? que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,
Lá murcha e pende:
Somente ao tronco, que devassa os ares
O raio ofende!

Que foi? Tupã mandou que êle caísse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, oh guerreiro! Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III

Em larga roda de novéis guerreiros
Ledo caminha o festival Timbira,
A quem do sacrifício cabe a honra.
Na fronte o canitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embalança,
Na dextra mão sopesa a iverapeme.

Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
Colar d'alvo marfim, insígnia de honra,
Que lhe orna o colo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas alí as almas grandes
Dos vencidos Tapuias, inda chorem
Serem glória e brazão d'imigos feros.
"Eis-me aquí, diz ao índio prisioneiro;
"Pois que fraco, e sem tríbu, e sem família,
"As nossas matas devassaste ousado,
"Morerrás morte vil da mão de um forte".
Vem a terreiro o mísero contrário;
Do colo à cinta a mussurana desce:
"Dize-nos tu quem és, teus feitos canta,
"Ou, se te apraz, defende-te". Começa,
O índio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.

IV

Meu canto da morte,
Guerreiros, ouví:
Sou filho das selvas,
Nas selvas crescí;
Guerreiros, descendo
Da tribu tupí.

Da tríbu pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nascí;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouví.

Já vi cruas brigas
De tríbus imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Sentí pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei,

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras,
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos! —
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas, coitados,
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu último amigo,
Sem lar sem abrigo
Caíu junto a mi!
Com plácido rosto,
Sereno e composto,
O acerbo desgôsto
Comigo sofrí;

Meu pai a meu lado,
Já cégo e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos de espinhos
Chegámos aquí!

O velho no entanto,
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O crú dessossêgo
Do pai fraco e cégo.
Enquanto não chego,
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado,
De penas ralado,
Já cégo e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro:
Si a vida deploro,
Também sei morrer.

V

Soltai-o! — diz o chefe. Pasma a turba;
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pôde nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez, com voz mais alta,
Afrouxam-se as prisões a embira cede,
A custo sim; mas cede: o estranho é salvo.
— Timbira, diz o índio enternecido,
Solto apenas dos nós que o seguravam:

E's um guerreiro ilustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te comoveste,
Nem sofres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não cintila,
Chore a morte do filho o pai cansado,
Que sòmente por seu na voz conhece.
— E's livre; parte!
— E voltarei.
— Debalde!
— Sim, voltarei, morto meu pai!
— Não voltes!
E' bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!
— Acaso tu supões que me acobardo,
Que receio morrer?!
— E's livre; parte!

— Ora, não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupís vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso afronta.
— Mentiste, que um Tupí não chora nunca,
E tu choraste!... parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes!

Sobresteve o Tupí: arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precípite; do rosto afogueado
Gélidas bagas de suor corriam:
Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não.. que, na enlutada fantasia,
Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quasi bradar-lhe ouvia: — Ingrato! ingrato! —
Curvado o colo, taciturno e frio,
Espectro de homem, penetrou no bosque.

VI

— Filho meu, onde estás?
— Ao vosso lado;
Aquí vos trago provisões: tomai-as,

As vossas fôrças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!
— Tardaste muito!
Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!
— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdí-me nessas matas intrincadas
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!
— Que novos males
Nos resta de sofrer? que novas dôres,
Que outro fado pior Tupã nos guarda?
— As setas da aflição já se esgotaram,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.
— Mas tu tremes!
— Talvez do afã da caça...
— O' filho caro!
Um quê misterioso aquí me fala,
Aquí no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupã que nos aflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... —
E com mão trêmula incerta
Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lúgubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéia fatal correu-lhe à mente...
Do filho os membros gélidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro crânio,
Despido então do natural ornato!
Recua aflito e pávido cobrindo
Às mãos ambas os olhos fulminados;
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
Daquele exício grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada.

Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correra o filho,
Ele o via; êle o tinha alí presente;
E era de repetir-se a cada instante,
A dôr passada, a previsão futura
E o presente tão negro, alí os tinha;
Alí no coração se concentrava,
Era num ponto só, mas era a morte!
— Tu prisioneiro, tu?
                                        — Vós o dissestes
— Dos índios?
                              — Sim
                                                —De que nação!
                                                      — Timbiras.
— E a mussurana funeral rompeste,
Dos falsos manitós quebraste a maça...
— Nada fiz... aquí estou.
                                                — Nada! —
                                                      Emudecem;
Curto instante depois prossegue o velho:
— Tu és valente bem o sei; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!
— Nada fiz, mas souberam da existência
De um pobre velho, quem em mim só vivia...
—E depois?...
                              — Eis-me aquí.
                                                — Fica essa taba?
— Na direção do sol, quando trasmonta.
— Longe?
                    — Não muito.
                                        — Tens razão; partamos.
— E queres ir?...
                                  — Na direção do ocaso.

VII

"Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega
Vós, guerreiros, concedestes

A vida a um prisioneiro.
Ação tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortezia
Vi eu jamais praticada
Entre os Tupís — e mais foram
Senhores em gentileza.
Eu, porém, nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos atos,
Aquí venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como o dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A massa do sacrifício
E a mussurana ligeira;
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu fôr só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentís se revelam,
Alguém que meus passos guie:
Alguém, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pai se ufane!"
Mas o chefe dos Timbiras
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupí guerreiro
Responde com torvo acento:
— Nada farei do que dizes;
E' teu filho imbele e fraco!
Aviltaria o triunfo
Da mais guerreira das tríbus
Derramar seu ignóbil sangue;
Ele chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Timbiras,
Só de heróis fazemos pasto.
Do velho Tupí Guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII

"Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és:
Possas tu, descendente maldito,
De uma tríbu de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres prêsa de vís Aimorés.

"Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado.
Não encontres amor nas mulheres;
Teus amigos, si amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

"Não encontres doçura no dia
Nem as côres da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

"Que a teus passos a relva se torre,
Murchem prados, a flôr desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

"Sempre um céu, como um teto incendido
Creste e punja teus membros malditos
E o oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo Tupí!

Miserável, faminto, sedento,
Manitós lhe não falem nos sonhos,
E de horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

"Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso de argila cuidoso
Arco e flecha e tacape a teus pés!
Sê maldito e sòzinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste;
Tu, cobarde, meu filho não és".

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupã, tamanha dôr, tal fado
Já nos confins da vida reservara,
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára;
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que já ouviu tantas vezes
Noutra quadra melhor. — Alarma! alarma!
— Esse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos transes, as angústias,
Que o frio coração lhe atormentaram
De guerreiro e de pai: — vale, e de sobra.
Ele, que em tanta dôr se contivera,
Tomado pelo súbito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça.
A taba se alborota, os golpes descem:
Gritos, imprecações profundas soam.
Emaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revôlta em mór furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas êrmas serranias
Da humana tempestade propagando

Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era êle, o Tupí; nem fôra justo
Que a fama dos Tupís — o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brazão da raça extinta,
De um jato e por um só se aniquilasse.
— Basta! já clama o chefe dos Timbiras,
— Basta, guerreiro ilustre! assaz lutaste;
— E para o sacrifício é mister fôrças.
O guerreiro parou, cáíu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
"Este, sim, que é meu filho muito amado!
"E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
"Corram livres as lágrimas que choro,
"Estas lágrimas, sim, que não deshonram!

Poesias — Laemmert & Cia., 1896

CASTRO ALVES

(*Bio-bibliografia à pág.* 356)

116. Vozes d'África

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrêla tu te escondes.
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?

Qual Prometeu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé!...
Por abutre — me déste o sol ardente!
E a terra de Suez foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino
E morre no areal;
Minha garupa sangra, a dôr poreja,
Quando o chicote o "simum" dardeja,
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
Dos "haréns" do Sultão...
Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos do Himalaia...
O Ganges amoroso beija a praia
Coberta de corais...
A brisa de Misora o céu inflama;
E ela dorme nos templos do Deus Brama,
Pagodes colossais...

Europa — é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e corteză;
Artista — corta o mármor de Carrara;
Poetisa — tange os hinos de Ferrara,
No glorioso afã!...

Sempre o laurel lhe cabe no litígio...
Ora uma c'rôa, ora o barrete frígio
Enflora-lhe a cerviz;
O universo após ela — doido amante —
Segue cativo o passo delirante
Da grande meretriz!...

Mas, eu, Senhor!... Eu triste, abandonada,
Em meio dos desertos esgarrada,
Perdida, marcho em vão!
Si choro... bebe o pranto a areia ardente!
Talvez... p'ra que o meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra na floresta
Para cobrir-me, nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo às pirâmides do Egito,
Embalde aos quatro céus. chorandò, grito:
"Abriga-me, Senhor!"

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal que volve,
O siroco feroz...
Quando eu passo no Saara amortalhada,
Ai! dizem: "Lá vai África embuçada
No seu branco albornoz..."

Nem vêem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
Por sôbre o peito meu !
Lá, no solo onde o cardo apenas medra
Boceja a Esfinge colossal de pedra,
Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas,
O horizonte sem fim...
Onde o branqueja a caravana errante
E o camelo monótono, arquejante
Que desce de Efraim...

Não basta ainda de dôr, ó Deus terrível?!...
É, pois, teu peito eterno, inexaurível
De vingança e rancor?!
E o que é que diz, Senhor? que torvo crime
Eu cometí jámais, que assim me oprime
Teu gládio vingador?!

Foi depois do dilúvio... Um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Arará...
E eu disse ao peregrino fulminado:
"Chan, serás meu esposo bem amado,
Serei tua Eloá..."

Desde êsse dia o vento da desgraça
Por meus cabelos ululando passa
O anátema cruel;
As tríbus erram do areal nas vagas
E o nômade faminto corta as plagas
No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito
Vi o meu povo seguir — Judeu maldito —
Trilho de perdição...
Depois vi minha prole desgraçada
Pelas guerras d'Europa — arrebatada,
— Amestrado falcão!...

Cristo! embalde morreste sôbre um monte...
Teu sangue não lavou da minha fronte
A mancha original;
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimária do universo...
Eu — pasto universal!

Hoje em meu sangue a América se nutre,
— Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão,
Ela juntou-se às mais... irmã traidora!
Qual de José os vis irmãos outrora
Venderam seu irmão!...

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão para os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!...

Os escravos — Manuscrito de Stenio — "Obras de Castro Alves" — H. Garnier.

IX. POESIA DRAMÁTICA

MAGALHÃES (D. J. GONÇALVES DE)

(*Bio-bibliografia à pág.* 289)

117. Monólogo

Antonio José (*tomando uma larga respiração*)

O ar me falta...
Creio que morrerei nesta masmorra
De fraqueza e tormento... O meu cadáver
Será queimado e em cinzas reduzido!
Oh! que irrisão!... Quão vis são estes homens!
Como abutres os mortos despedaçam
P'ra saciar seu ódio quando a vida
De suas tristes vítimas se escapa!

(*Com indignação*)

Não, eu não fugirei à vossa raiva,
Não mancharei meus dias derradeiros,
Arrancando-me a vida; não, malvados,

Assás tenho valor para insultar-vos
De cima da fogueira. A minha morte
Quero que sôbre vós toda recaia.

(*Pausa. Abaixa a cabeça como absorvido em algum pensamento e, sacudindo-a, diz com voz compassada e baixa*):

Morrer!... morrer!... Quem sabe o que é a morte?...
Porto de salvamento ou de naufrágio!?...
E a vida? um sonho num baixel sem leme...
Sonhos entremeados d'outros sonhos,
Prazer que em dôr começa e em dôr acaba...
O que foi minha vida e o que é agora?
— Uma masmorra alumiada apenas,
Onde tudo se vê confusamente,

Onde a escassez da luz o horror aumenta
E interrompe o recôndito mistério.
Eis o que é a vida! Mal que a luz se extingue,
O horror e a confusão desaparecem,
O palácio e a masmorra se confundem,
Completa-se o mistério... eis o que é a morte.

(*Antônio José*, ato V).

X. SÁTIRAS — EPIGRAMAS

GREGÓRIO DE MATOS

(*Bio-bibliografia à pág.* 295)

118. Sátira

Dêstes que campam no mundo,
Sem ter engenho profundo,
E, entre gabos dos amigos,
Os vemos em papafigos,
Sem tempestade, nem vento:
Anjo Bento!

De quem com letras secretas
Tudo o que alcança é por tretas,
Baculejando sem pejo,
Por matar o seu desejo,
Desde manhã té a tarde:
Deus me guarde!

Do que passeia farfante,
Muito prezado de amante,
Por fora — luvas, galões;
Insígnias, armas, bastões;
Por dentro — pão bolorento:
Anjo Bento!

Dêstes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fatais maganos,
Sendo nas caras uns Janos,
Que fazem do vício alarde:
Deus me guarde!

Que vejamos teso andar.
Quem mal sabe engatinhar,
Muito inteiro e presumido,
Ficando o outro abatido,
Com maior merecimento:
Anjo Bento!

Dêstes avároš mofinos,
Que põem na mesa pepinos,
De toda a iguaria isenta,
Com seu limão e pimenta,
Porque diz que queima e arde:
Deus me guarde!

119. Epigrama

(A um livreiro a quem acusaram de ter comido todo um canteiro de alfaces)

Levou um livreiro a dente
D'alfaces todo um canteiro,
E comeu. sendo livreiro,
Desencadernadamente;
Porém eu digo que mente
A quem disso o quer taxar;
Antes é para notar
Que trabalhou como um mouro,
Pois meter folhas no couro
Também é encadernar.

120. A um músico que levara uma sova de pau

Uma grave entoação
Vos cantaram, Braz Luiz,
Segundo se conta e diz,
Por solfa de fá bordão;
Pelo compasso da mão,
Onde a valia se apura,
Parecia solfa escura;
Porque a mão nunca parava,
Nem no ar nem no chão dava.
Sempre em cima da figura.

MAGALHÃES (D. J. GONÇALVES DE)

(*Bio-bibliografia à pág.* 289)

---

121. Epigrama

— E' verdade que da Europa
Voltaste feito doutor?
— Parece-te isto impossivel?
E' verdade, sim, senhor.

— E por qual Academia?
E qual a ciência então?
— Isso não sei: o diploma
E' escrito em alemão.

CORREIA DE ALMEIDA (padre)

MINAS GERAIS — BARBACENA — 1820
† MINAS GERAIS — BARBACENA — 1905

Bio-bibliografia — O Padre Correia Almeida (José Joaquim) chamado o Tolentino brasileiro, é talvez, depois de Gregório de Matos, o nosso mais notável poeta satírico. O velho professor de latim publicou mais de quinze volumes de versos, entre os quais sete de *Sátiras e Epigramas*, dois de *Sonetos*, *A República dos tolos*, *Sensaborias métricas* (dois volumes), *Decrepitude metromaniaca*, *Puerilidades de um macróbio*...

O Padre Correia de Almeida cultivou ainda os mais gêneros de poesia e notabilizou-se como sonetista; correto na língua e na feitura do verso, que lhe saía fácil, correntio e espontâneo, mereceu elogios de Castilho e Camilo, os mestres da nossa língua.

O Padre poeta escreveu ainda uma interessante *Monografia da cidade e do municipio de Barbacena*, trabalho que lhe deu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

---

122. A um galeno

Um galeno foi à caça;
Encontrou um passarinho;
— Espera lá que eu te curo...
... E matou o coitadinho...

---

123. O doutor Saracura

O doutor Saracura
A curar começara;
Mas enquanto êle cura,
O doente não sára.

---

124. Epigrama

Vossemecê inda ignora
Que eu sou um homem de bem?
— Ficarei sabendo agora!
Que data a promoção tem?

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

(*Bio-bibliografia à pág.* 14)

---

125. Menina a la moda

— "Ai, Maria! vem depressa,
Desaperta êste colete!
Eu me sufoco... ai, já temo
Estourar como um foguete!"

— "Nhanhãzinha está tão bela!
Mas, enfim, dá tantos ais..."
— "Oh! espera! Estou bonita?
Pois então aperta mais".

LAURINDO RABELO

(*Bio-bibliografia à pág.* 304)

---

126. A um calvo pretensioso

Cabeça!... que desconsôlo!
Cabeça!... fôrça é dizê-lo:
Por fora não tem cabelo,
Por dentro não tem miolo.

FAGUNDES VARELA

(*Bio-bibliografia à pág.* 379)

---

127. A língua humana

Qual a mais forte das armas,
A mais firme, a mais certeira?
A lança, a espada, a clavina,
Ou a funda aventureira?
A pistola? O bacamarte?
A espingarda ou a flecha?
O canhão, que em praça forte
Faz em dez minutos brecha?
— Qual a mais firme das armas?
O terçado, a fisga, o chuço,
O dardo, a maça, o virote?
A faca, o florete, o laço,
O punhal ou o chifarote?
A mais tremenda das armas,
Pior do que a durindana,
Atendei, meus bons amigos,
Se apelida — a língua humana.

LÚCIO DE MENDONÇA

(*Bio-bibliografia à pág.* 87)

---

128. Epigrama

A natureza tem sanções felizes;
Rodeia o mal de penas pouco leves:
Assim, tu tens de ouvir tudo o que dizes,
E tens de ler também tudo o que escreves.

N.º 3.289 — Oficinas Gráficas da Livraria Francisco Alves